

J. Alveirinho Dias



De cá para lá e de lá para cá

**Diferenças lexicais (e outras) entre
Português do Brasil e Português de Portugal**

2019

Algumas outras obras do autor

- **A Análise Sedimentar e o Conhecimentos dos Sistemas Marinhos: uma introdução à Oceanografia Geológica (2004)**
- **A Conquista do Planeta Azul: o início do reconhecimento do oceano e do mundo (2004)**
- **E o Azul se fez Homem. Parte I - A Génese do Ambiente (2015)**
- **Malpica seiscentista: demografia histórica e temas correlatos (2019)**
- **Mundividências projectadas: o início das representações do espaço geográfico. I - O reconhecimento espacial e as suas representações (2015)**
- **Mundividências projectadas: o início das representações do espaço geográfico. II - Representações do espaço na Pré-História (2015)**
- **Portugal e o Mar: Importância da Oceanografia para Portugal (2003)**
- **“Todo o mundo é composto de mudança”. Considerações sobre o clima e a sua história. I - O Sistema Climático Terrestre (2016)**
- **“Todo o mundo é composto de mudança”: Considerações sobre o clima e a sua história. II - Factores Astronómicos (2016)**
- **Venturas e Desventuras do Litoral no País dos Portugueses (2014)**

J. Alveirinho Dias

De cá para lá e de lá para cá

**Diferenças lexicais (e outras) entre
Português do Brasil e Português de Portugal**

2019

Título: De cá para lá e de lá para cá: diferenças lexicais (e outras) entre Português do Brasil e Português de Portugal

Autor: João M. Alveirinho Dias (jdias@ualg.pt)

Edição do Autor

Copyright: 2019

Por decisão do autor, este texto não respeita as normas do acordo ortográfico de 1990.

É autorizada a cópia e partilha de partes deste trabalho, desde que a obra original seja devidamente referenciada

Publicado como e-book em Junho de 2019

De cá para lá e de lá para cá

(diferenças lexicais entre Português de Portugal e Português do Brasil)

À laia de intróito

Não sou linguista nem nada que se pareça, mas sempre achei interessantes as variedades linguísticas do português. Quando se viaja por terra lusófonas, a primeira diferença que surpreende é o sotaque ou pronúncia, que constitui simultaneamente elemento diferenciador e identificador de determinada região. É, por exemplo, o caso da troca do “v” pelo “b”, típico da região norte de Portugal, da pronúncia distintiva do micalense (da ilha de S. Miguel, nos Açores) que denota forte influência do francês, das sonoridades típicas dos países lusófonos africanos derivadas das línguas nativas e dos sotaques brasileiros em que se pronunciam as vogais de forma mais aberta e com uma sonância que é considerada em Portugal como um português cantado.

É usual ouvir dizer que a principal diferença entre o português falado em Portugal e o que é usado no Brasil é o sotaque. Esta é uma visão redutora, que não tem em consideração os diversos sotaques portugueses (entre os quais o nortenho, o alentejano, o micalense e o madeirense) e brasileiros (como os do Rio de Janeiro, do Sul, e do Nordeste). Curiosamente, as diferenças no sotaque são bastante mais marcadas no pequeno país que é Portugal do que nesse quase continente que é o Brasil. Lembro-me de, nos anos 80 do século passado, a televisão pública ter emitido a série “Xailes Negros” cuja acção se passava na ilha de São Miguel, nos Açores, e em que os autores falavam micalense; os episódios, a partir do segundo, tiveram que ser legendados para que os telespectadores em Portugal continental conseguissem perceber o que diziam. Pelo contrário, as séries brasileiras passam em Portugal sem carecerem minimamente de legendas ... O problema surge é no entendimento, pelos brasileiros, da forma como os portugueses pronunciam as palavras, os quais se exprimem oralmente de forma mais “fechada”, sem pronunciar todas as sílabas (dizendo, por exemplo, “ch’gar” em vez de “chegar” ou “univ’rsidad” em vez de “universidade”). Porém, nada que prejudique a inteligibilidade entre brasileiros e portugueses, principalmente se estes, na oralidade, tiverem o cuidado de pronunciar todas as sílabas com um ritmo mais pausado.

No entanto, por muito interessante que o tema das diferenças de oralidade entre Portugal e o Brasil seja, e é-o realmente, não é esse o tema sobre que incide o presente trabalho. Mas, considerando que o objectivo é ressaltar diferenças entre as duas versões do português, não poderia deixar de fazer alusão ao assunto. Poderia, também, aludir aos aspectos de sintaxe, designadamente à utilização do gerúndio, usual no Brasil e bastante mais raro em Portugal (embora esta generalização não esteja, como é frequente acontecer, correcta, pois que, por exemplo, no falar alentejano, do sul de Portugal, o gerúndio é usado com muita frequência). Mas, como referi, estes aspectos não constituem o propósito deste trabalho. O que com ele se pretende é, apenas e principalmente, ressaltar diferenças terminológicas, apresentando-as de forma despretensiosa.

--- oOo ---

A língua portuguesa está em evolução há séculos e, em cada região (numas mais do que noutras), influências diversas foram fazendo com que determinadas palavras adquirissem significados distintos, alguns étimos substituíssem vocábulos já existentes, que novos termos

fossem introduzidos para identificar coisas que o léxico existente não contemplava. Assim, o português de cada região foi-se progressivamente diferenciando e, como é óbvio, a língua comum foi-se tornando mais rica.

Exemplos da introdução de novos termos não faltam. A título meramente exemplificativo referimos o caso do “cimbalino” no Porto para identificar o café expresso (derivado da marca das máquinas *La Cimbali* que faziam esta bebida), das “gamas” em S. Miguel, nos Açores, nome dado às pastilhas elásticas (proveniente do inglês *bubble gum*, denotando a forte influência da emigração para a América do Norte), das “semilhas” na Madeira, termo identificativo de batatas (resultante da identificação errónea da palavra “semilla” - semente em castelhano - que estava escrita nas embalagens que, pela primeira vez, transportaram estes tubérculos para a ilha, provenientes das Canárias), do termo “maka” utilizado em Angola para significar conflito, discórdia (com origem no quimbundo “máka” que quer dizer conversação), de “quilombo”, no Brasil, nome dado a um local onde os escravos fugitivos se refugiavam (que teve origem no quimbundo “kilombe”, com o significado de negror, negrume e/ou de “kilómbo”, designando um conjunto de forças militares, arraial, lugar de reunião ou sanzala de trabalhadores). Tal foi criando diversificadas variedades regionais ou dialectos, ampliando ainda mais a sinonímia em que a língua portuguesa era já rica originalmente.

Como achava interessantes estas variações lexicais, fui, ao longo do tempo, delas tomando notas, que acabaram por ficar dispersas por vários cadernos e papéis. As minhas colaborações com o Brasil foram-me permitindo ir anotando muitas dessas diferenças terminológicas, que agora decidi reunir num único documento. Ao proceder a esse trabalho de junção de elementos dispersos constatei que o conjunto era muito heterogéneo sob diversos aspectos, sendo um deles a parte etimológica, tema que também me desperta a curiosidade. Sempre gostei de conhecer a origem das palavras e, nas minhas viagens, quando tinha tempo, ao fazer as minhas anotações procurava perceber a etimologia; quando o tempo escasseava, não conseguia fazer essa pesquisa e tomava nota, apenas, dos étimos e dos seus significados. Ao reunir o conjunto de termos que agora apresento hesitei entre fazê-lo tal como estão (alguns com alusões etimológicas, outros sem essas explicações) ou dar maior coerência ao resultado final tentando procurar a origem das palavras, o que me exigiria a aplicação de bastante mais tempo nessa pesquisa. Considerando que não sou linguista e que este é um trabalho muito singelo, completamente despretensioso, decidi apresentar as coisas tal como as tenho, deixando a parte etimológica para ser completada por quem realmente saiba do assunto. Todavia, como referirei a seguir, esta foi apenas uma das muitas hesitações com que me deparei ao preparar este pequeno vocabulário.

--- oOo ---

A ideia, simples, quando iniciei esta tarefa, era apenas a de listar algumas diferenças lexicais entre o chamado português europeu e, mais especificamente, o de Portugal e o que é utilizado no Brasil. Todavia, a certa altura, ao olhar para o resultado, constatei que havia fortes heterogeneidades: havia grande mistura de verbetes correspondentes a palavras singulares com outros que equivaliam a locuções ou expressões. Hesitei bastante entre fazer a triagem, deixando apenas os vocábulos, ou manter tudo, ainda que tal acabasse por ser uma autêntica “mixórdia de palavras e expressões”. Considerando que o que apresento é, meramente, uma listagem sem quaisquer pretensões científicas, optei, bem ou mal, pela segunda solução.

As diferenças lexicais entre regiões diferentes são comuns, mesmo num pequeno país como é Portugal. No entanto, com a forte ampliação da mobilidade propiciada pela evolução dos transportes e pelo progressivo aumento do poder de compra, em conjunto com as interações entre pessoas de regiões diversificadas intrínsecas à internet, essas diferenças tendem a

esbater-se. Eram realmente importantes quando as populações estavam muito mais confinadas às suas regiões, em que as influências culturais providas do exterior eram pequenas e em que as pessoas estavam mais isoladas, sem acesso facilitado aos meios de comunicação social e, principalmente, à internet. Agora vive-se uma realidade diferente, com uma forte propensão para uma intensa homogeneização. Actualmente, já pouco se utilizam, por exemplo, os termos “cimbolino” (café expresso) no Porto, “marafado” (zangado, safado ou desarrumado) no Algarve e “calafona” (emigrante regressado da América do Norte e também mulher muito arranjada / produzida) nos Açores. Entre Portugal e o Brasil, com a maior democratização do transporte aéreo, também as diferenças lexicais se vão esbatendo. No caso destes dois países, esse esbatimento lexical tem sido propiciado por sucessivas vagas migratórias, nos dois sentidos, que se têm registado ao longo do tempo, e que é mais notório em Portugal (devido à sua pequena dimensão) do que no Brasil.

As diferentes versões do português têm evoluído, como é óbvio, de formas diferentes. Acontece que, por vezes, determinado termo deixa de se usar num país, transformando-se em arcaísmo, mas continua a fazer parte da linguagem do outro país. Entre vários outros, é o caso de “açougue”, palavra que em Portugal deixou de fazer parte a linguagem quotidiana, substituída por “talho”, mas que no Brasil continua a ser usada. Curiosamente, por vezes, determinado termo transformou-se em arcaísmo mas, devido às influências culturais mais acima referidas, voltou a ser utilizado na linguagem quotidiana. Foi o que aconteceu com o termo da gíria “cafajeste” que, pelo menos no início do século XIX, era utilizado de forma depreciativa pela população, tendo, em Coimbra, os estudantes passado a usá-lo para designar quem não era estudante, foi acabou por ser exportado para o Brasil e que caiu em desuso em terras portuguesas; em finais do século XX, por influência brasileira, o termo foi reactivado em Portugal, integrando o actual léxico da gíria popular.

As diferenças lexicais entre Portugal e o Brasil correspondem, na maior parte, a termos da gíria (linguagem vulgar), embora se verifiquem, também, muitas diferenças no que se refere à gastronomia, o que é compreensível. Estando localizados em regiões climáticas diferentes, têm floras diferenciadas e, portanto, muitos produtos alimentares distintos. É curioso verificar que muitos brasileiros não têm a noção do que são, em Portugal, as castanhas, que, na realidade, são as sementes do castanheiro (*Castanea sativa*, originário do nordeste europeu ou da Ásia) que se encontram dentro dos verdadeiros frutos, mais ou menos esféricos e espinhosos, chamados “ouriços”. Talvez por isso, no Brasil, o termo castanha está muito associado à castanha de caju, fruto do cajueiro (*Anacardium occidentale*, nativo da Amazônia), e à castanha do Pará, proveniente da árvore *Bertholletia excelsa*, também da região amazónica. Já em Portugal, devido à globalização e à liberalização dos mercados, são conhecidos muitos dos frutos brasileiros, com frequência disponíveis nos supermercados.

A situação é análoga no que se refere a condimentos e ervas aromáticas / ervas de cheiro. Por exemplo, no Brasil, a hortelã-da-ribeira (*Mentha aquatica*) é geralmente desconhecida, tal como a maioria dos portugueses não faz ideia do que é, por exemplo, o jambu (*Acmella oleracea*), essa erva típica da zona amazónica que provoca certa dormência da mucosa bucal e que é usada na confecção de pratos regionais famosos, como o vatapá e o tucupi (desconhecidos em Portugal). Na realidade, climas diferentes dão origem a floras distintas e, portanto, a gastronomias diversas, que usam léxicos diferenciados.

--- oOo ---

Embora grande parte das pessoas disso não tenha plena consciência, nos léxicos usados em Portugal e no Brasil abundam as palavras com origem no quimbundo (de Angola) e noutras línguas africanas. Basta referir algumas: bunda, caçula, cafuné, candonga, carimbo, capanga, cota, dendém / dendê, denguiço, jinguba, liamba, macumba, moleque e quezília. Tal revela a

forte influência que África teve e continua a ter, tanto no Brasil, como em Portugal. É costume dizer que “a língua portuguesa é filha do latim e neta do grego”. Nessa linha de raciocínio, eu acrescentaria que é sobrinha do árabe e, nesta teia de relações familiares, é prima das línguas africanas, principalmente do quimbundo, mas também das línguas indígenas sul-americanas, com mais relevo para o tupi-guarani. Termos derivados destas línguas disseminaram-se por todo o mundo lusófono.

É curioso verificar como é que as palavras derivadas do quimbundo (e de outras línguas africanas) nos chegaram. Algumas entraram em Portugal por altura das grandes navegações, acabando por integrar a língua e ser com ela exportados. Parece ter sido o que aconteceu com o étimo “minhoca” (proveniente do quimbundo “nhoka”), que só no século XVI foi introduzido no português, substituindo o “lombriz” do português arcaico. Outras palavras, a maioria, foram levados para terras brasileiras por escravos africanos, e muitas daí passaram a Portugal. Foi o que parece ter acontecido com “moleque” (oriundo do quimbundo “mulêke”), termo introduzido pelos escravos provenientes de Angola, que se vulgarizou em terras brasileiras, sendo daí transferido para Portugal.

Mas, devido à evolução histórica dos dois países, a influência africana directa esbateu-se muito no Brasil, enquanto que foi fortemente intensificada em Portugal, principalmente devido à guerra colonial e à descolonização. Por isso, o léxico deste último país continuou a ser enriquecido com novos termos africanos. É, por exemplo, o caso da palavra “cota” com o significado de velho, pai, proveniente do quimbundo “kota” (forma abreviada de “rikota”, no singular, e de “mákota”, no plural).

--- oOo ---

Como já foi referido, a maior parte das diferenças lexicais entre Portugal e o Brasil diz respeito a termos da gíria. Não é este o local apropriado para fazer distinções entre gíria, jargão, calão e linguagem chula; para facilidade de entendimento englobamos tudo no vocábulo “gíria”.

Esta foi mais outra das hesitações que tive: incluir ou não os termos da gíria? Parte significativa dos vocábulos utilizados na linguagem popular correspondem ao que já foi apelidado por “palavras pastilha elástica” ou “palavras chiclete”: tal como as chicletes, que são mastigadas e deitadas fora, muitas destas palavras são usadas durante algum tempo e depois abandonadas. São, por exemplo, os casos de “báubau” e de “flausina”, termos popularizados, nos anos 50 e 60 do século passado, por um programa de rádio humorístico (dos “Parodiantes de Lisboa”), e que designavam os jovens que se evidenciavam pelo estilo de vestuário e pelo comportamento irreverente para a época, de certa forma correspondentes ao que actualmente designamos por metro-sexuais; intensivamente usados em Portugal durante algumas décadas, acabaram por ser abandonados, de forma que, hoje, saíram do léxico comum. Ao incluir termos da gíria corria o risco de, alguns, deixarem de ser rapidamente utilizados, mas, mesmo assim, acabei por decidir mantê-los.

Outros exemplos da vivência transitória das “palavras chiclete” provêm do domínio da informática, muito influenciado pelo inglês. Termos como “printar” (imprimir) e “deletar” (apagar), muito em voga há umas duas décadas, praticamente desapareceram, felizmente, da linguagem quotidiana, tanto em Portugal, como no Brasil.

Os termos da gíria *lato sensu* incluem, também, os do calão, inclusivamente os do baixo calão, também chamado de calão carroceiro, frequentemente identificadas como asneiras. Mais outra hesitação! Deveria ou não incluir palavras consideradas obscenas ou indecorosas? Em última análise, constituem, também, diferenças lexicais existentes entre os dois países,

pelo que me pareceu relevante mantê-las. De qualquer modo, os termos da gíria, sejam eles da linguagem popular ou do baixo calão, *estão assinalados com itálico*.

--- oOo ---

Ao olhar para a listagem de termos, verifiquei que, em muitas palavras, não há significados diferentes no Brasil e em Portugal, apenas a grafia é diferente. Mais uma hesitação! Deveria eliminá-las da lista? Na realidade, essas formas diferentes de escrever não constituem qualquer óbice ao entendimento, além de que não correspondem propriamente a diferenças lexicais. É o que se verifica com Madri e Madrid ou com Moscovo e Moscou; todos, quer brasileiros, quer portugueses, sabem que estas palavras, seja qual for a sua grafia, designam respectivamente as capitais de Espanha e da Rússia. O mesmo acontece, por exemplo, com os períodos geológicos, como Cambriano e Câmbrico ou Plioceno e Pliocénico. No entanto, são diferenças entre as duas versões do português e, por isso, acabei por mantê-las na listagem, embora de forma comedida.

Por vezes, a mesma palavra existe nos léxicos dos dois países, embora a frequência de utilização seja muito diferente. É, por exemplo, o caso de “castanho” e “marrom”: em Portugal, embora o vocábulo “marrom” esteja dicionarizado, praticamente ninguém o usa, embora, em geral, as pessoas compreendam o seu significado; no Brasil utilizam-se os dois termos, embora o que é, de longe, mais usado seja “marrom”. Com efeito, em muitos dos casos, os vocábulos existem nos dois países (como, por exemplo, galpão e armazém, ressonar e roncar, e arrefecer e resfriar), mas as frequências de utilização são muito diferentes. Embora não correspondam propriamente a diferenças lexicais mas, simplesmente, a intensidades de uso díspares, mantivemos, nas listagens, vários destes vocábulos.

--- oOo ---

Estou consciente de que o resultado é, como já referi, uma autêntica “mixórdia de palavras e expressões”. Porém, tenho a presunção de pensar que esta listagem poderá ser de alguma utilidade para cidadãos de um país que visitem o outro, evitando, eventualmente, algumas situações dúbias ou conflagradas. É que acontece com o bem conhecido caso de “bicha”, termo designativo de fila em Portugal, mas que no Brasil é gíria de homossexual, e que, de quando em vez, gera situações dúbias, por vezes conflagradas, outras caricatas. O facto de, em Portugal, os *media* terem deixado de utilizar esta palavra, que está, também, em ampla recessão na linguagem popular quotidiana, traduz as fortes influências culturais brasileiras em terras portuguesas, advindas, entre outras, dos fluxos turísticos e dos fenómenos migratórios (nos dois sentidos), além da forte implantação, desde há muitas décadas, da música brasileira e do êxito das (tele)novelas com essa origem. Na realidade, muitos dos termos apresentados na listagem que se segue coexistem nos dois países, embora, em grande parte dos casos, a frequência de utilização seja bastante diferente.

Ocasionalmente, é referido por alguns que o *brasileiro* é já uma língua diferente do português. Julgo que não! Continua sendo, ainda, apenas uma versão da língua portuguesa. A percentagem de étimos comuns entre as versões europeia e brasileira continua a ser muitíssimo elevada, diria mesmo, esmagadora. A principal diferença reside na oralidade, ou seja, na forma como as palavras são pronunciadas. Mas não tenho dúvidas de que, no futuro, a língua evoluirá de forma distinta em cada região lusófona, de modo que o português actual dará origem a diferentes línguas, entre as quais o brasileiro, o angolano, o cabo-verdiano e o moçambicano. Foi o que aconteceu com o latim, que acabou por se transformar no português, no castelhano, no francês, no catalão, no gascão, no italiano, no romanche, no valão e em várias outras línguas europeias. A velocidade desse processo dependerá não só das influências culturais a que cada região for sujeita, mas também da intensidade dos fluxos migratórios e culturais entre regiões. A avaliar pelo que tem acontecido nas últimas décadas, em que a

mobilidade entre os dois países (Portugal e Brasil) tem sido fortemente incrementada e em que as fases migratórias (nos dois sentidos) se têm intensificado, essa divergência linguística está ainda longe de acontecer.

A listagem de palavras e expressões que a seguir se apresenta está dividida em duas partes: uma, de Português do Brasil - Português de Portugal, em que se tentou que os termos brasileiros fossem descritos em português europeu (com ortografia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990), e uma segunda parte com o inverso, ou seja, Português europeu - Português do Brasil, em que se fez um esforço para que os termos portugueses fossem explicados na versão brasileira da língua. Tal envolve muitas repetições, mas presume-se que facilitará a consulta, tanto por brasileiros, como por portugueses.

São Brás de Alportel, Maio de 2019

JAD

I - Português do Brasil – Português de Portugal

I

Português do Brasil – Português de Portugal

- A -

À beça – Muito, *bué, paletes, a dar com um pau, milhentas, catrefada*. Actualmente, devido à influência brasileira, utiliza-se também em Portugal a expressão “à beça”.

A vaca foi para o brejo – A situação ficou má.

Abacaxi – Situação confusa ou de difícil resolução, imbróglio, *trapalhada, embrulhada*.

Abafa-palhinha – Homossexual masculino, *larilas, maricas, painelero, panasca, panilas, rabo, rabeta, roto, gay, bicha*, abichanado.

Abajur – Candeeiro. O termo “candeeiro” também se usa no Brasil, mas refere-se a lampião e outros objectos de iluminação não eléctricos.

Abatedouro – Matadouro, instalação industrial destinada ao abate, processamento e armazenamento de produtos de origem animal.

Abelhudo – *Bisbilhoteiro, coscuvilheiro, cusco*, pessoa curiosa que se mete na vida dos outros. O termo “abelhudo”, com este sentido, também se utiliza em Portugal.

Aboborinha italiana (culinária) – Curgete, courgette.

Abotoar o paletó – Morrer, falecer, *esticar o pernil, ir para a quinta das tabuletas, ir para a quinta dos pés juntos, quinar, dar o peido mestre*.

Abraçar o jacaré – Situação complicada, difícil de resolver, *estar frito, estar tramado, estar feito ao bife, estar metido numa alhada, estar numa embrulhada*.

Abridor (de garrafas com cápsula) – Tira cápsulas.

Abridor de garrafas – Abre-garrafas.

Abridor de latas (de conserva) – Abre-latas.

Absorvente feminino – Penso higiénico

Acarajé (gastronomia) – Prato típico da Bahia e de outros estados, que é uma massa de feijão-frade moído temperada com sal e cebola, frita em óleo de dendém, com frequência servida com camarões secos. Em Outubro de 2003, o “acarajé” foi classificado como património nacional pelo conselho do Instituto do Património Histórico e Artístico do Brasil (IPHAN). O termo “acarajé” provém do ioruba “akará” = feijão + “ije” = comida.

Acidentado – Sinistrado.

Ácidos graxos - Ácidos Gordos

Acostamento – Berma (da estrada)

Açougue – Talho. Em Portugal o vocábulo “açougue” também existe, mas constitui um arcaísmo. Na gíria, no Brasil, “açougue” pode significar também bordel. O étimo “açougue” vem do árabe “as-suq” = mercado, feira, lugar de comércio de alimentos, e a palavra por cá ficou desde os tempos muçulmanos, sendo aportuguesada, significando mercado, mas, depois, sendo aplicado a loja onde se vende a carne. Esse sentido de

mercado está bem expresso no volume 1º do “Elucidario das palavras, termos, e frases, que em Portugal antiguamente se usaram”, de Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, publicado em 1798, onde está inserto (pag. 61) o verbete “Açougui. Assim se chamarão os lugares, onde antigamente se vendião, e compravão todas, e quaesquer mercadorias”. Nessa obra fica-se também a saber que, em tempos medievos, existia também uma espécie de imposto denominado “Açougagem”, que era o “Direito, que se pagava de quaesquer vendas, ou compras, não só nos lugares onde se vendião carnes frescas, mas ainda em todo o lugar, e praça, em que se vendião frutas, pão, hortaliças, peixe, panellas, &c., e por isso ás ruas dos Mercadores se chamarão algumas vezes Açougues, nome que os Árabes ainda hoje dão aos lugares, em que estas cousas se vendem (...)”. Esse sentido medieval do termo “açougue” ainda subsiste no “Dictionarium Latino Lusitanicum & vice versa ...”, de Jerónimo Cardoso, publicado em 1570, onde se diz que “Açougue” é o correspondente em latim a “Laniena” [carnificina, carnicheiro], mas também a “macellum” [mercado]. Passado cerca de século e meio, em 1712, Raphael Bluteau, no 1º volume do “Vocabulario Portuguez e Latino”, já define o termo ligando-o à venda de carne: “Açougue. A casa publica, com hum, ou mais talhos, aonde se vende carne (...)”.

Açougueiro – Talhante, homem do talho. Em Portugal o termo “açougueiro” também existe, mas constitui um arcaísmo. Ver “Açougue”.

Acreção – Acreção. O termo correcto, também no Brasil, é acreção, mas a corruptela acreção tem-se vindo a vulgarizar cada vez mais neste país.

Açúcar mascavo - Açúcar mascavado.

Adimplir – Cumprir um contrato, satisfazer as obrigações financeiras, saldar uma dívida. O verbo “adimplir” tem origem no latim “implere” = completar, saciar, realizar, precedido do prefixo “ad” que indica aproximação, o que deu “adimplere” = cumprir uma obrigação.

Advogado dativo – Advogado officioso; advogado que é incumbido da defesa do réu num tribunal, sem que aquele tenha que lhe pagar os honorários.

Aeromoça – Hospedeira (de avião), assistente de bordo.

Afiadeira (de lápis) – Aparal-lápis [o termo “afiadeira” também era utilizado nalgumas regiões portuguesas]

Afogar o ganso – Ter relações sexuais, *dar uma queca, pinocar*.

Agasalho – Fato de treino.

Agito – Agitação.

Agreste – Zona do semi-árido da parte meridional do Nordeste brasileiro com vegetação xerófila e solo pedregoso, situada entre a zona do mar e o sertão, que em geral se considera ser parte integrante, juntamente com o “sertão”, da “caatinga”. Correspondente a uma estreita faixa, paralela à costa NE-SW, que atravessa os estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. O termo deriva de “agreste”, cuja conotação mais frequente no Brasil é de campesino, rústico ou não cultivado, mas cujo significado mais habitual em Portugal (também existente no Brasil) se relaciona com áspero, inclemente ou rigoroso.

Agronegócio – Negocio relacionado com a agricultura. Em Portugal, embora o termo exista, é pouco utilizado. No Brasil, a palavra é geralmente usada em relação com as grandes propriedades em que se pratica o monocultivo.

Água gelada – Água fresca.

Água inquinada – Água poluída.

Água sanitária – Lixívia.

Água-viva – Alforreca.

Águas servidas – Águas residuais, esgoto urbano.

Aids (acrónimo do inglês Acquired Immune Deficiency Syndrome) – Sida (acrónimo de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida)

Aipim (culinária) – Farinha de mandioca (no Rio de Janeiro e outras regiões). Ver “farinha de mandioca”.

Albufeira – Laguna, corpo de água que se comunica com o mar pelo menos durante as marés cheias. Em Portugal é um lago artificial criado por uma barragem. O termo “albufeira” deriva do árabe “al”, artigo definido o ou a + “buhayra” = lago, laguna, reservatório de água.

Alemoa – Mulher loura (no interior sul do Brasil).

Alho porró (culinária) – Alho porro, alho francês.

Alimentos orgânicos – Alimentos biológicos.

Alô (ao atender o telefone) – Estou.

Aluguel – Aluguer.

Aluguel (de uma casa) – Renda.

Alvejante – Lixívia.

Amaciante (para o cabelo) – Amaciador.

Amarrar o cadarço – Apertar os atacadores (dos sapatos)

Amassar a palha – Dormir, *chonar*, *ferrar o galho*, *ir para vale de lençóis*.

Amêijoa (gastronomia) – Além da designação genérica que abrange várias espécies de moluscos da ordem *Veneroida*, muitas vezes o termo é utilizado de forma mais específica, referindo-se à *Anomalocardia brasiliiana* (da família *Veneridae*), também apelidada de berbigão, marisco, chumbinho e outros nomes. Com ampla ocorrência no litoral brasileiro, trata-se de um bivalve que vive enterrado até cerca de 15 cm em fundos areno-lodosos de enseadas e estuários da zona entre-marés até 5 m de profundidade, cuja concha, com coloração variável de tons de creme, tem normalmente 3 a 4 cm de envergadura (embora possa ter mais). É dos mariscos mais apreciados no Brasil.

Amêijoa (gastronomia) – No Brasil, é a designação comum dada a várias espécies de moluscos bivalves da ordem *Veneroida*, nomeadamente os das famílias *Lucinidae*, *Cardiidae* e *Veneridae*, sendo também conhecidas por vários outros nomes, como berbigão, vôngole, chumbinho, marisco, maçunim, papa-fumo, pedrinha, samanguaiá, sernambi e sarro-de-peito.

Amendoim – Amendoim. O amendoim provém da planta do amendoim (*Arachis hypogaea*) e a parte utilizável (comestível) corresponde às vagens (sementes, nozes) que se desenvolvem subterraneamente, nas raízes, a 8-10 cm de profundidade. É originário da América do Sul, tendo sido dispersado por todo o mundo por navegadores portugueses e espanhóis. O termo “amendoim” é transversal a todos os países lusófonos, mas tem múltiplos sinónimos regionais, tais como alcagoita, (no Algarve e Alentejo), aráquida (nalguma parte do Brasil), arrebelhana (na Beira Baixa), carango (em Moçambique),

ervilhana (nas Beiras e no Sul de Portugal), jinguba (em Angola), mancarra (em Cabo Verde e na Guiné-Bissau), mandubi (Brasil), rodamoinho (nalguma parte do Brasil). A palavra “amendoim” deriva do tupi-guarani “mãdu'bi” ou “mãdu'i”, significando “enterrado”, embora alguns etimologistas ponham a hipótese de, por analogia com as amêndoas, ser uma corruptela de “amendoinha”.

Amsterdã – Amesterdão (capital da Holanda / Países Baixos).

Âncora (de televisão) – Pivot, pivô, locutor de continuidade.

Angu (gastronomia) – Prato típico da culinária brasileira. É uma massa consistente feita com fubá de milho, água e sal, escaldada e que pode ser comida ao natural ou frita. O termo “angu” provém do idioma africano “fon”: “âgun” = papa de inhame.

Animais silvestres – Animais selvagens.

Anistia – Amnistia.

Anta – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, *burro*, *otário*, *palerma*, *pacóvio*, *provinciano*, *parvo*, *toló*, *totó*, *trouxa*. No Brasil, com frequência, designa-se o tapir por “anta”.

Ao vivo (na TV) – Em directo.

Aparelho de barbear – Máquina de barbear.

Apelido – Alcunha. Em Portugal “apelido” designa o nome de família; na Madeira o termo é utilizado com o mesmo sentido que tem no Brasil.

Apontador (de lápis) – Apara-lápis, afia (lápis).

Aposentadoria – Aposentação, reforma.

Apostila – Sebenta.

Aquarela – Aguarela.

Aquecedor (de água) – Esquentador (de água).

Arame – Dinheiro, *carcanhol*, *pilim*, *guito*, *pasta*, *grana*, *cacau*.

Aranha – Órgão sexual feminino, *cona*, *críca*, *pachacha*, *passarinha*, *pito*, *racha*, *rata*.

Aratu (gastronomia) – Nome popular de diversos caranguejos semi-terrestres comestíveis, comuns nos manguezais brasileiros, principalmente das famílias *Sesarmidae* (ver “Aratu-marinheiro”) e *Grapsidae*; (ver “Aratu-vermelho”); o aratu é um petisco muito apreciado, principalmente no Nordeste, sendo consumido de variadas formas, desde fritadas a caldinhos, passando pela “moquequinha de aratu” (em que o preparado do caranguejo é cozinhado com óleo de dendém, tomate, cebola, pimentão, coentro e leite de coco, sendo, depois de pronta, enrolado numa folha de bananeira, e que tem muitas variações regionais), pelo “catado de aratu” (em que a carne do caranguejo limpa das cascas, e por isso se chama catado, é cozido e temperado com óleo de dendém e outros ingrediente), pela “casquinha” (em que a carne cozida, desfiada e temperada é servida na própria carapaça), pelo “pastel de aratu” e por muitas outras formas de o preparar e consumir. O termo “aratu” provém do tupi “ara'tu” com o mesmo significado.

Aratu-marinheiro (gastronomia) – Também conhecido por aratu-marinheiro, aratu-da-pedra, aratupeba e aratupinima, é um pequeno caranguejo com hábitos arborícolas, da espécie *Aratus pisonii* (família *Sesarmidae*) cuja carapaça, lisa e brilhante, é trapezoidal, com largura de pouco mais de 2,5 cm e cor acinzentada. Passa a quase totalidade do tempo

emerso, trepando às árvores quando a maré sobe e descendo para a lama exposta quando a maré baixa; sendo arborícola, é principalmente nas árvores que se alimenta, e é também aí que ocorre o cortejo e cópula. Não obstante a sua pequena dimensão (para obter 1 quilo de carne são necessários cerca de 100 animais), são muito apreciados, principalmente na gastronomia do Nordeste. Ver “Aratu”.

Aratu-vermelho (gastronomia) – Também conhecido, entre outros, pelas designações de aratu-do-mangue, maria-mulata, carapinha, espia-moça e bonitinho, é um caranguejo de porte médio, com envergadura da ordem de 6 cm, da espécie *Goniopsis cruentata* (família *Grapsidae*), cujo nome científico provém do grego “gōnia” = ângulo + “opsis” = vista, aparência, alusão à morfologia da sua carapaça, com aspecto anguloso, e a designação específica *cruentata* vem do latim “cruentus” = sangrento, vermelho de sangue, devido à sua cor. A carapaça é escura, com tonalidade frequentemente avermelhada, por vezes arroxeadada ou acastanhada. Tem patas avermelhadas com pintas brancas ou alaranjadas, com longas cerdas ou pelos. Trata-se de um caranguejo semi-arborícola bastante versátil, extremamente rápido e ágil, que ocupa praticamente todos os ambientes do manguezal, desde o solo lamacento até às próprias árvores, vivendo em meios com salinidades diversas, incluindo os de águas salobras, mas com preferência pelos mais salinos. É consumido de várias formas, desde apenas cozido e inteiro, até em catado, o que significa apenas a carne do crustáceo. Ver “Aratu”.

Armar uma lâ de cão – Provocar grande confusão, *armar um trinta e um, embrulhada*.

Aro (da roda do automóvel) – Jante (da roda do automóvel).

Arquibancada (de um estádio de futebol) – Bancada.

Arquivo – Ficheiro (os dois termos são usados tanto em Portugal como no Brasil).

Arraia – Brinquedo que se lança ao vento preso com um fio, papagaio de papel, estrela (no Minho), joeira (na Madeira)

Arraia (peixe) – Raia.

Arrecife – Recife. No Brasil, usam-se indiferenciadamente os dois termos. Em Portugal, actualmente, utiliza-se quase exclusivamente a versão “recife”, constituindo “arrecife” um arcaísmo.

Arremesso de bola (e.g. futebol; atirar a bola à baliza adversária) – Remate.

Arrombado – Homossexual masculino, *larilas, maricas, paneleiro, panasca, panilas, rabo, rabeta, roto, gay, bicha*, abichanado.

Arroz carreteiro (gastronomia) – Prato típico do sul do Brasil. Ver “Carreteiro”.

Artilheiro (futebol) – Goleador.

Asfalto (alcatrão) - Alcatrão (asfalto é também utilizado em Portugal). O termo “alcatrão” deve ser aplicado à mistura viscosa, escura, proveniente da destilação do petróleo; o termo “asfalto” deve ser aplicado à mistura de petróleo com brita utilizada para pavimentar estradas e ruas.

Aspargos – Espargos.

Atacado (venda por) – Venda por grosso, em grandes quantidades. O termo “atacado” provém de “ataca”, vocábulo antigo, praticamente caído em desuso, que significa tira de couro, cordão, fita com que se prende uma coisa a outra, que está na origem de várias outras palavras, como do verbo “atacar” com o sentido de prender, ligar, unir (já um arcaísmo) e de “atacador”, o cordão com que se amarra o calçado. Portanto, a “venda por

atacado” era a comercialização de produtos em grandes quantidades e que, por isso, estavam unidas, presas ou amarradas (atacadas) com “atacas”. O termo “ataca” (e seus derivados) parece ter origem no étimo fenício “øtk” = ligar, unir, prender.

Atacante (no futebol) – Avançado.

Aterrissagem (do avião) – Aterragem.

Aterrissar (o avião) – Aterrar.

Atiradeira – Forquilha de madeira com elásticos, fiska

Atravessador – Intermediário, o que compra ao produtor para revender a outro comerciante, geralmente com grande margem de lucro.

Avião – Mulher bonita e elegante, *boazona, borracho, brasa, jeitosa, brinquinho, gira*.

Axé – Termo utilizado nas religiões afro-brasileiras que significa a energia vital existente em todos os seres vivos, bem como a energia e a força sagrada advinda dos orixás, e ainda a força mágica que sustenta os terreiros do candomblé. Como interjeição equivale ao “âmen” da liturgia cristã, bem como a “assim seja”, “boa sorte” ou “queira Deus”. O termo “axé” provém da língua africana ioruba “àṣẹ” principalmente com o significado de força de realização e manifestação do poder divino.

Azeite de dendê (culinária) – Óleo de dendém, óleo de palma. Extraído dos frutos da palmeira *Elaeis guineensis*, originária da costa ocidental africana. O étimo “dendém” provém do quimbundo “ndénde” que significa o fruto dessa palmeira.

Azeite de oliva – Azeite. Ao contrário do que se verifica em Portugal, em que “azeite” significa especificamente o óleo de azeitona, no Brasil é utilizado como sinónimo de óleo vegetal, mas também animal ou mineral. Ver “Azeite”.

Azoratado – Pessoa que não regula bem da cabeça, maluco, doidivanas, *chanfrado, xoné, atoleimado, pirado, pílulas, estarola*. O étimo “azoratado” procede de “orates”, de “casa de orates”, que significa hospício, manicómio, com o prefixo de origem latina “a-“ (ad) que expressa a ideia de passagem a um estado ou a noção de adjunção, e com o sufixo verbal “-ar” (de azoratar”) indicativo de acção, mais o sufixo adjectival “-ado” que indica a ideia de semelhante. Por sua vez, o termo “orates” vem do grego “aúra” derivado de “aér” = ar, através do latim “aura” = sopro, brisa, exalação, e de “auratum”, que designava pessoa com aura, ou seja, pessoa que tinha um sopro maligno que era origem de loucura ou epilepsia.

- B -

Babá – Ama.

Baba-ovo – Bajulador, *engraxador, graxista, lambe-botas, manteigueiro*.

Babaca – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, ingênuo, *burro, otário, palerma, pacóvio, provinciano, parvo, tolo, totó, trouxa*. Em linguagem vernácula significa, também, vulva. A etimologia de “babaca” é controversa: pode ter origem no latim “balbutio” = gago, do verbo “balbutire” = gaguejar, que evoluiu para “balbus” = de fala incompreensível, gago, balbuciente, que deu o vocábulo “bobo”; ou pode derivar do latim hispânico “baburrus” = tolo, simplório, palerma; ou pode ter raiz na palavra árabe “Baqbāqa” = falador, tagarela, fofoqueiro; ou pode provir do tupi “babaquara” aglutinação dos termos “mbae’bé” = nada + “kwa’á” = saber) + “ara” = gente, com o significado de “aquele que sabe nada”.

Babador – Babete. Em português do Brasil também existe o termo “babete”, mas o mais utilizado é “babador”.

Babaquara – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, *burro, otário, palerma, pacóvio, provinciano, parvo, tolo, totó, trouxa*.

Babilónia – Balbúrdia, *caldeirada*, confusão, desordem, mixórdia, pandemónio, *regabofe*.

Bacalhau – Mulher feia, deselegante e desajeitada, *camafeu* [em Portugal “camafeu” significa mulher feia, mas no Brasil aplica-se a mulher bonita], *canastrão*.

Bacana – *Bestial, fixe, porreiro*, excelente, bonito, confiável.

Baderna – Balbúrdia, *caldeirada*, confusão, desordem, mixórdia, pandemónio, *regabofe*

Baderna – Grande confusão ou desordem, divertimento nocturno muito animado, noitada. O termo “baderna” provém do nome da bailarina italiana Marietta Maria Baderna (1828-1870), que, como a Itália estava então ocupada pela Áustria, se exilou no Brasil em 1849. No Rio de Janeiro, na altura capital do Império do Brasil, conquistou uma legião de fãs, admiradores tanto de seus passos de dança quanto de seu espírito rebelde e contestador, que, no final das suas apresentações, entoavam o nome da musa, numa manifestação mal vista pela sociedade coeva, pelo que o nome da artista ficou associado a barulho, agitação, paixão incontida.

Bafunfa – Dinheiro, *carcanhol, pilim, guito, pasta, grana, cacau*.

Bagana – Ponta do cigarro que sobra depois de fumado, *beata, pirisca, prisca*.

Bagarote – Dinheiro, *carcanhol, pilim, guito, pasta, grana, cacau*.

Bagdá – Bagdade (capital do Iraque).

Bago – Dinheiro, *carcanhol, pilim, guito, pasta, grana, cacau*.

Bagunça – Balbúrdia, *caldeirada*, confusão, desordem, mixórdia, pandemónio, *regabofe*. Actualmente, devido à influência brasileira, a gíria “bagunça” é também de utilização comum em Portugal.

Baião de dois (gastronomia) – Prato de origem cearense bastante popular no Nordeste e no Norte do Brasil, que é confeccionado com arroz e feijão misturados, a que são acrescentados outros condimentos, que variam de região para região, como queijo coalho, toucinho, cebola, pimentão, tomate e linguiça. O termo baião, que deu origem ao nome deste prato, vem de uma dança típica do nordeste chamada “baiano”, e ganhou popularidade, em meados do século XX, com a música “Baião de Dois”, parceria do compositor cearense Humberto Teixeira (1915-1979) com o pernambucano Luís Gonzaga (1912-1989), considerado como o “Rei do Baião”.

Baita de – Muito, *bué de, catrefada, à beça* (gíria relativamente recente em Portugal), *paletes de, a dar com um pau, milhentas*.

Baitola – Homossexual masculino, *larilas, maricas, paneleiro, panasca, panilas, rabo, rabeta, roto, gay, bicha*, abichanado.

Baiúca – Bar, *barzeco, café, chafarica, espelunca*, taberna, tasca, venda.

Baixar (da internet) – Descarregar, transferir um ficheiro pela internet.

Bajulador – *Engraxador, graxista, lambe-botas, manteigueiro*.

Bala – Rebuçado.

Balanceamento (das rodas do carro) – Calibragem (das rodas do carro)

Balanço (para crianças) – Baloíço.

Balbúrdia – Balbúrdia, *caldeirada*, confusão, desordem, mixórdia, pandemónio, *regabofe*

Baldeação – Transbordo, transferência de mercadorias ou passageiros de um navio ou trem (comboio) para outro. Os dois termos existem em ambos os países. O termo “baldeação” provém do verbo “baldear” que é muito antigo na língua portuguesa, aparecendo já referido, em 1570, no “*Dictionarium Latino Lusitanicum*” de Jerónimo Cardoso. No “*Vocabulario Portuguez e Latino*” (vol. 2), de Jerónimo Cardoso, existe o verbete “Baldear. Vazar de huma parte para outra. (...)”, dando-se, na continuação, a ideia de que o “vazar” pode ser transferir objectos, mercadoria ou pessoas. Essas acepções estão bem expressas, por exemplo, na “Segunda Década” da “Ásia”, de João de Barros, originalmente publicada em 1553, em que, no texto, se diz a certa altura (ortografia actualizada), que “os capitães quizeram salvar a pimenta que nela ia para Portugal, baldeando-a em a nau que António de Saldanha trouxe (...)”, e mais à frente que “baldeados os mantimentos em o navio de Martim Guedes, em que ele estava, e no de Jorge Botelho, (...)”, e já mais perto do final que “não podendo os jaus [de Java] sofrer mais o ferro dos nossos, começaram de se baldear em lancharas [lanchas] e pangajoas [tipo de embarcação usada na Ásia] (...)”. Ver “Transbordo”.

Balsa – Barcaça, jangada, *ferry boat*.

Bambochata – *Patuscada, comezaina, estroinice, farra, pândega*.

Bambolê – Arco, hula hoop; aro, normalmente de plástico, que se faz girar à volta da cintura, do pescoço, dos braços ou das pernas, através do movimento do próprio corpo.

Banca (para venda de jornais e revistas) – Quiosque. O termo “quiosque” deriva do turco “*köşk*” através do francês “*kiosque*”.

Bancar o – Fazer de, passar por, simular.

Band-aid / bandeide – Penso rápido.

Banguela – Pessoa sem dentes, desdentado. O étimo “banguela” deriva do nome que era dado aos escravos provenientes da região de Benguela, em Angola, que tinham o hábito de serrar ou limar os dentes da frente.

Banheira (futebol) – Fora de jogo, impedimento.

Banheiro – Casa de banho, *casinha*, lavabo, latrina, privada, retrete, sanitário, WC (do inglês *water closet*) [vários destes termos são também utilizados no Brasil].

Banzo – Tristeza, melancolia, surpresa, espanto, depressão. O termo “banzo” deriva do quimbundo “mbanza” que significa a povoação onde reside o governo da nação, província, distrito ou concelho; de certa forma, seria o que designamos por terra de origem ou pátria. O sentimento de melancolia provocado pelas saudades da terra natal, que, com certa frequência, afectava os escravos trazidos de África, era designado pelos africanos por “banzo”; era, por vezes, uma depressão profunda e mortal. Actualmente, no Norte e no Nordeste do Brasil, “banzo” é também usado de forma irónica para designar tristeza injustificada ou choraminguice, sendo ainda aplicado, em linguagem informal, à sensação de sono que se segue ao almoço, bem como à vontade de fazer nada. Embora, em Portugal, não se utilize o termo “banzo”, o verbo “banzar” aparece já dicionarizado em 1712, no volume 2 do “*Vocabulario Portuguez e Latino*”, de Raphael Bluteau, onde, na página B37, se diz: “Banzar. Pasmear com pena”. Aliás, no seguimento, aparece o termo derivado “Banzeiro. Inquieto. Mal seguro. Mar banzeiro, nem quieto, nem tormentoso”.

Baralhada – Balbúrdia, *caldeirada*, confusão, desordem, mixórdia, pandemónio, *regabofe*.

Baranga – Mulher feia, deselegante e desajeitada, *camafeu* [em Portugal “camafeu” significa mulher feia, mas no Brasil aplica-se a mulher bonita], *canastrão*.

Barbante – Fio, gaita, cordel.

Barbeador – Máquina de barbear.

Barbeiro – Mau condutor, aselha.

Baseado – Em linguagem coloquial, no Brasil, significa cigarro de haxixe ou marijuana, charro, ganza.

Bate-papo – Conversa, cavaqueira, *dois dedos de conversa*, *por a conversa em dia*, *dar à tramela*.

Batedor de carteira – Carteirista.

Bater a bota – Morrer, falecer, *esticar o pernil*, *ir para a quinta das tabuletas*, *ir para a quinta dos pés juntos*, *quinar*, *dar o peido mestre*.

Bater bolacha – Sexo lésbico, *bater pratos*, *fazer fressura*.

Bater bolo – Masturbação masculina, *punheta*, *pívia*, *cinco contra um*, *tocar uma*.

Bater o cachimbo – Morrer, falecer, *esticar o pernil*, *ir para a quinta das tabuletas*, *ir para a quinta dos pés juntos*, *quinar*, *dar o peido mestre*.

Bater o trinta e um – Morrer, falecer, *esticar o pernil*, *ir para a quinta das tabuletas*, *ir para a quinta dos pés juntos*, *quinar*, *dar o peido mestre*.

Beque – Em linguagem informal, no Brasil, significa um cigarro feito à mão feito de haxixe ou maconha.

Beque (futebol) – Defesa, jogador posicionado à frente do guarda-redes da própria equipa, cuja função é travar os ataques adversários.

Berbigão (gastronomia) – Nome que muitas vezes designa o bivalve *Anomalocardia brasiliiana* (da família *Veneridae*), também apelidada, entre outras, pelas designações de amêijoa, marisco, chumbinho e outros nomes, que tem ampla ocorrência no litoral brasileiro, e é dos mariscos mais apreciados no Brasil; ver “Amêijoa”. Também se utiliza o termo “berbigão” para designar a espécie *Trachycardium Muricatum* (família *Cardiidae*), também conhecida, entre outros, pelos nomes de berbigão-amarelo, rala-coco, mija-mija, vongôle, papa-fumo e sururu, que vive em fundos arenosos até profundidades de cerca de 30 m, cuja concha, normalmente com 3 a 4 cm ou mais e finos sulcos radiais bem demarcadas, tem formato de leque arredondado e cor creme claro a acastanhado. Embora o *T. Muricatum* seja pouco utilizado em restaurantes, é vulgar encontrá-lo em pequenos bares da praia.

Bergamota (no sul do Brasil) – Tangerina.

Berimbau – Instrumento musical de origem angolana, tradicionalmente usado na capoeira. Em Angola é chamado de “hungu” e em Moçambique “xitende”. É composto por um arco de madeira, com cerca de 1,5 m a 1,7 m, o qual tem uma corda de arame presa nas pontas, que é vibrada por uma vareta, tendo uma cabaça oca como caixa de ressonância. Em 1873, no “Diccionario da Língua Portuguesa”, Bernardo de Lima Bacelar incluiu o verbete “Barymbão” com o sentido de “som grave e instrumentos que o fazem. v. berimbão, marimbas”. A etimologia de “berimbau” é controversa: segundo alguns autores, o vocábulo tem raiz no quimbundo “mbirimbau”.

Bertoldo - Indivíduo parvo, palerma, bronco, estúpido.

Bicha – Homossexual masculino, *larilas*, *maricas*, *paneleiro*, *panasca*, *panilas*, *rabo*, *rabeta*, *roto*, *gay*, *bicha*, abichanado. A utilização do termo com esta conotação foi fortemente amplificada em Portugal devido à influência brasileira.

Bicho-solto – *Valentão* [regionalismo do Rio de Janeiro].

Bico – Trabalho extra ou temporário, *biscate*. No Brasil “biscate” pode significar também prostituta.

Bidê – Mesa de cabeceira, criado-mudo. “Bidê” com este sentido é um regionalismo de Rio Grande do Sul.

Bilau – Pénis, *pila*, *badalo*, *caralho*, *mangalho*, *pau*, *piça*, *picha*, *pichota*, *pilinha*, *pirilau*.

Bilhão – Bilião. No Brasil, tal como nos U.S.A., segue-se a escala curta em que um bilhão = mil milhões [10^9]; em Portugal, tal como na generalidade da Europa, segue-se a escala longa em que um bilião = um milhão de milhões [10^{12}]. A escala curta (e.g. Brasil) tem por base as potências de mil, enquanto que a escala longa (e.g. Portugal) tem por base as potências de um milhão.

Bilheteria – Bilheteira.

Biruta – Pessoa que não regula bem da cabeça, maluco, *doidivanas*, *chanfrado*, *xoné*, *atoleimado*, *pirado*, *pílulas*.

Biruta (indicador de direção do vento) – Manga de vento.

Biscoito – Bolacha. No Rio de Janeiro, no Nordeste e Norte do Brasil usa-se em geral o termo “biscoito”, mas no resto do território brasileiro, tal como em Portugal (onde o termo é, também, vulgar), utiliza-se mais o termo “bolacha”. O vocábulo “biscoito” provém do étimo latino “biscoctus”, composto por “bis” = duas vezes + “coctus” = torrado, cozido. O objectivo de cozinhar duas vezes era para deixar a bolacha bem desidratada, por forma a aumentar o seu tempo de duração. Os biscoitos eram intensivamente utilizados na alimentação dos marinheiros no período das grandes navegações. O vocábulo “biscoito” encontra-se já dicionarizado em 1712, no “Vocabulario Portuguez e Latino” (vol. 2), de Raphael Bluteau, remetendo para “Biscouto. Pão do mar (...) Para as pequenas viagens se coze duas vezes o biscouto, & quatro vezes para as grandes”, mas faz-se aí distinção entre os biscoitos estritamente alimentares, que, na maior parte, não eram doces, dos que tinham Açúcar e eram consumidos como guloseima: “Biscouto. Golodice. Fazem-se biscoutos por muitos modos. Há biscoutos de maçã, feitos com farinha, manteiga de vacca, açúcar, ovos &c. do tamanho de hum dedo, ou argolinhas, &c. Biscoutos de nata, Biscoutos de La Reina, &c.”. Ver “bolacha”.

Biscoitos Champanhe – Palitos de la Reine

Bisnaga – Pão com forma alongada, cacete, baguete [francesismo]. Também chamado, no Brasil, de “pão bengala”.

Bisteca (gastronomia) – Costoletta.

Bitácula – Barzeco, café, chafarica, taberna, tasca, venda.

Bitolado – Pessoa fora da moda, pessoa retrógrada, conservador, *pessoa quadrada*.

Bituca – Ponta do cigarro que sobra depois de fumado, *beata*, *pirisca*, *prisca*.

Bituqueira – Cinzeiro. Embora no Brasil também se utilize o termo “cinzeiro”, o mais utilizado é “bituqueira”.

Bituqueiro – Gíria para pessoa curiosa que se mete na vida dos outros, bisbilhoteiro, *cusco*, *coscuvilheiro*.

Bivalves (gastronomia) – No Brasil, embora haja consumo de bivalves, e apesar do seu preço, em geral, ser módico, são muitíssimo menos populares e frequentes nos mercados e nos restaurantes do que em Portugal. Entre os vários bivalves utilizados na alimentação humana referem-se as lambretas (*Lucina pectinata*), as amêijoas, berbigões ou chumbinhos (*Anomalocardia brasiliensis*), os rala-cocos, vongôles, berbigões-amarelos ou mija-mijas (*Trachycardium Muricatum*), os sururus ou mexilhões (*Mytella charruana*), os mexilhões (*Perna perna* e *Mytilus edulis*).

Blitz – Operação policial feita de improviso para fiscalizar viaturas, operação stop. No Brasil, onde há Lei Seca (zero álcool no sangue para quem conduz), são comuns estas operações para fiscalizar o índice de alcoolemia dos condutores. O termo “blitz” é um estrangeirismo de origem alemã: provém de “blitzkrieg”, literalmente “guerra relâmpago”. É possível que começasse a ser aplicado às operações policiais devido ao aparato e grandes contingentes que geralmente rodeiam tais operações.

Bobó (gastronomia) – Prato típico da Bahia e de outros estados, com origem africana, correspondente a uma massa feita com inhame ou mandioca cozida, com óleo de palma, pimenta, sal e camarão seco, que pode levar, também, bacalhau ou outros ingredientes. O étimo “bobo” tem provavelmente origem no termo “bovô” da língua fon, nigerocongolesa.

Boboca – Em linguagem coloquial refere-se a pessoa sem dentes, desdentado, ou ainda a quem fala como quem não tem dentes. O vocábulo “boboca”, nesta acepção, deriva do verbo quimbundo “kuboboka” = não ter dentes (principalmente os da frente).

Boboca – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, ingênuo, *burro*, *otário*, *palerma*, *pacóvio*, *provinciano*, *parvo*, *tolo*, *totó*, *trouxa*. O vocábulo “boboca”, com este sentido, parece derivar do latim “balbutio” = gago, que evoluiu para “balbus” = de fala incompreensível, gago, balbuciente, que acabou por dar a palavra “bobo” + o sufixo diminutivo “-oca”.

Boca de lobo – Sarjeta, escoadouro.

Boceta – Órgão sexual feminino, *cona*, *crica*, *pachacha*, *passarinha*, *pito*, *racha*, *rata*. Originalmente, “boceta” significava pequena caixa. Era, antigamente, um vocábulo comum, já listado em 1570 no “Dictionarium Latino Lusitanicum”, de Jerónimo Cardoso, em que se apresentam como equivalentes em latim “*Capsella, ae*” [cofre] e “*pyxidis, dis*” [caixa, caixão]. Entre os muitos casos em que se encontra a palavra “boceta” refere-se, apenas como exemplos, as Constituições Sinodais do Bispado do Porto, de 1585, onde, ao elencar o que deveria existir em cada igreja, se referem “ferros pera fazer Hostias, & caixa pera as guardar, & boceta em que se leuem ao Altar”, e os Estatutos da Universidade de Coimbra, de 1593, onde, na parte referente às votações para prover as cadeiras (áreas do saber) se diz que os votos, dobrados, devem ser entregues ao Secretario e “o dito Secretario depois de rubricado o dará ao Rector que o deite em hũa boceta, que ahi estará pera este effeito”. Em 1913, no “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, Cândido de Figueiredo continua a apresentar, ainda, o significado análogo, embora acrescentado a acepção que tinha tomado no Brasil: “boceta, (cê) *f.* Pequena caixa, cylíndrica ou oval, de papelão ou madeira. **Mad.* [termo da ilha da Madeira] Caixa de rapé. **Bras. chul.* [Brasil, termo chulo] Partes pudendas da mulher. *Fig. Boceta de Pandora*, origem de todos os males. (Do b. lat. *buxetum*)”. Não se sabe ao certo como e porque é que “boceta” adquiriu a conotação de órgão sexual feminino. O termo “boceta”

deriva do latim “buxus” = buxo, planta (*Buxus sempervirens*) cuja madeira é bastante apreciada em escultura e na construção de instrumentos musicais (como as flautas e as gaitas de fole). Parece que as mulheres gregas e romanas tinham preferência por essa madeira para as suas pequenas caixas em que guardavam objectos de valor, tendo o étimo “buxus” passado a designar, também, esses recipientes. Não se sabe ao certo como e porque é que “boceta” adquiriu, na linguagem vulgar, a conotação de órgão sexual feminino. Para alguns autores, esta associação deve-se ao facto de ser, nessas pequenas caixas, que as mulheres guardavam as coisas que consideravam mais preciosas, ou seja, o seu tesouro. Já para outros, a associação é com a “caixa de Pandora”, antigamente designada por “boceta de Pandora”, que guardava todos os males da humanidade.

Bocó – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, *burro, otário, palerma, pacóvio, provinciano, parvo, tolo, totó, trouxa*.

Boia – Comida.

Boia-fria – Trabalhador rural itinerante e temporário.

Boião – Pote.

Boiola – Homossexual masculino, *larilas, maricas, paneleiro, panasca, panilas, rabo, rabeta, roto, gay, bicha*, abichanado.

Bola de gude – Berlinde, *bilas*.

Bolacheira – Lésbica, *fufa, fressureira*, lésbica

Boleto – Impresso emitido por uma empresa para o pagamento de uma conta.

Bolinho – Pastel.

Bolinho de bacalhau – Pastel de bacalhau

Bolsa de senhora – Mala de senhora, mas também se utiliza bolsa de senhora e carteira de senhora.

Bolsista – Bolseiro.

Bolso – Algibeira. Em Portugal os dois termos são sinónimos; no Brasil não se usa, em geral, o termo “bolso”. Os termos “bolso” e “bolsa” vieram do grego “byrsa” através do latim “bursa” que significava pele curtida e odre.

Bomba ou **Bombilha** – Tubo, tipo palhinha (canudinho), utilizado para tomar o chimarrão ou o tereré. Ver “Chimarrão”, “Erva-mate”, “Tereré”.

Bombardeio – Bombardeamento.

Bombeiro hidráulico (Rio de Janeiro) – Canalizador, picheleiro (no Porto).

Bombilha ou **Bomba** – Tubo, tipo palhinha (canudinho), utilizado para tomar o chimarrão ou o tereré. Tem, em geral, 6 a 8 mm de diâmetro e cerca de 25 cm de comprimento, e é feito normalmente de um metal que não se oxida com facilidade, com frequência de prata, que, na parte inferior, tem um filtro arredondado, do tamanho de uma moeda, com pequenos furos que impedem a entrada de fragmentos de erva, e, na parte superior, um bocal um pouco achatado, por vezes revestido a ouro. Com esta configuração permite que a sucção seja apenas do líquido. O termo “bombilha” é diminutivo de “bomba” na acepção de máquina para bombear fluidos, e chegou ao português, com o sentido de tubo para sorver líquidos (chimarrão, tereré), através do castelhano rioplatense “bombilla”. Ver “Chimarrão”, “Erva-mate”, “Tereré”.

Bonde – Carro eléctrico.

Boquete – “Felatio”, *bobó, broche*, felação, *mamada*.

Bordeaux – Bordéus.

Boteco – Barzeco, café, chafarica, taberna, tasca, venda.

Botequim – Barzeco, café, chafarica, taberna, tasca, venda. Em Portugal “botequim” é um arcaísmo; era diminutivo de “botica” e inicialmente significava loja pequena, mas com a passagem do tempo passou a indicar loja de bebidas.

Brecar – Travar (e. g. o carro).

Brega – *Fatela, foleiro, pimba, piroso*, pessoa que revela falta de bom gosto.

Briga de aranhas – Sexo lésbico, *bater pratos, fazer fressura*.

Brócolis – Brócolos.

Bruaca – Mulher feia.

Bucha – Em linguagem vulgar, no Brasil, significa mulher feia, mas o termo é também aplicado para referir um problema, situação má, de que não há saída, e ainda para descrever uma tarefa difícil, complicada, cansativa ou desagradável, que se preferia não fazer.

Bueiro – Sarjeta, escoadouro.

Bufunfa – Dinheiro, *carcanhol, pilim, guito, pasta, grana, cacau*.

Bujão de gás – Garrafa de gás

Bumbum – Rabo, bunda, nádegas, traseiro.

Bunda – *Bumbum*, rabo, nádegas, *traseiro*. O termo “bunda” é aportuguesamento da palavra “mbunda” do quimbundo de Angola, com o significado de “retaguarda, rabo, assento”, que foi levado pelos escravos para o Brasil e Portugal.

- C -

Caatinga – Ecossistema ou bioma típico do Nordeste brasileiro e do norte de Minas Gerais característico de clima semi-árido, em que a vegetação é do tipo xerófila (cactos) ou arbustiva com folhas pequenas (que caem durante a estação seca) e raízes profundas, ou seja, adaptada à aridez do solo e à escassez de água. É um tipo de savana estépica que se considera geralmente ser constituído pelo “agreste” e pelo “sertão”. O termo “caatinga” provém do tupi “ka’a” = “mato” + “tinga” = “branco, claro”, cuja junção “ka’atinga” significa literalmente “mata branca”, alusão clara à cor predominante da vegetação durante a estação seca, em que os arbustos perdem as folhas, ficando com cor esbranquiçada.

Cabeça (de um bando) – Cabecilha.

Caboclo– Pessoa descendente da miscigenação de índio com branco, cujos traços físicos incluem pele acobreada ou morena e cabelos escuros e lisos. Por extensão, o termo passou também a designar indivíduos que têm cor de pele acobreada, mas também pessoas simples do sertão, geralmente retraídas e desconfiadas, e ainda pessoas da zona rural, com pouca instrução e modos rústicos. O étimo “caboclo” provém do tupi “cariboca” ou “caryboca” ou “kunhã-byra” com o significado de mestiço, possivelmente vindo de “kari” = branco + “bok-a” = fendido, rachado, aberto.

Cabra– Em linguagem coloquial, no Brasil, tem vários significados. Designa mestiço de negro com indígena ou de indígena com branco, mas é também aplicado com o significado de indivíduo, sujeito, *cara*, *gajo*. Principalmente no Nordeste, o termo é aplicado também a indivíduos que se colocam ao serviço de alguém para executar trabalhos de intimidação ou de vingança, sinónimo de capanga, pistoleiro. Além disso, eram chamados “cabras” os salteadores que percorriam o sertão nordestino, geralmente em grupos armados, sobretudo no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, sendo, nesta acepção, sinónimo de cangaceiro. No Nordeste, em linguagem coloquial, a expressão “cabra da rede rasgada” é aplicado a indivíduo grosseiro e desbocado, e “cabra de assombração” é um indivíduo que não teme o perigo, por vezes por acreditar que tem protecção sobrenatural. Também no Nordeste, “amarrar a cabra” é com frequência usado como sinónimo de embriagar-se.

Caçamba – Caldeiro, balde para tirar água de um poço ou cisterna. O termo “caçamba” vem do quimbundo “kisambu”.

Caçar barulho – Provocar confusão, *armar um trinta e um*, embrulhada.

Cacete – Pénis, *pila*, *badalo*, *caralho*, *mangalho*, *pau*, *piça*, *picha*, *pichota*, *pilinha*, *pirilau*.

Cacetinho – Pão pequeno um pouco alongado de farinha de trigo fina, carcaça, papo-seco (no sul de Portugal), molete ou bijou (francesismos utilizados no norte de Portugal), pada (nalgumas zonas da Beira Litoral), pãozinho.

Cachoeira – Cascata.

Cachorro – Cão. No Brasil também existe o termo “cão”, mas o mais utilizado é “cachorro”, independentemente da idade do canídeo. Em Portugal o termo “cachorro” é reservado para um cão jovem.

Cacimba – Poço artesanal. O termo “cacimba” provém do quimbundo “kixima” = poço, e é utilizado em Angola para designar poço em que se explora água do aquífero superficial. Em Portugal, “cacimbo” ou “cacimba” refere-se ao orvalho nocturno ou à chuva muito miudinha, sendo também utilizado em Angola com esta conotação.

Caçoila – Caçoila ou caçoula. Os termos “caçarola” e “caçoila” são usados tanto no Brasil como em Portugal, mas neste país é mais frequente utilizar a palavra “caçarola” e naquele “caçoila”.

Caçula – O filho mais novo. A palavra “caçula”, com este significado, também é utilizado em Portugal. O termo “caçula” deriva do quimbundo de Angola “kásule” = “filho último, derradeiro”.

Cacutu – Líder político, *cacique*, *coronel*, *maioral*, *mandão*, *manda-chuva*.

Cadarço – Atacador (dos sapatos). O termo “cadarço” é muito antigo na língua portuguesa, aparecendo já listado, em 1570, no “*Dictionarium Latino Lusitanicum*” de Jerónimo Cardoso. Em 1712, no “*Vocabulario Portuguez e Latino*” (vol. 2, p. C29), Raphael Bluteau define “cadarço” como “Hum género de seda, q se faz do barbilho dos casulos, & da seda mais grossa, & embaraçada”. Originalmente, designava-se por “cadarço” o pente com que se cardava o barbilho (a anafia, fios colocados primeiro quando o bicho-da-seda começa a tecer o casulo, e todos os desperdícios de seda que a fiandeira não pode aproveitar), mas o termo acabou por ser aplicado, também, ao tecido feito com esses barbilhos. No foral de Lisboa, de 1500, ao referirem-se os impostos que os diferentes produtos deveriam pagar, diz-se (ortografia actualizada): “E do fiado, e mantéus, e lençóis, e véus, e alfaremes [touca para a cabeça], e de seda, sirgo [seda grossa] e

cadarço, (...), pagarão somente de treze réis um”. Esta acepção está presente em muitas obras literárias, como, por exemplo, nos “Dialogos da imagem da vida Christiam” (parte segunda), de Heitor Pinto (1528-1584), em que, a certa altura (fólio 254), o autor diz (ortografia actualizada): “Quão longe disto [da humildade] estão os soberbos enfunados na fantasia de seu vão saber, que cuidam que tudo o que é seu é fina seda, e o dos outros grosso cardaço”. O termo passou a ser aplicado, também, a outras fitas estreitas e resistentes, embora não feitas de seda, como algodão, linho ou lã, nomeadamente as que serviam de atilhos (que se chamavam, também, atacadores) nas roupas. Essa acepção está bem expressa na 2ª edição, publicada em 1813, do “Diccionario” de António de Moraes Silva (1755-1824), que tem um verbete para “Cadárço, s. m. Usão-no alguns por «cadaço». § Seda, ou tecido do barbilho da seda, e da mais grossa. meyas de cadaço; luvas de cadaço; &c.”, e outro para “Cadáço, s. m. (...) Fita estreita de linho branco, ou de còr, e talvez de lã, ou seda”. Quando, no final do século XIX, começaram a tornar-se moda os sapatos que eram apertados com um cordão resistente que passava por furos existentes no peito do sapato, esses cordões passaram, no Brasil, a ser também designados por “cardaços” (e em Portugal por “atacadores”). Portanto, “cardaço” que, originalmente, designava o pente com que se cardava o barbilho, foi adquirindo, ao longo do tempo, vários outros significados, nomeadamente o próprio barbilho não aproveitado na fiação, depois o tecido feito com esse fio, vindo o termo a ser aplicado a fitas estreitas (de seda, linho, algodão ou lã; nastro), passando ainda a expressar as fitas que serviam para apertar ou fechar peças de vestuário, bem como a ter o sentido de fio para atar ou ligar alguma coisa (atilho, cordão, cordel) e, finalmente, deu o nome aos cordões com que se aperta o calçado. O termo “cardaço” foi comum em Portugal, mas, há muito que deixou de ser utilizado, constituindo um arcaísmo. O vocábulo “cardaço” parece provir do grego “kathartéon” = seda que deve ser limpada ou retirada, através do latim “catharteum”. Porém, alguns autores fazem derivar “cardaço” da “carda” = Instrumento de cardar, ou seja, de destrinçar, desenredar ou pentear fibras, como algodão, lã, linho ou seda, o qual, por sua vez, vem do latim “carduus” = cardo, nome genérico de várias plantas do género *Cynara*, dotadas de espinhos. Ver “Atacador”.

Cadeiras – Quadris, anca. Muito provavelmente, a utilização do vocábulo “cadeiras” nesta acepção radica no hábito de transportar os bebés assentes na anca. Ver “Cadeira (na universidade)”

Cafajeste – Pessoa de maus modos, sem carácter, de baixos sentimentos, canalha, velhaco. Joaquim Nabuco, em “Um estadista do Império”, refere que o termo “cafageste” (tal como “futrica”), era usado pelos estudantes de Coimbra para designar quem não era estudante, tendo sido introduzido no Brasil por estudantes brasileiros que estavam a estudar em Portugal, e que, com a criação, em 1827, de dois cursos jurídicos em Olinda e São Paulo, foram para aí finalizar o bacharelato, trazendo vários hábitos coimbrões, nomeadamente o(s) termo(s) referido(s). O termo divulgou-se popularmente com conotação depreciativa mas, em Portugal, caiu em desuso, convertendo-se num arcaísmo; mais recentemente, o termo voltou à linguagem usada em Portugal por influência brasileira.

Café da manhã – Pequeno almoço.

Café expresso – Expresso, café, *bica* (na região de Lisboa), *cimbalino* (na região do Porto).

Cafifa – Brinquedo que se lança ao vento preso com um fio, papagaio de papel, estrela (no Minho), joeira (na Madeira).

Cafona – Pessoa que revela falta de bom gosto, *fatela*, *foleiro*, *pimba*, *piroso*.

Cafuné – Carícia feita com os dedos, sobretudo no couro cabeludo. A palavra é usada tanto no Brasil, como em Portugal. O termo “cafuné” provém do quimbundo “kifunate” = “torcedura, entorse, luxação”, tendo posteriormente adquirido a conotação de acto carinhoso. O vocábulo aparece dicionarizado em Portugal já no século XVIII com a definição: “Cafuné, s.m. Brasil. ch. estalos que se dão na cabeça como quem cata”.

Cafuzo – Mestiço de negro e índio. Em Angola “cafuso” é um mestiço filho de mulato e preto, e “cabrito” o filho de mulato e branco.

Cagueta – Denunciante, delator, *bufo*, *chibo*.

Caiçara – Além de outros significados (como, por exemplo, cercado tosco feita de galhos, ramos ou varas, para protecção contra inimigos ou animais), o termo “caiçara” designa um membro de uma comunidade tradicional do litoral meridional brasileiro, sobretudo, de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Paraná, cuja vida, geralmente, dependente da pesca. As comunidades caiçaras surgiram, a partir do século XVI, com povoamentos costeiros habitados por brancos e índios, a que se vieram juntar africanos, sendo resultado, portanto, de fortes misturas inter-raciais. Em vários sentidos, a cultura caiçara é semelhante à caipira, nomeadamente na forma construtiva das casas (com paredes de pau a pique, telhados com vegetação tipo capim e chão em terra batida) e na forte miscigenação, mas o carácter distintivo dos caiçaras é a forte ligação ao mar e à pesca. Em linguagem coloquial “caiçara” adquiriu o sentido de campónio, parolo, saloio, mas também o de malandro, vagabundo, e, ainda, o de mulher gorda e feia. O étimo “caiçara” provém do tupi “kaá-yçá” = cerca de ramos, estacada, e de “kaá-içá” = forte, fortificação, através da aglutinação de “kaá” = mato, erva, folhas, ramo, com “yçá” = caule, tronco, haste.

Caipira – Originalmente, nos tempos coloniais, “caipira” designava os trabalhadores do campo (da roça). Nessas comunidades de trabalhadores havia forte miscigenação entre africanos, índios e brancos. Com o tempo, o termo adquiriu, na linguagem coloquial, outros sentidos, geralmente com conotação depreciativa, sendo usado para designar quem tem modos considerados simples ou grosseiros, sendo, assim, sinónimo de campónio, parolo e saloio, sendo usado também para referir pessoas tímidas ou pouco sociáveis. É, ainda, aplicado a produtos típicos do campo (da roça), como a “galinha caipira” que é equivalente a “galinha do campo”. O termo “caipira” provém do tupi “kaá” = mato, erva, folhas, ramo, aglutinado com a preposição “pyra” = perto de, ou com “pira” = que corta, ou com “póra” = habitante, o que significaria quem cortava o mato ou quem morava no mato, onde se situavam as roças, através do verbo “kô-pir-a” = roçar, fazer roça, tratar da roça.

Cair do cavalo – Situação complicada, difícil de resolver, *estar frito*, *estar tramado*, *estar feito ao bife*, *estar metido numa alhada*, *estar numa embrulhada*.

Cair na gandaia – Ir para a festa, festejar, divertir-se.

Caixa automático – Multibanco, ATM (Automated Teller Machine). No português de Angola designa-se por “multicaixa”.

Caixa de câmbio (do carro) – Caixa de velocidades (do carro).

Caixa dois – *Saco azul* [refere-se a recursos financeiros não contabilizados e não declarados ao fisco].

Caixa eletrônico – Multibanco, ATM (Automated Teller Machine). No português de Angola designa-se por “multicaixa”.

Calabresa (gastronomia) – Linguiça feita exclusivamente de carne suína, temperada com ingredientes vários e curada, que tem sabor picante característico da pimenta calabresa, submetida ou não ao processo de estufagem ou similar para desidratação e/ou cozimento, sendo o processo de defumação opcional [Instrução Normativa nº 4, de 31 de Março de 2000].

Calçada (de uma rua) – Passeio, calçada.

Calçadão – Passeio largo.

Calcinhas – Cuecas (de senhora). Em português do Brasil “cuecas” são de homem; em Portugal há tendência para utilizar o diminutivo “cuequinhas” para designar cuecas de senhora.

Calundu – Estado de ânimo caracterizado por mau humor, irritabilidade, instabilidade emocional ou nostalgia. Originalmente o calundu correspondia às curas efectuadas por curandeiros, associadas a rituais religiosos animistas. Até ao século XVIII era o termo que designava as práticas religiosas africanas em geral, sendo substituído depois por candomblé. O vocábulo “calundu” tem na raiz o étimo quimbundo “kilundu” = espírito, ser do mundo invisível.

Camafeu – Mulher bonita e elegante, *boazona, borracho, brasa, jeitosa, brinquinho, gira*. Em Portugal, na gíria, o termo “camafeu” aplica-se de forma oposta, isto é, significando mulher feia.

Cambriano (período geológico) – Câmbrico.

Camelô – Vendedor ambulante. O vocábulo “camelô” deriva do árabe “khamlat” ou “khamelat”, tecido rústico de pêlo de camelo e seda, que, com frequência, era comercializado em feiras livres, possivelmente através do francês “camelot” = vendedor ambulante.

Caminhão – Camião.

Caminhão de massa – Muito dinheiro, *pipa de massa*.

Caminhoneira – Homossexual feminina, *fufa, fessureira*.

Caminhoneiro – Camionista. Por vezes, no Brasil, também é chamado “carreteiro”.

Caminhoneta / e – Carrinha, furgão, *pick-up*, camioneta. Em Portugal o termo “camioneta” aplica-se, em geral, a veículos pesados destinados ao transporte de passageiros ou de mercadorias; no Brasil o termo “camioneta” significa veículo ligeiro de carga de uso misto, em que passageiros e carga são transportados em compartimentos separados. No Brasil, “caminhoneta” (ou “caminhonete”) aplica-se, em geral, também a veículos que têm uma cabina para o motorista e mais dois passageiros e uma carroçaria traseira para o transporte de carga, até um peso bruto total de 3.500kg.

Camioneta / e – Carrinha, furgão, *pick-up*, camioneta. Ver “Caminhoneta”.

Camiseta – T-shirt.

Camisola – Camisa de dormir, *baby doll* [anglicismo].

Campervan – Auto-caravana pequena, carrinha (tipo van) modificada para funcionar como um habitação no campismo. O “campervan” distingue-se do “motorhome” por ser mais pequeno. Ver “Auto-caravana”, “Caravana”, “Motorhome”, “Trailer”.

Camundongo – Espécie de rato pequeno, roedor da espécie *Mus musculus*. O termo “camundongo” provém do quimbundo “(o)kamundóngo” = ratinho. Em Angola o termo “Kamundongo” é utilizado de forma pejorativa para designar os habitantes de Luanda.

Canadense – Canadiano.

Câncer – Cancro.

Candomblé (religião) – Religião animista de matriz africana praticada no Brasil, para onde foi levada pelos escravos, e que, devido à proibição da sua prática no passado, acabou por integrar também vários aspectos do catolicismo. O termo “camboblé” refere-se, também, aos locais onde são realizados os cultos desta religião, os quais integram cantos, danças, oferendas e rituais de possessão. No Rio de Janeiro é mais conhecido por “macumba” e no Recife por “Xangô”. O “candomblé” é uma religião monoteísta ligada ao culto das forças da natureza, personificadas na forma de ancestrais divinizados: os orixás e outros. A etimologia do termo não está bem definida, mas é provável que tenha origem em África, talvez no quimbundo “kindungu”, que como adjectivo significa voluptuoso e como substantivo pessoa sensual ou lasciva, e na linguagem popular significa, nas palavras de Assis Júnior (Dicionário Kimbundu – Português, de 1934), “Dança desordenada de indígenas em que há animação e lubricidade”, e/ou no étimo “kandómbé”, nome de uma planta com propriedades medicinais.

Candonga – Acção ardilosa com o intuito de enganar, *trapaça*, estratégia; tem também o significado de lisonja fingida ou falso afecto ou louvor, bem como carinho, meiguice e ternura, e a palavra é ainda aplicada para designar uma pessoa a quem se quer bem, sendo sinónimo de *amorzinho* ou *queridinho*. Em Angola e Portugal o termo “candonga” é usado no sentido de contrabando, mercado negro. Em Cabo Verde e na Guiné-Bissau “candonga” é uma bebida alcoólica feita com água ou sumo de fruta misturada, álcool puro e mel de cana, cuja produção é proibida. Em Cabo Verde são também apelidados de “candongas” os veículos de transporte misto (mercadorias e passageiros), e em Luanda a comunidade estrangeira designa assim as carrinhas para transporte público que funcionam como uma espécie de táxi colectivo (a que os nativos chamam “táxi”), tipicamente pintadas de azul e branco. O termo “candonga” deriva do quimbundo de Angola, possivelmente de “ka” = de, do ou da + “ndênge” = menor, adolescente, fraco, pequeno.

Cangaceiro – Bandoleiro, bandido. Originalmente era um indivíduo que andava no cangaço.

Cangaço – Banditismo do Nordeste do Brasil ocorrido principalmente no século XIX, em que, devido aos grandes proprietários se terem apropriado das melhores terras, mantendo a população rural ao seu serviço num sistema de quase escravatura, e na ausência de empregos alternativos, surgiram grupos armados que vagueavam pela região roubando de preferência o estrato social mais privilegiado; era um modo de subsistência, mas, de certa forma, era também, um protesto perante as injustiças sociais que aí existiam. O cangaceiro mais famoso foi Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938), mais conhecido como “Lampião”, que nos últimos anos viveu com a chamada Maria Bonita. O termo “cangaço” deriva de “canga”, a peça de madeira ou jugo que se aplica no pescoço dos bois, para os emparelhar, significando, portanto, os que de forma violenta se tinham libertado da canga que os grandes proprietários lhes impunham.

Canjiquinha (gastronomia) – Prato típico de Minas Gerais feito com papas de farinha de milho (xerém) preparado com milho triturado grosseiramente, servido com carne de porco; ver “xerém”.

Cantada – Piropo, galanteio, elogio dirigido a uma mulher.

Canudinho (para beber) – Palhinha.

Caolho– Em linguagem informal aplica-se a quem tem estrabismo, como sinónimo de vesgo, estrábico, ou a quem não tem ou é cego de um olho, como sinónimo de zarolho. Etimologicamente, o vocábulo “caolho” é um híbrido, pois que é formado por um termo de origem quimbunda, “ka”, e outro português, “olho”. É frequente ler-se que o termo “ka”, em quimbundo, significaria pequeno. Nos dicionários de quimbundo consultados não encontramos especificamente essa correspondência, mas sim que “ka” é um prefixo diminutivo que assume o mesmo valor nas palavras derivadas do português. Assim, ka+olho significaria “olhinho”, “olho pequenino”, o que poderia fazer certo sentido. No entanto, o prefixo “ka” é, também, indicativo de negação, precede as palavras derivadas do português com o mesmo objectivo. Tal parece fazer mais sentido, pois que, neste caso, ka+olho passaria a significar “não olho”, “sem olho”.

Capa de chuva – Gabardine.

Capanga – Guarda-costas, jagunço, empregado de confiança pago por uma pessoa que quer ser protegida ou ter a sua propriedade vigiada. O termo “capanga” pode designar, ainda, alguém que é pago para assassinar uma pessoa ou para coagir outros a terem determinados comportamentos ou praticarem acções em benefício do mandante. O vocábulo provém do quimbundo de Angola, “kapanga” = laço, presilha, mas que significa também um golpe de luta em que se mete a cabeça do adversário no sovaco, prendendo-o por forma a subjugá-lo.

Capengar – Coxear (termo que também se utiliza no Portugal).

Capital circulante líquido (contabilidade) – Fundo de maneio.

Capixaba – Pessoa natural do estado do Espírito Santo. Originalmente o gentílico aplicava-se aos naturais de Vitória, capital do Espírito Santo, mas depois, por extensão, passou a ser utilizado para todos os naturais do estado. O termo “capixaba” deriva do tupi-guarani, possivelmente de “kõ-pi'-ç'-aba” = lavoura, roça, como alusão às plantações de milho e mandioca que os índios que habitavam a ilha onde actualmente é o município de Vitória aí tinham, que se teria convertido na designação dessas pessoas e teria passado a denominar também os colonos.

Capoeira – jogo acrobático em que se misturam luta e dança, desenvolvido pelos escravos no Brasil colonial, considerada actualmente como sendo uma arte marcial. Tradicionalmente os capoeiristas formam uma roda (a roda de capoeira) cantando e batendo palmas ao ritmo do berimbau, e observando dois adversários defrontarem-se no interior dessa roda, movendo-se num gingado constante, isto é, num movimento ritmado chamado ginga (o meneio base da capoeira) que mantém o corpo relaxado e o centro de gravidade em constante deslocamento. O objectivo principal dos dois capoeiristas que se enfrentam é o de provocar a queda do adversário, em geral com uma rasteira. A “capoeira” parece ter-se originado em finais do século XVI na então Capitania de Pernambuco. O termo “capoeira” deriva do tupi-guarani, possivelmente de “kapuera”, junção de “ka'a” = “mata” + “pûera” = “que foi”, significando, portanto, “o que já foi mata”, ou de “koópura”, palavra formada por “koó” = “roça” + “pûera” = “que foi”, aludindo a uma roça abandonada. Na realidade, o termo “capoeira” com este sentido cedo aparece dicionarizada: por exemplo, Moraes Silva, em 1831, define-a como “mata talhadiça que se roça ou derriba para lenhas ou lavouras na terra”; assim, o nome da luta / dança parece ter derivado das áreas que cercavam as grandes propriedades rurais do Nordeste, chamadas “capoeiras”, onde os escravos praticavam, às escondidas, esta luta.

Caqui (fruto) – Dióspiro.

Cara – Pessoa, indivíduo, *tipo, gajo*.

Cara de tacho – Expressão facial feita no momento em que se passa por uma inconveniência ou indiscrição, *ficar sem graça*.

Cara-de-pau – Descarado, sem vergonha, *com muita lata*.

Caraca – Interjeição que expressa surpresa, espanto ou desapontamento, *caramba, caraças*. No Brasil “caraca” substituiu “caramba”, considerado por muitos termo antiquado.

Caranguejo (gastronomia) – No Brasil consomem-se várias espécies de caranguejos (ordem *Decapoda*, que significa dez pés, pois têm cinco pares de patas), a maior parte dos quais provém dos manguezais ou zonas periféricas. Ao contrário do que se verifica em Portugal, não é costume encontrar no mercado ou nos restaurantes caranguejos marinhos de profundidade. No Brasil, principalmente no Nordeste e Norte, milhares de famílias sobrevivem da captura e venda de caranguejos e, normalmente, estes, após serem apanhados, são amarrados juntos (enfieirados), permanecendo vivos durante várias horas ou mesmo dias desde que vão sendo molhados, o que permite o seu transporte e venda possa ser feita mesmo a várias dezenas de quilómetros para o interior. No Brasil costuma-se diferenciar caranguejos e siris por estes apresentarem, ao contrário daqueles, um prolongamento de cada lado da carapaça, que, por vezes, adquire forma de espinho lateral bem pronunciado, e terem o último par de patas é mais largo e achatado, formando estruturas que funcionam como remos ou nadadeiras, o que lhes confere a capacidade para nadar, coisa que os outros caranguejos não conseguem. Entre os caranguejos mais apreciados estão os siris (da família *Portunidae*), os uçás (*Ucides cordatus*), os guaiamus (*Cardisoma guanhumi*) e os aratus (*Aratus pisonii* ou *Goniopsis cruentata*) e, com frequência, comer caranguejos é um ritual colectivo, por vezes designado por “caranguejada”, caracterizado pela informalidade.

Carapanã – Nome dado na Região Norte do Brasil aos mosquitos sugadores de sangue, nomeadamente os dos géneros *Anopheles* e *Aedes*, que são vectores da dengue, da malária e de várias outras doenças.

Carbonífero (período geológico) – Carbónico.

Carcar – Ter relações sexuais, *dar uma queca, pinocar*.

Cardápio – Ementa. Em Portugal também se usa o termo “cardápio”, mas o mais vulgar é “ementa” ou “menu”.

Cardigã (vestuário) – Casaco de malha; peça de roupa, de malha e com abertura frontal, geralmente com decote em bico e com mangas, que se fecha com botões ou com fecho de correr (fecho éclair). O nome “cardigã” deriva do conde de Cardigan, que comandou as tropas britânicas na Guerra da Criméia, que, para se manter aquecido no clima frio da região, usava por baixo do uniforme militar, um colete de lã precursor do cardigã moderno.

Careta – Pessoa fora da moda, pessoa retrógrada, conservador, *pessoa quadrada*.

Carimbo – Carimbo. O termo existe nos dois países com o mesmo significado, mas nas outras línguas europeias expressa-se por étimos diferentes, muitos deles com raiz latina. Em quimbundo, além de ter outros significados (largo, praça), “kirímbu” (plural “Irimbu”) era uma cicatriz ou escarificação utilizada como sinal de pertença a uma etnia ou clã. No período do tráfico negreiro, os escravos africanos, antes de serem embarcados, eram marcados com um ferro em brasa, marca essa que passou também a ser designada por “kirímbu”; com o tempo, a palavra foi incorporada na língua portuguesa, passando a

qualificar o acessório utilizado para marcar escravos e, depois, o instrumento que fazia marcas (por exemplo, num papel) e mesmo as próprias marcas (carimbos). No norte do Brasil “carimbo” é, também, a marca feita a fogo numa rês, para identificar o seu proprietário.

Carimbó (gênero musical) – O “carimbó” é uma sonoridade de procedência indígena (tupinambá), misturada com elementos musicais da cultura africana (percussões típicas dos negros) e portuguesa (estalar dos dedos e palmas). Esta dança, tipicamente de roda, teve origem, no século XVII, na região de Belém do Pará. Originalmente, a música era constituída pelo som de tambores feitos de troncos de árvores, que eram tocados utilizando apenas as mãos, acompanhados por outros instrumentos, como o reco-reco, a viola, o banjo, a flauta e as maracas, cujo conjunto produziam uma musicalidade original e voluptuosa. Em finais do século XIX esta música e dança foram, de certa forma, proibidas: o artigo 107.º da Lei provincial n.º 1 208, de 5 de Maio de 1880 (que trata do código de posturas para a Câmara Municipal de Belém) estipulava que passava “a ser proibido, sob pena de 30 000 réis de multa: § 1.º Fazer bulhas, vozerias e dar altos gritos sem necessidade; § 2.º Fazer batuques ou samba; § 3.º Tocar tambor, corimbó ou qualquer instrumento que perturbe o sossego durante a noite. Entretanto, este estilo de música e de dança foi evoluindo, tendo inspirado decisivamente o nascimento da “lambada”. Desde 2014 que o “carimbó” integra o Património Cultural Imaterial do Brasil. o étimo “carimbó” deriva do tupi-guarani “curimbó” que designava um tambor indígena, comprido, feito de tronco oco de árvore, com uma das extremidades coberta, com pele.

Carioca – Pessoa nascida na cidade do Rio de Janeiro. O gentílico “carioca” provém do tupi, possivelmente de “kari” = branco + “oka” = casa, embora o termo tenha começado a ser aplicado porque a água que a população utilizava era a do rio Carioca.

Carlitos (personagem de Charles Chaplin) – Charlot.

Carnaúba – Também chamada carnaúbeira, é o nome vulgar da palmeira *Copernicia prunifera*, que pode atingir mais de 4 m de altura. E que é endémica do semi-árido, principalmente do Nordeste brasileiro, sendo a árvore que simboliza o estado do Ceará. Além de outras aplicações, a carnaúba é conhecida, principalmente, pela cera que se extrai das suas folhas, as quais, depois de cortadas, são deixadas a repousar, e é quando estão quase secas que, por batedura, se obtém a cera que reveste as células epidérmicas das folhas. Originalmente, a cera de carnaúba era utilizada, principalmente, para a fabricação de velas, mas, a partir de finais do século XVIII, começou a ter amplas aplicações industriais. Determinadas características, nomeadamente o ponto de fusão que é bastante maior que o de outras ceras (da ordem de 78°C), o facto de ser muito dura e o da não ser facilmente solúvel em água, conferem-lhe propriedades muito apreciadas pela indústria (tendo aplicação em pisos de casas, no polimento de automóveis, em tintas e vernizes, na fabricação de medicamentos e muitas outras. Embora esta cera, em várias dessas aplicações, ter vindo a ser substituída por ceras sintéticas, continua a ser um produto ainda bastante utilizado. Uma das aplicações, que os consumidores geralmente desconhecem, é na conservação das frutas: é nelas aplicada sob forma dissolvida, formando uma película protectora que, além de dar um aspecto brilhante aos frutos, impede a oxidação e evita a perda de líquido por evaporação. O termo “carnaúba” deriva do tupi “karana’iwa”, que significava árvore do caraná.

Carne de boi (culinária) – Carne de vaca.

Carne de sol (gastronomia) – Carne seca típica do Nordeste brasileiro, cuja produção teve início, provavelmente, no Ceará. Apesar do nome, esta carne, depois de salgada, é seca e

desidratada em local coberto e ventilado, num processo rápido que deixa o interior húmido e macio, e com baixa concentração de sal. É diferente do charque e da carne seca, que são mais salgadas e menos húmidas. A pecuária de gado bovino era bastante intensa no Ceará, mas o principal objectivo era a produção de couros, que eram exportados, o que deixava grandes quantidades de carne inaproveitada. A produção de carne de sol surge, assim, no século XVII (ou mesmo XVI) como forma de aproveitamento de um subproduto.

Carne moída – Carne picada.

Carona – *Boleia*.

Carreteiro (gastronomia) – O arroz carreteiro, vulgarmente designado simplesmente por carreteiro, é um prato típico do sul do Brasil. Tem como base um refogado em banha de charque, carne de sol ou carne seca desfiada com cebola e alho picados, juntando-se depois o arroz e a água. Originalmente, era uma comida característica dos carreteiros ou tropeiros que, nas suas viagens, coziam, numa panela de ferro, o arroz com a carne. Também é chamado de arroz tropeiro.

Carros leves – Carros ligeiros

Carteira de identidade – Bilhete de identidade.

Carteira de motorista – Carta de condução.

Caruru (gastronomia) – Além de designar várias plantas, umas daninhas, outras comestíveis, “caruru” é, também, um prato típico da Bahia e de outros estados do nordeste e do Norte do Brasil, com origem africana, preparado com quiabo, camarão seco e peixe, temperado com cebola, piri-piri, amendoim e outros condimentos, regada com óleo de palma. A etimologia de “caruru” é controversa, podendo derivar do termo africano “kalalu” = determinado tipo de folhagem ou do tupi “caá-riru” = erva de comer.

Casquinha de siri (gastronomia) – Petisco muito popular no Brasil, típico da gastronomia baiana, que consiste na carne de siri triturada com tomate, cebola, óleo de dendém, pimenta e outros ingredientes, normalmente servida na casca do próprio caranguejo.

Cassino – Casino.

Catado de caranguejo (gastronomia) – Carne de caranguejo limpa das cascas, de onde provém a designação de “catado”. Há muitas formas de o preparar, utilizando ingredientes diversos e diferentes formas de o servir; consoante o tipo de caranguejo, assim se fala em “catado de siri”, “catado de aratu”, “catado de guaiamu”, etc.

Catador (de lixo) – Pessoa que sobrevive da separação e comercialização dos materiais recicláveis existentes no lixo urbano, como alumínio (e.g., latas de refrigerantes), vidro (e.g., garrafas) e papelão.

Catador de caranguejo – O que apanha caranguejos, também chamado de caranguejeiro e mariscador. No Brasil, são milhares as famílias que dependem desta árdua actividade. Como a maioria dos caranguejos consumidos nesse país provém dos manguezais, estes catadores têm que se enterrar no lodo para os poderem apanhar. O escritor Josué de Castro (1908-1973) descreveu bem esta profissão no livro “Homens e Caranguejos”, ao dizer que “A impressão que eu tinha era que os habitantes dos mangues (...) à medida que iam crescendo, iam cada vez se atolando mais na lama. Parecia que a vegetação densa dos mangues, com seus troncos retorcidos, com o emaranhado de seus galhos rugosos e a densa rede de suas raízes perfurantes os tinha agarrado definitivamente como um polvo,

enfiando tentáculos invisíveis por dentro de sua carne, por todos os buracos de sua pele: pelos olhos, pela boca, pelos ouvidos”.

Catatau – Mexerico, bisbilhotice, *discussão*, falatório. Pode designar, também, livro muito volumoso, *calhamaço*. Pode ser aplicado, ainda, no sentido de muito, em grande quantidade, *bué de*, *catrefada*, *à beça*, *paletes de*, *a dar com um pau*, *milhentas*.

Catinga – Odor corporal, cheiro desagradável. Na gíria brasileira pode significar também avarento, *sovina*. O termo “catinga”, com o sentido de odor corporal, é também utilizado em Angola, podendo ter origem no quimbundo; porém, é também possível que tenha derivado do tupi “katinga” = mau cheiro, fedor.

Cavalona – Mulher bonita e elegante, *boazona*, *borracho*, *brasa*, *jeitosa*, *brinquinho*, *gira*. Em Portugal, na gíria, o termo “cavalona” tende o sentido oposto, significando mulher grande e desajeitada.

Cavanhaque (barbicha) – Pêra [barba crescida no queixo e barbeada nas bochechas].

Celular – Telemóvel.

Cerrado – Mata tipo savana, de vegetação xerófila, arbustos dispersos, pequenas árvores e cobertura herbácea quase contínua, característica *grosso modo* do Planalto Central brasileiro, que se dispõe mais ou menos com orientação SW-NE, estendendo-se desde Mato Grosso do Sul e Paraná até à parte meridional do Maranhão. Por vezes, o “cerrado” dá lugar ao “cerradão”, área caracterizada preferencialmente por espécies vegetais do “cerrado” propriamente dito juntamente com outras típicas de floresta não inundável, formando uma mata densa e fechada, em que as árvores chegam a atingir 15 metros de altura e a luminosidade que chega ao solo é reduzida. É possível que o termo “cerrado” derive do verbo cerrar = fechar, tendo sido aplicado à mata fechada actualmente designada por “cerradão” e depois, por extensão, ao “cerrado” propriamente dito.

Chá-mate – Bebida tradicional do sul da América do Sul (incluindo o sul do Brasil), que é uma infusão de folhas da árvore *Ilex paraguariensis*, nativa da mata atlântica, que pode ser servida quente ou gelada. Para serem utilizadas com esta finalidade, as folhas são seca e trituradas, tal como para o chimarrão, mas depois são até ficarem com um tom acobreado. O chá-mate, tal como o chimarrão e o tereré, têm teores de cafeína elevados. Por vezes, de forma errónea, utiliza-se o termo chá-mate como sinónimo de chimarrão. Ver “Chimarrão”, “Congonha”, “Tereré”.

Chácara – Propriedade rural, quinta, casa de campo, fazenda, monte (principalmente no Alentejo). O termo “chácara” provém do quíchua (família de línguas indígenas da América do Sul) “chacra” = horta, quintal.

Chapeiro (de carros) – Bate-chapas

Chapeuzinho vermelho – Capuchinho vermelho

Chapinha – Tampa de garrafa de refrigerante, *carica*.

Charque (gastronomia) – Carne salgada e seca ao sol, num processo diferente do adoptado para a carne de sol, que acabou por se tornar típica do Rio Grande do Sul. O charque é mais salgado e menos húmido do que a carne de sol. O processo de conservação da carne por salga e secagem iniciou-se no Nordeste, onde havia intensa pecuária de gado bovino, e este tipo de carne era geralmente destinado à alimentação dos escravos das plantações de cana de açúcar. Porém, as secas, principalmente a de 1777 (a chamada “seca dos três setes”, que se prolongou até 1779), provocaram a morte das manadas, conduzindo a grave uma crise económica e social na região, e, portanto, ao colapso da conservação da carne.

Todavia, o processo acabou por ser adoptado no Rio Grande do Sul, na altura já grande produtor de carne bovina, tendo a primeira “charqueada” (instalações onde é produzido o charque) sido construída em Pelotas, em 1780, por um “retirante” (refugiado da seca) cearense.

Chê (no Rio Grande do Sul) – Vocativo utilizado no Rio Grande do Sul, equivalente ao “pá” em Portugal; parece ser herdado dos países de língua espanhola.

Cheque borrachudo – Cheque sem fundos, *cheque careca*.

Chicle / chiclete – Pastilha elástica. Em Portugal o termo “chiclete”, derivado da marca “chicklet”, também é usado, mas está em acentuado declínio. Nos Açores, principalmente em São Miguel, denominam-se “gamas”, nome derivado do inglês “chewing gum”, nome inglês que, em Angola, deu também origem ao termo “chuinga”, com o mesmo significado.

Chimarrão – Bebida quente típica do sul do Brasil, mas também da Argentina, do Uruguai e de partes da Bolívia e do Chile, que parece ter sido adoptada pelos colonizadores europeus dos costumes dos indígenas que habitavam estas regiões. É feita com as folhas e os ramos secos e triturados da chamada “erva-mate” (*Ilex paraguariensis*), misturados com água quente a cerca de 70°C a 80°C de temperatura. Para preparar esta bebida, de sabor mais ou menos amargo (dependendo da qualidade da erva usada), coloca-se o material vegetal finamente triturado, de cor verde (mais intensa ou mais amarelada), numa “cuia”, vasilha com cerca de 20 cm de altura feita do fruto da cuieira ou do porongo, espécie da cabaça, onde é levemente comprimido. Para a beber, depois de adicionar a água quente introduz-se a “bomba” ou “bombilha”, ou seja, um tubo com 6 a 8 mm de diâmetro e cerca de 25 cm de comprimento, com frequência de prata, que na parte inferior tem um filtro arredondado, do tamanho de uma moeda, cuja função é impedir a entrada de fragmentos de erva, e, na parte superior, um bocal um pouco achatado, por vezes revestido a ouro, para evitar a oxidação. Tradicionalmente, o chimarrão é uma bebida colectiva, isto é, a cuia é passada (sempre com a mão direita) sucessivamente entre todos os elementos do grupo, hábito que parece derivar da tradição indígena de partilhar a bebida em rituais comunitários. O costume quotidiano de beber chimarrão continua, actualmente, a estar bastante arraigado nas populações do sul da América do Sul, sendo muito frequente ver, em qualquer lugar, pessoas com a cuia na mão, bebericando a infusão, e o termo (garrafa térmica) debaixo do braço para ir deitando mais água quente. Embora pareça haver certa unanimidade sobre a palavra “chimarrão” como aportuguesamento do espanhol “cimarrón”, a etimologia é um pouco controversa. Para alguns autores, designavam-se por “cimarrón” os animais que se criavam soltos, de forma selvagem, bem como as cabeças de gado que fugiam das fazendas para o mato e se tornava selvagem, sendo o termo aglutinação de “cima”, que se referia às regiões altas e pouco acessíveis, onde era difícil recuperar o gado, e de “marrón”, vocábulo que significava selvagem, amargo, bárbaro, bruto, começando a ser aplicado à “erva-mate” porque esta tinha sabor amargo, bárbaro. Para outros autores, a designação teria começado a ser atribuída no século XVI, na época em que produção e consumo de erva-mate foi proibida (os jesuítas apelidavam-na de “erva do diabo”), tendo-lhe sido associada a palavra castelhana “marrón”, que significava também clandestino, juntamente com o local de proveniência, que frequentemente era Serra Acima (no Paraná). Ver “Bombilha”, “Cuia”, “Erva-mate”, “Poronga”.

China – Regionalismo do sul do Brasil para prostituta.

Chope, chopp – Cerveja à pressão, *fino, imperial*. O termo brasileiro “chope” deriva do alemão “schoppen”, que significava uma medida de volume equivalente a 300 ml; como

era essa a quantidade de cerveja à pressão preferida pelos clientes, o termo “chopp” passou a designar, também, essa bebida, tendo assim sido importado para o português do Brasil.

Choro ou **chorinho** (gênero musical) – Chorinho é como é popularmente designado o género musical “choro”, que surgiu no Rio de Janeiro em meados do século XIX, e que, para muitos, é considerado como a primeira música urbana tipicamente brasileira. Com uma génese que tem alguns paralelismos com a do samba, adquiriu o nome pela forma lamentosa e chorosa com que era tocada, não obstante ser caracterizado por uma musicalidade inquieta e eufórica. Originalmente, os grupos eram normalmente constituídos por “chorões”, trios compostos por flauta (que tocava os solos), por violão (que correspondia ao contrabaixo), e por cavaquinho (responsável pela harmonia musical), a que se podiam juntar outros instrumentos, como o pandeiro. Uma das características do choro é a excepcional habilidade dos instrumentistas, com grande poder de improvisação, o que, em certo sentido, remete para Jazz. Ver “Choro”, “Lundu”, “Maxixe”.

Chula (baiana) – Também designado por “samba chula”, é uma modalidade do samba de roda típico do Recôncavo baiano. Nesta forma musical e coreográfica, uma dupla de cantadores exhibe-se, enquanto outra dupla, reforçada pelo coro das mulheres, responde um verso menor, o “relativo”, que “arremata” a chula. Nessa altura, ninguém entra na roda para sambar, esperando os homens acabem de cantar e comece a parte instrumental com solos de viola e da percussão. A “sambadeira” dança com passos miudinhos “peneirando” e percorre toda a roda até dar uma umbigada noutra sambadeira, que entrará em acção na próxima chula. Para alguns autores, a “chula baiana” teria como raiz a chula do Alto Douro, em Portugal. Porém, para outros, o nome derivaria do facto destas canções e danças serem executadas por gente da mais baixa condição social, isto é, por gente “chula”.

Chula (gaúcha) – Dança típica do Rio Grande do Sul, que derivou da chula do Alto Douro, em Portugal. Trata-se de uma dança ao desafio praticada preferencialmente por homens: no chão é colocada uma vara de madeira com 2 ou 3 metros de comprimento, a “lança”, colocando-se os dançarinos nas suas extremidades e, ao som da gaita gaúcha, vão exibindo as suas qualidades coreográficas, através de movimentos gestuais e sapateados, avançando e recuando, cada um tentando demonstrar que é melhor do que o outro. Antigamente, esta dança era praticada em bailes mas, actualmente, subsiste apenas em festas tradicionais.

Chulo – Rude, vulgar, grosseiro, ordinário, obsceno.

Chulo (linguajar) – Calão, linguagem rude, grosseira, ordinária, obscena.

Chumbinho (gastronomia) – Nome que muitas vezes designa o bivalve *Anomalocardia brasiliiana* (da família *Veneridae*), também apelidada, entre outras, pelas designações de amêijoia, berbigão, marisco e outros nomes, que tem ampla ocorrência no litoral brasileiro, e é dos mariscos mais apreciados no Brasil. Ver “Amêijoia”.

Chupeta – Chucha. Os dois termos existem em ambas as versões de português, mas no Brasil é mais vulgar utilizar “chupeta”, enquanto em Portugal se emprega mais o termo “chucha”.

Chuteiras (futebol) – Botas de futebol.

Chuvarada – Chuvada, carga de água, aguaceiro.

Ciboulette (culinária) – Cebolinho.

Cigalheiro – *Agarrado, avarento, forreta, somítico, sovina.*

Cílios – Pestanas.

Ciranda (gênero musical) – A “ciranda” é uma bem conhecida cantiga de roda infantil, provavelmente de origem portuguesa, mas é, também, um tipo de dança e de música de adultos, também de roda, criada em Pernambuco, muito provavelmente na ilha de Itamaracá, no litoral norte do estado. É possível que a sua génese radique na adaptação e recriação do ritmo prévio, efectuado pelas mulheres dos pescadores que se juntavam na praia, cantando e dançando, enquanto esperavam o seu regresso do mar. Por isso, os passos, que acompanham canções suaves e melódicas, imitam os movimentos do mar e das ondas. Depois, adquiriu a forma de dança comunitária, em que se constitui uma grande roda, geralmente nas praias ou praças, onde os integrantes, sem distinção de sexo, cor, idade ou condição social, dançam ao som do ritmo lento e repetitivo. Ao princípio, a roda pode ser pequena, mas como não há limite para o número de participantes, vai aumentando à medida que mais pessoas chegam para dançar, que para tal abrem o círculo e seguram nas mãos dos que já estão dançando. O ritmo, lento, é marcado pelo toque grave da zabumba (instrumento musical de percussão, de formato cilíndrico, feito de madeira, e forrado com pele de couro, que é provável que tenha sido levado para o Brasil a partir de Portugal, onde tradicionalmente acompanha músicas populares, como a chula), que é acompanhado por outros instrumentos de percussão, como o tarol, o ganzá, o pandeiro e as maracas, podendo haver intervenção da cuíca, da sanfona e de instrumentos de sopro. O étimo “ciranda” parece provir do verbo árabe “cernare”, que além significar distinguir, discernir e decidir, tem também o sentido de passar pelo crivo, peneirar, separar, que, através do moçárabe “saránd” ou “çaránd”, equivalente a peneira ou crivo, teria chegado ao português sob a forma de “ciranda” que corresponde a uma peneira com orifícios largos.

Claras em neve (gastronomia) – Claras em castelo.

Classificatória – Prova de classificação, classificativa.

Coalhada (gastronomia) – Requeijão.

Coalizão – Coligação.

Cocô – Cocó.

Cocoréu (no Rio de Janeiro) – Briga, conflito.

Codorna – Codorniz.

Cofrinho – Mealheiro.

Colar o velcro – Sexo lésbico, *bater pratos, fazer fressura.*

Colarinho – Espuma que fica no alto do copo de cerveja à pressão.

Coleta de lixo – Recolha de lixo.

Colocar no fogo (culinária) – Por no lume.

Comentarista – Comentador.

Comercial (de TV) – Anúncio (e.g. de TV).

Compensado de madeira – Contraplacado.

Comunidade – Favela, bairro, *cortiço* (nalgumas regiões do Brasil, embora originalmente estes fossem bairros operários), vila (denominação predominante no Rio Grande do Sul). A tendência para designar as “favelas” como “comunidades” é relativamente recente.

Concreto – Betão. Em Portugal também se utiliza o termo “concreto”.

Concreto armado – Betão armado.

Confusão – Balbúrdia, *caldeirada*, confusão, desordem, mixórdia, pandemónio, *regabofe*.

Congonha – Também conhecida popularmente por erva-mate, é o produto obtido com a secagem e trituração das folhas de árvore *Ilex paraguariensis*, nativa da mata atlântica, usado na preparação de infusões, como o chimarrão e o chá-mate. Ver “Chimarrão”, “Erva-mate”.

Congresso Nacional Brasileiro – Parlamento brasileiro, equivalente à Assembleia da República.

Contador – Contabilista. Em Portugal “contador” designa o aparelho para verificar o consumo de água, electricidade ou gás.

Contêiner – Contentor.

Controle remoto – Telecomando.

Conversível (carro) – Descapotável.

Coronel – Líder político, *cacique*, *maioral*, *mandão*, *manda-chuva*.

Coronelismo – Caciquismo [originalmente “coronelismo” foi um sistema político e social baseado no poder dos coronéis latifundiários do interior do Brasil, vigente durante a Primeira República (1889-1930)].

Cortiço - Bairro de lata. Embora, originalmente, os “cortiços” fossem bairros operários, o termo é aplicado nalgumas regiões do Brasil com a conotação de bairro de lata.

Costela / costelinha (culinária) – Entrecosto.

Costume (vestuário) – Fato simples (sem colete).

CPF (Cadastro de Pessoa Física) – NIF (Número de Identificação Fiscal), número de Contribuinte.

Creme de espinafres (culinária) – Esparregado.

Creme de leite – Natas.

Cretáceo (período geológico) – Cretácico.

Criado-mudo – Mesa de cabeceira.

Crocodilar – Enganar alguém, *endrominar*, *enfiar o barrete*, *enfiar o garruço*, enganar, intrujar.

Crosta (do pão) – Côdea.

Cuequinhas de bebê – Fraldas.

Cuia – Também designada por cuieté, cuitê e outros nomes, e popularmente conhecida por cabaça, é o nome do fruto da cuieira (*Crescentia cujete*), embora o termo “cuia” seja também aplicado ao fruto do porongo (*Lagenaria siceraria*). A cuieira (*Crescentia cujete*) é uma árvore pequena, com 4 a 6 m de altura, originária da América Central, e que foi há muito introduzida na região norte do Brasil, tendo-se dispersado actualmente

até à região Sudeste. Os frutos, também apelidados de cabaça de árvore, são grandes e esféricos, com mais de 20 cm de diâmetro. Depois de maduros e de lhes ter sido retirado o conteúdo interno, servem de vasilha. São frequentemente usados para fazer recipientes para tomar chimarrão, os quais ficaram, também, com o nome de “cuia”, e para servirem de caixa de ressonância dos berimbaus. O termo “cuia” derivou do étimo da língua tupi “ku’ya” = vasilha, recipiente, fruto da cuieira. Ver “Porongo”, “Chimarrão” e “Berimbau”.

Cuíca – Instrumento musical constituído por uma pele bem esticada na parte superior de uma caixa em forma de barril, em cuja parte central interior está presa uma vara que, ao ser friccionada com um pano húmido ou com o polegar, o indicador e o dedo médio da mão, faz vibrar a pele, produzindo um som rouco característico, mais ou menos agudo, ritmado, que fazem lembrar grunhidos, gemidos, soluços e guinchos. Embora tenha forma de tambor e seja geralmente considerado um instrumento de percussão, não é percutido, sendo antes um instrumento musical de fricção membrafone. Foi introduzido no Brasil por escravos africanos, provavelmente de Angola, e desde as décadas iniciais do século XX que é de uso geral nas escolas de samba durante o carnaval. A etimologia do termo “cuíca” não é evidente: pode ter derivado do tupi “ku’ika” que significava espécie de rato grande com o rabo muito comprido, ou do quimbundo “kipúita” ou “púita”, que referia um instrumento análogo à cuíca. Na página 29 do “Ensaio de Dicionario Kimbúndu-Portuguez”, de J. D. Cordeiro da Mata, publicado em 1893, encontra-se o verbete seguinte: “Kipúita, s. Um cylindro ôcco, tendo um só tympano e, ao meio d’este pelo lado interno, presa uma haste de pau, sobre a qual se passa a mão bem lavada e molhada, para produzir saltos, que vão trinar o som do tympano”.

Cuietê – Fruto da cuieira (*Crescentia cujete*), também apelidado de coité, cuieté, cuité, cuitê e cabaça de árvore, que, de lhe ter sido retirado o conteúdo interno, pode ser utilizado como vasilha. São frequentemente usados para fazer recipientes para tomar chimarrão e para servirem de caixa de ressonância dos berimbaus. O termo “cuietê” deriva do tupi “ku’ya” = vasilha, recipiente, fruto da cuieira + “etê” = sufixo que dá o sentido de valor, legítimo, genuíno, verdadeiro; portanto, a expressão “kuy’a e’tê”, significava vasilha genuína ou cuia verdadeira. Ver “Cuia”, “Chimarrão” e “Berimbau”.

Cultivar (a terra) – Agricultar, lavrar, amanho a terra. Embora, no Brasil, se use mais a palavra cultivar, em Portugal ambos os termos (agricultar e cultivar a terra) são utilizados como sinónimos. O vocábulo “cultivar” radica no verbo latino “colēre” na acepção de tratar da terra, através do latim medieval “cultivare”.

Curativo – Penso, mas designa também o tratamento, ou seja, o conjunto de meios utilizados para a cura ou o alívio do doente.

Curral – Além do significado comum (lugar cercado em que se junta e recolhe o gado), no Brasil é, também, uma armadilha de pesca construída com varas de madeira cravadas no fundo, em regiões de mar tranquilo e de baixa declividade. As partes principais deste tipo de armadilhas são espias ou asas (que direccionam o peixe para o interior do curral) e o chiqueiro, depósito ou salão (compartimento que armazena o peixe até ser retirado na baixa-mar). A instalação de currais de pesca no Brasil remonta, pelo menos, às décadas finais do século XVI, sendo já referidos, em 1587, por Gabriel Soares de Souza na “Descrição da Costa do Brasil”: ao descrever a barra principal da Bahia, diz o autor (em ortografia actualizada) que “(...) a qual barra tem de terra a terra duas léguas, e tanto dista da ponta do Padrão à terra de Taparica, como à ponta onde está o curral de Cosme Garção, que é mais saída ao mar; e, mais à frente, escreveu que “Da barra de Juquirijape ao curral de Sebastião da Ponte serão cinco léguas ao longo do mar, tudo despovoado em

feição de enseada, (...). Este curral de Sebastião da Ponte está em uma ponta saída ao mar com o rosto no morro de Tinharé, do qual vai fugindo a terra para dentro, fazendo uma enseada até a rio Una (...). A etimologia do vocábulo “curral” é discutível, mas, segundo alguns autores, pode provir do latim “currere” = correr, através do étimo “curro” = corrida, talvez porque os animais, muitas vezes, são tocados rapidamente para esses cercados. A acepção de “curral” como armadilha de pesca deve ter-se originado porque os peixes, após entrarem na armadilha, são aí mantidos até serem retirados, à semelhança do que acontece com os currais para o gado.

Curry – Caril. No Brasil usa-se o termo inglês “curry”, sem aportuguesamento, o qual deriva da anglicização da palavra tamil “kaṛi” = molho.

- D -

da gema – *de gema, dos quatro costados*, autêntico, genuíno, legítimo, puro. No Brasil, embora seja usado também como em Portugal, tende a ter aplicado às pessoas que nasceram na capital de qualquer um dos Estados da Federação dos Estados Brasileiros. É muito provável que esta locução tenha surgido como alusão à gema do ovo (ou do óvulo), a sua parte nuclear a partir da qual se desenvolve o novo ser.

Dama – Na gíria de alguns estados brasileiros, como nos do Nordeste e em Minas Gerais, significa *mulher fácil*, prostituta.

Dar descarga (do vaso sanitário) – Puxar o autoclismo.

Dar o couro às vacas – Morrer, falecer, *esticar o pernil, ir para a quinta das tabuletas, ir para a quinta dos pés juntos, quinar, dar o peido mestre*.

Dar o doce – Casar ou passar a viver maritalmente, *juntar os trapinhos*.

Dar uma de João sem braço – Fazer de conta que se desconhece a situação, *fazer-se de mula*.

Dar zebra – Dar asneira, dar errado, *dar azar, dar raia, ser um fiasco*, dar errado.

DDD (discagem direta a distância) – Indicativo telefónico.

Debuxo – Esboço.

Decolar (e.g. um avião) – Levantar voo, decolar.

Dedetizar – Aplicar insecticida. O termo “dedetizar” provém de DDT, sigla de diclorodifeniltricloreto, composto químico de efeitos insecticidas, que foi o primeiro pesticida moderno. As propriedades insecticidas do DDT foram descobertas em 1939, tendo rapidamente passado a ser muito usado em todo o mundo; porém, devido a ser bastante perigoso para a saúde humana, a ter grande longevidade química, e a acumular-se na cadeia alimentar, na década de 1970 o seu uso foi proibido em vários países (em Portugal em 1973 e no Brasil em 2009).

Dedo duro – Denunciante, delator, *bufo, chibo*.

Dedurar – Denunciar, *chibar*.

Defumado (gastronomia) – Fumado.

Delegacia policial – Esquadra de polícia.

Demanda (contabilidade) – Procura.

Demitido (do emprego) – Despedido.

Dendê (culinária) – Dendém, fruto da palmeira *Elaeis guineensis*, originária da costa ocidental africana. O étimo “dendém” provém do quimbundo “ndénde” que significa o fruto dessa palmeira.

Dengo – Carícia, sobretudo a que é feita com os dedos no couro cabeludo. O termo “dengo” deriva do quimbundo de Angola “ndengue” =doçura. Embora, em Portugal, a palavra “dengo” não seja normalmente utilizada, são-no os seus derivados, como “dengosa” e denguiço”.

Descabelar o palhacinho – Ter relações sexuais, *dar uma queca, pinocar*.

Descarga (do vaso sanitário) – Autoclismo.

Desenhista – Desenhador.

Despencar (no Rio de Janeiro) – Fugir, *pôr-se na alheta*.

Despesas (contabilidade) – Gastos, custos.

Dilatação do prazo – Alargamento do prazo.

Direito trabalhista– Direito laboral. Ver “trabalhista”.

Dirigir (o carro) – Conduzir.

Do tempo da onça – *Do tempo da Maria Cachucha*. A expressão “do tempo do onça” (deve ser “do”) é uma referência a Luiz Vahia Monteiro, governador da capitania do Rio de Janeiro entre 1725 e 1732, que constantemente se desentendia com religiosos e políticos, pelo que lhe puseram o alcunho de “onça”; assim, a expressão “é do tempo do onça” expressa algo fora de moda ou de propósito.

Doçaria – Pastelaria.

Dormitórios (de uma habitação) – Assoalhadas de uma casa, divisões de uma habitação, não considerando a cozinha, o banheiro e compartimentos para arrumações.

Doutorado– Doutoramento.

Dublagem (de um filme) – Dobragem.

Dublê (e.g. de um actor de cinema) – Duplo.

Ducha – Duche (em Portugal é um étimo masculino e no Brasil feminino), chuveiro. O termo “duche” / “ducha” provém do latim “ductio” = conduta, através do italiano “doccia” = jacto de água, chuveiro.

Durex – Fita-cola. “Durex” é uma marca registada que comercializa vários produtos, entre os quais fita-cola e preservativos; no Brasil este termo passou a designar genericamente a fita-cola; em Portugal este nome tende a estar associado a preservativos.

- E -

Embaçar – Não fazer esforço, não fazer nada, *fazer cera*.

Embasar – Basear.

Embrulhada – *Embrulhada, armar um trinta e um*.

Empanado (gastronomia) – Panado.

Empanar (gastronomia) – Panar.

Encanador – Canalizador, picheleiro (no Porto).

Encarnado – Vermelho, encarnado. Tanto em Portugal, como no Brasil, são geralmente usados como sinónimos, embora “encarnado” se refira à cor vermelha escarlate da carne fresca ou do sangue, e “vermelho” ao carmim ou escarlate, tinta escarlate extraída da cochonilha (piolho-dos-vegetais). A partir da Comuna de Paris, em 1871, o vermelho passou a ser conotado como a cor da esquerda revolucionária. Em Portugal, e também no Brasil, no período da ditadura, evitava-se a utilização do termo “vermelho” devido à sua conotação com os comunistas, embora a “Cruz Vermelha” tivesse mantido sempre o mesmo nome. Em Portugal associa-se o termo “encarnado” ao clube de futebol Sport Lisboa e Benfica.

Encher o saco – Chatear, importunar, *fazer perder a paciência*.

Endereço – Morada. Os dois termos são usados em ambos os países, mas é mais frequente a utilização de “endereço” no Brasil e de “morada” em Portugal.

Enforca-gato – Abraçadeira plástica, tira de plástico flexível usada para fechar hermeticamente alguma coisa, garantindo sua inviolabilidade.

Engaço (nalgumas regiões do Brasil) – Ancinho. Engaço é um regionalismo de Trás-os-Montes exportado para o Brasil, termo que é ainda utilizado nalgumas regiões.

Entender – Entender, compreender. Embora estes verbos sejam usados em ambos os países, o de utilização mais frequente no Brasil é “entender”, e em Portugal é “perceber”.

Entorpecentes – Estupefacientes.

Erva-mate – Também conhecida popularmente por mate e por congonha, corresponde ao produto obtido com a secagem e trituração das folhas de uma árvore nativa da mata atlântica, a *Ilex paraguariensis*, usado para preparação do chimarrão, do chá-mate (bebida, quente ou fria, de sabor amargo, semelhante ao chimarrão, mas mais suave) e do tereré (infusão em água fria). A *Ilex paraguariensis*, muitas vezes designada, também, por erva-mate, pode crescer até mais de 10 m de altura, mas, em cultivo, é severamente podada para ficar com menos de 3 m, facilitando-se, assim, a colheita das folhas jovens, consideradas mais nobres e mais apreciadas para preparar as infusões. O termo “mate” derivou do quíchua (família de línguas indígenas sul-americanas ainda hoje falada por vários milhões de pessoas) “mati”, que designava a cuia, isto é, o recipiente onde era bebido o chimarrão. Ver “Chimarrão”, “Congonha”, “Erva-mate”.

Ervas de cheiro (culinária) – Ervas aromáticas.

Escalafobético – Estranho, esquisito, fora do normal, *escanifobético*, *estapafúrdico*, *estrambólico*.

Escanteio (futebol) – Pontapé de canto.

Escapamento de gás – Fuga de gás.

Escardoça – Chuva de granizo.

Escola de direção – Escola de condução.

Escola de motorista – Escola de condução.

Escola maternal – Infantário, creche.

Escondidinho (gastronomia) – Empadão.

Escrivão público – Notário.

Esférico – Bola de futebol.

Esfregação – Sexo lésbico, *bater pratos, fazer fressura*.

Esfriar – Arrefecer.

Esgalhar o ganso – Masturbação masculina, *punheta, pívica, cinco contra um, tocar uma*.

Esmalte (das unhas) – Verniz.

Esmaniado – Pessoa que não regula bem da cabeça, maluco, *doidivanas, chanfrado, xoné, atoleimado, pirado, pílulas*.

Esparadrapo – Adesivo.

Espichar a canela – Morrer, falecer, *esticar o pernil, ir para a quinta das tabuletas, ir para a quinta dos pés juntos, quinar, dar o peido mestre*.

Esporte – Desporto.

Esposa – Mulher. Ambos os termos existem em Portugal e no Brasil, mas neste último país verifica-se tendência para designar por “esposa”, pois considera-se que o vocábulo “mulher” é vulgar. A cômputo, em Portugal, continua a ser designada por “mulher”, pois que o casal é constituído por marido e mulher.

Esquentar – Aquecer.

Esquipático – Estranho, esquisito, fora do normal, *escanifobético, estrambólico, estapafúrdico*.

Estacionamento em fila dupla – Estacionamento em segunda fila.

Estapafúrdico – Estranho, esquisito, fora do normal, *escanifobético, estrambólico, estapafúrdico*.

Estar de butuca – Estar alerta, estar à espreita, estar de atalaia.

Estar ferrado – Estar numa situação complicada, difícil de resolver, *estar frito, estar tramado, estar feito ao bife, estar metido numa alhada, estar numa embrulhada*.

Estar gamado – Estar apaixonado, *estar pelo beicinho*.

Estar na seca – Não ter relações sexuais há muito tempo.

Estar vidrado – Estar apaixonado, *estar pelo beicinho*.

Esteira rolante – Tapete rolante.

Estepe (do carro) – Pneu sobressalente.

Estilete – X-acto.

Estilingue – Fisga

Estoque – *Stock*. O termo “stock” é um anglicismo que em Portugal ainda não foi aporuguesado.

Estrada de ferro – Caminho de ferro, ferrovia.

Estroinice – *Patuscada, comezaina, farra, pândega, patuscada*.

Estrupício – Pessoa que não faz nada nem serve para nada.

Exploração – Exploração. O neologismo “exploração”, tal como o verbo correspondente “explotar”, que foram recentemente introduzidos no português do Brasil, são absolutamente dispensáveis. A adopção destes termos desnecessários deriva, muito provavelmente, do facto de, em inglês, “prospecção” ser equivalente a “exploration” e

“exploração” se traduzir por “exploitation”. Assim, em certo sentido, a utilização de “exploração”, “explotar” e outros derivados acaba por ser uma manifestação de ignorância.

- F -

Faixa de pedestre (para atravessar a rua) – Passadeira, *zebra*.

Falésia – Arriba. O termo “falésia” também existe em português europeu, mas é considerado um galicismo escusado, pois que é sinónimo de “arriba”.

Fanchona – Lésbica, *fufa*, *fressureira*, lésbica

Farinha de mandioca (culinária) – Farinha de mandioca. Esta farinha tem muitas designações regionais; abstraindo de diferenças subtis, é equivalente à “macaxeira” no Nordeste e Norte do Brasil, à “mandioca” em São Paulo, ao “aipim” no Rio de Janeiro e outras regiões, e à “farinha de pau”. A mandioca constitui um dos principais alimentos na dieta base de mais de 700 milhões de pessoas de variados países. A mandioca (*Manihot esculenta*), originária do Brasil, foi levada pelos portugueses para o continente africano. Existem diversos tipos de mandioca, estando a sua classificação dependente não só das diferenças na forma e cores das folhas e da raiz, mas também do teor que apresentam de glicosídeos cianogénicos, que no aparelho digestivo humano produzem ácido cianídrico, tóxico para o Homem, que é eliminado através da conveniente preparação do tubérculo.

Farinha de pau (culinária) – Farinha de mandioca (na região de São Paulo). Ver “farinha de mandioca”.

Farinha de rosca (culinária) – Pão ralado.

Farofa – *Conversa fiada*, *gabarolice*.

Farofa (gastronomia) – Prato preparado à base de farinha de mandioca (ou de milho) escaldada ou torrada, geralmente passada ou frita em manteiga ou outra gordura, em que, por vezes, se misturam ovos, carne seca ou outros ingredientes. O termo “farofa” provém do quimbundo “falofa” = farinha de mandioca molhada em água.

Faróis altos (do automóvel) – Faróis máximos

Faróis baixos (do automóvel) – Faróis médios

Farol (do trânsito) – Semáforo, sinal de trânsito. No Brasil usam-se várias designações populares como “sinaleira” (no sul), “farol” (em São Paulo), “sinaleiro”, ou simplesmente “sinal” (tal como em Portugal).

Faturar uma nota - Ganhar muito dinheiro.

Favela – Bairro de lata. No Brasil existe actualmente tendência para designar as favelas como “comunidades”. Em Angola designam-se por “musseques”, termo derivado do quimbundo *mu* = no + *seque* = vermelho, alusão à cor avermelhada dos terrenos da periferia de Luanda onde habitava a maior parte da população indígena. Em Moçambique designam-se por “caniços”, alusão aos materiais com que aí eram construídas as casas desses bairros.

Faxineira – Mulher-a-dias.

Fazenda – Propriedade rural de dimensões consideráveis, quinta, casa de campo, fazenda, monte (principalmente no Alentejo).

Fazer cocô – Defecar, fazer cocó.

Fazer corpo mole – Não fazer esforço, não fazer nada, *fazer cera*.

Fazer um bico – Fazer “felatio”, fazer um *bobó*, *broche*, felação, *fazer uma mamada*.

Feijão carioca – Feijão catarino.

Feijão tropeiro (gastronomia) – Prato típico das regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. Basicamente é um refogado de bacon e linguiça com cebola e alho picados, a que se adicionam ovos, que são mexidos até ficarem firmes, a que depois se junta feijão e farinha de mandioca, servido, em geral, com arroz branco. Há, porém, muitas variedades regionais. Era uma comida que, por ser simples, era frequentemente confeccionada pelos tropeiros, pelo que adquiriu o nome de “arroz tropeiro”.

Feijão vagem – Feijão verde.

Feijão-fradinho – Feijão-frade.

Festas Juninas – Festas dos Santos Populares, que, em Portugal, abrangem, em especial, as festas de Santo António, a 13 de Junho (dia da cidade em Lisboa e de outras), de São João, a 24 de Junho (dia da cidade no Porto e noutras), e o de São Pedro (a 29 de Junho (dia da cidade de Évora e de outras). No Brasil, estes festejos são também muito celebrados, nomeadamente no Nordeste e Norte do Brasil, e no interior do estado de São Paulo.

Festas natalinas – Festas natalícias.

Fila (de pessoas) – Bicha. Actualmente, devido à influência brasileira, os órgãos de comunicação portugueses já não usam o termo “bicha” e a palavra está em ampla recessão na linguagem popular.

Fila dupla (estacionamento em) – Segunda fila.

Filé (gastronomia) – Escalope.

Filme transparente – Película aderente.

Flâmula – Galhardete.

Flanelinha – *Arrumador* (informal de carros).

Fluminense – Pessoa do estado do estado Rio de Janeiro. A palavra começou a ser aplicada em finais do século XVIII, na sequência de um decreto do vice-rei do Brasil que criou o gentílico “fluminense” derivado do latim “flumen” = rio.

Focinheira (de cachorro) - Açaima (de cão).

Fofoca – Mexerico, bisbilhotice.

Fofocar (falar mal de alguém) – *Cortar na casaca*.

Foqueiro (pessoa que se mete na vida dos outros) – *Coscuvilheiro*, *mexeriqueiro*, *cusco*.

Formatura (universitária) – Licenciatura, conclusão de um curso universitário.

Forró (gênero musical) – Em sentido estrito, o “forró” é uma festa originária do Nordeste Brasileiro, que se realiza especialmente durante os santos populares (festas juninas), mas a designação foi também atribuída a um dos géneros musicais tocados nessas festas, o qual foi criado, em 1958, por Luiz Gonzaga (1912-1989), conhecido como o Rei do Baião. Na realidade, conhecem-se por “forró” vários géneros musicais distintos (baião, arrasta-pé, xaxado, etc.), mas o forró tradicional, designado por “forró pé de serra”, com ritmo mais acelerado do que o baião, era tipicamente tocado por trios instrumentais, nomeadamente a sanfona (nome popular do acordeão), a zabumba (espécie de tambor) e

triângulo (ferrinhos). Mais recentemente, na década de 90 do século passado, surgiu o “forró electrónico”, tocado com instrumentos eléctricos. No imaginário popular, o termo “forró” seria uma corruptela da expressão inglesa “for all”. Uma das muitas histórias justificativas que correm diz que, durante a 2ª Guerra Mundial, as forças americanas estacionadas em Fortaleza costumavam fazer as suas próprias festas, restritas, mas, por vezes, organizavam também festas para todos (*for all*), sendo nessas alturas tocadas as músicas populares da região, e assim se teria originado “forró”. Porém, tal não tem qualquer suporte etimológico, e o termo “forró” parece ser uma corruptela por encurtamento de “forrobodó”, que numa das acepções significa baile popular. É mesmo possível que, na origem, esteja o termo galego “fordodó” adaptado do francês “faux-bourdon”.

Frear (e.g. do carro) – Travar.

Freezer – Congelador

Freio (e.g. do carro) – Travão.

Frevo (gênero musical) – Surgido em Pernambuco, em finais do século XIX, como ritmo carnavalesco, o “frevo”, que originalmente não tinha letra, caracteriza-se por um ritmo bastante acelerado, de marcha. Nos antigos desfiles de carnaval, à frente das bandas de música iam capoeiristas, que abriam o caminho para os músicos, e que faziam uso de cabos de velhos guarda-chuvas como arma contra grupos rivais. Surgiu, assim, o “passo”, a dança do frevo, junção de passos de capoeira com o ritmo da música, em que subsistem alusões aos objectos inicialmente utilizados como armas, principalmente o guarda-chuva ou sombrinha, mas também a bengala e outros. O guarda-chuva transformou-se num símbolo do frevo, agora estilizado e pequeno, para facilitar a dança, e geralmente com cores garridas, para embelezar a coreografia. O termo “frevo” deriva, por corruptela, de ferver, do facto do ritmo musical e dança porem as pessoas “a ferver”. Em 2012 o frevo foi reconhecido pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Frutinha – Homem efeminado.

Fubá (gastronomia) – Farinha feita com milho ou arroz moído, com que se fazem papas, muito utilizadas no Brasil e nos países africanos lusófonos. O termo “fubá” provém do quimbundo “fubá” = farinha.

Fubanga (mulher feia, deselegante e desajeitada) – *Camafêu* (em Portugal significa mulher feia, mas no Brasil aplica-se a mulher bonita), *canastrão*.

Fumante – Fumador.

Fumo – Tabaco. Embora, no Brasil, se use também normalmente o vocábulo “tabaco”, é frequente designá-lo por “fumo”.

Funge / Funje (gastronomia) – Sinónimo de pirão, papa grossa e consistente de farinha de mandioca, mas que pode ser de farinha de milho ou de batata-doce. O termo “funje”, utilizado nalgumas regiões do Brasil, provém do Quimbundo “funji” = farinha de mandioca. O “funje” ou “funje” é um acompanhamento culinário típico de Angola.

Funileiro – Designação de chapeiro em São Paulo, bate-chapas.

Furadeira – Berbequim

Fusca – Carro modelo *Käfer* [escaravelho] da Volkswagen, *carocha*.

Futrica – Pessoa de maus modos, sem carácter, de baixos sentimentos, canalha, velhaco. Joaquim Nabuco, em “Um estadista do Império”, refere que o termo “futrica” (tal como

“cafajeste”), era usado pelos estudantes de Coimbra para designar quem não era estudante, tendo sido introduzido no Brasil por estudantes brasileiros que estavam a estudar em Portugal, e que, com a criação, em 1827, de dois cursos jurídicos em Olinda e São Paulo, foram para aí finalizar o bacharelato, trazendo vários hábitos coimbrões, nomeadamente o(s) termo(s) referido(s). O termo divulgou-se popularmente com conotação depreciativa mas, em Portugal, caiu em desuso, convertendo-se num arcaísmo; mais recentemente, o termo voltou à linguagem usada em Portugal por influência brasileira.

Fuxico – Mexerico, bisbilhotice.

Fuxiqueiro (pessoa curiosa que se mete na vida dos outros) – *Bisbilhoteiro, coscuvilheiro, cusco*.

Fuzarca – Balbúrdia, *caldeirada*, confusão, desordem, mixórdia, pandemónio, *regabofe*.

- G -

Galar – Na gíria tem o sentido de engravidar ou de ter um orgasmo. Em Portugal significa olhar insistentemente e de forma interessada para alguém ou alguma coisa que se deseja, que se tenta seduzir. O termo da gíria “galar” deriva da palavra que designa a acção de fecundar nas aves.

Galego – Em linguagem informal, no Brasil (principalmente no Nordeste), o termo "galego" designa alguém louro e de pele clara, geralmente descendente de alemão, polaco, holandês, italiano, ucraniano e outras nacionalidades, podendo ser também aplicado a portugueses, especialmente com pouca instrução.

Galera (grupo de pessoas) – *Malta, maralhal*.

Galinheiro – Capoeira. Em Portugal usam-se os dois termos como sinónimos.

Galpão – Armazém, geralmente aberto de um dos lados. Em Portugal, embora com pouca frequência, ainda se usa o termo “galpão”, que constitui um arcaísmo.

Gamado – Apaixonado, *estar pelo beicinho*.

Ganja – *Ganza, charro*. O termo “ganja” deriva do hindustano (língua do norte da Índia) “ganjhā” = *cannabis*, maconha

Garabulha – Situação confusa ou de difícil resolução, imbróglio, *alhada, trapalhada, embrulhada, enrascada, trinta e um*.

Garçom – Empregado de mesa.

Garis – *Almeidas*, varredores de rua. A designação de “garis” dada no Brasil aos varredores de ruas deriva do facto do primeiro contracto para a limpeza das artérias do Rio de Janeiro ter sido celebrado, em 1876, com uma empresa do francês Aleixo Gary.

Garoa – Chuva fina e persistente, tipo molha-tolos, que cai por um tempo prolongado, nevoeiro pouco denso. O termo é utilizado em vários estados do Brasil. A “garoa” é típica da cidade de São Paulo. A etimologia é controversa, sendo possível que derive da palavra da língua quíchua “garua” = chuvisco.

Garota – Mulher jovem, *borracho, chavala, garina, miúda*.

Garota de programa – Mulher jovem que se prostitui sem se expor nas ruas, *acompanhante*.

Garrafa térmica – Também chamada garrafa-termo, é uma ampola de vidro de parede dupla espelhada, revestida com material metálico ou plástico, que serve para manter a temperatura (quente ou fria) dos líquidos colocados no seu interior. Ver “Termos”.

Garranchos – *Gatafunhos*.

Gata – Mulher jovem, *borracho, chavala, garina, miúda*.

Gaúcho – Denominação dada às pessoas ligadas à actividade pecuária nas planícies (pampas) do sul da América do Sul, nomeadamente na Argentina, no Uruguai e no Rio Grande do Sul, que, no Brasil, se transformou, também, num gentílico aplicado aos naturais deste estado brasileiro. Os gaúchos desenvolveram uma cultura própria, muito influenciada pelas características do seu modo de vida, muito ligado à criação de gado, principalmente bovino, mas também pela mistura entre as culturas ibéricas e indígenas. A origem do termo “gaúcho” é um controversa. Para alguns autores, derivaria do quéchua (família de línguas dos Andes centrais) “huachu” = órfão, vagabundo, o que converge com a conotação que a palavra tinha no século XVIII, altura em que era aplicada para designar contrabandistas, vagabundos e ociosos, mas também órfãos abandonados, tendo passado algum tempo evoluído para dois termos: “guacho” para designar os órfãos e “gaúcho” para nominar os vagabundos. Outros autores defendem que o termo é uma corruptela de “guanches”, povo que habitava nas ilhas Canárias quando estas, na Alta Idade Média, começaram a ser regularmente visitadas por europeus; embora vivessem ainda na Idade da Pedra, só viriam a ser completamente dominados nos finais do século XV. Na sequência do Tratado de Madrid, de 1750, que consagrou o princípio do “uti possidetis” (a terra a quem a possui), o monarca português apressou-se a enviar para a região que vinha sendo alvo de disputas (sul do Brasil e Uruguai) colonos dos Açores e da Madeira, o mesmo fazendo o rei espanhol, utilizando habitantes das Canárias, ou seja, guanches (descendentes dos povos originais cruzados com europeus). Esses colonos guanches em breve teriam passado, por corruptela, a ser designados por gaúchos.

Gay – Homossexual masculino, *larilas, maricas, paneleiro, panasca, panilas, rabo, rabeta, roto, gay, bicha*, abichanado. O termo “gay” foi importado do inglês e é coloquialmente utilizado na generalidade dos países lusófonos.

Geladeira – Frigorífico. No Brasil o termo “frigorífico” é aplicado a grandes geladeiras. Em Angola e Moçambique utiliza-se geralmente “geleira”.

Geleira – Glaciar.

Gerenciamento – Gestão

Gerenciar - Administrar, gerir

Gilete – Bissexual, *bi, dá para os dois lados*.

Gilete – Lâmina de barbear, gilete. O termo mais comum nos países lusófonos é “gilete”, termo que provém da marca registada “Gillette”, o qual passou a designar genericamente este produto.

Gol (e.g. no futebol) – Golo.

Gola rolê (vestuário) – Gola alta.

Goleiro (futebol) – Guarda Redes.

Golpe do baú – Casamento realizado por interesse com alguém com bastante dinheiro.

Gostosona – Mulher bonita e elegante, *boazona, borracho, brasa, jeitosa, brinquinho, gira*.

Graduação (universitária) – Licenciatura, conclusão de um curso universitário.

Grafito / grafite – Inscrição ou desenho feito em paredes, *grafiti*, *grafito*. No Brasil há tendência para considerar como “pichações” as frases ou desenhos grosseiros feitos nas paredes e como “grafitis” os desenhos elaborados, designados por “arte urbana”. O termo “grafiti” ou “grafito” ou “grafite” é aportuguesamento do italiano “grafitti”.

Grama – Relva.

Gramado (e.g. de um campo de futebol) – Relvado.

Grampeador – Agrafador.

Grana – Dinheiro, *carcanhol*, *pilim*, *guito*, *pasta*, *grana*, *cacau*.

Grasso – Gorduroso.

Graveto – Dinheiro, *carcanhol*, *pilim*, *guito*, *pasta*, *grana*, *cacau*. O termo “graveto” significa, além de outras acepções, ramo pequeno e fino de uma árvore ou arbusto, ou pedaço pequeno de madeira ou lenha, que deriva de “garavato”, vocábulo já incluído, em 1713, no “Vocabulário Portuguez e Latino” (vol. 4, p. G30) de Raphael Bluteau: “Garavato. Garavato Gancho, em que se pendura. Candeia de garavato. (...). Garavatos seccos. Lenha miúda para o fogo”. É possível que derive do vocábulo pré-romano “carba”, que também significa ramo. Desconhece-se como é que, em linguagem informal, adquiriu a acepção de dinheiro.

Grilado – Preocupado, apoquentado, ou, noutra acepção, falsificado.

Grilagem – Falsificação de documento de propriedade. O termo “grilagem” deriva da prática que existia de colocar um papel com o presumível título de propriedade numa gaveta junto com alguns grilos, o que fazia com que, passadas algumas semanas, o falso documento adquirisse uma aparência envelhecida devido aos dejectos daqueles insectos, o que lhe dava ar de antigo e, portanto, que se pressupunha ser verdadeiro.

Guaianu (gastronomia) – Também chamado guaianum, goiamu goiamum, caranguejo-mulato-da-terra e fumbamba, designa o caranguejo terrestre, da família *Gecarcinidae*, que constrói galerias de protecção, sempre acima da preia-mar, em áreas adjacentes ao manguezal ou ao longo dos canais, as quais, junto à entrada, são quase horizontais, mas, no interior, se verticalizam, alcançando o nível freático, onde existe um “salão” contendo 1 a 2 l de água doce ou salobra; embora tenha hábitos terrestres ou semi-terrestres, vai periodicamente ao mar, onde se reproduz e onde se desenvolvem as larvas; sendo tolerante a variações de salinidade, prefere águas com baixo a médio conteúdo de sais; tem guelras pequenas e a carapaça é quase hermeticamente fechada, aí mantendo o seu próprio suprimento de água, o que lhe permite sobreviver uns dias fora da água, desde que o ambiente seja húmido; a envergadura da carapaça chega a ultrapassar 10 cm de largura; as pinças são, nos machos, desiguais, chegando a maior a atingir 30 cm, mas nas fêmeas, mais pequenas, têm tamanhos iguais; a coloração é variável com a idade, sendo castanho amarelado na fase juvenil, roxa escura azulada intensa na fase de transição, e azul-escura nos animais adultos, mas as fêmeas adultas no período reprodutivo adquirem coloração esbranquiçada, amarelada ou acinzentada; este crustáceo é consumido em todo o litoral brasileiro, em especial desde o Ceará a Santa Catarina, sendo particularmente tradicional na gastronomia baiana e pernambucana, onde é servido geralmente com pirão; desde 2014 que a captura e comercialização desta espécie é proibida, embora se continue a encontrá-la com alguma facilidade em mercados e restaurantes; [o nome do género *Cardisoma* vem do grego “cardio” = coração + “-soma”, sufixo que expressa a ideia de corpo, aludindo, assim, à forma da carapaça deste caranguejo, que faz lembrar um

coração; o nome específico *guanhumí*, tal como o nome comum *guaiamu*, é a latinização do termo do tupi antigo “guá-nhã-mũ” que designava este tipo de crustáceo, proveniente possivelmente de “gûayá” = caranguejo + “oby” = azul ou verde].

Guampa – Recipiente feito de corno de boi, tradicionalmente usado para tomar o tereré. Enquanto para beber chimarrão (infusão quente, a 70 ou 80°C, de erva-mate) se utiliza uma cuia, feita de cabaça, para o tereré (infusão fria) usa-se a “guampa”, feita de uma parte da base de um corno de boi, que, por isso, fica com forma curvada. O termo “guampa” deriva do mapuche (língua indígena do centro e sul do Chile e do sudoeste da argentina) “huámpar” que significa corno de boi, através do castelhano rioplatense “guampa”. Ver “Tereré”, “Erva-mate”.

Guarda-chuva – Chapéu-de-chuva (em Portugal usam-se os dois termos como sinónimos).

Guimba – Ponta do cigarro que sobra depois de fumado, *beata*, *pirisca*, *prisca*. O termo “guimba” é um regionalismo do Rio de Janeiro.

Guinchar – Rebocar, puxar ou içar com guincho. Os dois termos existem em ambos os países, mas, no Brasil, usa-se quase sempre “guinchar” e, em Portugal, “rebocar”. Por exemplo, um carro mal estacionado que acaba por ser removido pela polícia, no Brasil foi “guinchado” e, em Portugal, foi “rebocado”.

Guria – Regionalismo do sul do Brasil para mulher jovem, *borracho*, *chavala*, *garina*, *miúda*.

- H -

Habitador – Habitante. No Brasil usam-se os dois termos; em Portugal nunca se utiliza “habitador”. As duas formas estão correctas e derivam do latim “habitāre” = habitar, morar, residir, só que tornadas substantivos através de sufixos latinos diferentes: “habitador”, em que a “habitāre” se juntou o sufixo “-dor”, que advém do latim “-tor”, e que exprime a ideia de agente da acção; e “habitante”, em que a “habitāre” se juntou o sufixo latino “-ans, -antis”, que deu “habitans”, no qual radica o vocábulo português.

História de quadrinhos – Banda desenhada.

Hodômetro (do carro) – Conta-quilómetros, hodómetro, odómetro, aparelho para medir distâncias. O vocábulo “hodómetro” ou “odómetro” provém do grego “ódos” = caminho, estrada, trajecto + “métron” = medida, através do latim “hodometrum”. Atendendo à etimologia, tanto se pode escrever sem “h”, derivando o termo do grego, ou com “h”, radicando-o no latim.

Holoceno (época geológica) – Holocénico.

Horário de pico – Hora de ponta.

- I -

Iemanjá (religião) – Divindade africana da fertilidade, originalmente associada aos rios, mas também ao mar, e ligada à criação do mundo e à continuidade da vida. Iemanjá é um dos orixás mais populares do candomblé. O nome “Iemanjá” vem da língua africana ioruba, possivelmente de “iyà” = mãe + “omo” = filho, criança + “eja” = peixe, através da expressão “iyà omo ejá” significando “mãe cujos filhos são peixes”, ou de “iyà” = mãe + “náà” = aquele, o, a + “iyìn” = glória, louvor, correspondendo, assim, à expressão “mãe que honra”.

Ilhas Caimã / Cayman (país) – Ilhas Caimão.

Imbróglio – Situação complicada, difícil de resolver, imbróglio, *alhada, trapalhada, embrulhada, enrascada, trinta e um*.

Impedimento (futebol) – Fora de jogo.

Inadimplente – Incumpridor, caloteiro, aquele que não paga as suas dívidas, que não cumpre um contrato ou uma obrigação no prazo estabelecido. O termo jurídico “inadimplente” entrou na linguagem comum devido às crises que atingiram o Brasil, em consequência das quais milhares de pessoas deixaram de pagar as prestações das suas hipotecas, pelo que foram sujeitas a processos judiciais devido a terem-se tornado inadimplentes. Ver “Inadimplir”.

Inadimplir – Não cumprir um contrato, faltar às obrigações financeiras, não pagar uma dívida. O verbo “inadimplir” tem origem no latim “implere” = completar, saciar, realizar, precedido do prefixo “ad-” que indica aproximação, o que deu “adimplere” = cumprir uma obrigação, ao qual se juntou o prefixo de negação “in”, dando, portanto, o sentido de não cumprir uma obrigação.

Inflável – Insuflável.

Inhaca – Cheiro desagradável. O termo “inhaca” vem do tupi “yakwa” = “o que tem cheiro” ou “abyaka” = “cheiro de suor ou roupa suja”.

Ir para o jardim das tabuletas – Morrer, falecer, *esticar o pernil, ir para a quinta das tabuletas, ir para a quinta dos pés juntos, quinar, dar o peido mestre*.

Irã (país) – Irão.

Isopor (poliestireno) – Esferovite.

Israelense – Israelita.

- J -

Jagunço – Guarda-costas, pistoleiro contratado para matar alguém. Inicialmente, em meados do século XIX, era um regionalismo do Nordeste do Brasil e designava os mercenários que trabalhavam para os grandes proprietários e para eles desenvolviam acções armadas para expandir os seus limites territoriais, bem como para manter submissos os trabalhadores rurais. É possível que o termo “jagunço” derive do quimbundo de Angola, de “njumbu” = castigo, punição.

Japona (vestuário) – Jaquetão, *kispo, samarra*.

Jaqueta – Blusão.

Jeca – Pessoa que revela falta de bom gosto, *fatela, foleiro, pimba, piroso*.

Jet ski - Moto de água (o termo inglês “jet ski” é também utilizado em Portugal).

Jogar fora – Deitar fora. No português do Brasil também se usa a expressão “deitar fora”, mas o mais frequente é “jogar fora”.

Jogo amistoso (e.g. de futebol) – Jogo amigável.

Jogo da velha – Jogo do galo.

Jóia – Excelente, bonito, confiável, *bestial, fixe, porreiro*.

Juçara (gastronomia) – Palmeira típica da mata atlântica (*Euterpe edulis*), de onde é extraído o palmito mais apreciado, também ele frequentemente designado por “juçara”. Como

essa extracção provoca a morte da árvore, tem vindo a ser utilizado como alternativa o palmito de pupunha (*Bactris gasipaes*). Ver “Palmito”.

Justificativa – Justificação.

- L -

Lacre – Abraçadeira plástica, tira de plástico flexível usada para fechar hermeticamente alguma coisa, garantindo sua inviolabilidade.

Lagamar – Lagoa de água salgada, zona costeira inundada pelas marés. Em Portugal o termo “lagamar” é um arcaísmo.

Lambe-botas – Bajulador, *engraxador*, *graxista*, *lambe-botas*, *manteigueiro*.

Lambreta (gastronomia) – Nome popular dado, principalmente na Bahia, ao bivalve *Lucina pectinata* ou *Phacoides pectinatus*, da família *Lucinidae*, com tamanho médio de 4 a 6 cm, que ocorre nos manguezais, onde se enterra no lodo até profundidades de 15 a 20 cm. É relativamente barato, sendo cozinhado de diferentes formas, desde abertas numa panela, temperadas com tomate, cebola, coentros, sal e óleo, até ao caldo, com temperos variados. É também utilizado depois de seco. Com frequência, este termo é utilizado como sinónimo de amêijoa, sarnambi e hamaguri.

Lanchonete – Estabelecimento que serve refeições ligeiras, geralmente ao balcão, pastelaria, café.

Lanterneiro – Designação de chapheiro no Rio de Janeiro, bate-chapas.

Laptop – Computador portátil (em Portugal, utiliza-se normalmente apenas o termo “portátil”).

Laranja – Pessoa que empresta o nome como responsável por atos ou empreendimentos de outrem, que não quer ou não pode aparecer, *testa-de-ferro*.

Largar o barro – Defecar, fazer cocó, *arriar o calhau*, *mandar um telegrama*, *cagar*, *ir à casinha*.

Laterninha – Empregado de cinema ou teatro que tinha uma lanterna, cuja função era indicar o lugar aos espectadores.

Lava-louça – Máquina de lavar pratos. Em Portugal “lava-louça” é uma plataforma com uma cuba côncava, com uma ou duas torneira (uma para água quente e outra para água fria), instalada na cozinha.

Lavadora de louça – Máquina de lavar pratos.

Lavanda – Alfazema (em Portugal também se usa o termo “lavanda”).

Legal – Excelente, bonito, confiável, *bestial*, *fixe*, *porreiro*.

Leilão judicial – Hasta pública.

Leis trabalhistas – Leis de trabalho.

Leite desnatado – Leite magro.

Leite integral – Leite gordo.

Lelé-da-cuca – Pessoa que não regula bem da cabeça, maluco, *doidivasas*, *chanfrado*, *xoné*, *atoleimado*, *pirado*, *pílulas*.

Lezeira – Preguiça, *lazeira*.

Libélula – Libelinha.

Linguiça (gastronomia) – Segundo a Instrução Normativa nº 4, de 31 de Março de 2000, é um produto feito à base de carnes (de porco, de vaca ou de outros animais), acrescido ou não de toucinho (gordura animal), temperado com vários ingredientes, contido num invólucro natural ou artificial, que pode ter diferentes formas, e que é submetido a um tratamento térmico adequado; existem várias variedades, como a “linguiça calabresa” (de porco, com sabor picante característico) e a “linguiça portuguesa” (de porco, curada, adicionado de vários ingredientes e submetido a acção do calor com defumação, com forma de ferradura).

Linguiça portuguesa (gastronomia) – Enchido feito exclusivamente com carne de porco temperada com vários ingredientes, que é submetido a acção do calor com defumação, e que tem sabor acentuado a alho e forma consagrada de ferradura [Instrução Normativa nº 4, de 31 de Março de 2000].

Lirú – Pessoa que não regula bem da cabeça, maluco, *doidivanas*, *chanfrado*, *xoné*, *atoleimado*, *pirado*, *pílulas*.

Locanda – Barzeco, café, chafarica, taberna, tasca, venda.

Lombada (na estrada) – Lomba.

Loteria – Lotaria.

Louvaminheiro – Bajulador, *engraxador*, *graxista*, *lambe-botas*, *manteigueiro*.

Lume brando (culinária) – Fogo brando. Em Portugal utilizam-se as duas expressões.

Luminária – candeeiro.

Lundu (gênero musical) – Também designada por *landum*, *lundum* e *lundu*, é uma dança cantada de origem africana. Tendo como origem o batuque africano, desenvolveu-se no Brasil e em Portugal, não se sabendo bem como chegou a este país, se por influência directa de Angola, ou se importada no Brasil. O certo é que, em ambos os países, começou a ser mencionada nas décadas finais do século XVIII. O vocábulo “lundu”, ou as suas variações, não constam dos dicionários até ao século XIX. Uma das primeiras referências linguística surgiu na 3ª edição do “Diccionario da Lingua Portuguesa” (tomo 2º), de António de Moraes e Silva, publicada em 1823, onde os termos “Landu” e “Londum” remetem para o verbete “Lundú” que é descrito como “Uma dança chula do Brasil, em que as dançarinas agitam indecentemente os quadris. O doce Lundú *chorado*; dançado com affectação mais indecente ainda”. Um dos grandes divulgadores do lundu em Portugal foi Domingos Caldas Barbosa (1738-1800), um sacerdote, poeta e músico, filho de um português e de uma escrava angolana, que, em Lisboa, em finais do século XVIII, se celebrou com seus versos cantados que animavam serões em salões fidalgos e, até, no paço real. Os seus poemas, com o pseudónimo Viola de Lerno, foram editados em dois volumes. Se no primeiro, de 1798, nada é identificado como lundu, no segundo, publicado postumamente, em 1826, várias das cantigas são identificadas no título por lundu, como, por exemplo, o “Lundum em louvor de huma Brasileira adoptiva”. Nestas danças de salão, as tradicionais umbigadas típicas do lundu eram substituídas por vénias. No Brasil, o lundu conservou mais as características africanas: todos os participantes, inclusive os músicos, formam uma roda; um dos participantes para o centro, onde executa a sua dança, sendo acompanhado pelos outros da roda com palmas e cantos; no final da sua exibição, ao sair, convida um outro, geralmente do sexo oposto (mas não obrigatoriamente), a substituí-lo, dando-lhe uma umbigada. Não há umbigada de homem em homem, mas há-o entre mulheres e entre homens e mulheres. Considera-

se, em geral, que o samba derivou do lundu, através do maxixe, sendo o nome corruptela do quimbundo “sémba”, contracção de “risêmba”, que significa umbigada dada na dança. Provavelmente, o vocábulo “lundu” e suas variantes derivam também do quimbundo “kilundu”, que Joaquim Dias Cordeiro da Matta (1857-1894), no “Ensaio de Diccionario Kimbúndu-Portuguez” (de 1893), diz ser um “Ente sobrenatural que dirige os destinos do homem”, e que António de Assis Júnior (1887-1961), no “Dicionário de Kimbundu-Português”, explica que significa “Espírito. Ser do mundo invisível”. Porém, depreende-se, da “Tentativa etymologico-toponymica” (1º volume, de 1907), de Pedro Augusto Ferreira (1833-1913), que o vocábulo poderá ter outra origem: ao discorrer sobre a etimologia do Monte de Landum, no distrito de Portalegre, o autor diz “que talvez tomasse o nome d'algum mouro de Lundum, tribu africana de Marrocos, e da mesma tribu de Lundum talvez provenha o landum ou lundum da Figueira, dança popular muito linda e muito vulgar em Coimbra. Ver “Choro”, “Maxixe”, “Samba”.

- M -

Macaxeira (culinária) – Farinha de mandioca (no Nordeste e Norte do Brasil). Ver “farinha de mandioca”.

Machucar – Aleijar, magoar.

Maconha – Droga psicotrópica obtida a partir de folhas secas do arbusto *Cannabis sativa*, que é fumado (como o tabaco); liamba. O principal constituinte psico-activo da maconha é o tetrahydrocannabinol (THC). O cânhamo também provém de plantas do género *Cannabis*, mas da espécie *C. ruderalis*, que tem baixo teor de THC. O termo “maconha” provém do quimbundo “makánha” = tabaco.

Macumba (religião) – Originalmente o termo significava um instrumento de percussão de origem africana semelhante ao reco-reco, mas, por extensão, passou a aplicar-se de forma genérica aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais, que receberam influências de religiões africanas, ameríndias, católicas e espíritas, nomeadamente ao cambomblé. No Rio de Janeiro a macumba é considerada como ramificação do candomblé. Popularmente o termo está erradamente associado a rituais satânicos ou de magia negra. O vocábulo “macumba” provém muito provavelmente do quimbundo, embora a sua etimologia seja incerta; talvez derive de “kubunda makunde” = descascar (por associação do som do instrumento musical com o ruído de descascar grãos secos), ou de “mákanza” = estas, danças, ou de “ma” = de + “kumba” = soar.

Madri – Madrid, capital de Espanha.

Mãe de Santo (religião) – Espécie de sacerdotisa que administra o terreiro de cambomblé, dirige os cultos aos orixás, e tem a responsabilidade cuidar e orientar os seus filhos de santo; também conhecida por “mãe de terreiro” e outros nomes, como “yálorixá” [do ioruba “Iyá” = mãe + “ori” = cabeça + “sà” = luz, significando literalmente mãe com cabeça iluminada].

Maiô (de banho) – Fato de banho.

Mamadeira – Biberão.

Mancar – Coxear.

Manda-cuva – Chefão, cacique, maior, mandão.

Mandioca (culinária) – Farinha de mandioca (na região de São Paulo). Ver “farinha de mandioca”.

Mané – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, *burro, otário, palerma, pacóvio, provinciano, parvo, tolo, totó, trouxa*.

Manejar – Administrar, gerir.

Mão-de-vaca – Avarento, *forreta, somítico, sovina*.

Mão-fechada – Avarento, *forreta, somítico, sovina*.

Maquiagem – Maquilhagem.

Maracatu (gênero musical) – Ritmo musical dramático que é simultaneamente uma dança e um ritual religioso que surgiu em Pernambuco, em meados do século XVIII, resultado da interpenetração entre as culturas portuguesa, indígena e africana. Tradicionalmente, os maracatus, que têm forte componente religioso, desenvolveram ligados às irmandades negras do Rosário, cujas igrejas eram dedicadas a Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, mas, à medida que estas foram perdendo força, passaram a integrar as apresentações do Carnaval, principalmente os do Recife e de Olinda. Os maracatus são dançados ao som de instrumentos de precursão (zabumba, tarol, ganzá e outros), e as danças têm coreografias específicas, parecidas com as do candomblé. Existem dois tipos principais de maracatu, que se distinguem pela organização, pelos personagens representados e pelo ritmo próprio: o “maracatu rural” ou de baque solto, originário do interior, da zona da mata pernambucana, que mobilizava os trabalhadores rurais envolvidos nas tarefas dos canaviais e os cortadores de cana-de-açúcar; e o “maracatu nação” ou de baque virado, com características mais urbanas. Os participantes formam um cortejo que é aberto por uma bandeira ou estandarte, a que se segue a dama do paço transportando “calunga” (imagem negra que representa o elemento religioso do grupo, simbolizando a força e o poder, cujo nome deriva do quimbundo “kalúnga”, que tanto significa o oceano, como traduz a noção de grande, infinito). Atrás seguem as “yabás” (popularmente chamadas de baianas), e depois, o rei e a rainha dos maracatus e a respectiva corte e embaixadores. A etimologia de “maracatu” é controversa, ter origem no tupi-guarani ou numa língua africana.

Marcha (do carro) – Caixa de velocidades.

Marcha à ré – Marcha atrás.

Marchas (do carro) – Mudanças do carro.

Marimbondo – Vespa. O termo “marimbondo” provém do quimbundo “marimbondo”, palavra no plural que significa vespeiro, vespas; o singular é “rimbondo” = vespa.

Marisco (gastronomia) – Nome que muitas vezes designa o bivalve *Anomalocardia brasiliensis* (da família *Veneridae*), também apelidada, entre outras, pelas designações de amêijoas, berbigão, chumbinho e outros nomes, que tem ampla ocorrência no litoral brasileiro, e é dos mariscos mais apreciados no Brasil. Ver “Amêijoas”.

Marisma – Sapal, terreno alagadiço à beira-mar. Por definição, a água nos marismas é salobra, com maior ou menor teor de sal. O vocábulo “marisma” procede do castelhano “marisma”, originado no latim “maritima” = referente ao mar. Em Portugal não se usa o termo “marisma” mas sim “sapal”.

Marrom – Castanho. Embora no Brasil também se utilize o termo “castanho”, o mais comum é “marrom”.

Massinha – Plasticina.

Matuto – Campônio, parolo, saloio.

Mau – Ruim. Ambos os termos existem nos dois países, mas “ruim” é muito mais utilizado no Brasil do que em Portugal, onde pouco se utiliza este termo.

Mauricinho – Jovem com comportamento considerado como pertencente a uma classe social elevada, *betinho*.

Maxixe (gênero musical) – Dança urbana originária do Rio de Janeiro, que esteve na moda entre finais do século XIX e o início do século XX, possivelmente derivado do lundu, mas que assimilou elementos rítmicos e melódicos de outras danças, nomeadamente do tango, que na mesma época despontava na Argentina e Uruguai, razão porque também é conhecido por “tango brasileiro”. É diferente do lundu, mais ligado ao mundo rural, em que todos, incluindo os músicos, participavam da roda cantando, dançando e batendo palmas, enquanto que no maxixe todos os pares dançam ao mesmo tempo, sendo a música e o canto executados por elementos externos aos dançarinos. Tendo nascido quase ao mesmo tempo que o Choro, teve forte influência no desenvolvimento do samba. A etimologia de “maxixe” é controversa: pode ter origem no quimbundo “ma-”, prefixo que caracteriza o plural + “xîxi” = insónia, espertina. O étimo “maxixe” (plural “rixixe”) é, também, o nome de uma planta (*Cucumis anguria*), com frutos comestíveis, aparentada do pepino (*Cucumis sativa*), indígena da África subsariana mas levada para a América do Sul. Alguns autores põem a hipótese do vocábulo derivar do nome próprio Maxixe, provavelmente o nome do dançarino que inventou a dança. Ver “Choro”, “Lundu”, “Samba”.

Meia (meia dúzia) – Seis [em Portugal nunca se utiliza “meia” para substituir “seis”, por exemplo, quando se diz um número de telefone].

Meio-ambiente – Ambiente, meio. Apenas nos países que usam a língua espanhola e, possivelmente por influência destes, na versão brasileira do português, é que é usado o pleonismo “meio-ambiente”. O termo “ambiente” deriva do verbo “ambire”, composto pela preposição “amb(o)” = ao redor, à volta + o verbo “ire” = ir, significando ir à volta, o que rodeia, cujo participio presente é “ambiens, ambientis”, o qual passou a ser adjectivo e, depois, substantivo que traduz a noção do que envolve e, portanto, de ambiente. Por outro lado, o termo “meio” deriva, também, do latim “medius” (plural “medii”) e traduz a noção do que está dentro, o que rodeia. Assim, a expressão “meio-ambiente”, adoptada no Brasil, corresponde a um pleonismo, uma redundância (tal como “subir para cima” ou “entrar para dentro”), pois que ambas as palavras que a compõem significam basicamente a mesma coisa. Nas outras línguas latinas usa-se apenas uma palavra: “ambiente” ou “meio”. É o caso, entre outros, do italiano “ambiente”, do romanche “ambient” e do maltês “ambjent”. Foi também o caso do francês “environnement”, proveniente do latim “gŷrāre” através do latim vulgar “virare” = girar, que em francês antigo deu o verbo “virer” e com o prefixo de localização “en-” (dentro) e o sufixo de proveniência “-on” deu “environ” = em volta, círculo, em redor, termo este a que, depois, foi acrescentado do sufixo “-ment” (proveniente do latim “-mentum”) que traduz o resultado de uma acção, dando o étimo “environnement”. Também no inglês a noção é traduzida por uma única palavra, “environment”, introduzida no inglês antigo através do étimo “environ” do francês antigo. De modo análogo, no alemão utiliza-se “umwelt”, proveniente do inglês antigo “wieltan” = rodar, agitar, que, entre outras, além do termo correspondente a “ambiente”, deu também “welt” (“mundo”). “Ambiente” diz-se em dinamarquês “miljøet”, em sueco “miljön”, em norueguês “miljøet”, em holandês “omgeving”, em irlandês “comhshaol” e em polaco “środowisko”, sendo que apenas no português do Brasil e nos países de língua espanhola se utiliza o pleonismo “meio-ambiente”.

Meleca – Em linguagem coloquial designa secreção nasal húmida ou seca. Em sentido figurado é aplicado a qualquer coisa sem qualidade, má, estranha ou sem atractivos, bem como a sujidade ou porcaria. Como interjeição utiliza-se para demonstrar insatisfação, contrariedade.

Merluza – Pescada.

Metido a besta (indivíduo) – Petulante, pretensioso ou arrogante.

Metrô – Metro, metropolitano.

Mexilhão (gastronomia) – No Brasil é o nome vulgar atribuído a várias espécies de moluscos bivalves da família *Mytilidae* que, em geral, têm conchas alongadas e fixadas por um feixe filamentoso (o bisso) a um substrato rígido. A concha é normalmente escura e luzidia, podendo ter várias tonalidades. Têm, por via de regra, linhas de crescimento bem visíveis na superfície das valvas. Entre as espécies mais frequentes no Brasil referem-se *Mytilus edulis* (no Rio Grande do Sul), *Mytella guyanensis* (do Pará até Santa Catarina), *Dacrydium leucoguttatum* (no Amapá), *Perna perna* (entre o Espírito Santo e Rio Grande do Sul) e *Mytella falcata*, todos da família *Mytilidae*. Dependendo da região do Brasil e da espécie, estes mexilhões são popularmente designados por nomes diversos, como, por exemplo, marisco, mexilhão-azul, marisco-preto, marisco-da-pedra, sururu, bacucu e ostra-de-pobre. Nas últimas décadas tem aumentado bastante o cultivo de mexilhões (miticultura), principalmente no estado de Santa Catarina, utilizado predominantemente a espécie *Perna perna*.

Mico – Saguim, macaco pequeno. Preferencialmente o termo “mico” designa macacos de pequeno porte e cauda longa, não preênsil, da família *Cebidae*.

Mídia – Média, meios ou órgãos de comunicação social. O termo “mídia” corresponde à transcrição fonética do inglês “media” que soa “mídia”. Os anglo-saxónicos, principalmente os norte-americanos, não tendo língua de raiz latina, lêem as palavras latinas de forma americanizada, pronunciando portanto “mídia” ao dizerem a palavra latina “media”. O que é interessante e mesmo surpreendente é que nalguns países latinos, que normalmente expressam correctamente a fonética das palavras latinas (neste caso dizendo “média” ao ler o termo “media” em latim), acabaram por importar a dicção errada “mídia”, assim o expressando também na forma escrita. No Brasil, tal como na generalidade dos países sul-americanos, usa-se sistematicamente o termo “mídia”. Em Portugal, grande parte das vezes, diz-se “média”, embora, por vezes, se utilize também “mídia”, sendo considerado um erro.

Mija-mija (gastronomia) – Nome vulgar muitas vezes atribuído à espécie comestível *Trachycardium Muricatum* (família *Cardiidae*), também conhecida, entre outros, pelos nomes de berbigão-amarelo, rala-coco, vongôle, papa-fumo e sururu. A designação de “mija-mija” advém do esguicho de água que normalmente os bivalves produzem ao fechar as valvas. Ver “Berbigão”. Em Portugal dá-se o nome de “mija-mija” ao sistema de esguichar água para limpar os vidros do automóvel.

Minhoca – Verme anelídeo oligoqueta que cava galerias no solo húmido. Na maioria dos idiomas ocidentais modernos, o termo que designa minhoca está relacionado com verme, como em francês “ver de terre” (verme da terra), em italiano “lombrico” (lombriga), em espanhol “lombriz de tierra” (lombriga da terra), em inglês “earthworm” (verme da terra) e em alemão “regenwurm” (verme das chuvas), sendo o português a única língua que tem uma designação específica: minhoca. No entanto, no português arcaico, até ao século XVI, o termo usado era “lombriz”, e só se começou utilizar a designação “minhoca” na sequência das navegações, o que parece ter resultado da interacção, no

final do século XV, entre navegadores portugueses e habitantes da África Ocidental. O termo “minhoca” aparece já dicionarizado no *Dictionarium Latino Lusitanicum*, de Jerónimo Cardoso, publicado em 1570, em que se expressa: “Minhoca. Lumbricus”. A palavra “minhoca” deriva possivelmente do quimbundo “nhoka” = cobra, serpente, ou do suaíli do norte de Moçambique, “nyoka” com a mesma acepção.

Mioceno (época geológica) – Miocénico.

Mirante – Miradouro.

Misto quente – Tosta mista.

Mixer (culinária) – Varinha mágica.

Mixórdia – Balbúrdia, *caldeirada*, confusão, desordem, mixórdia, pandemónio, *regabofe*.

Moça – Rapariga [no Brasil, principalmente no Norte, no Nordeste, em Minas Gerais e em Goiás, o termo “rapariga” tem conotação de prostituta].

Mocambo – Local de refúgio de escravos fugitivos; sinónimo de “quilombo”. O termo “mocambo” está dicionarizada em Portugal há muito tempo: o verbete com esta palavra surge já no volume 5 do “Vocabulário” de Raphael Bluteau, publicado em 1716, onde se diz: “Mocambo. É o nome de um dos bairros de Lisboa, em que Religiosas de S. Bernardo têm um Convento. Antigamente havia neste sitio uma quantidade de casinhas de pescadores e negros. No Brasil chamam às aldeias de uns negros repartidas em choupanas, Mocambos de onde tomou este sitio o nome. A palavra “mocambo” deriva do quimbundo através da preposição “mu” = “em, no, na, nos”, utilizada, em geral, para indicar o lugar onde alguém está ou alguma coisa se faz, + “kambu” = “esconderijo”.

Molangueiro – Pessoa indolente, sem energia, *papa-açorda*.

Moleque – *Miúdo, puto*. Embora o termo “puto” seja muito utilizado em Portugal para designar crianças, nunca é aplicado, com este sentido, no feminino, pois que, neste género, tem o mesmo significado em todos os países lusófonos, ou seja, é sinónimo de prostitutas. O termo “moleque” é utilizado tanto no Brasil como em Portugal e provém do quimbundo “mulêke” = rapaz, garoto, criado de servir. A palavra “moleque” está dicionarizada em Portugal pelo menos desde o início do século XVIII (Vocabulário ... de Raphael Bluteau), com a definição “Moleque, Veio-nos esta palavra do Brasil e vale tanto como pequeno escravo negro”.

Molhar a mão - Subornar.

Molhar o bico – Tomar uma pequena porção de bebida (geralmente alcoólica), *molhar a goela, molhar o bico*.

Molhar o biscoito – Ter relações sexuais, *dar uma queca, pinocar*.

Moqueca (gastronomia) – Ensopado de peixe ou frutos do mar, preparado e servido em panela de barro, que tem como ingredientes o leite de coco e o óleo de dendém, temperado com coentros, cebola, tomate, pimentão e picante, mas a receita da moqueca varia bastante de região para região. É um prato com origem angolana onde é típica a “muqueca”, cozinhado semelhante. O étimo “moqueca” provém do quimbundo “mukeka” = guisado de carne ou peixe.

Morada – Endereço [os dois termos são usados em ambos os países, mas é mais frequente a utilização de “endereço” no Brasil e de “morada” em Portugal].

Mortadela (gastronomia) – Segundo a Instrução Normativa nº 4, de 31 de Março de 2000, é um produto feito à base de carnes (de porco, de vaca ou de outros animais), acrescido ou

não de toucinho (gordura animal), temperado com vários ingredientes, contido num invólucro natural ou artificial, que pode ter diferentes formas, e que é submetido ao tratamento térmico adequado.

Moscou (cidade) – Moscovo, capital da Rússia.

Motoneta – Motoreta.

Motorhome – Auto-caravana, pequeno camião modificado para funcionar como um habitação no campismo. O “*motorhome*” distingue-se do “*campervan*” por ser maior. Ver “Auto-caravana”, “Caravana”, “*Campervan*”, “*Trailer*”.

Motorneiro (de bonde) – Guarda-freio (de carro eléctrico).

Mouse (de computador) – Rato de computador.

Mouse pad (de computador) – Tapete para rato (de computador).

Muamba - Mercadoria de contrabando. Em Angola o termo “muamba” designa um prato típico da culinária angolana (um guisado com óleo de palma, quiabos, gindungo, cebola, e alho), muito apreciado também em Portugal e outros países lusófonos, sendo famosa a muamba de galinha, e cujo vocábulo deriva directamente do quimbundo “muamba” com o mesmo significado.

Muambeiro - Contrabandista.

Multimídia – Multimédia. Ver “Mídia”.

Mumunha – Acção ardilosa com o intuito de enganar, *trapaça*, estratégia. O termo “mumunha” deriva provavelmente do quimbundo “mumonya”. Em Angola utiliza-se, na gíria, o verbo “mumunhar” com o significado de pedir dinheiro ou um favor, de modo persuasivo mas mal intencionado.

Munheca – Pulso. Em linguagem coloquial, no Brasil, é sinónimo de sovina, avarento. No Sul do Brasil a expressão “quebrar a munheca” significa embriagar-se. A etimologia do termo é controversa. No entanto, é palavra antiga na língua portuguesa, que aparece já dicionarizada em 1716, no 5º volume do Vocabulário Portuguez e Latino, de Raphael Bluteau, onde consta o seguinte verbete: “Munheca. A juntura da mão com o braço. Consta de oito ossos, muito pequenos, nos quaes se encaixão as duas canas do braço, & da outra parte encaixão os ossos da palma da mão”.

Muquirana – Avarento, *forreta*, *somítico*, *sovina*. O termo “muquirana” vem do tupi “moki’rana” = piolho, e adquiriu na linguagem popular o significado de avarento, pessoa suja.

Muriçoca – Mosquito sugador de sangue.

Música brega – Tipo de música, muito comum no norte do Brasil, que não corresponde a um ritmo musical específico. Tendo surgido no Norte do Brasil, principalmente no Pará, designava um tipo de música romântica, com arranjo musical bastante simples, com forte apelo sentimental e letras com rimas fáceis, ou seja, supostamente de mau gosto. De certa forma, é o equivalente à música pimba em Portugal.

Mutirão – Mobilização colectiva para auxiliar gratuitamente alguém ou para realizar um serviço comunitário. O termo “mutirão” deriva do tupi “moti’rô” = trabalho colectivo.

Mutreta – Acção ardilosa com o intuito de enganar, *trapaça*, estratégia. O termo “mutreta” deriva provavelmente do quimbundo.

- N -

Não estar muito católico – Estar de mau humor. Em Portugal, a expressão “não estar muito católico” significa estar indisposto, não estar bem de saúde.

Não ter graveto – Não ter dinheiro, *não ter cheta, não ter chavo, não ter tusto*.

Neca de pitibiribas – *Nada de coisa nenhuma*.

Nevada ou **nevasca** – Nevão.

No exterior – No estrangeiro.

Nota fiscal – Factura, recibo. Especialmente no sul do Brasil, na Argentina e no Uruguai “factura” é também um tipo de pão doce.

Nota fria (documento com informação fiscal falsa) – Factura falsa.

Nota preta (grande quantidade de dinheiro) – *Batelada de dinheiro*.

Novela (de televisão) – Telenovela.

- O -

O bicho vai pegar – Regionalismo do Rio de Janeiro para “vai haver confusão”.

O Gordo e o Magro – Bucha e Estica. Foi uma famosa dupla de comediantes cinematográficos (Stan Laurel e Oliver Hardy) muito popular principalmente nas décadas de 1920 e 1930.

Odômetro (do carro) – Conta-quilómetros, hodómetro. Ver “Hodómetro”.

Oi (expressão de saudação) – Olá. Ambas as formas são utilizadas tanto em Portugal, como no Brasil; no Brasil “olá” é usado em contextos mais formais, mas o que mais se emprega no dia-a-dia é “oi”; em Portugal “olá” é francamente prevalecente, embora as camadas mais jovens utilizem muito “oi”.

Óleo de oliva – Azeite. Ver “Azeite”.

Oligoceno (período geológico) – Oligocénico.

Oliva – Azeitona. No português do Brasil, tal como no castelhano, usa-se o termo com raiz no latim “oliva”, embora também se use “azeitona”. Ver “Azeite”.

Ônibus – Autocarro. O termo “ônibus” tem origem no latim “omnibus” = “para todos”. Na primeira metade do século XX, em Portugal, usava-se “auto-ómnibus”, termo que foi depois substituído por “autocarro”. Em Angola e Moçambique designam-se por “machibombos”, e noutros países lusófonos chamam-se “toca-toca” e “otocarro”. Popularmente, em Portugal, os autocarros inter-urbanos são apelidados de “camioneta de carreira” ou simplesmente “carreira”.

Onipotente – Omnipotente.

Onisciente – Omnisciente.

Orçamentário – Orçamental.

Ordoviciano (período geológico) – Ordovícico.

Orégano – Orégãos.

Orgânicos (produtos alimentares) – Biológicos (produtos alimentares).

Oriente Médio – Médio Oriente.

Orixá (religião) – Entidade do candomblé que representa a energia e uma força da natureza. Os “orixás” são ancestrais africanos que, na sua vida terrena, adquiriram poder sobre uma das forças da natureza (raios, chuva, minérios, mar, rios, etc.) e que, por isso, foram divinizados. Cada Orixá está associado a um dia da semana, a uma cor, e a objectos e alimentos específicos, adequados ao seu ritual. O orixá talvez mais conhecido é Iemanjá, divindade da fertilidade originalmente associada aos rios mas também ao mar. O termo “orixá” parece derivar do ioruba (língua da África Ocidental, principalmente da Nigéria) “Òrìṣà” = “cabeça iluminada”, proveniente da aglutinação de “ori” = cabeça + “ṣà” = luz].

Os Três Patetas (cinema) – Os Três Estarolas [é a tradução do inglês “The Three Stooges”. Designava-se assim um grupo cómico norte-americano, cuja formação inicial era constituída por Moe Howard, Larry Fine e Shemp Howard, e que, desde 1922, foi protagonista, de numerosos filmes cómicos, principalmente curtas metragens.

- P -

Pagamento parcelado – Pagamento a prestações.

Pagar mico (no Rio de Janeiro) – Passar por uma vergonha.

Pai de Santo (religião) – Espécie de sacerdote que administra o terreiro de candomblé, dirige os cultos aos orixás, e tem a responsabilidade cuidar e orientar os seus filhos de santo. Também conhecido por “pai de terreiro” e outros nomes, como “babalorixá” ou “babaloxá” [do ioruba “bàbá” = pai + “ori” = cabeça + “ṣà” = luz, significando literalmente pai com cabeça iluminada.

Paio (gastronomia) – Segundo a Instrução Normativa nº 4, de 31 de Março de 2000, é um enchido feito à base de carnes suína ou bovina contida em tripa natural ou artificial, que é submetido à acção do calor com defumação.

Palestino – Palestiniano.

Paletó (vestuário) – Casaco.

Palmito (gastronomia) – Miolo esbranquiçado, tenro e comestível, com forma cilíndrica, da parte terminal do caule de algumas palmeiras, muito apreciados em saladas e diversas outras receitas. A extracção do palmito de certas palmeiras, como a Juçara (*Euterpe edulis*), típica da mata atlântica, e a Palmeira Real Australiana (*Archontophoenix alexandrae*) acaba por provocar a morte da árvore, pelo que tem vindo a ser utilizado como alternativa o palmito de pupunha (*Bactris gasipaes*), palmeira de grande porte da região amazónica, que sobrevive a essa extracção.

Pamonha – Pessoa sem iniciativa, *molengão*.

Pamonha (gastronomia) – Comida típica de vários estados brasileiros que é uma papa de milho verde ralado, de consistência firme, feita com leite de coco, açúcar e manteiga, cozida e envolta em folhas do próprio milho ou de bananeira. O étimo “pamonha” deriva do tupi “pa’muñã” = pegajoso, ou do tupi guarani “apá-mimõia” = envolvido e cozido.

Pampas – Extensas planícies cobertas por vegetação essencialmente herbácea, com poucas árvores, típicas do sul da América do Sul. Ocupam vastas áreas da Argentina, do Uruguai e do Rio Grande do Sul (onde correspondem a mais de 60% do território). Sendo estepes de gramíneas, são excelentes para criação de gado, nomeadamente bovino. O termo “pampa” pode ter os dois géneros: no Brasil é, normalmente, do género masculino e, em Portugal, do feminino. As pampas são as regiões dos grandes espaços, dominados pela

presença dos vaqueiros chamados gaúchos, e onde se desenvolveu a cultura gaúcha. O vocábulo “pampa” originou-se da palavra quíchua “pampa” = planície. Ver “Gaúcho”.

Panaca – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, palerma, tolo.

Pândega – *Comezaina, estroinice, farra, patuscada.*

Pandorga – Regionalismo do Rio Grande do Sul para brinquedo que se lança ao vento preso com um fio, papagaio de papel, *estrela* (no Minho), *joeira* (na Madeira).

Panela – Caldeirão, tacho. Existem nomes diferentes para os diversos recipientes culinários que vão ao lume, não sendo muito claras as diferenças entre utensílios designados por nomes distintos, existindo conceitos algo discordantes entre Portugal e Brasil, e, mesmo, em cada uma das regiões desses países. Muitas vezes usam-se designações diferentes como sinónimos. Em Portugal, em geral, há tendência para designar por “tachos” os recipientes cilíndricos, de barro ou metálicos, que têm diâmetro maior do que a altura, e por “panelas” os que têm uma altura superior ao diâmetro, tendo ambos, normalmente, “asas” e não “cabo”; se têm “cabo” há tendência para lhe chamar “caçarolas”.

Panetone – Bolo-rei. Na realidade, o “bolo-rei” e o “panetone” são diferentes, mesmo na forma, embora sejam ambos bolos típicos da época natalícia. O bolo-rei, cujo nome é clara alusão aos reis-magos, é originário de França, tendo-se popularizado em Portugal no século XIX; tem tipicamente forma de argola, sendo ornado com frutas cristalizadas. Tradicionalmente, o bolo-rei tinha algures no interior um “brinde” e uma fava seca: quem ficava com a fatia que tinha o brinde, um pequeno objecto de pouco valor, interpretava isso como bom augúrio; quem ficava com a fatia que tinha a fava teria que comprar o próximo bolo-rei. Porém, esta tradição foi proibida há umas duas décadas, pois que as pessoas mais desprevenidas podiam engasgar-se com esses objectos. O panetone é de origem italiana, tendo forma circular (sem o buraco central característico do bolo-rei), e não tem frutas cristalizadas.

Pão bengala – Pão com forma alongada, cacete, baguete [francesismo]. No Brasil, nalgumas regiões, também é chamado de “pão bisnaga”. No sul do Brasil também se chama “cacete” a este tipo de pão, mas, na gíria brasileira “cacete” refere-se a pénis.

Pão bisnaga – Pão com forma alongada, cacete, baguete [francesismo]. No Brasil, nalgumas regiões, também é chamado de “pão bengala”. No sul do Brasil também se chama “cacete” a este tipo de pão, mas, na gíria brasileira “cacete” refere-se a pénis.

Pão careca – Pão pequeno de farinha de trigo fina, um pouco alongado, carcaça, papo-seco (no sul de Portugal), molete ou bijou (francesismos utilizados no norte de Portugal), trigo (na região de Braga), pada (nalgumas zonas da Beira Litoral), pãozinho.

Pão de queijo (gastronomia) – Pequeno pão de farinha de mandioca com queijo que, depois de cozido, fica crocante por fora e macio por dentro, que se tornou uma das especialidades do Brasil. É oriundo do estado de Minas Gerais e parece ter sido criado em meados do século XVIII, numa altura em que escasseava a farinha de trigo, tendo-se começado a usar, em sua substituição, o polvilho, isto é, a fécula de mandioca. O “pão de queijo” é feito, essencialmente, com polvilho, leite, ovos, gordura (banha de porco ou manteiga) e lascas de queijo.

Pão de sal – Pão pequeno de farinha de trigo fina, um pouco alongado, carcaça, papo-seco (no sul de Portugal), molete ou bijou (francesismos utilizados no norte de Portugal), trigo (na região de Braga), pada (nalgumas zonas da Beira Litoral), pãozinho.

Pão duro – *Agarrado, avarento, forreta, somítico, sovina.*

Papagaio – Brinquedo que se lança ao vento preso com um fio, *estrela* (no Minho), *joeira* (na Madeira)

Papai Noel – Pai Natal.

Papo – Conversa, *cavaqueira*, *dois dedos de conversa*, *por a conversa em dia*, *dar à tramela*.

Páprica (gastronomia) – Colorau, pimentão doce.

Parabenizar – Dar os parabéns. Em Portugal não se utiliza o verbo “parabenizar”, mas sim a expressão “dar os parabéns”.

Parada (e.g. de ônibus) – Paragem.

Parada cardíaca – Paragem cardíaca.

Parcela – Pagamento parcelado, prestação.

Parcelar – Pagar a prestações.

Parcelas (de um pagamento) – Prestações.

Passar um trote – Enganar alguém, *endrominar*, *enfiar o barrete*, *enfiar o garruço*, enganar, intrujar.

Passeata – *Arruada*, marcha colectiva geralmente com motivações políticas ou eleitoristas.

Passos de cágado – *Passos de caracol*, lentamente.

Passos de tartaruga – *Passos de caracol*, lentamente.

Pastel de Belém – Pastel de nata. Com certa frequência, no Brasil, designam-se impropriamente os “pastéis de nata” por “pastéis de Belém”. Estes, que são uma marca registada da Fábrica dos Pastéis de Belém, fundada em 1837, e são confeccionados segundo uma receita original (dos monges do Mosteiro dos Jerónimos) que é segredo exclusivo dessa Fábrica, localizada junto ao Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa. Tradicionalmente são comidos ainda quentes, polvilhados com canela e açúcar em pó. Como os pastéis de Belém só são vendidos na fábrica aludida, tornaram-se muito populares as imitações, chamadas pastéis de nata, que se encontram virtualmente em pastelarias de todo o país (e no estrangeiro): os pastéis de nata são realmente bons, em especial se forem bem confeccionados, mas os pastéis de Belém são muitíssimo melhores.

Pastelão (cinema) – São assim designados no Brasil os filmes cómicos que exploram o riso fácil e que incluem, muitas vezes, cenas de briga em que os actores atiram pastelões (ou bolos, tortas ou outro tipo de comida) às caras uns dos outros. Em Portugal há tendência para apelidar de “pastelão” um filme aborrecido.

Patricinha – *Betinha*, jovem com comportamento considerado como pertencente a uma classe social elevada.

Patuscada – *Comezaina*, *estroinice*, *farra*, *pândega*, *patuscada*.

Pau – Pênis, *pila*, *badalo*, *caralho*, *mangalho*, *pau*, *piça*, *picha*, *pichota*, *pilinha*, *pirilau*.

Pau-de-arara – Meio de transporte irregular que consiste na adaptação simples de um camião para transporte de passageiros, para o que são colocadas tábuas sobre a caixa aberta e é instalada uma lona para protecção (do Sol e das intempéries). Inicialmente, o termo “pau-de-arara” era aplicado no Nordeste aos camiões que transportavam pessoas que migravam devido à seca (os retirantes), mas, com o tempo, o termo divulgou-se por quase todo o Brasil. Na origem, “pau-de-arara” era o nome atribuído a uma vara que se utilizava

para transporte de araras e outras aves; começou a ser aplicado a este meio de transporte improvisado devido, possivelmente, ao barulho e sujeidade que as pessoas faziam, que lembravam o comportamento dessas aves.

Paulista – Pessoa nascida no estado de São Paulo.

Paulistano – Pessoa nascida na cidade de São Paulo.

Pé de água – Chuvada, carga de água, aguaceiro.

Pé frio – Pessoa sem sorte, *azarado*.

Pé quente – *Sortudo*.

Pé quente (condutor que anda com muita velocidade) – *Acelera*.

Pé rapado – Pessoa sem dinheiro, *teso*.

Pebolim – *Matraquilhos, matrecos*. O termo “pebolim” ou “pimbolim” é utilizado principalmente nas regiões sul e centro-oeste do Brasil; este jogo, nas regiões sudeste, nordeste e norte do Brasil, designa-se normalmente por “totó”, e no sul de Santa Catarina por “pacal”. É possível que o termo “pebolim” se tenha formado pela aglutinação de “pé” + “bolinha”.

Pedágio – Portagem.

Pedestre – Peão. Em Portugal também se utiliza o termo “pedestre”, mas as pessoas que andam na rua a pé são normalmente designadas por “peões”, nome que também era dado aos trabalhadores assalariados rurais.

Pepeta – Regionalismo do Acre e do Amazonas para designar o brinquedo que se lança ao vento preso com um fio, papagaio de papel, estrela (no Minho), joeira (na Madeira).

Pepino – Situação confusa ou de difícil resolução, imbróglio, *alhada, trapalhada, embrulhada, enrascada, trinta e um*.

Percevejo – além de outros significados comuns em Portugal e no Brasil, neste último país designa também pionés.

Perereca – Órgão sexual feminino, *cona, crica, pachacha, passarinha, pito, racha, rata*.

Permiano (período geológico) – Pérmico.

Pernil (gastronomia) – Perna de porco.

Pernilongo – Mosquito sugador de sangue.

Perua – Carrinha, veículo automóvel tipo *station van* para transporte de passageiros.

Perua – Mulher que já passou dos 30 anos de idade, mas que tenta parecer mais jovem, balzaquiana; mulher pateta, inútil, excessivamente enfeitada, pretensamente elegante. Curiosamente, o termo “perua” já existiu na gíria portuguesa, com este sentido, tendo sido abandonado, voltando agora a ser usado devido à influência brasileira. No Nordeste do Brasil “perua” é o mesmo que “rapariga”, “prostituta”.

Pés de pato (para nadar) – Barbatanas.

Pesquisa científica – Investigação científica [“investigação científica” também existe no Brasil, mas a expressão mais comum é “pesquisa científica”].

Pesquisador – Investigador.

Pessoa foda – Pessoa que sabe fazer algo muito bem feito, habilidoso, competente, *porreiro*.

Pessoa jurídica – Pessoa colectiva.

Pessoa-física – Pessoa singular.

Pia – Lava-loiças (na cozinha), lavatório (na casa de banho).

Pichar (paredes) – *Grafitar* paredes (também usado no Brasil).

Piche – Pez. Aplica-se à substância viscosa negra proveniente da destilação do alcatrão e à resina produzida pelo pinheiro e por outras árvores coníferas.

Picolé – Gelado de pauzinho.

Picolho – Homossexual masculino, *larilas*, *maricas*, *paneleiro*, *panasca*, *panilas*, *rabo*, *rabeta*, *roto*, *gay*, *bicha*, abichanado.

Pier – Cais, molhe, embarcadouro [“pier” é um anglicismo].

Pijama de madeira – Caixão de defunto.

Pilão – Almofariz.

Pimbolim – *Matraquilhos*, *matrecos*. É provável que “pimbolim” tenha origem onomatopaica, com “pimba” correspondente ao som de uma coisa a bater na outras (a bola a ser embatida pelos bonecos, aglutinado com bolinha. Ver “Pebolim”.

Pimenta (gastronomia) – No Brasil este termo aplica-se aos frutos picantes de várias plantas e condimentos com eles preparados, enquanto que em Portugal designa exclusivamente os grãos provenientes da planta *Piper nigrum*.

Pimenta de caiena (gastronomia) – Malagueta, pimenta de Caiena. É uma variedade de *Capsicum annuum*, originário da América, bastante picante. A designação “pimenta de caiena” deriva do nome da cidade de Caiena (Cayenne), na Guiana francesa.

Pimenta de cheiro (gastronomia) – Pimento com três a quatro centímetros de comprimento, com formato de sino e coloração amarelo leitoso quando maduro; é uma variedade da espécie *Capsicum chinense*, originário da América; é bastante cheiroso e pouco picante, sendo muito utilizado na culinária da região Norte do Brasil.

Pimenta dedo-de-moça (gastronomia) – Malagueta; é uma variedade de *Capsicum baccatum*, originária do Perú, vermelha, com picante e aroma suaves, muito utilizada na culinária brasileira.

Pimenta-do-reino (gastronomia)– Pimenta. No Brasil, o termo “pimenta” é aplicado aos frutos de diversas plantas; em Portugal aplica-se aos grãos provenientes da planta *Piper nigrum*, originária do sudeste asiático e introduzida no Brasil pelos portugueses no início da colonização. Designou-se por “pimenta-do-reino” para a distinguir das outras pimentas, pois que esta tinha vindo do reino (Portugal). O termo aplica-se tanto à pimenta-preta como à pimenta-branca; na realidade ambas provêm da mesma semente, sendo que a preta é seca com a película que a envolve, enquanto que a branca é processada após ter sido retirada essa película.

Pimenta-malagueta (gastronomia)– Designação dada, no Brasil, às bagas fusiformes, vermelhas e bastante picantes da planta *Capsicum frutescens*, conhecidas em Portugal por “gindungo” e “piripiri”.

Pimentinha – Em geral, no Brasil, designam-se assim os condimentos picantes.

Pinto – Pénis, *pila*, *badalo*, *caralho*, *mangalho*, *pau*, *piça*, *picha*, *pichota*, *pilinha*, *pirilau*.

Pipa – Brinquedo que se lança ao vento preso com um fio, papagaio de papel, *estrela* (no Minho), *joeira* (na Madeira).

Piposa – Brinquedo que se lança ao vento preso com um fio, papagaio de papel, *estrela* (no Minho), *joeira* (na Madeira).

Pirão (gastronomia) – Papa grossa e consistente de farinha de mandioca, feita com caldo de carne ou de peixe, com ou sem legumes. O termo “pirão” é também usado em Angola para designar apenas a farinha de mandioca ou de milho (o fubá) amassada, que constitui um acompanhamento muito comum na cozinha angolana, geralmente servido com pratos que tenham molho. O termo “pirão” deriva do tupi “mi-ndy-pyrõ” = ensopado e do verbo correspondente “mi-ty-pyrõ” = ensopar.

Pirarucu (gastronomia) – Grande peixe de água doce das zonas calmas da região amazônica, da espécie *Arapaima gigas*, que habita águas com temperaturas que variam entre 24°C e 37°C, ricas em vegetação. Tem cabeça achatada e ossificada, mandíbulas salientes e corpo cilíndrico, tendo coloração castanha esverdeada, escura no dorso e avermelhada nos flancos, sendo a intensidade variável de acordo com o tamanho do indivíduo e com o tipo de água em que vive. Pode chegar a atingir 3 m de comprimento e mais de 250 kg de peso. É uma espécie interessante porquanto possui dois aparelhos respiratórios: um baseado nas brânquias (guelras), utilizado na respiração aquática; e outro centrado na bexiga natatória, modificada para funcionar como pulmão, que é utilizado no período seco, em que o nível da água baixa muito e o animal fica, com frequência, sujeito a exposição sub-aérea, podendo, desta forma, percorrer longas distâncias em terra firme à procura de água. O pirarucu, que quase não tem espinhas, é muito apreciado na gastronomia regional devido à sua carne suave, sendo com frequência designado por “bacalhau do Amazonas”, principalmente quando é submetido ao processo de salga e secagem. São famosos os “bolinhos de pirarucu”, em que o peixe seco é dessalgado e desfiado, e depois refogado com cebola, alho e salsa, num processo semelhante ao dos “pastéis de bacalhau”. Mas há muitas outras formas de preparar o pirarucu fresco ou seco, como o “pirarucu de casaca”, o “pirarucu ao leite de coco”, os “filetes de pirarucu”, a “moqueca de pirarucu” e muitos outros. O étimo “pirarucu” deriva do tupi “pi’ra” = designação genérica de peixe + “kuru’ru” = sapo, significando, portanto, peixe-sapo.

Piroca – Pénis, *pila*, *badalo*, *caralho*, *mangalho*, *pau*, *piça*, *picha*, *pichota*, *pilinha*, *pirilau*.

Pirulito – Chupa-chupa.

Pisar no freio – Carregar nos travões.

Piso térreo – Rés-do-chão.

Pitaco – Homem bonito e elegante, *pêssego*.

Pitar – Fumar (cigarro, charuto ou cachimbo).

Piteira – Boquilha, pequeno tubo em que se mete a ponta do cigarro para fumar.

Pitrica – Órgão sexual feminino, *cona*, *crica*, *pachacha*, *passarinha*, *pito*, *racha*, *rata*.

Placa (do carro) – Matrícula (do carro)

Planejar – Planear.

Pleistoceno (período geológico) – Pleistocénico.

Pliocêno (período geológico) – Pliocénico.

Polenta (gastronomia) – Farinha de milho cozida em água e sal (fubá), sinónimo de “angu”. O termo provém do italiano “polenta” que originalmente era aplicado a um alimento preparado com farinha de cevada torrada e que, mais tarde, passou a ser feito com farinha de milho.

Policial (agente da autoridade) – Polícia, *chui*, *bófia*.

Polonês – Polaco, natural da Polónia e também a língua desse país.

Polonesa – Polaca [em várias regiões do Brasil “polaca” tem conotação de prostituta].

Polvilho (culinária) – Embora “polvilho” seja qualquer substância em pó utilizada em culinária, no Brasil designa, normalmente, a fécula de mandioca, que é de fácil digestão, não tem gordura nem glúten, e tem baixo teor de sódio. Ao contrário da farinha de mandioca, resultante da trituração deste tubérculo, para obter o polvilho a mandioca é amassada até se tornar numa goma à base de amido, sendo depois decantada. Se a massa resultante for moída e seca ao Sol, obtém-se o “polvilho doce”. Se antes deste processamento sofrer fermentação, obtém-se o “polvilho amargo”. A “tapioca” é o polvilho hidratado e, com frequência, frito.

Ponto de ônibus – Paragem de autocarro.

Ponto de táxi – Praça de táxis.

Porção (de comida) – Dose.

Porcentagem – Percentagem. O termo “percentagem” deriva do latim “per” + “centum” com o sufixo “-agem” (resultado de uma acção); o termo “porcentagem” formou-se por justaposição da locução “por cento” com a respectiva sufixação.

Porongo – Também designado, entre outros nomes, por cabaça, porungo e abóbora-d’água, é o fruto da *Lagenaria siceraria*, planta herbácea trepadeira da família *Cucurbitaceae* (a que pertencem, também, por exemplo, a abóbora, o melão, a melancia e o pepino). Em linguagem comum, a planta é conhecida por porongueiro, cabaceira e cabaceiro amargoso (e outros nomes), e foi uma das primeiras espécies a serem domesticadas, sendo os seus frutos utilizados não apenas na alimentação, mas também como recipientes de água. É originária, talvez, de África, mas dispersou-se, quer naturalmente, quer acompanhando as migrações humanas, por praticamente todos os continentes. Existia já na América do Sul quando os primeiros colonizadores europeus aí chegaram. O fruto, com forma de grande pêra, com até 40 cm de comprimento, quando deixado a secar torna-se oco, com a casca lisa e impermeável. Estes frutos, após ficarem secos, são amplamente utilizados em muitos países do mundo, tanto como vasilhas usadas em refeições, como servindo de cantis para transporte de líquidos, bem como recipientes para armazenar água em regiões secas, e ainda como caixas de ressonância de instrumentos musicais. Aliás, o nome científico *Lagenaria siceraria*, expressa essa utilidade, principalmente como recipiente, com *Lagenaria* proveniente do latim “Lagoena” = garrafa, e *siceraria* derivado do grego “síkerá”, através do latim “sicēra-”, que se referia a bebidas alcoólicas (excepto o vinho), como a cidra ou a cerveja. No Brasil, os porongos têm múltiplas utilizações, mas, no sul do Brasil, é principalmente empregado na fabricação de cuias para o chimarrão. O vocábulo “porongo” derivou da palavra quíchua (família de línguas indígenas sul-americanas ainda hoje falada por vários milhões de pessoas) “purunku” = vaso de barro com gargalo estreito, através do castelhano da América do Sul. Ver “Cuia” e “Chimarrão”.

Posição de impedimento (futebol) – Fora de jogo.

Posto de gasolina – Bomba de gasolina, estação de serviço.

Posto policial – Esquadra de polícia.

Potiguar – Pessoa natural do estado de Rio Grande do Norte. O gentílico deriva do nome dos índios que habitavam na região costeira desta região, chamados potiguaras. O termo “potiguar” vem do tupi “poti” = camarão + “g’-ú-‘ara” = o que come, comedor, significando literalmente “comedor de camarões”.

Prato executivo (no restaurante) – Prato para uma pessoa.

Prefeito – Presidente da Câmara Municipal.

Prefeitura – Câmara municipal [no Brasil também existe “câmara municipal”, mas o termo mais utilizado é “prefeitura”].

Prefixo telefônico, DDD – Indicativo telefónico.

Prenheca – Órgão sexual feminino, *cona, crica, pachacha, passarinha, pito, racha, rata*.

Presunto – Cadáver, defunto.

Presunto – Fiambre.

Presunto de Parma – Presunto [pernil de porco inteiro salgado e curado].

Priquita – Órgão sexual feminino, *cona, crica, pachacha, passarinha, pito, racha, rata*.

Privada – Retrete.

Produtos orgânicos (alimentação) – Produtos biológicos.

Professor particular – Explicador.

Propina – *Luvas*, corrupção. Em Portugal designam-se por “propinas” as quantias pagas para frequentar um estabelecimento de ensino superior. Na gíria de Angola, para significar corrupção, usa-se o termo “gasosa”.

Proprietário (de uma casa alugada) – Senhorio.

Prosa – Conversa, *cavaqueira, dois dedos de conversa, por a conversa em dia, dar à tramela*.

Prosear - Conversar.

Pulôver (vestuário) – Pulôver, camisola; peça de roupa de malha sem botões, geralmente com decote em bico e sem mangas nem colarinho, que se veste pela cabeça sobre uma camisa ou outra peça de roupa. No Brasil, geralmente, chama-se “pulôver” à camisola sem mangas e “suéter” à camisola com mangas. O nome “pulôver” é um anglicismo derivado de “Pullover”.

Punheta – Masturbação masculina, *pívia, cinco contra um, tocar uma*.

Pupunha (gastronomia) – Palmeira de grande porte da região amazônica (*Bactris gasipaes*) de onde é extraído o palmito também chamado de “pupunha”. O palmito mais apreciado é o da palmeira juçara da mata atlântica *Euterpe edulis*), mas como essa extracção provoca a morte da árvore, tem vindo a ser utilizado como alternativa o da pupunha, cuja extracção pode ser feita sem que a palmeira morra. Ver “Palmito”.

Puxa-saco - Bajulador, *engraxador, graxista, lambe-botas, manteigueiro*.

Quadra – Quarteirão. O termo “quarteirão” é também utilizado no Brasil, mas o mais vulgar é “quadra”.

Quadrada (pessoa) – Conservador, pessoa retrógrada, *pessoa quadrada*.

Quatorze – Quatorze. As duas palavras, “quatorze” e “catorze” existem na língua portuguesa e estão corretas, tendo origem no latim “quattuordecim”. A forma etimologicamente mais correta é “quatorze” pois é a que mais se aproxima de seu étimo latino, sendo a variante “catorze” resultado de uma adequação ortográfica baseada na fonética da primeira sílaba. As duas variantes existem nas versões do português de ambos os países, e já no “*Dictionarium Latino Lusitanicum ...*” (de 1570), de Jerônimo Cardoso, aparecem as duas formas. Porém, enquanto no Brasil se continuam a usar as duas variantes, embora seja mais comum a versão “quatorze”, em Portugal essa grafia está em desuso (havendo tendência para a considerar erro ortográfico), sendo mais correto o uso da palavra “catorze”.

Quebra-galho - Pessoa ou recurso que permite a resolução improvisada de um problema ou de uma situação difícil.

Quebra-molas – Lomba (na estrada).

Queda da temperatura – Abaixamento da temperatura, descida da temperatura.

Quenga – Inicialmente, “quenga” era, no Nordeste brasileiro, uma vasilha feita da metade de um coco sem a polpa. Actualmente, o nome é também atribuído a recipientes feitos de barro ou outros materiais. O étimo “quenga” tem origem no quimbundo “Kiénga”, que era um utensílio para torrar farinha, tacho, torrador.

Quenga – Na gíria do Nordeste brasileiro o termo “quenga” adquiriu, também, o significado de garota de programa, prostituta. A palavra é também utilizada para referir uma coisa imprestável, sem valor.

Quezília – Quezília, contrariedade, discussão, briga, transtorno. Ver “Quizila”.

Quilombo – Local de refúgio de escravos fugitivos. Actualmente, “quilombo” é uma comunidade constituída por descendentes dos que se refugiaram nesses locais. Normalmente, os “quilombos” situavam-se em locais de difícil acesso, encobertos ou escondidos no meio ao mato, afastados dos centros urbanos; na maior parte eram fortificados e organizados internamente, e os habitantes, chamados “quilombolas”, eram maioritariamente negros (escravos) fugitivos, mas também havia escravos alforriados e minorias de brancos pobres e de indígenas; alguns dos quilombolas tinham, também, escravos que aí viviam. Em Angola também existe o termo “quilombo” mas com o significado de acampamento no mato. O termo “quilombo” deriva do quimbundo “kilombe”, com o significado de negror, negrume, o que enegrece, e/ou de “kilómbo”, que designa um conjunto de forças militares, arraial e lugar de reunião ou sanzala de trabalhadores.

Quindim – Carícia feita com os dedos, sobretudo no couro cabeludo. Este vocábulo também é usado para designar um movimento gracioso.

Quindim (gastronomia) – Doce feito com gema do ovo, coco ralado e açúcar, que é uma adaptação ao Brasil do doce conventual português chamado “brisas do Lis”, típico de Leiria, feito com ovo, amêndoas raladas e açúcar; no Brasil, não havendo amêndoas facilmente disponíveis, este ingrediente foi substituído pelo coco ralado. É possível que o nome “quindim” tenha derivado do termo da língua quiconga “kénde” = pudim de mandioca ou milho.

Quinze minutos – Quarto de hora (alocução esta que não se utiliza normalmente no Brasil).

Quirera ou quirela de milho – Papa de farinha de milho, tradicional de São Paulo e outros estados, preparado com milho triturado grosseiramente; “quirera” significa os fragmentos mais grossos de qualquer substância triturada, que não passam nas malhas da peneira; a “quirera com suã” é um prato típico dos estados de Santa Catarina e do Paraná (“suã” ou “assuã” é a carne da parte inferior do lombo do porco); o termo “quirera” deriva do tupi “ki’rera” com o significado de restos de farinha de mandioca.

Quitanda – *Barzeco, café, chafarica*, taberna, *tasca, venda*. Originalmente, no Brasil, significava pequena loja de frutas e verduras, e, em Portugal, era uma venda volante de pequenos objectos. O termo “quitanda”, também usado em Portugal, tem origem no quimbundo “ki’tana”, que significava o local onde se fazem negócios, mercado, praça.

Quitute – Carícia feita com os dedos, sobretudo no couro cabeludo; na gíria significa também moça bonita.

Quitute – Comida apetitosa, iguaria, petisco. O termo “quitute” tem origem em “kitutu” do quimbundo, que significa comida apetitosa e requintada ou indigestão.

Quizila / quizília / quezília – Quezília, contrariedade, desentendimento, discussão, briga, transtorno. Ambos os termos existem nos dois países, mas em Portugal usa-se preferencialmente “quezília” e no Brasil “quizila”. No candomblé “quizila” (ou “Ewo”) correspondem a regras de conduta exigidas pelos orixás aos que se iniciam, determinando o que estes não podem comer ou fazer durante um período (curto ou longo) da sua vida. O termo “quezília”, “quezila” ou “quizila” deriva do quimbundo “kijila” = regra, preceito, proibição imposta pela religião, pela tradição ou pela lei, ou jura, renúncia ou privação de prática de certos actos.

- R -

Rabolho – Homossexual masculino, *larilas, maricas, paneleiro, panasca, panilas, rabo, rabeta, roto, gay, bicha*, abichanado.

Rala-coco (gastronomia) – Nome vulgar muitas vezes atribuído à espécie comestível *Trachycardium Muricatum* (família *Cardiidae*), também conhecida, entre outros, pelos nomes de berbigão-amarelo, vongôle, mija-mija, papa-fumo e sururu. Chama-se “rala-coco”, principalmente no Nordeste, porque estas conchas, com sulcos finos e bastante rijos, eram utilizadas para fazer coco ralado. Ver “Berbigão”.

Ralar – Trabalhar muito ou com muita vontade.

Recebíveis (contabilidade) – Recebimentos.

Receita total (contabilidade) – Volume de negócios.

Recôncavo baiano – Região do estado da Bahia situada em torno da Baía de Todos os Santos (onde se localiza a capital, Salvador). É uma região com enorme influência africana, devido à grande quantidade de escravos que para aí foram levados para trabalharem, principalmente, nas plantações de cana-de-açúcar.

Regata (vestuário) – Camisa sem mangas, camisa de alças.

Registrar – registrar.

Rendas (contabilidade) – Receitas.

Rendimentos (contabilidade) – Receitas.

Reprovar o ano – Reprovar, *chumbar*. O termo correcto é “reprovar”, mas em Portugal é mais comum utilizar-se a gíria “chumbar”.

República Tcheca (país) – República Checa.

Resfriado – Constipação. No Brasil, por influência anglo-saxónica, utiliza-se por vezes o termo “constipação” para designar prisão de ventre.

Resfriar – Arrefecer.

Ressaca (do mar) – Temporal no mar. Em Portugal “ressaca” significa o refluxo das ondas de temporal.

Retirante – Pessoa do interior do Nordeste do Brasil que, principalmente durante as grandes secas, ficando em situação de penúria e miséria, migrava para o litoral ou para outras regiões em busca de melhores condições de vida.

Retorno na própria rua – Inversão do sentido da marcha.

Reunião de cúpula – Cimeira.

Rissoles (gastronomia) – Rissóis.

Rocambole (gastronomia) – Torta, bolo enrolado.

Rola – Pénis, *pila, badalo, caralho, mangalho, pau, piça, picha, pichota, pilinha, pirilau*.

Roncar – Ressonar. Embora com menos frequência, também em Portugal se utiliza o termo “roncar” com este sentido.

Ronda policial – Policia de giro.

Rotatória – Rotunda.

Roto – Homossexual masculino, *larilas, maricas, paneleiro, panasca, panilas, rabo, rabeta, roto, gay, bicha*, abichanado.

Rótula – Rotunda [em Angola usa-se como gíria “bolacha”].

Ruela – Anilha.

Ruim – Mau. Ambos os termos existem nos dois países, mas “ruim” é muito mais utilizado no Brasil do que em Portugal, onde pouco se utiliza este termo.

- S -

Sacar dinheiro – Levantar dinheiro.

Saco – Bolsa onde estão os testículos.

Saco (é um) (ser chato, aborrecido) – *É uma seca*.

Sacolinha – Saquinho.

Sagui – Saguim, macaco pequeno.

Salsão (gastronomia) – Aipo.

Salsicha (gastronomia) – Segundo a Instrução Normativa nº 4, de 31 de Março de 2000, é um enchido feito à base de carnes (de porco, de vaca ou de outros animais), temperadas com ingredientes vários, contidas num invólucro natural ou artificial, e que é submetido a um processo térmico adequado.

Salva-vidas (na praia) – Banheiro, nadador-salvador (em Portugal também se utiliza “salva-vidas”).

Samba (gênero musical) – O gênero musical conhecido internacionalmente como “samba” corresponde ao chamado “samba carioca” ou “samba urbano”, originado no Rio de Janeiro, nascido nas décadas iniciais do século XX nessa cidade, muito ligado ao Carnaval. Porém, este é apenas um dos muitos estilos deste gênero musical, o qual se desenvolveu com base nos batuques (com frequência designados por sambas), danças profanas dos escravos africanos, que foram adquirindo diferentes características consoante as peculiaridades das tribos de onde predominantemente eram oriundos esses escravos e as especificidades de cada região, o que se traduziu em alterações dos ritmos, do estilo de dançar e, mesmo, dos instrumentos musicais utilizados. Foram aparecendo, assim, estilos diferentes (tendo, por via de regra, a umbigada como elemento comum), tais como, entre muitos outros, o samba baiano rural, o samba corrido e o samba de roda, todos da Bahia, o samba de fileiras de Goiás, o samba de coco de Pernambuco e o samba de lenço de São Paulo. Este gênero musical chegou ao Rio de Janeiro principalmente em finais do século XIX, quando para aí se registou forte migração proveniente de outros estados, principalmente da Bahia (onde este fluxo migratório ficou conhecido como “diáspora baiana”), que se agregaram em comunidades pobres com fortes raízes na cultura tradicional negra brasileira, nomeadamente com as actividades relacionadas com o candomblé. Por influência destes migrantes, principalmente do Nordeste, o gênero musical foi-se desenvolvendo, nisso tendo tido grande relevância as chamadas “tias baianas” (pois que muitas delas originárias da Bahia), geralmente mães de santo no candomblé, na altura ainda proibido, em cujas casas se faziam regularmente festas cantantes, frequentadas por compositores e figuras da noite carioca. Esta influência foi determinante, de forma que, ainda hoje, é obrigatória a existência, nas escolas de samba, de uma “ala de baianas”. Assim acabou por surgir o samba carioca, radicado no samba de roda, em que havia uma roda de cantantes em que, no centro, estava um dançarino (homem ou uma mulher), que executava uma dança, e que, depois, escolhia o substituto dando-lhe uma umbigada, na boa tradição africana. O étimo “samba” deriva do quimbundo “sémba”, contracção de “risêmba”, que significa umbigada dada na dança, termo provavelmente relacionado com “Sâmba” = conhecido, e com “tumba ni samba” = amigo e conhecido. Ver “Lundu”, “Maxixe”, “Samba”.

Sambaqui – Concheiro, monte artificial constituído na maior parte por conchas de moluscos. Os sambaquis (português do Brasil), concheiros (português europeu) ou *shell mounds* (em inglês) são comuns nos litorais mundiais. Correspondem a depósitos mesolíticos que foram sendo construídos pelo homem ao longo do tempo, em zonas onde a onda tem menos energia, como lagunas costeiras, estuários e baías, e onde, além de conchas, dominantes, existem materiais orgânicos, ossos de animais, utensílios líticos, esqueletos humanos e vários outros materiais. Continua ainda a discussão, entre os arqueólogos, sobre as funções que estes depósitos desempenhavam nas sociedades mesolíticas. Para uns, estes sítios seriam usados de forma ocasional, para caçadas, pescarias e/ou com fins rituais, deslocando-se, depois, a população para outra zona; para outros, seriam locais de habitação permanente destas populações de caçadores-coletores. De qualquer forma, estes montes artificiais correspondem, pelo menos na maior parte, a lixeiras da altura; o núcleo habitacional estava no topo, mais salubre e arejado, e com características que lhe conferiam especiais condições de vigilância e de defesa; os restos alimentares e os resíduos da vida quotidiana eram lançados nas vertentes, que serviam, também, como cemitério. No Brasil existem em toda a costa, com maior predominância no litoral sul. Alguns chegavam a atingir 30 m de altura, estimando-se que tenham sido constituídos

entre 8 mil e 2 mil anos antes do presente. O sambaqui de Garopaba, no município de Jaguaruna, no litoral sul de Santa Catarina, é, por vezes, considerado como o maior sambaqui do mundo: com cerca de 6 mil anos, originalmente deveria ter mais de 60 m de altura, mas a erosão provocada pelos agentes externos (vento, chuva, diluição de carbonatos, etc.) e os impactes das actividades humanas reduziram-nos a menos de 30 m. Havendo, nestes depósitos, grandes quantidades de carbonato de cálcio (das conchas), muitos dos sambaquis foram, desde a chegada dos europeus, objecto de exploração para a produção de cal. Mais tarde, a expansão urbana conduziu, também, em vários locais, a destruição parcial destes sítios arqueológicos. Em 1961, a Lei federal n.º 3.924, de 26 de Julho (que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos), veio conferir a estes sítios o estatuto de locais protegidos, designadamente através do Artigo 1.º, que declara que "Os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram ficam sob a guarda e protecção do Poder Público" e do Artigo 3.º, que torna "proibidos em todo território nacional o aproveitamento económico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiras, concheiros, birbigueiras ou sernambis". O termo "sambaqui" provém do tupi "tãba" = conchas + "ki" = monte, amontoado.

Sanduba – Sanduíche. O termo "sanduíche" existe tanto em Portugal como no Brasil, e é proveniente do inglês "sandwich" com o mesmo significado.

Sapatoná – Lésbica, *fufa*, *fressureira*, lésbica.

Saravá – Interjeição usada nos cultos afro-brasileiros, nomeadamente no cadomblé, como saudação, sendo sinónimo de "salvé" ou "bem-vindo". Segundo alguns, a palavra terá surgido durante o período da escravatura devido à dificuldade fonética que os que falavam línguas bantas tinham em dizer "salvé", pronunciando "salavé" ou "salavá" que teria evoluído para "saravá".

Sebo – Alfarrabista, loja que comercializa livros usados. No Brasil, tal como em Portugal, "sebo" designa a gordura produzida pelo nosso corpo para a protecção da pele, bem como ao tecido adiposo e a qualquer substância gordurosa. O vocábulo procede do latim "sebum" com o mesmo significado. É provável que tenha adquirido a acepção de loja de livros usados porque estes, com frequência, devido a intenso manuseio, ficam com aspecto sujo, engordurado, ou seja, "ensebados", "sebentos".

Secador de roupa – Estendal.

Secretária eletrônica – Atendedor de chamadas.

Sem teto – Sem abrigo, que vive na rua e não tem domicílio fixo.

Senha – Palavra-passe.

Sensoriamento remoto – Detecção remota.

Ser cara de pau – Ser descarado, sem vergonha, *ter muita lata*.

Ser foda – Pessoa complicada, desagradável ou difícil, mas também pessoa extraordinária, muito boa a fazer alguma coisa, *ser fogo*.

Ser um saco – Ser chato, ser aborrecido, *ser uma seca*.

Sertão – Em termos gerais significa actualmente uma região agreste, afastada do litoral, dos núcleos urbanos e das terras cultivadas, mas a utilização mais comum referia-se ao sertão nordestino, zona do semi-árido do Nordeste brasileiro, com vegetação xerófila e solo em geral pouco profundo, pedregoso e, portanto, pouco fértil. É a área que apresenta menor

pluviosidade em todo o Brasil; dispõe-se *grosso modo* de forma paralela ao litoral NE-SW, abrangendo grande parte dos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Considera-se, em geral, que o “sertão” é parte integrante, juntamente com o “agreste”, da “caatinga”. A etimologia do termo “sertão” não é clara, podendo resultar de corruptela de “desertão”, como os primeiros colonizadores encaravam o interior do Nordeste. De qualquer modo, o termo “sertão”, na época das grandes navegações, era já aplicado a regiões africanas e asiáticas.

Seta (do automóvel) – Pisca-pisca ou simplesmente pisca.

Siluriano (período geológico) – Silúrico.

Silvestre – Selvagem. Ambos os termos são usados nos dois países, mas no Brasil utiliza-se mais “silvestre” e em Portugal “selvagem”.

Sinaleira – Regionalismo do sul do Brasil para semáforo.

Sinaleira (do trânsito) – Semáforo, sinal de trânsito [no Brasil usam-se várias designações populares como “sinaleira” (no sul), “farol” (em São Paulo), “sinaleiro”, ou simplesmente “sinal” (tal como em Portugal)].

Síndico - Administrador de condomínio.

Sinistro – Desastre.

Sinuca – Bilhar, *snooker*.

Siri (gastronomia) – Designação popular genérica dos caranguejos comestíveis da família *Portunidae* da ordem *Decapoda* (dez pés, pois têm cinco pares de patas), nomeadamente do género *Callinectes*, em que o último par de patas é mais largo e achatado, formando estruturas que funcionam como remos ou nadadeiras, e em que a carapaça tem, de cada lado, um prolongamento que, por vezes, adquire forma de espinho lateral bem pronunciado; devido à aludida forma das patas, estes caranguejos têm maior capacidade de locomoção em ambientes aquáticos, pois que têm a capacidade de nadar; o tamanho é variável de acordo com a espécie, mas os maiores têm envergadura da ordem de 20 cm; entre outras espécies, como *Callinectes danae*, *C. marginatus* (caxangá), e *Portunus spinimanus*, refere-se o siri *Callinectes sapidus* (do grego “calli” = bonito + “nectes” = nadador, e do latim “sapidus” = saboroso), que ocorre em todo o litoral brasileiro, conhecido pelos nomes comuns de siri-azul, siri-tinga ou simplesmente siri, abundante nas costas marítimas mas também em águas salobras, que chega a atingir mais de 15 cm de envergadura; [esta espécie existe, como exótica, nalgumas zonas costeiras portuguesas, para onde foi provavelmente transportada, no estado larvar, na água de lastro de navios]; [o nome “çiri” provém do tupi antigo, com o mesmo significado].

Siririca - Masturbação feminina.

Sítio – Propriedade rural de pequena lavoura, quinta, casa de campo, fazenda, monte (principalmente no Alentejo).

Sobrado – Casa com dois andares.

Sobrenome – Apelido [no Brasil e na Madeira “apelido” corresponde a “algunha”].

Sonegação fiscal (contabilidade) – Fuga ao fisco.

Soropositivo – Seropositivo, pessoa cujo soro tem anticorpos específicos de um determinado agente patológico. Em linguagem popular, com frequência, o termo designa um indivíduo cuja análise sanguínea revelou a presença do vírus da SIDA (AIDS).

Sorvete– Gelado. Em Portugal há tendência para designar por “sorvete” o produto pastoso gelado feito com base em lacticínios, que é fornecido num cone de baunilha (ou, mais recentemente, num copinho de plástico) e é comido com uma pequena colher (ou lambido).

Sovela – Nome dado nalguns estados do Brasil aos mosquitos sugadores de sangue, nomeadamente os dos géneros *Anopheles* e *Aedes*, que são vectores da dengue, da malária e de várias outras doenças.

Sovina – *Agarrado, avarento, forreta, somítico, sovina.*

Suco (de fruta) – Sumo

Suéter (vestuário) – Pulôver, camisola; peça de roupa de malha sem botões, com mangas e, geralmente, com decote em bico, sem colarinho, que se veste pela cabeça sobre uma camisa ou outra peça de roupa. No Brasil chama-se “pulôver”, geralmente, à camisola sem mangas, e “suéter” à camisola com mangas. O termo “suéter” é um anglicismo derivado de “sweater”.

Sulfeto – Sulfureto.

Sumidouro – Sarjeta, escoadouro.

Sunga – Calção de banho.

Suruba (no Rio de Janeiro) – Confusão.

Sururu (gastronomia) – Nome vulgar atribuído no Brasil ao molusco bivalve comestível *Mytella charruana* (família *Mytilidae*), parecido com o mexilhão, designação esta também dada a outras espécies da mesma família. A concha luzidia, alongada e um pouco arqueada, com cor variável entre o preto-azulado, o verde-escuro e o castanho, tem comprimento médio de cerca de 5 cm e largura de 2 cm, podendo ser bastante maiores. Fixam-se nas rochas, na zona entre-marés, embora possam também ocorrer enterrados no lodo (até cerca de 10 cm de profundidade), com os bissos emaranhados e presos a pedaços de conchas. Vivem em agregados, por vezes de muitas dezenas de indivíduos. Também conhecido por “mexilhão”, “bacucu” (no Paraná) e “ostra-de-pobre”, por vezes distingue-se o “sururu de manta” ou “sururu de pasta” (*Mytella charruana*) do “sururu de dedo” ou “sururu-bico-de-ouro” (*Mytella guyanensis*). O sururu é uma referência na gastronomia de vários estados brasileiros, nomeadamente do Nordeste, sendo preparado de várias formas (cozido ou frito), sendo famosos, entre outros, o “caldo de sururu”, à base de leite de coco e óleo de dendém, a “moqueca do sururu” com leite de coco e óleo de palma, além de tomates maduros, cebola e coentros (típica de Espírito Santo) e o “sururu de capote”, ou seja, inteiros, pois que são cozinhados com casca juntamente com vinho, alho, cebola, leite de coco e outros ingredientes, acompanhado de pirão, piripiri e puré de macaxeira (típico de Alagoas). O termo “” provém do tupi antigo “çeruru”, com o mesmo significado.

- T -

Tabaréu – Campónio, parolo, saloio.

Tabela de classificação – Tabela classificativa.

Tabelião – Notário.

Tachinha – Pionés.

Tamari – Mico, sagui, soim [o termo “tamari” tende a deixar de ser utilizado].

Tanga – Tanga, peça de roupa usada à volta das ancas. Modernamente adquiriu também o significado de cuecas, especialmente de biquíni, de dimensões mínimas. Em Portugal significa, também, história fictícia e enganosa. Embora não haja acordo sobre a etimologia de “tanga”, provavelmente tem raiz no quimbundo “tánga” = tecido grosso, pano, capa. É possível que o termo tivesse sido introduzido no Brasil pelos escravos provenientes de Angola, que tinham como roupa uma faixa de pano que os cobria do ventre até às coxas, que chamavam de tanga. O termo “tanga” parece ter sido disperso pela Ásia pelos navegadores portugueses, com o sentido de saio ou saiote.

Tanque (de combustível) – Depósito.

Tapa – Bofetada, estalada. em Portugal também se utiliza “tapa” com este sentido.

Tapete – Carpete. Tanto em Portugal, como no Brasil, existem os dois termos.

Tapioca (gastronomia) – Designa tanto a fécula alimentícia obtida das raízes da mandioca, como uma espécie de crepe feito na frigideira a partir da hidratação dessa fécula, com recheio doce ou salgado. O termo “tapioca” tem origem no tupi “typy-a-kuí” / “typy-o-kuí” = farinha de mandioca, talvez derivado de “tĩpi’og” = sedimento, coágulo, mas que significava também o amido desta planta e era utilizado para referir tanto o produto obtido da fécula, como o próprio cozinhado que com ela era feito, que estaria também na base de “typyoka” / “typyaka” = fécula de mandioca, resíduo do caldo de mandioca, de “typyok-y” = vinho de fécula de mandioca, e de “typy-r-aty” = farinha de mandioca crua. Ver “Polvilho”.

Tapioca – Regionalismo do Nordeste do Brasil para papagaio de papel, brinquedo de papel que se lança ao vento.

Tatuzinho – Bicho-de-conta.

Teço-teco – Avioneta.

Tela – Ecrã.

Teerã – Teerão, capital do Irão.

Tereré ou **Tererê** – Bebida tradicional do sul da América do Sul (incluindo o sul do Brasil), proveniente da cultura guarani, que é uma infusão fria de folhas de *Ilex paraguariensis*, a erva-mate. Embora se beba, também, com um canudo (palhinha) chamado “bomba” ou “bombilha”, o tereré é diferente do chimarrão, tanto porque este deve ser bebido quente e aquele é frio ou gelado, como porque a preparação das folhas (“erva”) é diferente, sendo trituradas mais grossas e encorpadas, o que diminui a probabilidade de entupimento da “bomba”, e ainda porque o chimarrão é tradicionalmente bebido da cuia (feito de cabaça) e o tereré é normalmente bebido da “guampa”, um recipiente feito de corno, em geral de vaca. Com frequência é consumido com limão ou hortelã. O tereré é particularmente típico do Paraguai, onde foi declarado bebida oficial e em que é celebrado o "Dia Nacional da Tereré" (último sábado de Fevereiro), mas está muito divulgado, também, nalguns estados brasileiros desde Mato Grosso a Rio Grande do Sul. A etimologia de “tereré” é incerta, mas deriva, provavelmente, do guarani. Ver “Chimarrão”, “Erva-mate” “Guampa”.

Terminar em pizza – Situação que não foi solucionada, que acabou sem resultados, *dar em águas de bacalhau*.

Término de estoque – Ruptura de *stock* [o termo “stock” é um anglicismo que em Portugal ainda não foi aportuguesado]

Terno – Fato completo composto por calças + colete + paletó = casaco. O vocábulo “terno” provém do latim “ternus” que expressa a noção de três, composto por três partes.

Terreiro de candomblé (religião) – Templos afro-brasileiros onde se realizam os cultos cerimoniais do candomblé e são feitas oferendas aos orixás.

Térreo (pisso) – Rés-do-chão.

Testa-de-ferro – Pessoa que empresta o nome como responsável por actos ou empreendimentos de outrem que não quer ou não pode aparecer, *laranja, testa-de-ferro*.

Teto solar (do automóvel) – Tecto de abrir.

Tico-tico no fubá – Sexo sem compromisso.

Time (e.g. de futebol) – Equipa.

Tirar a poeira da garganta – Tomar uma pequena porção de bebida, geralmente alcoólica, *molhar a goela, molhar o bico*.

Tirar o atraso – Masturbação masculina, *punheta, pívia, cinco contra um, tocar uma*.

Tiro de meta (futebol) – Pontapé de baliza.

Toca-discos – Gira-discos.

Toca-fitas – Leitor de cassetes.

Tomar a sopa – Comer a sopa. No Brasil “comer” aplica-se apenas para a ingestão de alimentos sólidos.

Tomar um porre – Embebedar-se.

Tombado (patrimônio) – Património classificado; que foi reconhecido, pelo seu valor histórico, artístico, cultural ou natural como património oficial público. No Brasil, o principal órgão público com poderes de classificar (tombar) é o IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O vocábulo “tombado” vem do verbo “tombar” = registrar no livro do tombo, que advém da Torre de Tombo, em Portugal. Ver “Torre do Tombo”.

Torcedor (e.g., de futebol) – Adepto.

Torcida (e.g. de um clube) – Claque.

Torpedo – Piropo, galanteio, elogio dirigido a uma mulher.

Torrar o saco – Chatear, importunar, fazer perder a paciência.

Torta (gastronomia) – Empadão. Ao contrário do significado em Portugal, onde "torta" é um bolo enrolado (doce), no Brasil refere-se a um alimento preparado no forno, feito com massa de farinha e recheado com carne, camarão, ou outros ingredientes, finalizado com palmito, ou seja, uma espécie de empadão, que normalmente é salgado, embora possa também ser doce.

Totó – *Matraquilhos, matrecos*. O termo “totó” é utilizado principalmente nas regiões sudeste, nordeste e norte do Brasil; nas regiões sul e centro-oeste designa-se normalmente por “pebolim” ou “pimbolim”, e no sul de Santa Catarina por “pacal”. É provável que o termo “totó” tenha origem onomatopaica, reproduzindo o som que a bola faz ao ser embatida pelos bonecos e ao bater nas tabelas.

Trabalhista – Laboral, que diz respeito ao trabalho. Em Portugal, quando se fala em assuntos relativos ao trabalho, utiliza-se preferencialmente o termo “laboral” proveniente do latim

“labore” = trabalho + “-al” = sufixo de origem latina que expressa a ideia de conjunto ou quantidade. No Brasil seguiu-se outra via, utilizando-se usualmente o termo “trabalhista”, derivado de “trabalho”, que também proveio do latim e tem como raiz o “tripalium” (tri = três e palium = pau, palito), instrumento utilizado para subjugar os animais e forçar os escravos a aumentar a produção, com o sufixo de origem grega “-istés” através do latim “-ista” que exprime a noção de proveniência ou relação. Nos primeiros dicionários de português aparecem já os dois termos “laborar” e “trabalhar”.

Trambique – Acção ardilosa com o intuito de enganar, *trapaça*, estratégia.

Transar – Ter relações sexuais, *dar uma queca*, *pinocar*.

Trapaça – *Aldrabice*, *patranha*, mentira.

Trapacear – Enganar, aldrabar, *endrominar*, *enfiar o barrete*, *enfiar o garruço*, enganar, intrujar.

Trave (futebol) – Baliza.

Trailer – Caravana, *rulote*, pequena habitação com rodas, mas que para ser mover precisa ser rebocada. Ver “Caravana”, “Rulote”.

Travesseiro – Almofada. Em Portugal, “almofada” é o recosto para a cabeça que se utiliza na cama, e “travesseiro” é uma almofada comprida que atravessa transversalmente a cama, daí o seu nome, sobre o qual se colocam as “almofadas”; porém, tanto em Portugal como no Brasil designam-se por “almofadas” os objectos moles e macios, geralmente quadrados, usados para dar apoio às costas nos sofás ou cadeiras, para suporte para os pés, para recosto da cabeça quando em posição de sentado, ou simplesmente como elemento decorativo.

Trecho costeiro – Trecho costeiro. No Brasil, coloquialmente, “troço” tem vários significados, nomeadamente traste, tralha, qualquer coisa indefinida, objecto, e mesmo bosta; em Portugal significa fragmento ou parte, pelo que é usual falar-se, por exemplo, em troço de estrada e troço costeiro.

Trem – Comboio.

Trem-bala – TGV (train à grande vitesse).

Trilhão – Trilião. No Brasil, tal como nos U.S.A., segue-se a escala curta em que um trilhão = um milhão de milhões [10^{12}]; em Portugal, tal como na generalidade da Europa, segue-se a escala longa em que um bilião = um milhão de biliões [10^{18}]. A escala curta (e.g. Brasil) tem por base as potências de mil, enquanto que a escala longa (e.g. Portugal) tem por base as potências de um milhão.

Trocador – Regionalismo do Rio de Janeiro para cobrador no ônibus.

Trombada – *Cunilingus*, *minete*.

Tropeiro – Pessoa que conduz bestas de carga ou manadas de gado, como de bois e cavalos. No Rio Grande do Sul designa, também, comprador ou vendedor de manadas de gado. Os tropeiros faziam o comércio, principalmente de gado, mas, de igual modo, de alimentos e outros produtos, entre as regiões sul e sudeste (mas também do Nordeste), sendo de relevar o charque de Rio Grande do Sul que era vendido na região sudeste. Estes comerciantes de longa distância parece terem surgido em fins do século XVII e início do século XVIII, com a descoberta do ouro em Minas Gerais, o que fez com que houvesse uma explosão demográfica devido à grande de pessoas que aí ocorreram, mas onde a produção de alimentos era muito baixa, sendo a região abastecida pelos tropeiros. Estes

profissionais, além de comerciante, servia, também, de correio, de emissário oficial e de portador de notícias, constituindo uma forma de comunicação e de união entre os centros urbanos afastados, de tal modo útil e importante que o governo imperial isentou os tropeiros do serviço militar. No sul do Brasil, os tropeiros também são conhecidos como “carreteiros”. Etimologicamente, o vocábulo “tropeiro” vem de “tropa” com o sufixo “-eiro” criador de substantivos a partir de outros, e que dá o sentido de ocupação, ofício, profissão. A origem de “tropa” é menos evidente: parece derivar do latim “turba” = multidão em desordem ou movimento, talvez através do francês “troupeau” = rebanho, e da sua redução para “troupe”, significando grupo (que, em português, viria da dar “trupe”), mas que cedo adquiriu, também, a acepção de grupo militar. Em 1721, no “Vocabulario Portuguez e Latino” (vol. 8), Raphael Bluteau ainda dá, de certa forma, este duplo sentido no verbete “Tropa”, que define como “Companhia de Soldados de cavallo; hoje em Portugal cada Tropa he de oytenta cavallos”, dizendo a seguir “Tropas. Muita cavallaria junta”, e depois “Tropas no plural às vezes val o mesmo que todo o género de soldados, assim de pá, como de cavallo”, acrescentando “Neste próprio sentido dizem os francezes *troupe*, & os italianos *troppe*. Huns, & outros o tomãrão de *troppus*, que nas leys dos Alemães quer dizer em bayxa Latinidade Manada, rebanho, bando, & às vezes se diz de Egoas, como neste lugar das ditas leys”.

Trote – *Partida*, brincadeira feita com o intuito de enganar alguém.

Trote estudantil – Praxe académica.

Tunda – *Sova, coça, surra, tareia*.

Turma – Grupo de pessoas, *malta, maralhal*.

Turno (1º ou 2º turno das eleições) – Volta (1ª ou 2ª volta das eleições)

Tutu – Dinheiro, *carcanhol, pilim, guito, pasta, grana, cacau*.

- U -

Uçá (gastronomia) – Também chamado caranguejo-verdadeiro, catanhão e uçaúna, o termo designa os caranguejos semi-terrestres da espécie *Ucides cordatus* (família *Ocypodidae*), comuns nos manguezais brasileiros; a carapaça, de cor azul-celeste a castanho-escuro, conforme a época do ano, pode alcançar a envergadura de 10 cm e as pernas são providas de grandes pelos ou cerdas rijas; constrói tocas largas, profundas e tortuosas na zona entre-marés de ambientes pantanosos de água salobra, entre as raízes das árvores do manguezal, que podem atingir quase 2 m de profundidade; na época de acasalamento dá-se a chamada migração dos uçás, conhecida popularmente por “andada” ou “carnaval do caranguejo”, altura em que fêmeas e machos abandonam as suas galerias e caminham activamente no sedimento; a carne do caranguejo-uçá é muito apreciada na culinária nordestina, mas também de outros estados costeiros, sendo bastante popular devido ao seu módico preço; são famosas, entre outras, as “caranguejadas” das noites das quintas-feiras do Nordeste e a “torta capixaba” de Espírito Santo; a captura do caranguejo-uçá é a actividade comercial mais importante nos mangues brasileiros, dela dependendo a sobrevivência de grande número de famílias; [o termo “uçá” deriva directamente do tupi antigo “uçá” com o mesmo significado].

Usuário – Utente, utilizador.

Uvas-passas - Passas

- V -

Vagão (e.g. de trem) – Carruagem (e.g. de comboio).

Varal (para secar a roupa) – Estendal.

Varejo (venda no) – Venda a retalho, venda de mercadorias à unidade, em pequenas porções ou quantidades. O termo “varejo” provém do verbo “varejar” ou “varear” que, além do significado de golpear com vara, tinha também a acepção de medir às varas, sendo que a “vara” era, até à introdução do sistema métrico em Portugal e no Brasil, a unidade básica da medida de comprimento, equivalente a 1,1 metro. Havia mesmo a profissão de “varejador”, os que faziam o varejo, ou seja, que iam varejar (medir) a fazenda dos mercadores e comparar com o que tinham vendido e com o que tinham manifestado à entrada, para ver se não tinham fugido aos impostos (sisas) devidos. Aliás, o verbo “varejar” existia já na Baixa Idade Média. Viterbo, no “Elucidario das palavras, termos, e frases, que em Portugal antigamente se usaram ...” (volume 2º, publicado em 1798), inseriu o verbete “varejar” que significava “Tomar conta das fazendas, cousas proibidas, ou contrabandos, que cada hum tem em sua casa, tomando-as as rol, ou medindo-as para pagar direitos, sem poder sonegar alguma cousa (...). E mesmo he de presumir, que esta

Vaso (sanitário) – Sanita.

Vatapá (gastronomia) – Prato típico da Bahia e de outros estados, com origem africana, que consiste num creme consistente, feito com pão molhado ou farinha de trigo (ou, por vezes, farinha de mandioca ou de milho), óleo de dendém e leite de coco, temperado com cebola, tomate, gengibre, piri-piri e outros condimentos, a que se acrescenta camarão fumado moído, além de peixe fresco, bacalhau, camarão fresco, carne de frango ou outros ingredientes, sendo servido, geralmente, com arroz branco. A origem do termo “vatapá” é controversa: para alguns autores viria do ioruba “ehba-tápa”; para outros, o prato, assim como o nome, teriam sido criados no Brasil.

Venda por atacado – Venda por grosso, em grandes quantidades.

Vendedora – Vendedeira.

Veneziana – Estore.

Ventilador (para resfriar) – Ventoinha.

Vermelho – Encarnado, vermelho. Tanto em Portugal, como no Brasil, são geralmente usados como sinónimos, embora “encarnado” se refira à cor vermelha escarlate da carne fresca ou do sangue, e “vermelho” ao carmim ou escarlate, tinta extraída da cochonilha (piolho-dos-vegetais). A partir da Comuna de Paris, em 1871, o vermelho passou a ser conhecido como a cor da esquerda revolucionária. Em Portugal, e também no Brasil, no período da ditadura, evitava-se a utilização do termo “vermelho” devido à sua conotação com os comunistas, embora a “Cruz Vermelha” tivesse mantido sempre o mesmo nome. Em Portugal associa-se o termo “encarnado” ao clube de futebol Sport Lisboa e Benfica.

Vestiário – Balneário.

Vestir o pijama de madeira – Morrer, falecer, *esticar o pernil, ir para a quinta das tabuletas, ir para a quinta dos pés juntos, quinar, dar o peido mestre.*

Viado – Homossexual masculino, *larilas, maricas, paneleiro, panasca, panilas, rabo, rabeta, roto, gay, bicha*, abichanado.

Viajar na maionese – Fugir totalmente do assunto ou da situação.

Videogames – Videojogos.

Vidrado – Apaixonado, *estar pelo beicinho.*

Vietnã (país) – Vietname.

Vila – Além de antiga divisão territorial brasileira, o termo “vila”, no Brasil, designa, também, um alinhamento de residências que forma uma rua particular, com frequência sem saída, cuja entrada se abre para uma via pública, significado este que também existe em Portugal. Não existe uma definição precisa para este termo com esta conotação, podendo actualmente corresponder a uma zona predominantemente residencial com comércio local, como a Vila Matilde, a Vila Formosa e a Vila Olímpia, na cidade de São Paulo, ou a Vila Isabel e a Vila Valqueire, no Rio de Janeiro. Tal como em Portugal, várias destas “vilas” correspondiam, originalmente, a bairros operários. O étimo “vila” provém do latim “villa” (plural “villae”), que era uma moradia rural cujas edificações formavam o centro de uma propriedade agrícola, ou seja, análogo ao que, no Alentejo, se designa por “monte”, e no Minho por “solar”. A palavra “villa” continua a persistir com o significado de mansão vivenda, casa de campo em italiano, em espanhol, em alemão e noutras línguas.

Vila – Antiga divisão territorial brasileira. No Brasil, no período colonial e mesmo posteriormente (período imperial e primeira parte do período republicano), seguia-se o sistema português, em que a elevação de um povoado a “vila” significava que se constituía uma comarca em que passava a existir uma câmara de vereadores, que definia leis municipais próprias (posturas), que cobrava impostos, que tinha um juiz de fora (magistrado nomeado pelo rei ou seu representante), bem como dispunha de pelourinho (onde eram punidos e expostos os criminosos) e cadeia pública. Foi apenas o Decreto-Lei nº 311 de 2 de Março de 1938, que dispôs sobre a divisão territorial do Brasil, que a situação se modificou de forma significativa, deixando a palavra “vila” de ter valor administrativo. O município, cuja sede tem a categoria de cidade e lhe dá o nome (Art. 3.º), passou a ser menor unidade político-administrativa, embora compreendam “um ou mais distritos, formando área contínua”, os quais podem ser subdivididos “em zonas com seriação ordinal” (Art. 2.º). Por esse Decreto-Lei, “as designações e a discriminação de “comarca”, “termo”, “município” e “distrito” serão [passaram a ser] adoptadas em todo o país”.

Vila (Rio Grande do Sul) – Denominação predominante no Rio Grande do Sul para designar favela.

Virar bicho – Regionalismo do Rio de Janeiro correspondente a ficar furioso.

Virar presunto – Morrer [geralmente morte provocada por assassinio].

Vitrine – Montra.

Vitrola – Gira-discos.

Viva-voz (kit para automóvel) – Mãos-livres.

- X -

Xampu – Champô.

Xerém (gastronomia) – Papa de farinha de milho; é um prato tradicional português provavelmente com origem medieval, que foi exportado para outras regiões, como Cabo Verde (onde ressalta o “xerém de atum fresco”, preparado com leite de coco) e Brasil, onde é tradicional, especialmente na região Nordeste, onde é conhecido pelo nome original “xerém”, mas é também popularmente conhecido como “arroz de pobre”, sendo servido com galinha guisada ou carne assada; em Minas Gerais, onde adquiriu o nome de “canjiquinha”, é preparado com milho pilado grosseiramente, e servido com carne de

porco; em São Paulo e noutros estados é conhecida como “quirera de milho”, sendo que “quirera” significa os fragmentos mais grossos de qualquer substância triturada, que não passam nas malhas da peneira; no Espírito Santo é popularmente chamado “péla égua”.

Xerox – Marca registada que passou a designar genericamente fotocópia.

Xícara – Chávena. Em Portugal também existe o termo “xícara” mas é, actualmente, um arcaísmo. O étimo “xícara” tem origem na palavra da língua náuatle (língua nativa mexicana falada pelos aztecas) “šikállì” = vasilha de umbigo, composta pelos termos “šiktli” = umbigo + “kalli” = receptáculo, que, possivelmente no século XVII, entrou no castelhano como “jícara” significando pequeno vaso que geralmente serve para tomar chocolate, e passou ao português ainda nesse século ou no seguinte sob a forma de “chícara” ou “xícara”.

Xingar – Injuriar, insultar, ofender. O termo “xingar” tem origem no quimbundo “kúxinga”, com o mesmo significado.

Xote (gênero musical) – O “xote” é uma cadência musical que tem como ancestral uma dança de salão portuguesa, importada para o Brasil em meados dos século XIX, a qual proveio originalmente da Alemanha, designada por “Schottisch” (escocesa), referência à polca escocesa, que estava na sua base. Bastante difundida entre os aristocratas, a população em geral rapidamente adoptou o novo género musical, designadamente os escravos, que a adaptaram aos seus próprios gingados. Com a passagem do tempo, foram sendo introduzidas novas variações rítmicas, distanciando-se o resultado, cada vez mais, dos elementos originais do Schottisch. Foi, assim, que foram surgindo por todo o Brasil diferentes versões de xote, desde o “xote nordestino” (mais rápido, sempre presente nos forrós nordestinos) ao “xote gaúcho” (mais moderado), tornando-se música quase obrigatória nas festas dos santos populares (festas juninas). O étimo “xote” é uma corruptela do termo original “schottische”.

Xoxota – Órgão sexual feminino, *cona, crica, pachacha, passarinha, pito, racha, rata*.

- Z -

Zagueiro (futebol) – Defesa central.

Zelador – Porteiro.

Zíper – Fecho éclair.

Zoar – Gozar.

Zureta – Pessoa que não regula bem da cabeça, maluco, *doidivanas, chanfrado, xoné, atoleimado, pirado, pilulas*.

II - Português de Portugal – Português do Brasil

II

Português de Portugal – Português do Brasil

- A -

À beça – Muito, *baita*, *à beça*, *catatau*. Em Portugal é gíria relativamente recente.

À borla – Grátis, de graça, sem pagar.

À fossanga – Com sofreguidão.

Abaixamento da temperatura – Queda da temperatura, descida da temperatura.

Abatanado (cafetaria) – Café expresso normal servido em xícara grande (de meia-de-leite).

Abichanado – Homossexual masculino, *viado*, *bicha*, *boiola*, *baitola*, *arrombado*, *abafa-palhinha*, *rabolho*, *picolho*, *roto*, *gay*.

Abraçadeira plástica – Lacre, enforca gato; [tira de plástico flexível usada para fechar hermeticamente alguma coisa, garantindo sua inviolabilidade].

Abre-garrafas – Abridor de garrafas.

Abre-latas (de conserva) – Abridor de latas.

Açafate – Cesto de vime, sem asas e de bordo baixo, normalmente oval ou circular. A palavra “açafate” deriva do árabe “safat” = cesto.

Açaime – Focinheira.

Acelera – Condutor que anda com muita velocidade, *pé-quente*, *pé-pesado*.

Ácidos Gordos – Ácidos graxos.

Acompanhante – *Garota de programa* [mulher jovem que se prostitui sem se expor nas ruas].

Acreção – Acresção, *acrecção*. O termo correto, também no Brasil, é *acrecção*, mas a corruptela “acresção” tem-se vindo a vulgarizar cada vez mais neste país.

Açúcar mascavado – Açúcar mascavo.

Adepto (e.g. de futebol) – Torcedor.

Adesivo – Esparadrapo.

Administrador de condomínio – Síndico.

Administrar – Manejar, gerenciar [“administrar” também é utilizado no Brasil].

Advogado oficioso – Advogado dativo ou gratuito [que é incumbido da defesa do réu num tribunal, sem que aquele tenha que lhe pagar os honorários].

Afia (lápiz) – Apontador, *afiadeira* (de lápis).

Agarrado – Avarento, *cigalheiro*, *forreta*, *mão-de-vaca*, *mão-fechada*, *muquirana*, *somítico*. Na gíria portuguesa, “agarrado” tem também outros significados, nomeadamente o de tóxico-dependente.

Agarrado – Dependente de drogas.

Agrafador – Grampeador.

Agricultar – Cultivar, lavrar, amanho a terra. Embora a palavra exista no português do Brasil, não é muito utilizada, usando-se bastante mais cultivar. O vocábulo “agricultar” tem raiz no etmo latino “ager” = campo, com plural “agri”, que veio do grego “agro-“, + “cultus, -a, -um” = cultivado (particípio passado do verbo “colere” = cultivar) + “ar” sufixo verbal, de origem latina, que entra na formação de verbos.

Água fresca – Água gelada.

Água lisa – Água mineral sem gás.

Água poluída – Água inquinada.

Aguarela – Aquarela.

Águas residuais – Águas servidas, esgoto [no Brasil também se utiliza “águas residuais”].

Aguçar o dente – Estar desejoso de obter algo, ficar na expectativa, preparar-se para obter o que se deseja.

Aipo (culinária) – Salsão.

Alargamento do prazo – Dilatação do prazo.

Albufeira – Lago artificial criado por uma barragem. No Brasil é sinónimo da laguna, corpo de água que se comunica com o mar pelo menos durante as marés cheias. O termo “albufeira” deriva do árabe “al”, artigo definido o ou a + “buhayra” = lago, laguna.

Albufeira – Lago artificial criado por uma barragem. No Brasil é sinónimo da laguna, corpo de água que se comunica com o mar pelo menos durante as marés cheias. O termo “albufeira” deriva do árabe “al”, artigo definido o ou a + “buhayra” = lago, laguna, reservatório de água.

Alcagoitas – Regionalismo do Algarve e do Alentejo para designar amendoins.

Alcatrão – Asfalto, alcatrão. O termo “alcatrão” deve ser aplicado à mistura viscosa, escura, proveniente da destilação do petróleo; o termo “asfalto” deve ser aplicado à mistura de petróleo com brita utilizada para pavimentar estradas e ruas.

Alcunha – Apelido [em Portugal “apelido” designa o nome de família; na Madeira o termo é utilizado com o mesmo sentido que tem no Brasil]

Aldrabar – Enganar, intrujar, *trapacear*.

Aldrabice – *Aldravice, trapaça, patranha*, mentira.

Aleijar – Machucar [“aleijar” também se utiliza no Brasil]

Alfacinha – Lisboaeta, pessoa de Lisboa. O termo deriva de “alface”, palavra com origem no árabe “hassa” = alface, precedida do artigo “al” = a /o; assim, “al-hassa” seria “a alface”, e na transposição para português o H gutural foi foneticamente substituído por F]. A origem do gentílico “alfacinha” não é clara; é possível que 1) tenha derivado de, no período de dominação muçulmana e posteriormente, haver muitas alfases nas hortas das colinas de Lisboa; 2) as alfases terem servido de alimento principal durante algum dos vários cercos a que Lisboa esteve submetida; 3) tenha surgido pelo contraste entre “galegos” (rudes e incultos, conotados frequentemente com as couves, grossas, rijas e de cor verde profunda), e “lisboetas” (mais polidos e com frequência mais magros e pálidos, mais parecidos com as alfases, mais tenras e de cor mais clara do que as couves).

Alfarrábio – Livro antigo, geralmente de grandes dimensões. O vocábulo “alfarrábio” deriva do nome do filósofo muçulmano turco Al-Fārābi (872-950), nascido em Farab, no

Turquemenistão, cuja obra foi utilizada, ao longo de séculos, por muitas gerações de estudantes, de tal forma que o seu nome passou, em português, a identificar livro velho e grande.

Alfarrabista – Sebo, pessoas ou loja que comercializa livros usados. Ver “Alfarrábio”.

Alfazema – Lavanda.

Alforreca – Água-viva

Algibeira – Bolso. Em Portugal os dois termos são sinônimos; no Brasil não se usa, em geral, o termo “bolso”. O étimo “algibeira” provém do árabe “al-jibairâ” que era pequeno saco de couro com vários bolsos usado pelos cavaleiros, que, por outro lado, deu também “aljava”, recipiente para setas que era geralmente transportado ao ombro.

Algues – Em algum lugar indeterminado. Embora o termo exista em português do Brasil, é pouco usado.

Alhada – Situação confusa ou de difícil resolução, *abacaxi*, *embrulhada*, *garalhuba*, *imbróglia*, *pepino*.

Alheira (gastronomia) – Tipo de enchido (embutido), originário do nordeste de Portugal (Trás-os-Montes), em forma de ferradura, cujos principais ingredientes são a carne picada e desfiada de aves e o pão de trigo, condimentados com alho, sal e colorau; a mais famosa das alheiras é a de Mirandela. Segundo a tradição, com laivos de veracidade, a “alheira” foi criada por cristãos-novos como forma de enganar a Inquisição; em 1492 os reis católicos (Fernando de Aragão e a Isabel de Castela) decretaram a expulsão dos judeus de Espanha, passando a ser ferozmente perseguidos pela Inquisição (Tribunal do Santo Ofício), que aí tinha sido fundada em 1478, pelo que muitos judeus fugiram para Portugal; todavia, o contrato de casamento do rei português, D. Manuel I, com a princesa Isabel de Espanha incluía uma cláusula que exigia a expulsão dos hereges (judeus e mouros) do território português, o que foi feito através de um édito real de 1496, que obrigava os judeus e a sair do país ou a converter-se ao cristianismo (tornando-se cristãos-novos). Porém, muitos dos judeus converteram-se apenas formalmente, continuando a guardar em segredo os preceitos da religião judaica, um dos quais é a proibição de comer carne de porco. Essa era uma das formas da Inquisição, que tinha sido criada em Portugal em 1536, identificar falsos cristãos, pois que se recusavam a consumir carne de porco, nomeadamente os enchidos (chouriço, morcela, etc.) que eram confeccionados com esta carne. Assim, a fim de dar a entender à sociedade e aos inquisidores que eram verdadeiros cristãos, os judeus de Trás-os-Montes inventaram a “alheira”, que tem aspecto de um normal enchido de carne de porco, mas que apenas tinha carne de aves.

Alho francês (gastronomia) – Alho porró.

Alimentos biológicos – Alimentos orgânicos.

Almeidas – Varredores de rua, lixeiros, *garis*, varredores. A designação de “almeidas” dada em Portugal aos trabalhadores da limpeza das ruas de Lisboa deriva de, inicialmente, quase todos serem naturais de Almeida, vila da comarca de Pinhel, distrito da Guarda.

Almofada – Travesseiro. Em Portugal “almofada” é o recosto para a cabeça que se utiliza na cama, e “travesseiro” é uma almofada comprida que atravessa transversalmente a cama, daí o seu nome, sobre o qual se colocam as “almofadas”. Porém, tanto em Portugal como no Brasil, designam-se também por “almofadas” os objetos moles e macios, geralmente quadrados, usados para dar apoio às costas nos sofás ou cadeiras, para suporte para os

pés, para recosto da cabeça quando em posição de sentado, ou simplesmente como elemento decorativo.

Almofariz – Pilão.

Aloquete – Regionalismo do norte de Portugal para cadeado.

Aluguer – Aluguel.

Ama – Babá.

Amaciador (para o cabelo) – Amaciante.

Ambiente – Meio-ambiente. Apenas nos países que usam a língua espanhola e, possivelmente por influência destes, na versão brasileira do português, é que é usado o pleonismo “meio-ambiente”, embora em Portugal, por certo por influência do Brasil e de Espanha, a expressão redundante “meio-ambiente” também seja ocasionalmente utilizada, sendo considerada um erro lingüístico. O termo “ambiente” deriva do verbo “ambire”, composto pela preposição “amb(o)” = ao redor, à volta + o verbo “ire” = ir, significando ir à volta, o que rodeia, cujo particípio presente é “ambiens, ambientis”, o qual passou a ser adjetivo e, depois, substantivo que traduz a noção do que envolve e, portanto, de ambiente. Por outro lado, o termo “meio” deriva, também, do latim “medius” (plural “medii”) e traduz a noção do que está dentro, o que rodeia. Assim, a expressão “meio-ambiente”, adotada no Brasil, corresponde a um pleonismo, uma redundância (tal como “subir para cima” ou “entrar para dentro”), pois que ambas as palavras que a compõem significam basicamente a mesma coisa. Nas outras línguas latinas usa-se apenas uma palavra: “ambiente” ou “meio”. É o caso, entre outros, do italiano “ambiente”, do romanche “ambient” e do maltês “ambjent”. Foi também o caso do francês “environnement”, proveniente do latim “gŷrāre” através do latim vulgar “virare” = girar, que em francês antigo deu o verbo “vîrer” e com o prefixo de localização “en-” (dentro) e o sufixo de proveniência “-on” deu “environ” = em volta, círculo, em redor, termo este que, depois, foi acrescentado com o sufixo “-ment” (proveniente do latim “-mentum”) que traduz o resultado de uma ação, deu o étimo “environnement”. Também no inglês a noção é traduzida por uma única palavra, “environment”, introduzida no inglês antigo através do étimo “environ” do francês antigo. De modo análogo, no alemão utiliza-se “umwelt”, proveniente do inglês antigo “wieltan” = rodar, agitar, que, entre outras, além do termo correspondente a “ambiente”, deu também “welt” (“mundo”). “Ambiente” diz-se em dinamarquês “miljøet”, em sueco “miljön”, em norueguês “miljøet”, em holandês “omgeving”, em irlandês “comhshaol” e em polaco “środowisko”, sendo que apenas no português do Brasil e nos países de língua espanhola se utiliza o pleonismo “meio-ambiente”.

Ameijoa (gastronomia) – Designação genérica dos moluscos bivalves de águas salobras e salgadas, principalmente das famílias *Lucinidae*, *Cardiidae* e *Veneridae*. Em Portugal é apreciada, em especial, a ameijoa-boia (*Ruditapes decussata*), também apelidada de ameijoa-fina, ameijoa-verdadeira e outras designações, cuja concha, com 6 a 7 cm de comprimento e estrias radiais e longitudinais bem marcadas, tem cor cinzenta, com tonalidades que podem ir do quase branco ao marrom escuro, e que ocorre em fundos de areia fina até 20 m de profundidade, nomeadamente junto às praias, em baías abrigadas, estuários e lagunas costeiras. São também comuns na zona costeira portuguesa, além de outras, a ameijoa-macha (*Venerupis corrugata*), a ameijoa-cão ou ameijoa-amarela (*Polititapes aureus*), a ameijoa branca (*Spisula solida*), a ameijola (*Callista chione*) e a ameijoa-relógio (*Dosinia exoleta*). Várias outras espécies de ameijoas são comercializadas em Portugal, como a ameijoa-japonesa (*Ruditapes philippinarum*)

[proveniente do Pacífico, mas que, desde há duas décadas, se tornou uma espécie infestante em Portugal e tem tido rápida dispersão espacial], a ameijoia-vietnamita-branca (*Meretrix lyrata*), a ameijoia-arca (*Anadara antiquata*), a ameijoia-branca (*Spisula solida*), a ameijoia-branca-argentina (*Pitar rostratus*) e a ameijoia-peruana (*Tivela hians*). Na gastronomia portuguesa são preferidas as ameijoas abertas ao natural, sendo muito apreciadas as “ameijoas à Bulhão Pato” (temperadas com azeite, alho, coentros, vinho branco, sal e pimenta). Um dos pratos mais famosos da gastronomia portuguesa é “carne de porco com ameijoas” (em que a carne é temperada, frita, e servida com ameijoas abertas com o calor do cozinhado).

Amendoim – Amendoim. O amendoim provém da planta do amendoim (*Arachis hypogaea*) e a parte utilizável (comestível) corresponde às vagens (sementes, nozes) que se desenvolvem subterraneamente, nas raízes, a 8-10 cm de profundidade. É originário da América do Sul, tendo sido dispersado por todo o mundo por navegadores portugueses e espanhóis. O termo “amendoim” é transversal a todos os países lusófonos, mas tem múltiplos sinónimos regionais, tais como alcagoita, (no Algarve e Alentejo), aráquida (nalgumas partes do Brasil), arrebilhana (na Beira Baixa), carango (em Moçambique), ervilhana (nas Beiras e no Sul de Portugal), jinguba (em Angola), mancarra (em Cabo Verde e Guiné-Bissau), mandubi (Brasil) e rodamoinho (nalgumas partes do Brasil). A palavra “amendoim” deriva do tupi-guarani “mãdu'bi” ou “mãdu'i”, significando “enterrado”, embora alguns ponham a hipótese de, por analogia com as amêndoas, ser uma corruptela de “amendoinha”.

Amsterdão (cidade) – Amsterdã.

Amnistia – Anistia.

Ancinho – Engaço, ancinho. Engaço é um regionalismo de Trás-os-Montes exportado para o Brasil, termo que é ainda utilizado nalgumas regiões.

Anilha – Ruela.

Animais selvagens – Animais silvestres.

Anoraque (vestuário) – Casaco quente, impermeável, com capuz, que geralmente chega abaixo da cintura. O termo “anoraque” é aportuguesamento do francês “anorak”, que, por sua vez, proveio do inuíte (esquimó) “anorak”.

Anúncio (e.g. de TV) – Comercial (de TV)

Apaixonado – *Gamado, vidrado*.

Apara-lápis – Apontador, afiadeira (o termo “afiadeira” também era utilizado nalgumas regiões portuguesas).

Apartado – Caixa postal alugada numa estação dos correios. A designação “apartado” deriva de posto à parte.

Apeadeiro – Pequena estação de trem (combóio).

Apear – Descer de um veículo. Nalguns estados do Brasil, como em Minas Gerais, o termo “apear” usa-se nesta mesma acepção.

Apelido – Sobrenome. No Brasil e na Madeira “apelido” corresponde a “alcunha”.

Apertar os atacadores (dos sapatos) – Amarrar o cadarço

Apoquentado – *Grilado*.

Aposentação – Aposentadoria.

Aprochegar-se - Aproximar-se [o termo é também aplicado neste sentido no interior sul do Brasil].

Aquecer – Esquentar.

Ardina – Regionalismo da região de Lisboa para vendedor ambulante de jornais.

Armar um trinta e um – Provocar grande confusão, *caçar barulho*, *armar uma lã de cão*, *embrulhada*.

Armazém – Galpão.

Arranjar – Em Portugal o termo é freqüentemente usado como sinônimo de consertar, reparar. Outras acepções são comuns aos dois países, como pôr em ordem (por exemplo, um conjunto de objetos, arrumar) ou, na forma reflexiva, cuidar bem da própria aparência (arranjar-se, arrumar-se) ou conseguir para si uma vantagem monetária ou outras (governar-se, amañhar-se).

Arranjar um caldinho – criar um problema.

Arranjar um tacho – Arranjar um emprego bem remunerado, em geral na estrutura governamental, com frequência conseguido através de apadrinhamento.

Arranjar– Consertar, reparar; também pôr em ordem, arrumar.

Arrefecer – Resfriar, esfriar. Embora com menos frequência, no Brasil também se utiliza o verbo arrefecer.

Arriar o calhau – Defecar, *largar o barro*, *cagar*, fazer cocô.

Arriba – Falésia, alcantilado. O termo “falésia” também existe em português europeu, mas é considerado um galicismo escusado, pois que é sinónimo de arriba. O vocábulo “arriba” provém do latim “ripa” (plural “ripæ”), que significava margem de rio, costa marítima, precedido do prefixo “ad-” que expressa a idéia de para ou até; assim, “arriba” é equivalente a margem alta, costa elevada, e a etimologia é análoga à de “ribanceira”.

Arrogante (pessoa) – Metida a besta.

Arroz malandrinho (gastronomia) – Arroz cozinhado em água abundante de modo que, no final, o molho da cozedura seja ainda bastante líquido, isto é, "mandrinhão". Há muitas formas de preparar este prato, mas inicia-se, sempre, por um estrugido em azeite de cebola e alho, a que, depois, na fase de cozedura do arroz, se pode juntar tomate, ervas aromáticas e vários outros temperos, mas o resultado final tem que se um arroz solto, ainda com bastante caldo. São muitos os pratos servidos com este tipo de arroz, entre os quais, apenas como exemplos, o arroz de tomate malandrinhão com "jaquinzinhos" (carapaus pequeninos, fritos), o arroz malandrinhão de bacalhau, o arroz malandrinhão de amêijoas e coentros, e o arroz malandrinhão de polvo. Não se conhece a razão da designação “arroz malandrinhão”, embora haja várias hipóteses, entre as quais a de que esta forma de cozinhar o arroz teria sido iniciada por um cozinheiro italiano chamado Malandino ou Malandrino, que teria vivido e trabalhado no Porto por volta do século XIX, e outra segundo a qual o nome seria uma alusão a este tipo de arroz molhado, que «corre» ou que «foge» como fazem os ladrões, isto é, os malandros.

Arruada – Marcha colectiva geralmente com motivações políticas ou eleitoralistas, *passeata*.

Arrumador (informal de carros) – *Flanelinha*.

Aselha – Mau condutor, *barbeiro*.

Assembleia da República – Parlamento português, equivalente ao Congresso Nacional Brasileiro.

Assistente de bordo (num avião) – Aeromoça.

Assoalhadas (de uma casa) – Dormitórios, quartos, divisões de uma habitação, não considerando a cozinha, o banheiro e compartimentos para arrumações.

Atacador (dos sapatos) – Cadarço. O vocábulo “atacador” não consta do “*Dictionarium Latino Lusitanicum*”, de Jerônimo Cardoso, publicado em 1570, mas, entre outros, tem os termos correlacionados “Atacar. *Stringo, is* [apertar, comprimir]”, “Atadura. *Ligatura, ae* [ligadura], *ligamentum, i* [ligamento]”, e “Ataca. *Ligula, ae*”. Raphael Bluteau é mais claro no seu “*Vocabulario Portuguez e Latino*” (vol. 1, p. 622-3, publicado em 1712): tem o verbete “Ataca. Fita, ou correa, com que se atacava o còz dos calçoens. Também havia Atacas de sapatos. Hoje em lugar de Atacas usaõ de botoens nos calçoens, & de fivellas nos sapatos (...)”, e, na página seguinte, depois de referir “Atacador da espingarda” (vareta com que se faz entrar a bucha na espingarda) introduziu “Atacadôr, de que usaõ mais particularmente as molheres, o qual passa por ilhós com agulheta”. Portanto, “ataca” era uma fita, ou correia, ou cordão, que servia para prender ou apertar coisas, designadamente peças de vestuário e, mesmo, sapatos. Tal está bem expresso na 2ª edição, publicada em 1813, do “*Diccionario*” de António de Moraes Silva (1755-1824), onde estão inclusos os verbetes: “Atáca, s.f. Liga, correya, ligadura de atar uma coisa á outra”; “Atacár, v.t. Prender com atacador. § Encher, carregar: v.g. atacar o mosquete”; e “Atacadôr. Cordão ou fita de atacar, enfiando por ilhozes”. Em 1913, no “*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*”, Cândido de Figueiredo já não inclui o vocábulo “ataca”, mas tem os verbetes “atacar v.t. Prender com ataca; apertar: atacar umas botas (...)” e “atacador m. Aquelle ou aquillo que ataca. Cordão ou correia, com que se ataca uma peça de vestuário”. Quando, no final do século XIX, começaram a tornar-se moda os sapatos que eram apertados com um cordão resistente que passava por furos existentes no peito do sapato, esses cordões passaram, em Portugal, a ser também designados por “atacadores” (e no Brasil por “cadarços”). Portanto, o termo “atacador” provém de “ataca”, vocábulo antigo caído em desuso, o qual parece ter origem no étimo fenício “øtk” = ligar, unir, prender. Ver “Cadarço”.

Atendedor de chamadas – Secretária eletrônica.

Aterragem (do avião) – Aterrissagem.

Aterrizar (o avião) – Aterrissar.

ATM (Automated Teller Machine) – Caixa automático, caixa eletrónico. Em Portugal é mais conhecido por “multibanco”. No português de Angola designa-se por “multicaixa”.

Atoleimado – Pessoa que não regula bem da cabeça, *azoratado, biruta, esmaniado, lelê-da-cuca, lirú, zureta*.

Auto-caravana – Caravana integrada, isto é, dotada do seu próprio motor, pelo que não precisa de ser rebocada. Ver “Caravana”, “Auto-caravana”

Autocarro – Ônibus. O termo “ônibus” tem origem no latim “omnibus” = “para todos”. Na primeira metade do século XX, em Portugal, usava-se “auto-ómnibus”, termo que foi depois substituído por “autocarro”. Em Angola e Moçambique designam-se por “machibombos” e noutros países lusófonos chamam-se “toca-toca” e “otocarro”. Popularmente, em Portugal, os autocarros inter-urbanos são apelidados de “camioneta de carreira” ou simplesmente “carreira”.

Autoclismo – Descarga (do vaso sanitário).

Avançado (futebol) – Atacante.

Avarento – Avarento, *cigalheiro, forreta, mão-de-vaca, mão-fechada, muquirana, somítico*.

Avioneta – Avião pequeno, *teco-teco*.

Azarado – *Pé frio*.

Azeite – Óleo extraído da azeitona, o fruto da oliveira. Ao contrário do que se verifica em Portugal, o Brasil, o termo “azeite” é aplicado a qualquer óleo vegetal (como o azeite de dendê) ou mesmo animal (como o azeite de baleia), designando-se o que vem da azeitona por “azeite de oliva”. Sendo a azeite utilizado (como alimento, combustível, lubrificante e outros) desde a mais remota antiguidade, existem vestígios da presença da oliveiras cultivadas em território que se tornou português desde a Idade do Bronze. Possivelmente, o primeiro documento em que se tenta proteger as oliveiras foi o “Liber Iudiciorum” ou “Lex Visigothorum”, normalmente conhecido por “Código Visigótico”, compilação de leis visigodas, de caráter territorial, emanadas pelo rei Recesvinto (653-672), onde se previa uma multa de cinco soldos para quem arrancasse oliveira alheia (contra apenas três soldos se fosse outra a árvore). Os muçulmanos mantiveram a cultura e fizeram-na prosperar. Com este historial, não surpreende que o azeite fosse referido com relevância logo nos primeiros forais de várias povoações, como o de Lisboa (dos mouros forros), de Palmela e de Alcácer do Sal, datados de 1170, o dos mouros forros de Faro, em 1269, e o de Évora, em 1273. Assim, não é de estranhar que encontremos o termo “azeite”, já escrito em português, nas obras mais antigas, como é o caso do “Livro da Montaria”, escrito pelo rei D. João I (que reinou entre 1385 e 1433), em que, por exemplo, numa parte em que refere como se devem criar os cães, diz a certa altura: “(...) outros disserom que o pam no azeite era melhor (...)”. Não surpreende, também, que o vocábulo seja também referido, em 1540, por João de Barros (1496-1570), na “Grammatica da Lingua Portuguesa”, uma das primeiras obras a normatizar a língua tal como era falada em seu tempo, onde, exemplificando, diz; “As cousas que tem medida & peso nam tem plural: como, azeite, vinho, vinagre (...)”. O vocábulo “azeite” tem raiz no árabe “az-zaīt” = óleo de azeitona. É interessante verificar que, em castelhano, a palavra “aceite” significava azeite (como em Portugal), mas a palavra foi generalizada para denominar também óleos vegetais, animais ou minerais, de modo que, atualmente, se diz, em Espanha, “aceite de oliva”. Os países ibéricos foram os únicos, na Europa, que retiveram o étimo árabe, pois que, por exemplo, azeite se designa por “olio d'oliva” em italiano, “huile d'olive” em francês, “olive oil” em inglês e “olivenöl” em alemão, derivados dos vocábulos latinos “oleum” = azeite (de azeitona) e “oliva” = azeitona. É curioso verificar que, em português de Portugal, existe uma situação peculiar: nos termos referentes ao fruto e ao óleo, “azeite” e “azeitona”, manteve-se a origem árabe, mas, nos que se referem à árvore, “oliveira” e “olival”, reteve-se o étimo latino.

Azeitona – Oliva. No português do Brasil, tal como no castelhano, usa-se o termo com raiz no latim “oliva” = azeitona. O português europeu é o único que manteve a raiz árabe “az-zaītūn”. Ver “Azeite”.

- B -

Babete – Babador. Em português do Brasil também existe o galicismo “babete”, mas o mais utilizado é “babador”.

Babilónia – Balbúrdia, *baderna, babilónia, bagunça, baralhada, confusão, fuzarca, mixórdia*.

Baby doll (vestuário) – Camisola. O termo “baby doll” é um anglicismo escusado, pois que existe “camisa de dormir”.

Badalo – Pénis, *bilau, cacete, caralho, pau, pinto, piroca, rola*.

Baderna – Balbúrdia, *baderna, babilônia, bagunça, baralhada, confusão, fuzarca, mixórdia*.

Baeta – Barbeiro. Não é clara a origem do termo “baeta” da linguagem popular portuguesa, principalmente da região de Lisboa. Como “baeta” era um tipo de tecido espesso, de lã ou de algodão, é possível que o termo tivesse derivado do pano usado pelos barbeiros para protegerem a roupa dos clientes dos cabelos cortados. Como gentílico, o termo “baeta” é utilizado no Brasil para designar os habitantes de Minas Gerais, porque estes, antigamente, se envolviam nas viagens, durante o tempo frio ou chuvoso, em capotes de baeta azul.

Bagdade (cidade) – Bagdá.

Baguete – Francesismo que designa pão com forma alongada, bisnaga, pão bengala. Na gíria brasileira “cacete” também se refere a pénis. No sul do Brasil também se chama “cacete” a este tipo de pão.

Bagunça – Balbúrdia, *baderna, babilônia, bagunça, baralhada, confusão, fuzarca, mixórdia*. Atualmente a gíria “bagunça” é também de utilização comum em Portugal.

Bairro – Zona residencial de uma cidade ou das suas cercanias, com características distintivas. Porém, ao étimo “bairro” correspondem vários conceitos distintos, expressos por termos diferenciados, entre outros, bairro administrativo, bairro fiscal, bairro popular, bairro social, bairro operário, bairro econômico, bairro de lata e bairro clandestino, mas sempre, de uma ou de outra forma, com a conotação de zona residencial. Em Lisboa, até 2012, havia quatro “bairros administrativos” em que se agrupavam as 53 freguesias existentes na cidade, mas essa estrutura deixou de existir com a entrada em vigor da Lei n.º 56/2012, de 8 de Novembro, em que esses bairros administrativos foram, de certa forma, substituídos por cinco Unidades de Intervenção Territorial. Todavia, no que concerne aos impostos, Lisboa (e outras cidades) continua dividida em “bairros fiscais”. Para além destes conceitos formais, existem, em muitas cidades portuguesas, os “bairros históricos”, como sejam, no caso de Lisboa, o Bairro Alto e os bairros de Alfama e da Mouraria, entre outros. Existem, ainda, mas também sem delimitação formal precisa, os “bairros sociais”, vários dos quais foram construídos para realojar pessoas que viviam anteriormente em bairros de lata (favelas) ou em barracas, como são os casos do Bairro da Cova da Moura (Amadora, arredores de Lisboa) e do Bairro do Aleixo (Porto). Na língua portuguesa o étimo “bairro” está dicionarizada já nos primeiros dicionários. Por exemplo, está incluso no “*Dictionarium Latino Lusitanicum & vice versa Lusitanico latinũ*”, de Jerônimo Cardoso, de 1570: “Bairro regioonis” (f. 16v), e, de forma mais clara, no volume 2 do “*Vocabulario Portuguez e Latino*” (p. B16), de Raphael Bluteau, publicado em 1712, com o seguinte verbete: “Bairro. Certa parte da Cidade com suas casas, & ruas. (...). Bairro, nas partes de Santarém he o mesmo, que Monte”. A etimologia do termo “bairro” é um pouco controversa: parece derivar do árabe “barri” com o significado de exterior, subúrbio, lugar inculto, selvagem, através do moçárabe ou árabe hispânico “bárri”, e daí ter entrado no galaico-português, no século X, mas já por via do latim tardio “barrium”, que deu a forma “barrio”, a qual, por evolução fonética, derivou para “bairro”. Outra possibilidade é que tenha derivado do latim vulgar “barra”, com o sentido de travessa ou divisória, a partir da qual se teria formado o adjetivo “barriu-”, qualificando o que está do lado de fora, evoluindo para “barrio” e depois para “bairro”. O étimo “barrio” ou “barro” significava terreno inculto, mas apto à agricultura,

situado na proximidade de um povoado ou de um outro terreno cultivado. É possível que a moderna conotação de “bairro” como zona residencial tenha resultado da ocupação, ao longo do tempo, de tais terrenos periféricos, o que pode ter acontecido desde a Baixa Idade Média. No 1º volume (p.182) do “Elucidário das palavras, termos, e frases, que em Portugal antigamente se usaram”, de 1798, Viterbo incluiu o verbete “Barro” explicitando o seguinte significado: “Lugar pequeno, quinta, Aldeã, casa de campo, ou de abegoaria. Vem do Latino Barrium, ou Varrium”.

Bairro de lata – Favela (existe atualmente tendência para designar as favelas como “comunidades”), bairro, *cortiço* (nalgumas regiões do Brasil, embora originalmente estes fossem bairros operários), vila (denominação predominante no Rio Grande do Sul), bairro. Em Angola designam-se por “musseques”, termo derivado do quimbundo “mu” = no, em + “seque” = vermelho, alusão à cor avermelhada dos terrenos da periferia de Luanda onde habitava a maior parte da população indígena. Em Moçambique designam-se por “caniços”, alusão aos materiais com que aí eram construídas as casas.

Bajulador – Louvaminheiro, *baba-ovo*, *lambe-botas*, *puxa-saco*.

Balbúrdia – Balbúrdia, *baderna*, *babilônia*, *bagunça*, *baralhada*, confusão, *fuzarca*, *mixórdia*.

Baliza (futebol) – Trave.

Balneário – Vestiário.

Baloio (para crianças) – Balanço.

Balzaquiana – Mulher que já passou dos 30 anos de idade, mas que tenta parecer mais jovem, *perua*.

Bancada (de um estádio de futebol) – Arquibancada.

Banda desenhada – História de quadrinhos.

Banheira – Banheira, grande recipiente instalado na casa de banho (banheiro), geralmente esmaltado, que se enche de água e onde se pode deitar o corpo e tomar banho por imersão, sendo dotado, normalmente, de duas torneiras, uma de água fria e outra de água quente. Em Portugal, a “banheira” é um utensílio quase obrigatório nas instalações sanitárias das casas e hotéis, mas no Brasil é extremamente raro, utilizando-se em alternativa o duche (ducha).

Banheiro (na praia) – Salva-vidas (em Portugal também se utiliza “salva-vidas”).

Barbatanas (para nadar) – Pés de pato.

Barcaça – Balsa, jangada, *ferry boat*.

Barzeco – Baiúca, bitácula, boteco, botequim.

Basear – Embasar.

Batatas a murro (gastronomia) – Acompanhamento tradicional português em que as batatas pequenas, após serem bem lavadas em água corrente, são cozidas com casca, sendo depois quebradas com o punho (de onde vem o nome “a murro”) até a pele estalar, e temperadas com azeite, sal, alho e, eventualmente, ervas aromáticas (ervas de cheiro), sendo posteriormente assadas no forno. É o acompanhamento preferido para vários pratos tradicionais, tais como o bacalhau assado e os rojões.

Bate-chapas – Chapeiro, *lanterneiro* (Rio de Janeiro), *funileiro* (São Paulo).

Batelada de dinheiro – Grande quantidade de dinheiro, *nota preta*.

Bater as botas – Morrer, falecer, *abotoar o paletó, bater o trinta e um, dar o couro às vacas, espichar a canela, bater o cachimbo, vestir o pijama de madeira*.

Bater pratos – Sexo lésbico, *bater bolacha, briga de aranhas, colar o velcro, esfregação*.

Báubau – Na gíria popular portuguesa designava um jovem que se evidenciava pelo estilo de vestuário (presuntivamente ditado pela moda) e pelo comportamento irreverente para a época, correspondente ao que agora poderíamos chamar um metrossexual, mas hoje a palavra deixou de ser usada com esse sentido. Os termos “báubau” e “flausina” foram popularizados, nos anos 50 e 60 do século passado, pelo programa humorístico de rádio dos “Parodiantes de Lisboa”. Intensivamente usados em Portugal durante algumas décadas, acabaram por ser abandonados, de forma que, atualmente, saíram do léxico comum.

Bazar – Ir embora. O termo da gíria “bazar” tem origem no quimbundo “kubáza” que significava estalar, rachar, rebentar.

Beata – Ponta do cigarro que sobra depois de fumado, *bituca, bagana, guimba* (no Rio de Janeiro).

Berbequim – Furadeira.

Berbigão (gastronomia) – Designação genérica de moluscos bivalves de águas salobras e marinhas, comuns em estuários e lagunas costeiras, de concha estriada. O mais consumido é o berbigão-vulgar (*Cerastoderma edule*), que pode atingir os 4,5 cm de envergadura e vive enterrado a uma profundidade de cerca de 5 cm, mas vários outros bivalves são conhecidos pela designação de berbigões, designadamente as outras espécies do género *Cerastoderma* e *Acanthocardia*, como o berbigão-espinhoso (*A. spinosa*), o berbigão-grande (*A. tuberculata*) também chamado pata-de-mula, e as do género *Laevicardium*, como o berbigão-lustroso ou bomboca (*Laevicardium crassum*). Como normalmente têm preço relativamente modesto, é dos mariscos mais populares em Portugal.

Berlinde – Bola de gude.

Berma (da estrada) - Acostamento

Bestial – Excelente, bonito, confiável, *bacana, jóia, legal*. Curiosamente, “bestial” deriva de “besta”, pelo que deveria significar rude, grosseiro e/ou irracional, mas, na gíria, tem precisamente o sentido oposto.

Betão – Concreto [no Brasil também se utiliza o termo “betão”].

Betão armado – Concreto armado.

Betinha / Betinho – Jovem com comportamento considerado como pertencente a uma classe social elevada, *Patricinha / Mauricinho*.

Bi (bissexual) – *Gilete*.

Biberão – Mamadeira

Bica – Regionalismo da região de Lisboa que designa café expresso. O nome “bica” deriva do fato do café sair da máquina por um pequeno tubo análogo ao das bicas das fontes públicas.

Bicha (de pessoas) – Fila. Atualmente, em Portugal, devido à influência brasileira, os órgãos de comunicação social já não usam o termo “bicha” e, na linguagem vulgar, está em franca retração.

Bicha – Homossexual masculino, *viado, boiola, baitola, arrombado, abafa-palhinha, rabolho, picolho, roto, gay, bicha*. O termo “bicha” é de vulgarização relativamente recente em Portugal].

Bicho-de-conta – Tatuzinho [no Brasil também se usa bicho-de-conta].

Bico – *Felatio, boquete, felação, mamada*.

Bidé – Bidê, peça sanitária existente na casa de banho [banheiro], com formato oblongo, destinada à higiene íntima, mas que também serve para lavar outras partes do corpo, como os pés. Em Portugal, o “bidê” é um utensílio quase obrigatório nas instalações sanitárias das casas e hotéis, mas no Brasil é extremamente raro. Os bidês começaram a ser utilizados no século XVII, sendo atualmente muito frequentes por toda a Europa e na América do Norte. O termo “bidé / bidê” deriva do francês antigo “bidet” que designava um cavalo pequeno ou pony, e foi aplicado por analogia, pois que se utiliza um bidê de forma parecida à que se monta um cavalo.

Bijou – Pão francês, cacetinho, pão de sal, pão careca. O termo “bijou” é um regionalismo do norte de Portugal que designa um pão pequeno de farinha de trigo fina, um pouco alongado, mais ou menos equivalente à carcaça ou papo-seco na região de Lisboa.

Bilas – Bola de gude.

Bilha – Vasilha de barro, bojuda e de gargalo estreito, destinada a conter água para beber. No Brasil é conhecida por vários regionalismos, nomeadamente “moringa”, no Sul, “quarta”, no Nordeste, e “quartinha”, no Rio Grande do Sul.

Bilhar – Sinuca.

Bilhete de identidade – Carteira de identidade.

Bilheteira – Bilheteria.

Bilhão – Bilhão. No Brasil, tal como nos U.S.A., segue-se a escala curta em que um bilhão = mil milhões [10^9]; em Portugal, tal como na generalidade da Europa, segue-se a escala longa em que um bilião = um milhão de milhões [10^{12}]. A escala curta (e.g. Brasil) tem por base as potências de mil, enquanto que a escala longa (e.g. Portugal) tem por base as potências de um milhão.

Biológicos (produtos alimentares) – Orgânicos (produtos alimentares)

Bisbilhoteiro – *Fofoqueiro, fuxiqueiro, abelhudo, bituqueiro*.

Bisbilhotice – *Fofoca, fuxico*.

Biscate – Trabalho extra ou temporário, *bico*. No Brasil “biscate” pode significar também prostituta.

Bitoque (culinária) – Prato típico português que consiste num bife pequeno (febra) de vaca servido num prato, normalmente acompanhado de batatas fritas, arroz, um ovo estrelado e salada, podendo ter também presunto (fiambre) entre o bife e o ovo. É também designado por “prego no prato”. A carne pode ser de porco, designando-se, neste caso, por “bitoque de porco”, ou de boi, chamado “bitoque de vaca”. É possível que o termo “bitoque” seja uma corruptela do inglês “beef steak”.

Bivalves (gastronomia) – Designam-se genericamente por bivalves os moluscos aquáticos cuja concha protetora do corpo é constituída por duas valvas de composição carbonática. Em Portugal, ao contrario do que, em geral, se verifica no Brasil, consome-se grande variedade (e quantidade) de bivalves, de águas marinhas ou salobras, entre os quais as lambujinhas (*Scrobicularia plana*), as conquilhas (*Donax trunculus*), os berbigões (*Cerastoderma edule*), os lingueirões (*Solen marginatus*), as amêijoas (*Ruditapes decussata*), os mexilhões (*Mytilus galloprovincialis*), as vieiras (*Pecten maximus*) e as ostras (*Crassostrea angulata*).

Blusão – Jaqueta.

Boas noites – Boa noite. Em Portugal, em linguagem popular, é frequente dizer “boas noites”, “bons dias” e “boas tardes”, o que não acontece no Brasil.

Boazona – Mulher atraente e bonita, *avião*, *gostosona*, *cavalona* (em Portugal, na gíria, “cavalona” tende a significar mulher grande e desajeitada), *camafeu* (na gíria, em Portugal, “camafeu” tem sentido oposto, ou seja, aplica-se a uma mulher feia e desajeitada).

Bófia – Policial, polícia.

Bola (de futebol) – Esférico.

Bolacha – Biscoito. No Rio de Janeiro, no Nordeste e Norte do Brasil usa-se em geral o termo “biscoito”, mas no resto do território brasileiro, tal como em Portugal (onde o termo é, também, vulgar), utiliza-se o termo “bolacha”. O vocábulo “bolacha” tem provavelmente raiz no étimo latino “bullā” na acepção de objeto esférico, que derivou para “bolos”, porque estes tendem a ter forma arredondada, com o sufixo nominal de diminuição, com baixa ocorrência em português, “-acha”, significando, portanto, pequeno bolo. O vocábulo “bolacha” aparece já dicionarizado em 1727, no Suplemento ao “Vocabulario Portuguez e Latino”, de Raphael Bluteau, com o verbete: “Bolacha. Bolo, feito de paõ asmo [ázimo, sem fermento], que se coze no borralho”. Ver “Biscoito”.

Boleia – Carona.

Bolo-rei – Panetone. Na realidade, “bolo-rei” e “panetone” são diferentes, mesmo na forma, embora sejam ambos bolos típicos da época natalícia. O bolo-rei, cujo nome é clara alusão aos reis-magos, é originário de França, tendo-se popularizado em Portugal no século XIX. Tem tipicamente forma de argola, sendo ornado com frutas cristalizadas. Tradicionalmente, o bolo-rei tinha algures no interior um “brinde” e uma fava seca: quem ficava com a fatia que tinha o brinde, um pequeno objeto de pouco valor, interpretava isso como bom augúrio; quem ficava com a fatia que tinha a fava teria que comprar o próximo bolo-rei. Porém, esta tradição foi proibida há umas duas décadas, pois que as pessoas mais desprevenidas podiam engasgar-se com esses objetos. O panetone é de origem italiana, tendo forma circular (sem o buraco central característico do bolo-rei), e não tem frutas cristalizadas.

Bolseiro – Bolsista.

Bomba de gasolina (estação de serviço) – Posto de gasolina.

Bombardeamento – Bombardeio.

Boquilha – Piteira, pequeno tubo em que se mete a ponta do cigarro para fumar.

Borracho – Mulher atraente e bonita, *avião*, *gostosona*, *cavalona*, *camafeu*.

Borracho – Mulher jovem, *garota, gata, guria* (sul do Brasil). Também na gíria, mas noutro sentido, significa bêbado.

Borrelho (gastronomia) – Também designado por caramujo, burgau e caracol-do-mar, é o nome comum de pequenos moluscos gasterópodes marinhos litorâneos herbívoros, normalmente com 2 a 4 cm de largura, apreciados em Portugal como petisco. Ver “caramujo”.

Botas de futebol – Chuteiras.

Brasa – Mulher atraente e bonita, *avião, gostosona, cavalona, camafeu*.

Breu – Piche, pez, betume. O breu, derivado do petróleo ou do alcatrão da hulha, também chamado de betume, tem cor negra profunda.

Brinquinho – Mulher atraente e bonita, *avião, gostosona, cavalona, camafeu*.

Briol – Frio.

Broche – *Felatio*, felação, *boquete, mamada*.

Brócolos – Brócolis.

Brutal – Excelente, muito bom, *bacana, jóia, legal*. Curiosamente, “brutal” deriva de “bruto”, pelo que deveria significar rude, grosseiro e/ou irracional, mas, na gíria, tem o sentido oposto.

Bruxa (gastronomia) – A bruxa, cigarra do mar, cavaco-anão ou ferreirinha (*Scyllarus arctus*), é da mesma família dos cavacos, embora seja bastante mais pequeno, podendo atingir até 16 cm de comprimento. É típico dos Açores, mas não é explorado comercialmente, apesar de ser aproveitado pelas populações ribeirinhas locais.

Bucha – Na linguagem popular, em Portugal, significa um pedaço de pão que se mete na boca de uma só vez, mas também se pode referir a uma pequena refeição ligeira, sendo a termo também utilizado para caracterizar uma pessoa gorda.

Bucha e Estica – O Gordo e o Magro. Foi uma famosa dupla cômica de comediantes cinematográficos (Stan Laurel e Oliver Hardy) muito popular principalmente nas décadas de 1920 e 1930.

Bucho (culinária) – Enchido (embutido) de forma esférica alongada, preparado com uma mistura em que predominam carnes de porco, alguma carne de galinha, chouriço e outros enchidos, ovo, pão de trigo e arroz, tudo temperado com cebola, azeite, sumo de laranja, vinho branco, sal, alho, salsa e especiarias, sendo tudo metido dentro do estômago do porco bem lavado, que é cosido nas pontas com fios de algodão e untado exteriormente com uma mistura de massa de pimentão e gordura, o qual é depois posto a defumar no fumeiro.

Bué – Muito, *baita, à beça, catatau*. No Brasil existe o termo popular “bué”, com origem onomatopaica, que significa berreiro ou choradeira de criança. O termo “bué”, em Portugal, divulgou-se principalmente após 1974, com a descolonização, tendo sido integrado na linguagem da população jovem, em especial nas zonas suburbanas.

Bufo – Denunciante, delator, *dedo-duro, cagueta*.

Bunda – *Bumbum*, rabo, nádegas, *traseiro*. O termo “bunda” é aportuguesamento do quimbundo “mbunda” com o significado de “retaguarda, rabo, assento”, que foi levado pelos escravos para o Brasil e para Portugal.

Burgesso – Pessoa rude, pouco sofisticada, ignorante, sem maneiras, *pacóvio, simplório*.

Burrié (gastronomia) – Também designado por caramujo, borrelho, burgau e caracol-do-mar, é um nome comum de pequenos moluscos gasterópodes marinhos litorâneos herbívoros, normalmente com 2 a 4 cm de largura, apreciados em Portugal como petisco. Ver “caramujo”.

Buzaréu (gastronomia) – Também chamado búzio-macho, é um búzio da espécie *Hexaplex trunculus* (família *Muricidae*), com concha espiralada cujas voltas têm espinhos mais ou menos salientes, de cor cinzenta com bandas longitudinais acastanhadas, que tem altura da ordem de 8 cm. Normalmente é consumido apenas cozido em água e sal, embora tenha várias outras aplicações gastronômicas.

Buzina (gastronomia) – Também conhecido como tritão-protuberante, é um búzio da espécie *Charonia lampas* (família *Ranellidae*) com concha espiralada robusta, com ponta alta e última volta da espiral bastante larga, de cor leitosa com tons de castanho ou amarelo, com manchas marrom, brilhante, fechada com forte opérculo, que ocorre em fundos rochosos até 50 m de profundidade. O seu tamanho pode variar de 11 a 40 cm ou mais, sendo freqüentemente considerado o maior gastrópode da Europa. Na gastronomia portuguesa é aproveitado de várias formas (cru, cozido, frito ou grelhado), sendo consumido quer como acepipe ou petisco, quer como prato principal, sendo famosas, entre outras, a “Feijoada de buzinas” e a “salada de buzinas”.

Búzio (gastronomia) – Designam-se genericamente por búzios vários moluscos gastrópodes marinhos com concha fusiforme. Embora esta designação morfológica seja atribuída, por vezes, a animais com concha pequena, como os caramujos, o nome é principalmente atribuído a gastrópodes com concha fusiforme grande, nomeadamente os pertencentes, em geral, à família *Muricidae*, (como a canilha, *Bolinus brandaris*), o buzaréu (*Hexaplex trunculus*), o fuso-torto (*Stramonita haemastoma*), o búzio-macho (*Murex trunculus*) e o búzio-fêmea (*Bolinus brandaris*), à família *Buccinidae*, como o buzo (*Buccinum undatum*), e à família *Ranellidae*, como a buzina (*Buccinum undatum*), que, com frequência, são considerados uma delícia gastronômica. Por vezes são também designados por tritões (não confundir com os anfíbios da família *Salamandridae*). Ver “Tritões”.

Buzo (gastronomia) – Búzio da espécie *Buccinum undatum* (família *Buccinidae*), com concha espiralada ornada de pequenos tubérculos, de cor marrom acinzentada, que pode atingir 10 cm de comprimento e 6 cm de diâmetro.

- C -

Cabecilha (de um bando) – Cabeça, líder.

Cabra – No calão dos estudantes de Coimbra, “cabra” é o nome por que é conhecido o sino da torre da universidade, instalado na face ocidental, voltada para a baixa da cidade e para o rio Mondego. Esta torre, construída entre 1728 e 1733 em substituição de outra estrutura mais antiga e mais baixa, tem, na parte superior, quatro relógios, a que correspondem quatro sinos, dispostos ortogonalmente, e que têm funções distintas. O referido sino oeste, a “cabra”, foi instalado em 1741, tenha sido refundido em 1900. É o toque da “cabra” que anuncia o começo e o final do dia de aulas. Não se sabe bem porque é que começou a ser assim designado, mas é possível que tal esteja relacionado com o início das aulas, quando os estudantes se atrasavam e ouviam o toque, e lançavam impropérios contra o sino, tipo “Lá está aquela cabra a balir ...”. É também possível que a designação estivesse relacionada com as praxes (trote) estudantis: os calouros não podiam andar na rua à noite, permanecendo essa proibição até às sete e trinta da manhã, ,

hora essa marcada pelo toque da “cabra”. Havia mesmo uma autoridade universitária que patrulhava a cidade depois da “cabra” tocar ao final do dia, em busca de calouros que infringissem as leis da praxe. Com a extinção desse policiamento, eram os próprios estudantes de anos mais avançados que faziam essa vigilância e castigavam os infratores. A partir das sete e trinta da manhã, o toque da “cabra” é acompanhado pelo de outro, instalado na fachada norte da torre, de maiores dimensões e, portanto, com um som mais grave, a que os estudantes atribuíram o nome de “cabrão”. Este, datado de 1824, toca a todas as horas, assinalando, ainda, as meias horas e os quartos de hora (quinze minutos). No lado nascente está outro sino que, devido ao seu formato, é conhecido por “balão”, em que está inscrita a data de 1561, e que apenas tocava quando havia doutoramentos e em ocasiões especiais. Um quarto sino, na fachada sul da torre, datado de 1741, não tem designação específica. O relacionamento animoso dos estudantes com a “cabra” e o “cabrão” manifestou-se já pelo roubo dos respectivos badalos. Tal verificou-se, pelo menos, em 1864, quando um grupo de estudantes roubou o badalo do “cabrão”, deixando a Universidade sem voz; aconteceu, também, na manhã de 21 de Fevereiro de 1933, quando, arrombando a porta da Torre, roubaram o badalo da “cabra”. Por ocasião das comemorações do quarto centenário da fundação da cidade de São Paulo, em 1954, a Universidade de Coimbra ofereceu à Universidade de São Paulo uma réplica da “cabra”, sino este que foi instalado na entrada lateral do prédio da Administração Central; em 2016, após ser restaurada, a peça foi transferida para a entrada do prédio do Conselho Universitário, que passou a ser conhecida por “Porta do Sino”.

Caçarola – Caçoila ou caçoula. Os termos “caçarola” e “caçoila” são usados tanto no Brasil como em Portugal, mas neste país é mais frequente utilizar a palavra “caçarola” e naquele “caçoila”.

Cacau – Dinheiro, *arame, bafunfa ou bufunfa, bagarote, grana, tutu*. A gíria “cacau”, com este sentido, é também utilizada no Brasil

Cacete – Pão com forma alongada, pão-bisnaga, pão-bengala. Na gíria brasileira “cacete” refere-se a pênis. No sul do Brasil também se chama “cacete” a este tipo de pão.

Cachopa / cachopo – Moça / moço.

Cacimbo / cacimba – Orvalho noturno ou chuva muito miudinha. O termo é também utilizado em Angola com esta conotação, país onde “cacimba” designa também poço em que se explora água do aquífero superficial.

Cacique – *Coronel, manda-chuva*, chefe político que dispõe dos votos dos eleitores de uma localidade.

Caciquismo – Sistema baseado no domínio ou influência de caciques, chefes políticos que dispõem dos votos dos eleitores, *coronelismo*

Cadeira (na universidade) – Disciplina (ramo de conhecimentos). A origem do vocábulo “cadeira” radica no étimo grego “*kathédra*” = assento, cadeira, banco, através do latim “*cathedra*”, que evoluiu para “*cadedra*” e finalmente “cadeira”. A cátedra era a cadeira das autoridades religiosas colocada no topo das naves principais das igrejas, que depois passou a designar o assento dos professores universitários (daí o termo catedrático, o que se senta na cátedra), tendo posteriormente adquirido o sentido da matéria ensinada por esses professores.

Cadelinha (gastronomia) – Bivalve da espécie *Donax trunculus* vulgar nas praias portuguesas. Ver “cazelinha”.

Café – Loja de comes e bebes, baiúca, bitácula, boteco, botequim.

Cafuné – Carícia feita com os dedos, sobretudo no couro cabeludo. É uma palavra usada tanto no Brasil como em Portugal. O termo “cafuné” provém do quimbundo “kifunate” = “torcedura, entorse, luxação, tendo posteriormente adquirido a conotação de ato carinhoso. A palavra aparece dicionarizada em Portugal já no início do século XVIII com a definição: “Cafuné, s.m. Brasil. ch. estalos que se dão na cabeça como quem cata”.

Caga-lume – Designação popular de pirilampo.

Caixa de velocidades (do carro) – Marcha, caixa de câmbio.

Calão – Pessoa preguiçosa, indolente. Em Portugal o termo “calão” tem vários significados, dependendo do contexto: além de pessoa preguiçosa é, também, a linguagem vulgar ou gíria grosseira e, entre outros, pode referir, ainda, uma embarcação comprida, com dez remos de cada lado, que era usada na pesca do atum.

Calção de banho – Sunga.

Caldeirada – Balbúrdia, *baderna*, *babilônia*, *bagunça*, *baralhada*, confusão, *fuzarca*, *mixórdia*.

Caldeiro – Caçamba, recipiente para tirar água dos poços ou cisternas.

Calhamaço – Livro muito volumoso, *catatau*.

Calibragem (das rodas do carro) – Balanceamento (das rodas do carro).

Camafeu – Mulher feia, deselegante e desajeitada, *baranga*, *fubanga*, *bacalhau*. Curiosamente, na gíria brasileira, “camafeu” significa mulher elegante e bonita.

Câmara municipal – Prefeitura. No Brasil também existe “câmara municipal”, mas o termo mais utilizado é “prefeitura”.

Camarão (gastronomia) – Ao contrário do que se verifica no Brasil, em Portugal encontra-se nos mercados e nos restaurantes grande variedade de tipos de camarão, com dimensões bastante diversificadas, uns pescados em águas portuguesas, outros importados, alguns mais pequenos do que o camarão “normal” e outros maiores. Uns são consumidos mais frequentemente, enquanto outros, devido ao preço elevado, só o são de forma esporádica. Incluem-se no termo genérico “camarões”, o pequeno camarão-espinho (*Exhippolysmata oplophoroides*, geralmente com comprimento de 2 a 3 cm), camarões maiores, como o camarão da costa (*Palaemon serratus*), e os da família *Penaeidae*, em geral com mais de 10 cm de comprimento, em que se incluem, entre outros, o camarão sete-barbas, (*Xiphopenaeus kroyeri*, apenas com cerca de 8 cm), a gamba branca (*Parapenaeus longirostris*, que pode atingir os 15 cm), o camarão-rosado-do-sul (*Farfantepenaeus notialis*, que pode atingir quase 20 cm), o camarão rosa (*Metapenaeus monoceros*), o camarão branco (*Farfantepenaeus indicus*), o camarão indiano (*Penaeus indicus*) e o camarão-banana (*Fenneropenaeus merguensis*) com mais de 20 cm, e o camarão tigre (*Penaeus monodon*), tipicamente com 25 a 30 cm. Entre vários outros, a designação genérica de “camarões” abrange ainda espécies das famílias *Pandalidae* (como a gamba da Madeira, o camarão marreco do alto e a gambá da Madeira), *Crangonidae* (de que ressalta o *Crangon crangon*, camarão da areia ou camarão-cabra, de águas pouco profundas, habitualmente com 3 a 5 cm de comprimento) e *Aristeidae* (a que pertencem os chamados carabineiros, com 15 cm ou mais).

Camarão tigre (gastronomia) – Crustáceo decápode (vulgo camarões), da espécie *Penaeus Monodon*, geralmente com 20 a 30 cm de comprimento, muito apreciado em Portugal, para onde é importado, geralmente da região do Índico e do Pacífico.

Camarata – Dormitório com várias camas.

Câmbrico (período geológico) - Cambriano.

Camião – Caminhão

Caminho de ferro – Estrada de ferro, ferrovia.

Camioneta – Caminhoneta, camioneta, *perua*. Em Portugal o termo “camioneta” aplica-se, em geral, a veículos pesados destinados ao transporte de passageiros ou de mercadorias; no Brasil o termo “camioneta” significa veículo ligeiro de carga de uso misto, em que passageiros e carga são transportados em compartimentos separados. No Brasil “caminhoneta” (ou “caminhonete”) aplica-se, em geral, a veículos que têm uma cabina para o motorista e mais dois passageiros e uma carroçaria traseira para o transporte de carga, até um peso bruto total de 3.500kg.

Camioneta de carreira – Em Portugal são assim designados popularmente os ônibus para transporte inter-urbano.

Camionista – Caminhoneiro.

Camisa de alças – Regata.

Camisa de dormir – Camisola.

Camisola (vestuário) – Pulôver, suéter, peça de roupa usada normalmente como agasalho, geralmente de malha, de mangas compridas, sem colarinho e com decote em bico ou redondo, que se veste pela cabeça sobre outra peça (normalmente a camisa). Em Portugal é habitual falar-se de “camisola de manga comprida”, “camisola de manga curta” “camisola de gola alta” e “camisola interior”.

Camisola de gola alta (vestuário) – Peça de roupa sem abertura frontal e de mangas compridas, que se veste pela cabeça e em que a gola, alta, tapa o pescoço.

Camisola interior (vestuário) – Peça de roupa que serve de agasalho do tronco, sem colarinho e sem abertura frontal, em geral de mangas compridas (embora possa ser de manga curta ou sem mangas), que se veste pela cabeça e fica diretamente sobre o corpo, por baixo das outras peças de roupa.

Campónio – *Caipira, matuto, babaquara, tabaréu*.

Canadiano – Canadense.

Canalha – Conjunto de crianças pequenas.

Canalizador – Encanador, bombeiro hidráulico (no Rio de Janeiro).

Canastrão – Pessoa feia, deselegante e desajeitada, *baranga, fubanga, bacalhau*.

Cancro – Câncer

Candeeiro - Abajur, luminária. O termo “candeeiro” também se usa no Brasil, mas refere-se a lampião e outros objetos de iluminação não elétricos.

Candonga – Mercado negro, contrabando, termo também usado em Angola. Em Cabo Verde e na Guiné-Bissau “candonga” é uma bebida alcoólica feita com água e sumo de fruta, álcool puro e mel de cana, cuja produção é proibida. Em Cabo Verde são também apelidados de “candongas” os veículos de transporte misto (mercadorias e passageiros). Em Luanda a comunidade estrangeira designa “candongas” as “vans” ou “combies” para transporte público que funcionam como uma espécie de táxi coletivo (a que os nativos chamam “táxi”), tipicamente pintadas de azul e branco. O termo “candonga” deriva do

quimbundo de Angola, possivelmente de “ka” = de, do ou da + “ndênge” = menor, adolescente, fraco, pequeno.

Canilha (gastronomia) – Búzio marinho da espécie *Bolinus brandaris*, (da família *Muricidae*) com concha espiralada curta de cor marrom amarelado, com 6 a 11 cm de comprimento, com espinhos carbonatados normalmente bem desenvolvidos e dotada de opérculo grosso e córneo. Embora possam ser cozinhadas de outra forma, são normalmente apenas cozidas em água e sal e consumidas como petisco ou acepipe.

Canivete (gastronomia) – Também chamados de lingueirão, longueirão, faca e canivete, é uma designação genérica de moluscos bivalves de águas marinhas e salobras, com concha comprida e estreita, em forma de cabo de navalha. Ver “lingueirão”.

Cão – Cachorro. No Brasil também existe o termo “cão”, mas o mais utilizado é “cachorro”, independentemente da idade do canídeo. Em Portugal o termo “cachorro” é reservado para um cão jovem.

Capoeira – Galinheiro [em Portugal usam-se os dois termos como sinônimos].

Capuchinho vermelho – Chapeuzinho vermelho.

Carabineiro (gastronomia) – Nome genérico de alguns camarões (crustáceos decápodes) que apresentam, em geral, com cor vermelha escura, que ocorrem entre os 80 e os 1 100 m de profundidade, e que podem alcançar mais de 30 cm de comprimento. Sendo bastante apreciados na gastronomia portuguesa, pertencem, normalmente, à família *Aristeidae*, em que se incluem, entre outros, o carabineiro-cardeal (*Aristaeopsis edwardsiana*), o carabineiro ou camarão-vermelho (*Aristeus antennatus*), e o carabineiro ou camarão-púrpura (*Aristaeomorpha foliacea*).

Caraças (surpresa, espanto ou desapontamento) – *Caraca*, *caramba*.

Carago – *Caraca*, *caraças*, *caramba* [“carago” é um regionalismo da região do Porto].

Caramba – Interjeição de surpresa, espanto ou desapontamento, *caramba*, *Caraca* (no Brasil “caraca” substituiu “caramba”, considerado, por muitos, ser um termo antiquado).

Caramujo (gastronomia) – Também designado por burrié, borrelho, burgau e caracol-do-mar, é um nome comum de pequenos moluscos gasterópodes marinhos litorâneos herbívoros das famílias *Littorinidae* e *Trochidae*, com concha espiralada cônica e normalmente com 2 a 4 cm, que ocorrem, em geral, em costas rochosas. Entre as espécies mais aproveitadas referem-se: *Littorina littorea*, *Steromphala umbilicalis*, *Phorcus sauciatu*, *Gibbula Magnus* e *Monodonta lineata*. Geralmente são consumidos como petisco, sendo apenas cozidos em água e sal, utilizando-se um alfinete para retirar o corpo da concha.

Caranguejo (gastronomia) – Caranguejo é a designação comum de diferentes espécies de crustáceos decápodes braquiúros, caracterizados por terem o corpo totalmente protegido por forte carapaça, olhos pedunculados e patas (cinco pares, num total de dez, de onde o nome da subclasse *Decapoda*) terminadas em unhas, exceto as anteriores, que geralmente estão dotadas de fortes pinças preênses (quelípedes). Ao contrário do que se verifica no Brasil, onde os caranguejos são normalmente de áreas de manguezal ou semelhantes, em Portugal encontra-se, nos mercados e nos restaurantes, grande variedade de caranguejos marinhos. Entre as espécies comercializadas em Portugal estão as navalheiras (*Necora puber*), as santolas (*Maja squinado*), as sapateiras (*Cancer Pagurus*).

Caravana – Além dos significados comuns aos dois países, como longa fila de pessoas e animais de carga que atravessa os desertos e lugares selvagens, ou grupo de veículos que

viajam juntos em fila, em Portugal é utilizado, também, no sentido de reboque que se atrela a veículos automóveis, dotado de equipamentos e de espaço próprios para alojamento, por exemplo, no campismo, também chamado de rulote ou trailer. Acabou por ter também o sentido de veículo ou reboque equipado para o exercício de uma atividade, como venda de comestíveis e bebidas, que pode ser facilmente movimentado por simples tração. O vocábulo “caravana” deriva do persa *karwan* = fila de animais de carga, grupo de viajantes, e do árabe “*qairauān*” = caravana, fila de pessoas e animais de carga em viagem. É possível que tenha adquirido a acepção de reboque para campismo devido ao carro e o reboque juntos formarem uma pequena caravana. Ver “Rulote”, “Auto-caravana”

Carbónico (período geológico) - Carbonífero.

Carcaça – Pão pequeno de farinha de trigo fina, um pouco alongado, pão francês, cacetinho, pão de sal, pão careca. Em rigor, em Portugal, o “papo-seco” era um tipo de pão tipicamente lisboeta cujas extremidades eram finas e salientes, e que eram popularmente designadas por “maminhas”; porém, como este formato requeria muita mão-de-obra, na 2ª metade do século XX a forma simplificou-se perdendo as populares “maminhas”, dando origem às “carcaças”.

Carcanhol – Dinheiro, *arame, bafunfa ou bufunfa, bagarote, cacau, grana, tutu*.

Carenciado – Carente, sem recursos. Em Portugal, o termo “carenciado” designa, normalmente, quem não tem os meios necessários a uma sobrevivência digna.

Carga de água – *Chuvarada, pancada de água, pé de água, aguaceiro*.

Carica – Tampa de garrafa de refrigerante, *chapinha*. No Brasil, “Carica” é o nome de um famoso sambista.

Caril – Curry [No Brasil usa-se o anglicismo sem ser aportuguesado]. É a mais conhecida mistura de especiarias, de origem indiana, contendo açafrão (que lhe dá a coloração amarela), alho, pimenta, gengibre, cominho e outras. O termo “caril” provém da palavra do canarim (uma das principais línguas do sul da Índia) “*karil*” = molho. A palavra consta da literatura portuguesa desde meados do século XVI, e aparece dicionarizada já no “Vocabulário Portuguez e Latino” (vol. 2, p. 149), de Raphael Bluteau, publicado em 1712, com o seguinte verbete: “Caril, Caríl. (Palavra da Índia.) He hum molho, que se deita no arroz, com que se coze o peixe; faz-se do çumo azedo de huns frutos, a que chamaõ Tamarindos. (...)”

Carimbo – Carimbo. O termo “carimbo” existe nos dois países com o mesmo significado, mas nas outras línguas europeias expressa-se por étimos diferentes, muitos deles com raiz latina. No norte do Brasil “carimbo” é, também, a marca feita a fogo numa rês, para identificar o seu proprietário. Em quimbundo, além de ter outros significados (largo, praça), “*kirímbu*” (plural “*Irimbu*”) era uma cicatriz ou escarificação utilizada como sinal de pertença a uma etnia ou clã. No período do tráfico negreiro, os escravos africanos, antes de serem embarcados, eram marcados com um ferro em brasa, marca essa que passou também a ser designada por “*kirímbu*”. Com o tempo, a palavra foi incorporada na língua portuguesa, passando a qualificar o acessório utilizado para marcar escravos e, depois, o instrumento que fazia marcas (por exemplo, num papel) e mesmo as próprias marcas (carimbos).

Carioca de limão (cafetaria) – Infusão de casca de limão servida em xícara de café.

Carne de porco com ameijoas ou à alentejana (gastronomia) – É um dos pratos mais famosos da gastronomia portuguesa, oriundo provavelmente da região do Algarve, em

que a carne temperada com colorau, louro, vinho branco, alho, coentros e outros temperos é frita, juntando-se no final ameijoas que são abertas com o calor do cozinhado, sendo acompanhado com batatas fritas cortadas em cubos.

Carne de vaca (culinária) – Carne de boi.

Carne picada – Carne moída.

Carocha – Carro modelo *Käfer* [escaravelho] da Volkswagen, *fusca*.

Carpete – Tapete. Tanto em Portugal, como no Brasil, existem os dois termos.

Carregar no travão - Pisar no freio

Carrinha – caminhonete, *van*.

Carrinha de caixa aberta – Veículo automóvel misto (de passageiros e de mercadorias) com a traseira aberta para transporte da carga.

Carro eléctrico – Bonde.

Carros ligeiros – Carros leves.

Carruagem (e.g. de comboio) – Vagão.

Carta de condução – Carteira de motorista

Carteira de senhora – Bolsa de senhora.

Carteirista – Batedor de carteira.

Casa com dois andares – Sobrado.

Casa de banho – Banheiro, e também casinha, lavabo, latrina, privada, retrete, sanitário, WC (do inglês *water closet*). Vários destes termos são também utilizados em Portugal.

Casa de campo – Pequena propriedade rural, chácara, fazenda, sítio.

Casaco (vestuário) – Paletó.

Casaco de malha (vestuário) – Cardigã.

Cascata – Cachoeira.

Casino – Cassino.

Castanho – Marrom. Embora no Brasil também se utilize o termo “castanho”, o mais comum é “marrom”.

Catorze – Quatorze. As duas palavras, “quatorze” e “catorze” existem na língua portuguesa e estão corretas, tendo origem no latim “quattuordecim”. A forma etimologicamente mais correta é “quatorze” pois é a que mais se aproxima de seu étimo latino, sendo a variante “catorze” resultado de uma adequação ortográfica baseada na fonética da primeira sílaba. As duas variantes existem nas versões do português de ambos os países, e já no “*Dictionarium Latino Lusitanicum ...*” (de 1570), de Jerônimo Cardoso, aparecem as duas formas. Porém, enquanto no Brasil se continuam a usar as duas variantes, embora seja mais comum a versão “quatorze”, em Portugal essa grafia está em desuso (havendo tendência para a considerar erro ortográfico), sendo mais correto o uso da palavra “catorze”.

Catrefada – Muito, *baita*, *à beça*, *catatau*.

Cautela – Além de outros significados comuns ao Brasil e a Portugal, neste último país designa também uma fração, normalmente um vigésimo, de um bilhete de lotaria.

Cauteleiro – Bilheteiro, vendedor ambulante de bilhetes de lotaria.

Cavaco (gastronomia) – O cavaco (*Scyllarides latus*) é um crustáceo decápode marinho integrado na classe morfológica das lagostas, considerado por vezes como o melhor marisco português. Também apelidado, por vezes, de lagosta da rocha, ocorre em fundos infralitorais até aos 100 m de profundidade, em zonas rochosas próximas a depósitos de areia; a carapaça, robusta, mais ou menos quadrangular, tem cor castanha avermelhada, mas os bordos desta, tal como as antenas e as patas, são de tonalidade azulada; não apresenta pinças, e o comprimento, que normalmente é da ordem de 30 cm, chega a ultrapassar os 45 cm; é típico dos Açores, onde é um marisco de excelência, embora, devido a pesca excessiva, seja atualmente pouco abundante. Aparentado com o cavaco é a cigarra do mar, cavaco anão ou bruxa (*Scyllarus arctus*), bastante mais pequeno, que não é explorado comercialmente nos Açores.

Cavaqueira – Conversa, *bate-papo*, *prosa*.

Cave – Piso de uma casa inferior ao nível da rua.

Cebolinho (culinária) – *Ciboulette*.

Cêntimo – Centavo, centésimo do valor da unidade monetária. Em Portugal, tal como na generalidade dos países lusófonos, a palavra indicativa de uma fração com denominador maior que dez, é “avo”. Temos, assim, por exemplo, três quinze avos para indicar três partes de um total de quinze. Tal forma, que é específica dos países ibéricos, é já consignada em 1519 no “Tratado de Arismética”, de Gaspar Nicolas. Em 1898, Leite de Vasconcelos, nas “Notas Philologicas II” [*Revue Hispanique*, t. V (nº16), pp. 417-428], explicou a razão da utilização dos “avos”: “É um exemplo de um suffixo se tornar palavra independente. A escolha recahiu em oitavo porque para o ouvido esta palavra parecia composta de oit(o) -avo: não havia outra nas mesmas condições. Em terço, quarto, quinto, sexto, sétimo, nono, décimo a palavra fundamental está obscurecida, excepto em sexto = seis-to, e sétimo = set-imo; mas nestas não podia prestar-se atenção nem a -to, nem a -timo, por tais terminações serem átonas, o que não acontece com oitavo = oit-ávo”. Por outro lado, é possível que “avo” nos tenha chegado a partir do árabe “habba” = partícula. De qualquer forma, em Portugal, o modo tradicional arraigado de indicar a utilização da fração é a palavra “avos”, de onde deriva “centavo”, aglutinação de um cento de avos. A antiga moeda portuguesa, o escudo, era dividida em cem centavos (dez centavo correspondiam, em linguagem popular, a um tostão). Foi apenas com a introdução do euro, a 1 de Janeiro de 1999, que os tradicionais “centavos” foram substituídos pelo galicismo “cêntimos”.

Ceroulas – Peça de roupa interior masculina que cobre o corpo da cintura até aos tornozelos, que se veste por baixo das calças, para proteger do frio. Atualmente já pouco se usam. O vocábulo “ceroulas” tem raiz no árabe “sarawil” = calças. Como seria de esperar, este vocábulo aparece já referido em 1592 no *Dictionarium latino lusitanicum*, de Jerônimo Cardoso, mas apenas na parte latim – português: “Campestre, is. O calçote, ceroulas”.

Cerveja à pressão – *chope*, *chopp*.

Cervejaria – Restaurante especializado em cerveja e mariscos.

Chafarica – Termo da gíria que designa pequena loja de comes e bebes, baiúca, bitácula, boteco, botequim, locanda.

Champô – Xampu.

Chamuça (gastronomia) – Espécie de pastel frito, de massa folhada, normalmente com forma triangular, recheado de carne, peixe ou legumes refogados e bastante condimentados, originário da Índia, que chegou a Portugal através da culinária do Estado Português da Índia (Goa, Damão e Diu, que passou para o Estado da Índia em Dezembro de 1961). O termo é aportuguesamento da palavra persa “sambūsa”, através do urdu “samosa” e do híndi “samosā”.

Chanfrado – Pessoa que não regula bem da cabeça, *azoratado, biruta, esmaniado, lelê-da-cuca, lirú, zureta*.

Chapéu-de-chuva – Guarda-chuva [em Portugal utilizam-se os dois termos].

Charlot (personagem de Charles Chaplin) – Carlitos.

Charro – Em linguagem informal, em Portugal, significa um cigarro feito à mão feito de haxixe ou liamba. É equivalente, no Brasil, entre outros, a *baseado, beque, ganja e brenfa*. O termo “charro”, que no Brasil é aplicado a quem é grosseiro, ordinário ou tosco, deriva do euskara (língua basca) “txar” = defeituoso, débil, através do castelhano “charro”. Não se sabe a razão porque, em Portugal, tomou o sentido de cigarro de droga.

Chateado – *Grilado*.

Chatear – *Encher o saco, torrar o saco*.

Chavala – Mulher jovem, *garota, gata, guria* (sul do Brasil).

Chávena – Xícara. Em Portugal também existe o termo “xícara” mas é, atualmente, um arcaísmo. O étimo “chávena” vem do chinês “chǎ-kvǎn” = vasilha para chá.

Cheque careca – Cheque sem cobertura, *cheque borrachudo*, cheque sem fundos.

Chi-coração – Abraço carinhoso apertado dado normalmente a uma criança.

Chibo – Denunciante, delator, *dedo-duro, cagueta*.

Chocho – Beijo.

Chonar – Dormir, *amassar a palha*.

Chouriço (gastronomia) – Chouriço; enchido (embutido) em forma de ferradura de cor vermelha, cujo invólucro é a tripa do animal (geralmente porco), em que o ingrediente principal é a carne (de porco) misturada com gordura e sangue, temperada com sal, alhos pisados, massa de pimentão, vinho e outros, que normalmente é curado no fumeiro. Há diferentes variedades regionais de chouriços, tal como designações, entre as quais o chouriço de carne, o chouriço de sangue, a chouriça, o chouriço de ossos (que além da carne inclui os ossos e as cartilagens das costelas e das vértebras), o chouriço de vinho, o paio (com maior diâmetro, feito com lombo de porco, com pouca gordura, que tem forma cilíndrica regular longitudinal), a linguíça (feito com carne de porco magra, em geral com diâmetro menor), e o salpicão (confeccionado com pedaços grandes de carne).

Chucha – Chupeta. Os dois termos existem em ambas as versões de português, mas no Brasil é mais vulgar utilizar-se “chupeta”, enquanto em Portugal se emprega mais o termo “chucha”.

Chuço – Gíria para guarda-chuva.

Chui – Policial, polícia.

Chula – Forma musical, instrumental, vocal e coreográfica típica do Alto Douro. Era, talvez, a principal música popular portuguesa setecentista do norte de Portugal. Com andamento

ligeiro, o ritmo é acentuado tanto pela zabumba (um tambor grande), pelo triângulo e por chocalhos, como pelo batimento dos pés, sendo a melodia entoada por rabecas, sanfonas (acordeão), cavaquinhos e outros instrumentos. Era geralmente cantada ao desafio em festas ou durante os trabalhos coletivos. Atualmente apenas subsiste através de grupos folclóricos. Levada para o Brasil por emigrantes, deu origem à “chula” do Rio Grande do Sul, bem como à da Bahia e, misturada com ritmos africanos, é provável que tenha estado na base do “forró”, gênero musical típico do Nordeste brasileiro.

Chulo – Em Portugal, o vocábulo, como substantivo e também como adjetivo, é essencialmente aplicado a quem explora prostitutas. O verbo “chular” tem conotação um pouco diferente: aplica-se a uma pessoa que explora outra, que vive à custa de outra. Em castelhano, nalguns países, como na Guatemala, Honduras, México e Porto Rico, entre outros significados, “chulo” refere-se, curiosamente, a algo engraçado, bonito ou festivo, mas noutros tem o mesmo sentido que se dá em Portugal. No Brasil, entre outros, significa rude, vulgar, grosseiro, ordinário, obsceno. Embora a etimologia de “chulo” seja um pouco controversa, parece ter como origem o latim “*infāns*” = criança, rapaz, que, em italiano, por aférese (supressão do fonema inicial) e junção do sufixo diminutivo “-ello” deu “fancelo” = rapazinho, e depois, com o novo sufixo diminutivo típico do sul de Itália “-ullo” derivou para “fanciullo”, tendo, em português e castelhano, por nova aférese, derivado para “chulo”. Para outros etimologistas, o vocábulo teria derivado do baixo latim “*sciōlus*” = rapaz em linguagem popular, através do moçárabe “*šūlo*” com o mesmo significado.

Chumbar (o ano) – Reprovar

Chunga – De baixa qualidade, reles.

Chupa-chupa – Pirulito.

Chuvada – Aguaceiro, *chuvarada*, *pancada de água*, *pé de água*.

Ciclomotor – Bicicleta motorizada, motoneta de baixa cilindrada.

Cigarra do mar (gastronomia) – A cigarra do mar, cavaco anão ou bruxa (*Scyllarus arctus*), é da mesma família dos cavacos, embora seja bastante mais pequeno, podendo atingir até 16 cm de comprimento. É típico dos Açores, mas não é explorado comercialmente, apesar de ser aproveitado pelas populações ribeirinhas locais.

Cimbalino – Regionalismo da região do Porto que designa café expresso. O termo “cimbalino” provém da marca de máquinas de café “La Cimbali”.

Cimeira – Reunião de cúpula.

Cinco contra um – Masturbação masculina, *bater bolo*, *tirar o atraso*, *esgalhar o ganso*, *punheta*.

Cinzeiro – Bituqueira.

Circunvalação – estrada em volta de uma povoação.

Claque (e.g. de um clube) – Torcida.

Claras em castelo (culinária) – Claras em neve.

Clarificação – Esclarecimento.

Classificativa – Prova de classificação, classificatória.

Cocó – Cocô.

Cocuruto – A parte mais alta da cabeça, o ponto mais elevado duma coisa.

Côdea (do pão) – Crosta.

Codorniz – Codorna.

Coligação – Coalizão.

Colorau (culinária) – Páprica.

Comboio – Trem.

Comentador – Comentarista.

Comer a sopa – Tomar a sopa. No Brasil “comer” aplica-se a alimentos sólidos.

Comezaina – *Bambochata, estroinice, farra, pândega, patuscada*.

Computador portátil – Laptop.

Cona – Órgão sexual feminino, *boceta, aranha, perereca, pitrica (gíria), prenheca priquita, xoxota*.

Concelho – Município. Em rigor, em Portugal, o “concelho” é o território administrado por um município.

Concheiro – Sambaqui, monte artificial constituído na maior parte por conchas de moluscos. Os sambaquis (português do Brasil), concheiros (português europeu) ou *shell mounds* (em inglês) são comuns nos litorais mundiais. Correspondem a depósitos mesolíticos que foram sendo construídos pelo homem ao longo do tempo, em zonas onde a onda tem menos energia, como lagunas costeiras, estuários e baías, e onde, além de conchas, dominantes, existem materiais orgânicos, ossos de animais, utensílios líticos, esqueletos humanos e vários outros materiais. Continua ainda a discussão, entre os arqueólogos, sobre as funções que estes depósitos desempenhavam nas sociedades mesolíticas. Para uns, estes sítios seriam usados de forma ocasional, para caçadas, pescarias e/ou com fins rituais, deslocando-se, depois, a população para outra zona; para outros, seriam locais de habitação permanente destas populações de caçadores-coletores. De qualquer forma, estes montes artificiais correspondem, pelo menos na maior parte, a lixeiras da altura; o núcleo habitacional estava no topo, mais salubre e arejado, e com características que lhe conferiam especiais condições de vigilância e de defesa; os restos alimentares e os resíduos da vida quotidiana eram lançados nas vertentes, que serviam, também, como cemitério. Em Portugal existem vários concheiros, sendo os mais famosos os “concheiros de Muge”, no vale inferior do Tejo, entre Salvaterra de Magos e Almeirim, descobertos em 1863 pelo geólogo Carlos Ribeiro (1813-1882), que, muitas vezes, é considerado como o maior complexo mesolítico da Europa. Com idade entre 5 000 e 6 000 a.C., foram aí recuperados, desde o século XIX, mais de trezentos esqueletos humanos, bem como, além de outros achados importante, os restos do mais antigo cão descoberto em território português, que foi recuperado ainda por Carlos Ribeiro, e que viveu há cerca de 8 000 anos. Ver “Sambaqui”.

Conduto – Em linguagem popular, é o que se come com o pão (carne, peixe, ovos, etc.).

Conduzir (o carro) – Dirigir.

Conferência de imprensa – Coletiva de imprensa.

Confusão – Balbúrdia, *baderna, babilônia, bagunça, baralhada*, confusão, *fuzarca, mixórdia*.

Congelador – Freezer.

Conquilha (gastronomia) – Também chamada cadelinha, é um bivalve da espécie *Donax trunculus* que ocorre nas praias junto à zona de rebentação, enterrado na areia, a poucos centímetros de profundidade, designadamente nas costas do centro (estuários do Tejo e do Sado), sul (Algarve) e sudoeste (Alentejo) portuguesas. A concha, de formato triangular arredondado, é luzidia e finamente estriada radialmente, com largura de 2 a 3 cm. Com frequência, os turistas nacionais em férias dedicam algum tempo à apanha destes bivalves, que depois cozinham para servir de petisco ou de entrada a uma refeição. O género *Donax* é também comum em praias brasileiras, onde, consoante as regiões, tem o nome de “moçambique” ou “tatuí”. Um dos pratos portugueses confeccionados com estes moluscos é o “xarém com conquilhas”, típico do Algarve.

Consoada – Ceia de Natal.

Constipação – Resfriado. No Brasil, por influência anglo-saxônica, utiliza-se por vezes o termo “constipação” para designar prisão de ventre.

Conta-quilómetros (do carro) – Hodômetro, odômetro. Ver “Hodômetro”.

Contabilista – Contador. Em Portugal “contador” designa o aparelho para verificar o consumo de água, eletricidade ou gás.

Contador – Aparelho que serve para efetuar a medição (contagem) de qualquer coisa, como o contador de gás, o contador de eletricidade, o contador telefónico (conta os pulsos numa chamada telefónica).

Contentor – Contêiner.

Contrafacção – Falsificação, imitação fraudulenta.

Contraplacado – Compensado de madeira.

Copenhaga – Copenhagen, capital da Dinamarca.

Copo de água – Refeição de pratos quentes e frios, doces, vinhos, licores, etc. que se oferece aos convidados em ocasiões especiais, como nos casamentos e nos batizados.

Cortar na casaca – Falar mal de alguém, *fofocar*, *fuxicar*.

Coscuvilheiro – *Fofoqueiro*, *fuxiqueiro*, *abelhudo*, *bituqueiro*.

Costoleta (culinária) – Bisteca.

Cota – Pessoa velha ou mais velha, como o pai ou a mãe. O termo “cota” é um africanismo proveniente do quimbundo “kota”, forma abreviada de “rikota” (no singular) e de “mákota” (no plural), significando, como adjetivo, que é maior ou superior, e como substantivo que é o mais velho, o primeiro na ordem de sucessão; os “mákota” eram os maiores (na idade, no saber ou na riqueza), os conselheiros.

Coxear – Capengar, mancar, coxear

Cracas (gastronomia) – Embora seja um nome genérico dado aos crustáceos marinhos sésseis ou pedunculados, em Portugal o nome designa em particular a espécie *Megabalanus azoricus* (da família Balanidae, ordem Sessilia), que ocorre nas costas rochosas do arquipélago dos Açores, caracterizadas por grande hidrodinamismo, principalmente na zona intermareal, mas que se encontra, com abundância decrescente, até cerca dos 15 m de profundidade ou mais. A estrutura das cracas está adaptada ao ambiente muito energéticos em que vive, sendo constituída por um revestimento calcário em forma de cone truncado, que protege os órgãos internos, comestíveis, e é tapado superiormente por um opérculo formado por 4 placas calcificadas agrupadas duas a duas. Podendo atingir

mais de 7 cm de comprimento, a apanha das cracas é efetuada com picareta ou martelo e escopro, por forma a partir a rocha na qual a base do animal está incrustada. Embora seja, talvez, o marisco mais caro do mercado nos Açores, desde há muito que as cracas constituem um dos pratos tradicionais mais famosos da gastronomia açoriana, sendo consumidas apenas cozidas em água do mar. À primeira vista, os percebes e as cracas são parecidos, mas, na realidade, pertencem a ordens distintas (respectivamente *Pollicipedidae* e *Sessilia*).

Cretácico (período geológico) - Cretáceo.

Criar uma embrulhada – Caçar barulho, armar uma lã de cão.

Crica – órgão sexual feminino, *boceta, aranha, perereca, pitrica, prenheca, priquita, xoxota*.

Cuecas (de senhora) – Calcinhas. Em português do Brasil cuecas são de homem. Em Portugal há tendência para o diminutivo “cuequinhas” para designar cuecas de senhora. O vocábulo “cueca” tem origem no latim vulgar “culus” = cu, anus + “-eca”, sufixo diminutivo por vezes com sentido depreciativo.

Cume– Ponto mais elevado de um monte, montanha ou serra.

Curgete – Aboborinha italiana.

Cusco – Pessoa curiosa que se mete na vida dos outros, *fofoqueiro, fuxiqueiro, abelhudo, bituqueiro*.

Custos (contabilidade) – Despesas.

- D -

Dá para os dois lados – Bissexual, *gilete*.

Dar à tramela– Conversar, *bater papo, dar uma prosa*.

Dar em águas de bacalhau – Situação que não foi solucionada ou que acabou sem resultados, *terminar em pizza*.

Dar o grito do Ipiranga – Libertar-se, afirmar a sua independência. A expressão é uma alusão à declaração feita pelo príncipe regente D. Pedro, que governava o Brasil em nome do seu pai, o rei D. João VI, quando, a 7 de setembro de 1822, recebeu ordens das cortes portuguesas para voltar a Portugal. D. Pedro, que nessa altura se encontrava nas margens do rio Ipiranga, terá então proferido a famosa expressão “Independência ou morte” e iniciado o processo de independência do Brasil. Curiosamente, parece que a expressão “Dar o grito do Ipiranga”, com esta conotação, é específica de Portugal.

Dar o peido mestre) – Morrer, falecer, *abotoar o paletó, bater o trinta e um, dar o couro às vacas, espichar a canela, bater a bota, bater o cachimbo, vestir o pijama de madeira*.

Dar raia – Dar errado, dar asneira, *dar zebra*.

Dar uma abébia – dar uma oportunidade, *dar uma mãozinha*, prestar um favor.

Dar uma queca – Ter relações sexuais, *transar, afogar o ganso, carcar, molhar o biscoito, descabelar o palhacinho*. Ver “Queca”.

de gema – *da gema*, autêntico, genuíno, legítimo, puro. É muito provável que esta locução tenha surgido como alusão à gema do ovo ou do óvulo, a sua parte nuclear a partir da qual se desenvolve o novo ser.

Dendém – Dendê, fruto da palmeira *Elaeis guineensis*, originária da costa ocidental africana. O étimo “dendém” provém do quimbundo “ndénde” que significa o fruto dessa palmeira.

Deitar fora – Jogar fora. No português europeu também se usa a expressão “jogar fora”, mas o mais freqüente é “deitar fora”.

Denominação de Origem Protegida (DOP) – Designação, regulamentada pela União Europeia, que protege os nomes dos produtos cuja produção, elaboração e transformação ocorrem numa região delimitada, com um saber-fazer devidamente reconhecido e verificado. Ver “DOP - Denominação de Origem Protegida”.

Denunciar – *Dedurar*.

Depósito (de combustível) – Tanque.

Desastre – Sinistro.

Descapotável (carro) – Conversível.

Descarregar (da internet) – Baixar, transferir um ficheiro pela internet.

Descolar (e.g. um avião) – Decolar.

Desenhador – Desenhista.

Despedido – Demitido.

Desporto – Esporte.

Deteção remota – Sensoriamento remoto.

Dez réis de mel coado – Muito barato, quase de graça, quase sem valor.

Diário da República – Diário Oficial.

Dióspiro (fruta) – Caqui.

Direito laboral – Direito trabalhista. Ver “laboral”

do piorio (pessoa) – Pessoa muito má.

do tempo da Maria Cachucha – *Do tempo da onça*. A expressão “do tempo da Maria Cachucha” remete para a “cachucha”, dança espanhola em voga no século XIX, e em particular para a cantiga popular Maria Cachucha, ao som da qual era vulgar as pessoas do povo dançarem; significa, portanto, algo que é muito antigo.

Dobrada (culinária) – Dobradinha.

Dobragem (de um filme) – Dublagem.

Doidivas – Pessoa que não regula bem da cabeça, *azoratado, biruta, esmaniado, lelê-da-cuca, lirú, zureta*. Normalmente o termo “doidivas” significa uma pessoa estouvada, extravagante, estroina.

Dois dedos de conversa – Conversa, *bate-papo, prosa*.

DOP - Denominação de Origem Protegida – Designação, regulamentada pela União Europeia, que protege os nomes dos produtos cuja produção, elaboração e transformação ocorrem numa região delimitada, com um saber-fazer devidamente reconhecido e verificado. Esta designação protege, além de outros, os nomes de vinhos, de tipos de carnes, de queijos, de presuntos, de enchidos (embutidos), de azeites, de pães regionais e de frutas. Todos os produtos DOP estão identificados com essa sigla, com a marca de conformidade e com o logótipo comunitário. Esta indicação garante ao consumidor que o

produto tem sabor e aroma diferenciados, que foi obtido ou processado de forma tradicional, e que foi sujeito a um rigoroso sistema de controlo independente. Além do DOP, são também sistemas de proteção e de valorização dos produtos agro-alimentares, os IGP e as ETG, todos criados pela Comunidade Europeia em 1992. Em Portugal, entre muitos outros, são “DOP - Denominação de Origem Protegida”, o “Azeite de Trás-os-Montes”, a “Carne Barrosã”, o “Queijo de Azeitão” e a “Flor de Sal de Tavira”. Ver “IGP - Indicação Geográfica Protegida”, “ETG - Especialidade Tradicional Garantida” e “Região Demarcada”.

dos quatro costados – *Da gema*, autêntico, genuíno, puro, de estirpe, de linhagem. Os costados são os avós (quer por parte do pai, como da mãe), de forma que a expressão “dos quatro costados” significa que a pessoa tem qualquer atributo (nacionalidade, naturalidade, nobreza, etc.) tanto por parte dos avós paternos, como dos maternos.

Dose (de comida) – Porção.

Doutoramento – Doutorado.

Duche – Ducha, chuveiro. Em Portugal é um étimo masculino e no Brasil feminino. O termo “duche”/“ducha” provém do latim “ductio” = conduta, através do italiano “doccia” = jacto de água, chuveiro.

Duplo (e.g. de um actor) – Dublê.

- E -

É esperto mas não caça ratos – É esperto mas não consegue enganar.

Ecrã – Tela.

Em directo (na TV) – Ao vivo.

Embraiagem (e.g., do automóvel) – Embreagem.

Embrulhada – Situação confusa ou de difícil resolução, *abacaxi, embrulhada, garalhuba, imbróglia, pepino*.

Ementa – Cardápio. Em Portugal também se usa o termo “cardápio”, mas o mais vulgar é “ementa” ou “menu”.

Empadão (culinária) – Escondidinho, torta.

Empregado de mesa – Garçom.

Encanar a perna à rã – Não fazer nada, *fazer corpo mole, embaçar*.

Encarnado – Vermelho, encarnado. Tanto em Portugal como no Brasil são geralmente usados como sinónimos, embora “encarnado” se refira à cor vermelha escarlata da carne fresca ou do sangue, e “vermelho” ao carmim ou escarlata, tinta extraída da cochonilha (piolho-dos-vegetais). A partir da Comuna de Paris, em 1871, o vermelho passou a ser conhecido como a cor da esquerda revolucionária. Em Portugal, e também no Brasil, no período da ditadura, evitava-se a utilização do termo “vermelho” devido à sua conotação com os comunistas, embora a “Cruz Vermelha” tivesse mantido sempre o mesmo nome. Em Portugal associa-se o termo “encarnado” ao clube de futebol Sport Lisboa e Benfica.

Encerrado ao trânsito – Interditado ao trânsito.

Enchido (gastronomia) – Embutido. Os “enchidos” são alimentos artesanais ou industriais feitos com carne cortada ou picada (em geral carne de porco), temperada e metida em tripa natural ou sintética, normalmente conservada através de defumação, grande parte

dos quais tem forma de ferradura. Em Portugal há grande variedade de enchidos que têm designações diversas, entre as quais chouriça, bucho (cujo invólucro é o estomago, e que, para além da carne, tem também ossos e cartilagens das costelas e das vértebras), chouriço de carne, chouriço de sangue, chouriço de ossos (que além da carne inclui os ossos e as cartilagens das costelas e das vértebras), chouriço de vinho, farinheira (feita com gorduras frescas de porco e farinha de trigo), linguiça (feito com carne de porco magra, em geral com diâmetro menor), morcela (feita com o sangue do animal), mortadela, paio (com maior diâmetro, feito com lombo de porco, com pouca gordura, que tem forma cilíndrica regular longitudinal) e salpicão (confeccionado com pedaços grandes de carne).

Endereço – Morada. Os dois termos são usados em ambos os países, mas é mais frequente a utilização de “endereço” no Brasil e de “morada” em Portugal.

Endrominar – Enganar alguém, *crocodilar*, enganar, intrujar.

Enfiar o barrete – Enganar.

Enfiar o garruço – Enganar.

Engraxador - Bajulador, louvaminheiro, *baba-ovo*, *lambe-botas*, *lambe-cú*, *puxa-saco*.

Enrascada – Situação confusa ou de difícil resolução, *abacaxi*, *embrulhada*, *garalhuba*, *imbróglia*, *pepino*.

Entrecosto (gastronomia) – Costela, costelinha.

Eocénico (período geológico) – Eoceno.

Equipa (e.g. de futebol) – Time.

Equipamento (futebol) – Uniforme.

Ervas aromáticas (gastronomia) – Ervas de cheiro.

Ervilhanas – Regionalismo das Beiras, Algarve e Alentejo que designa amendoins. O termo “ervilhana” deriva provavelmente do castelhano “arvellana” = avelã.

Esboço – Debuxo.

Escabeche (gastronomia) – Molho feito com vinagre, azeite, cebola, alho, louro, tomate e outros ingredientes, usado para temperar ou conservar alimentos. Era uma forma tradicional de conservação de alimentos (carnes e peixes), os quais eram, deste modo, transportados em barricas, nomeadamente nas longas viagens dos descobrimentos. Na base está o vinagre, cujo ácido acético permitia a conservação durante meses sem se deterioração dos alimentos. O termo aparece registado logo no que é considerado o primeiro dicionário da língua portuguesa, o “Vocabulario Portuguez e Latino”, de Raphael Bluteau, em cujo volume 3º (p.215), publicado em 1712, está o verbete “Escaveche, ou Escabeche. Molho para conservar carnes, ou peixe. Faz-se com vinagre destemperado com agoa, hum pouco de azeite, & sal, folhas de louro, çumo de limão, & de lima, & gengibre pisado, com as mais espécies pretas, tudo fervido, etc. (...)”. Embora o escabeche fosse antigamente utilizado tanto para carne, como para peixe, com a passagem do tempo, em Portugal, o de carne passou a ser menos popular, incidindo nos dias de hoje especialmente sobre o peixe. O étimo “escabeche” deriva do árabe hispânico “assukkabāğ”, que procede do árabe “sikbāğ”, o qual, por sua vez, vem do persa “sikba” composto por “sik” = vinagre + “ba” = comida.

Escalope (gastronomia) – Filé.

Escanifobético – Estranho, esquisito, fora do normal, *escalafofético, estapafúrdico, estrambólico*.

Escola de condução – Escola de motorista, escola de direção.

Esferovite (poliestireno) – Isopor.

Espargos (culinária) – Aspargos.

Esparregado (culinária) – Creme de espinafres.

Especialidade Tradicional Garantida (ETG) – Nome que designa e identifica um produto alimentício produzido a partir de matérias-primas ou ingredientes utilizados tradicionalmente. Ver “DOP - Denominação de Origem Protegida”.

Esquadra de polícia – Delegacia policial, posto policial.

Esquentador (de água) – Aquecedor (de água).

Estacionamento em segunda fila – Estacionamento em fila dupla.

Estalada – Tapa, bofetada.

Stampilha – Selo. O termo “stampilha” é mais erudito; o mais utilizado em Portugal é “selo”.

Estapafúrdico – Estranho, esquisito, *escalafofético, estapafúrdico, estrambólico*.

Estar à espreita - Estar de butuca.

Estar a passar-se – Estar a ficar muito irritado.

Estar à seca – Estar muito tempo à espera de qualquer coisa (por exemplo, de alguém, de um transporte público ou de atendimento num estabelecimento).

Estar feito ao bife – Estar com um grande problema, *abraçar o jacaré, cair do cavalo, estar ferrado*.

Estar frito – Estar numa situação complicada, difícil de resolver, *abraçar o jacaré, cair do cavalo, estar ferrado*.

Estar metido numa alhada – Estar numa situação complicada, difícil de resolver, *abraçar o jacaré, cair do cavalo, estar ferrado*.

Estar numa embrulhada – Estar numa situação complicada, difícil de resolver, *abraçar o jacaré, cair do cavalo, estar ferrado*.

Estar pelo beicinho – Estar apaixonado, *estar gamado, estar vidrado*.

Estar preocupado – Estar grilado.

Estar tramado – Estar numa situação complicada, difícil de resolver, *abraçar o jacaré, cair do cavalo, estar ferrado*.

Estarola – Doidivas.

Estendal (da roupa) – Secador de roupa, varal.

Esticar o pernil – Morrer, falecer, *abotoar o paletó, bater o trinta e um, dar o couro às vacas, espichar a canela, bater o cachimbo, vestir o pijama de madeira*.

Estore – Veneziana.

Estou (ao atender o telefone) – Alô.

Estrambólico – Estranho, esquisito, *escalafofético, estapafúrdico, estrambólico*.

Estrela – Regionalismo do Minho que designa o brinquedo que se lança ao vento preso com um fio, pipa, cafiça, papagaio, piposa, pandorga (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), arraia ou pepeta (Acre e Amazonas).

Estrugido – Refogado. O termo “estrugido” é um regionalismo do norte de Portugal.

Estufar (culinária) – Cozinhar com a panela tapada.

Estugarda – Stutgard, cidade alemã.

Estupecientes – Entorpecentes.

ETG - Especialidade Tradicional Garantida – Nome que designa e identifica um produto alimentício produzido a partir de matérias-primas ou ingredientes utilizados tradicionalmente. A designação foi criada pela Comunidade Europeia em 1992. Considera-se que o nome é tradicional quando demonstra ter uso comprovado no mercado comunitário por um período que mostre a transmissão entre gerações, ou seja, correspondente à duração geralmente atribuída a uma geração (pelo menos 25 anos). A ETG não faz referência a uma origem específica, assim se distinguindo da DOP. Em Portugal, entre muitos outros, são “ETG - Especialidade Tradicional Garantida”, o “Bucho Raiano” e o “Bacalhau de Cura Tradicional Portuguesa”. Ver “DOP - Denominação de Origem Protegida”.

Explicador – Professor particular.

- F -

Factura – Nota fiscal. Especialmente no sul do Brasil, na Argentina e no Uruguai factura é um tipo de pão doce.

Factura falsa – *Nota fria*.

Fala-barato – Pessoa que fala muito.

Falsificação de documento de propriedade – Grilagem. O termo “grilagem” deriva da prática que existia de colocar um papel com o presumível título de propriedade numa gaveta junto com alguns grilos, o que fazia com que, passadas algumas semanas, o falso documento adquirisse uma aparência envelhecida devido aos dejetos daqueles insetos, o que lhe dava ar de antigo e, portanto, que se pressupunha ser verdadeiro.

Famelga– Família.

Farinha de pau– Farinha de mandioca.

Farinheira (gastronomia) – Enchido (embutido) em forma de ferradura, de cor amarela acastanhada, curada por defumação, confeccionada com gorduras frescas, farinha de trigo, água da cozedura de ossos e carnes, temperada com sal, colorau doce e outros condimentos, tendo a particularidade de ser o único enchido cuja tripa não é completamente cheia. O nome “farinheira” advém do ingrediente principal ser a farinha de trigo. Segundo a tradição, a “farinheira” originalmente não era feita com gordura de porco, tendo sido criada pelos judeus portugueses como forma de escapar das perseguições da Inquisição, pois que a sua religião os impedia de comer carne de porco, recheio da maior parte dos enchidos. Ver “alheira”.

Farnel– Comida para jornada, merenda para quando se viaja.

Faróis máximos (do automóvel) – Faróis altos.

Faróis médios (do automóvel) – Faróis baixos.

Fatela – Pessoa que revela falta de bom gosto, *cafona, brega, jeca*.

Fatias paridas (gastronomia) – Rabanadas (termo também usado em Portugal), fatias de pão molhadas em leite, envolvidas em ovos, e depois fritas, sendo no final polvilhadas com açúcar e canela. Designam-se por “fatias paridas” porque era hábito dá-las às parturientes depois do esforço do parto, para recuperarem forças.

Fato (completo) – Terno (calças + colete + paletó/casaco).

Fato (simples, sem colete) – Costume.

Fato de banho – Maiô.

Fato de treino – Agasalho.

Fazer cera – Não fazer nada, *fazer corpo mole, embaçar*.

Fazer cocó – Defecar, *largar o barro, cagar, fazer cocô*.

Fazer fressura – Sexo lésbico, *bater bolacha, briga de aranhas, colar o velcro, esfregação*.

Fazer perder a paciência – Chatear, importunar, *encher o saco*.

Fazer um bico – Fazer sexo oral.

Fazer-se de mula – Fazer de conta que se desconhece a situação, *dar uma de João sem braço*.

Febra (culinária) – Carne sem osso nem gordura. Em sentido figurado significa coragem.

Fecho éclair – Zíper.

Feijão catarino – Feijão carioca.

Feijão frade – Feijão fradinho.

Feijão verde – Feijão vagem.

Ferrar o galho – Dormir, *amassar a palha*.

Ferry boat – Balsa, jangada.

Festas dos Santos Populares – Festas Juninas. As festas dos Santos Populares abrangem, em Portugal, especialmente as festas de Santo António, a 13 de Junho (dia da cidade em Lisboa e de outras), de São João, a 24 de Junho (dia da cidade no Porto e noutras), e o de São Pedro, a 29 de Junho (dia da cidade de Évora e de outras); no Brasil, as Festas Juninas são também muito celebrados, nomeadamente no Nordeste e Norte do Brasil, bem como no interior do estado de São Paulo.

Festas natalícias – Festas natalinas.

Fezada – Convicção [em linguagem coloquial “ter uma fezada de que algo vai acontecer” quer dizer que se acredita ou que se tem esperança que isso aconteça].

Fiambre – Presunto.

Ficar a apanhar bonés – Não conseguir o que se quer, não ter êxito.

Ficar com os azeites – Ficar chateado, zangado.

Ficar de atalaia – Ficar de butuca.

Ficheiro – Arquivo (os dois termos são usados tanto em Portugal como no Brasil).

Filigrana portuguesa – Peça de joalheria feita com fios muito finos e pequeninas esferas de ouro ou prata (ou outros metais nobres), que adquiriu feições únicas no Minho, especialmente na região de Póvoa do Lanhoso. Embora a filigrana tenha sido usada desde

a Antiguidade, a do norte de Portugal começou a adquirir características próprias a partir do século XVII, com elaboração de peças (brincos, broches, colares, pulseiras e outras, mas também relicários, cruzes e outros objetos) muito delicadas em que os fios de ouro são pormenorizadamente entrançados, como uma renda, constituindo majoritariamente alusões à religião (em especial através de cruzes), ao mar (peixes, caravelas, conchas, ondas), à flora (flores, trevos, etc.) e ao amor (corações). O termo “filigrana” deriva do latim “filum” = fio + “granum” = grão.

Fino – Cerveja à pressão, *chope, chopp*. O termo “fino”, significando cerveja à pressão servida num copo fino e alto, é (ou era, pois que atualmente está generalizado) um regionalismo do Norte de Portugal, que se estendeu aos Açores e ao Centro. Parece ter-se originado em Coimbra, quando os estudantes preferiam beber a cerveja em copos finos e altos, pelo que pediam cerveja num copo “fino”.

Fisga (forquilha de madeira com elásticos) – Estilingue, atiradeira.

Fita-cola – Durex. A marca registrada “Durex” comercializa vários produtos, entre os quais fita-cola e preservativos. No Brasil este termo passou a designar genericamente a fita-cola. Em Portugal este nome tende a estar associado a preservativos.

Fixe – Excelente, bonito, confiável, *bacana, jóia, legal*.

Flausina – Na gíria popular portuguesa designava uma jovem mulher que se evidenciava pelo estilo de vestuário (presuntivamente ditado pela moda) e pelo comportamento irreverente para a época, mas hoje o termo deixou de ser usado. Os termos “flausina” e “báubau” foram popularizados, nos anos 50 e 60 do século passado, pelo programa de rádio dos “Parodiantes de Lisboa”, tendo sido intensivamente usados em Portugal durante algumas décadas, acabando por ser abandonados, de forma que, atualmente, saíram do léxico comum.

Foco – Lanterna. No interior sul do Brasil utiliza-se também “foque”.

Foleiro – Pessoa que revela falta de bom gosto, *cafona, brega, jeca*.

Fora de jogo (futebol) – Posição de impedimento, banheira.

Forreta – Avarento, *cigalheiro, forreta, mão-de-vaca, mão-fechada, muquirana, somítico*.

Fotocópia – Xerox (marca registrada que passou a designar genericamente este produto).

Fraldas - Cuequinhas de bebê.

Francesinha (gastronomia) – Tida como uma das 10 melhores sanduíches do mundo, é um dos símbolos do Porto. É constituída por duas fatias grossas de pão de forma, ligeiramente torrado, entre as quais é adicionado um bife de vaca, fiambre (presunto), mortadela, lingüiça, salsicha fresca e queijo, tudo coberto com queijo aquecido até começar a derreter, sendo finalizado com a sobreposição de um ovo estrelado (frito), sendo acompanhada por batatas fritas aos palitos e cerveja gelada. É criação de um antigo emigrante em França que, em meados do século XX, decidiu fazer a adaptação do “Croque-Monsieur” francês, ajustando os ingredientes ao paladar das gentes do Porto, habituadas a comidas substanciais de sabores fortes e quentes, mas a “alma” da francesinha é, sem dúvida, o famoso molho, com sabor intenso e picante.

Freguesia – Em Portugal “freguesia” corresponde à mais pequena divisão administrativa, estando subordinado ao município ou concelho (que pode ter apenas uma ou várias freguesias).

Fressureira – Lésbica, *sapatona, bolacheira, fanchona*, lésbica.

Frigorífico – Geladeira. No Brasil o termo “frigorífico” é aplicado a grandes geladeiras. Em Angola e Moçambique utiliza-se geralmente “geleira”.

Fufa – Lésbica, *sapatona*, *bolacheira*, *fanchona*, lésbica.

Fuga ao fisco – Sonegação fiscal.

Fuga de gás – Escapamento de gás.

Fumador – Fumante.

Fumeiro (culinária) – Era o espaço entre a lareira e o telhado onde se penduravam os enchidos (embutidos) para serem curados e defumados e, por extensão, o termo é também aplicado de forma genérica aos enchidos aí defumados. O termo “fumeiro” deriva de fumo, pois que era pelo local por saía o fumo da lareira que se penduravam os enchidos para serem curados e conservados.

Fundo de maneio (contabilidade) – Capital circulante líquido.

Furgão – Veículo automóvel de caixa fechada para transporte de mercadorias.

Furgoneta – Caminhonete, *van*, carro de carroçaria fechada e com porta traseira, destinada ao transporte de pequenos volumes.

Fuso-torto ou **púrpura** (gastronomia) – Também conhecido por búzio-púrpura, é um búzio da espécie *Stramonita haemastoma* (= *Thais haemastoma* e *Purpura haemastoma*) (família *Muricidae*), com concha espiralada ornada de tubérculos, de cor cinzenta, mas em que a abertura tem cor avermelhada ou alaranjada (daí a designação *haemastoma*, derivada do grego “haem” = sangue + “stoma” = boca), que pode chegar a ter 8 cm de altura, e é dotada de opérculo quitinoso forte. Ocorre em meio oceânico, em fundos rochosos ou arenosos de zonas infra-litorais ou médio-litorais. Era utilizado pelos romanos no fabrico da famosa cor púrpura obtida da secreção produzida pela glândula hipobranquial. É consumido como marisco, principalmente na Madeira, embora não seja tão apreciado como as lapas.

- G -

Gabardine (vestuário) – Capa de chuva.

Gajo – *Cara*, *guri*, pessoa, indivíduo.

Galão (cafetaria) – Café expresso normal servido em copo alto e completado com leite.

Galar – Olhar insistentemente e de forma interessada para alguém ou alguma coisa que se deseja, tentar seduzir. No Brasil aplica-se com o sentido de engravidar ou de ter um orgasmo. O termo da gíria “galar” deriva da palavra que designa a ação de fecundar nas aves.

Galego – Em linguagem informal o termo “galego” é utilizado em Portugal, principalmente em Lisboa, de forma depreciativa, sendo aplicado a pessoas que fazem trabalho pesado, intenso e de baixa qualificação, baseado apenas na força física, assim como a indivíduos pobres e sem instrução, e ainda a sujeitos grosseiros, malcriados ou rudes. Além disso, é, de certa forma, usado como sinónimo de moço de fretes. Por extensão, o termo “galego” era também aplicado aos migrantes que vinham do norte de Portugal ou, mesmo, das Beiras. É um termo antigo que, atualmente, está a entrar em desuso. O sentido depreciativo da palavra advém da emigração, ocorrida em tempos históricos, de galegos que abandonavam a sua região, rural e pobre, para virem para Portugal, que estava geograficamente próxima e com que tinham afinidades lingüísticas. Esses fluxos

migratórios verificaram-se desde a Reconquista Cristã, mas de forma mais expressiva no século XVII, em especial durante a dominação filipina (1580-1640), prosseguindo nos séculos seguintes, designadamente durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). As comunidades galegas, sobretudo em Lisboa e no Porto, chegaram a ser bastante significativas. Embora se dedicassem às mais variadas profissões, como emigrantes sujeitavam-se a todos os tipos de trabalhos, sobretudo aos trabalhos mais pesados e humildes. O sentido da palavra com a conotação de trabalho pesado e árduo está incluso em muitas expressões portuguesas, entre as quais «trabalhar como um galego» (trabalhar muito), «anda, galego» (de incitamento ao trabalho), «à galega» (à bruta, de qualquer maneira).

Galhardete – Flâmula.

Galheta – Pancada dada geralmente na face, *bofetada*.

Galheta – Pequeno frasco com gargalo que vai para a mesa com azeite ou vinagre.

Galheteiro – Utensílio de mesa que contem as galhetas de azeite e vinagre.

Galhofa – Gracejo, brincadeira.

Gamba (gastronomia) – Nome genérico de vários crustáceos decápodes, vulgo camarões, semelhantes a estes mas, geralmente, um pouco maiores do que os camarões “normais” (embora algumas espécies possam ser mais pequenas), que são muito apreciados em Portugal. A designação é essencialmente atribuída à gamba branca (*Parapenaeus longirostris*), embora seja também aplicada, entre outros, à gamba manchada ou camarão de Quarteira (*Melicerus kerathurus*), à gamba da Madeira (*Plesionika edwardsii*), à gamba vermelha (*Aristaomorpha foliacea*), e à gamba rosa de Moçambique (*Haliporoides triarthrus*).

Ganza – Em linguagem informal, em Portugal, significa o estado de êxtase causado por drogas e também um cigarro feito à mão feito de haxixe ou liamba. É equivalente, no Brasil, entre outros, a *baseado*, *beque*, *ganja* e *brenfa*. O termo “ganza” deriva do hindustano (língua do norte da Índia) “ganjhā” = *cannabis*, maconha

Garina – Moça, namorada. Este termo da gíria tem origem africana, sendo proveniente, provavelmente, do quimbundo.

Garoto (cafetaria) – Café expresso com leite servido em xícara pequena.

Garrafa de gás – Bujão de gás.

Garruço – Regionalismo das Beiras que designa carapuça, barrete.

Gasóleo – Óleo diesel.

Gastos (contabilidade) – Despesas.

Gatafunhos – *Garranchos*.

Gay – Homossexual masculino. O termo “gay” foi importado do inglês, sendo coloquialmente utilizado na generalidade dos países lusófonos). Na gíria, no Brasil, utilizam-se também, entre outros, os termos *abafa-palhinha*, *arrombado*, *baitola*, *bicha*, *boiola*, *picolho*, *rabolho*, *roto* e *viado*.

Gelado – Sorvete. Em Portugal há tendência para designar por “sorvete” o produto pastoso gelado feito com base em laticínios, que é fornecido num cone de baunilha (ou, mais recentemente, num copinho de plástico) e é comido com uma pequena colher (ou lambido).

Gelado de pauzinho – *Picolé, tubiba* (em geral no Nordeste).

Gerir – Gerenciar.

Gestão – Gerenciamento.

Gindungo – Nome dado em Portugal ao condimento picante, principalmente o que é processado a partir das bagas fusiformes, vermelhas e bastante picantes da planta *Capsicum frutescens*, originária das regiões tropicais da América, e que os portugueses levaram para o Brasil (onde adquiriu o nome de “pimenta-malagueta”), para África (onde se passou a designar “gindungo” ou “piripiri”), e para a Ásia (onde se tornou um ingrediente do tradicional caril). O termo “gindungo” provém do quimbundo de Angola, a partir de *jin* = prefixo de plural + *Dungo* = baga, significando, portanto, simplesmente bagas.

Gira – Mulher atraente e bonita, *avião, cavalona, camafeu*.

Gira-discos – Toca discos, vitrola.

Giro – Bonito, *catita* [termo também utilizado em Portugal].

Glaciar – Geleira.

Gola alta (vestuário) – Gola rolê.

Goleador (futebol) – Artilheiro.

Golo (e.g. no futebol) – Gol.

Gorduroso – Grasso.

Gozar – Zoar.

Grafitar (paredes) – Pichar.

Grafiti / grafito (inscrições ou desenhos feitos em paredes)– *Grafite, pichação*. Há tendência para considerar como “pichações” as frases ou desenhos grosseiros feitos nas paredes e como “grafitis” os desenhos elaborados, designados por “arte urbana”. O termo “grafiti” ou “grafito” ou “grafite” é aportuguesamento do italiano “grafitti”.

Graxista – Bajulador, louvaminheiro, *baba-ovo, lambe-botas, lambe-cú, puxa-saco*.

Grelha de sarjeta – *Boca de lobo*.

Grelo (culinária) – Broto, rebento.

Griséus – Regionalismo do Algarve que designa ervilhas. O termo “griséu” parece relacionar-se com o adjetivo griséu = cinzento-esverdeado, que deriva do francês “gris” = cinzento, em provável alusão à cor das ervilhas.

Guarda Redes (futebol) – Goleiro.

Guarda-fatos– Guarda-roupa.

Guarda-freio (de carro eléctrico) – Motorneiro (de bonde).

Guito – Dinheiro, *arame, bafunfa, bufunfa, bagarote, cacau, grana, tutu*.

- H -

Habitante– Habitador. No Brasil usam-se os dois termos; em Portugal nunca se utiliza “habitador”. Ver “Habitador”.

Hasta pública – Leilão judicial.

História – Além dos significados comuns aos dois países, na gíria, em Portugal significa menstruação.

Holocénico (época geológica) - Holoceno.

Homessa! – Interjeição equivalente a “ora essa!”, “essa agora!”.

Hora de ponta – Horário de pico.

Hospedeira (de avião) – Aeromoça, comissária de bordo.

Humidade– Umidade.

- I -

IGP - Indicação Geográfica Protegida – Nome geográfico que designa e identifica um produto originário desse local ou região, que possui uma determinada qualidade, reputação e outras características que podem ser essencialmente atribuídas à sua origem geográfica. A designação foi criada pela Comunidade Europeia em 1992 e garante que esses produtos foram produzidos na região que os tornou conhecidos e que a sua qualidade e modos de confecção estão de acordo com as tradições que os fizeram famosos. Em Portugal, entre muitos outros, são produtos com Indicação Geográfica Protegida o “cabrito do Alentejo” e os “ovos moles de Aveiro”. Ver “DOP - Denominação de Origem Protegida”

Ilha (regionalismo do Porto) – O termo refere-se, em geral, a um conjunto de habitações modestas, no Porto, muitas das quais construídas clandestinamente na segunda metade do século XX, dispostas à volta de um pátio comum, de certa forma equivalente à “vila” em Lisboa. As “ilhas” existem, nesta cidade, há muito tempo. O termo “ilha” surge já dicionarizado, mais ou menos com este sentido, embora sem especificar o caso do Porto, no “Dictionarium Latino Lusitanicum & vice versa Lusitanico latinũ”, de Jerônimo Cardoso (Hieronymũ Cardosum), publicado em 1570, em que, no fôlio 96v, consta: “Insula, ae. A ilha, ou casa apartada d’outra”. Também no volume 4 do “Vocabulario Portuguez e Latino”, de Raphael Bluteau, publicado em 1713, na página I48 está o verbete “Ilha”, em que, depois de se dar a definição de “Terra, toda rodeada de agoa” e discorrer um pouco sobre o assunto, termina dizendo: “Ilha, também se chama huma, ou muytas casas juntas, que em huma cidade tem ruas ao redor de si por todas as partes”. É muito provável que este sentido dado ao termo radique nas “insulae” da Roma Imperial, prédios que alojavam as classes mais desfavorecidas, que, por vezes, podiam atingir os seis pisos de altura. Todavia, no Porto, foi na segunda metade do século XIX que, como resposta à intensificação da industrialização e conseqüente aumento populacional da cidade, se assistiu à proliferação das ilhas, construídas na maior parte de forma precária, aproveitando quaisquer terrenos vagos, sem infra-estruturas sanitárias, com frequência situadas na parte central da cidade, e habitadas sobretudo por pessoas vindas de fora da cidade, habituadas à cultura do campo. Em 1899 havia, nesta cidade, mais de um milhar de ilhas, com cerca de 11 200 casas, a que correspondiam aproximadamente 50 000 moradores. Devido às deficientes condições sanitárias e habitacionais, proliferavam, aí, as doenças, nomeadamente as infecciosas. Sendo as vilas, fundamentalmente, bairros operários, as condições nelas prevaletentes eram muito piores do que as que existiam nas “vilas” de Lisboa. Ver “Vila”.

Ilhas Caimão (país) – Ilhas Caimã ou Cayman.

Imbróglgio – Situação confusa ou de difícil resolução, *abacaxi*, *embrulhada*, *garalhuba*, *imbróglgio*, *pepino*.

Imperial – Cerveja à pressão, *chope, chopp*. O termo “imperial” é um regionalismo de Lisboa, que depois se estendeu ao Sul de Portugal e à Madeira, sendo atualmente generalizado a todo o país. O nome deriva do fato de, no início do século XX, a principal produtora de cerveja em Portugal ser a “Fábrica Germânica Imperial”, a primeira a comercializar cerveja à pressão. Assim, os clientes que pretendiam uma cerveja desse tipo, começaram a pedir uma “imperial”.

Importunar – Encher o saco.

Impulso telefónico – Pulso telefónico.

Incumprimento – Descumprimento.

Indicação Geográfica Protegida (IGP) – Nome geográfico que designa e identifica um produto originário desse local ou região, que possui uma determinada qualidade, reputação e outras características que podem ser essencialmente atribuídas à sua origem geográfica. Ver “IGP - Indicação Geográfica Protegida”.

Indicativo telefónico – Prefixo telefónico, DDD.

Infantário – Escola maternal, creche.

Insuflável – Inflável.

Inversão do sentido da marcha - Retorno na própria rua.

Investigação científica – Pesquisa científica [“investigação científica” também existe no Brasil, mas a expressão mais comum é “pesquisa científica”].

Investigador – Pesquisador.

Ir à casinha – Defecar, *largar o barro, cagar, fazer cocô*.

Ir de cana – Ir preso.

Ir para a quinta das tabuletas – Morrer, falecer, *abotoar o paletó, dar o couro às vacas, bater as botas, espichar a canela, bater a bota, bater o cachimbo, vestir o pijama de madeira*.

Ir para a quinta dos pés juntos – Morrer, falecer, *abotoar o paletó, dar o couro às vacas, bater as botas, espichar a canela, bater a bota, bater o cachimbo, vestir o pijama de madeira*.

Irão (país) – Irã.

Israelita – Israelense

Italiana (cafetaria) – Café expresso muito curto servido em xícara pequena, de modo que o nível do líquido no recipiente fica a menos de meio.

- J -

Jangada – Balsa, *ferry boat*.

Jante (da roda do automóvel) – Aro (da roda do automóvel).

Jaquinzinhos (gastronomia) – Carapaus pequenos (com tamanho inferior a 15 cm), fritos, que geralmente se comem inteiros. Antigamente não havia limites rígidos para o tamanho de captura destes peixes, de modo que, com frequência, os “verdadeiros” “jaquinzinhos” tinham comprimentos da ordem de 5 cm. Para proteção dos *stocks* de pesca e, principalmente, depois da entrada de Portugal para a União Europeia (em 1986, então

chamada CEE – Comunidade Económica Europeia), foi estabelecido o limite mínimo de 15 cm para a captura do carapau, ou seja, não seria possível pescar “jaquinzinhos”. Porém, atendendo ao bom estado dos *stocks*, admite-se legalmente que uma percentagem (da ordem de 5% a 10%) dos carapaus capturados tenha entre 12 e 15 cm, ou mesmo menos de 12 cm, no caso da pesca com a tradicional arte-xávega.

Jeitosa – Mulher atraente e bonita, *avião, cavallona, camafeu*.

Jinguba – Amendoins (em Angola e, por vezes, em Portugal). O termo “jinguba” provém do quimbundo “ngúba” = amendoim.

Joeira – Regionalismo da Madeira para designar o brinquedo que se lança ao vento preso com um fio, *pipa, cafifa*, papagaio, *piposa, pandorga* (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), *arraia* ou *pepeta* (Acre e Amazonas).

Jogo amigável (e.g. de futebol) – Jogo amistoso.

Jogo do galo – Jogo da velha.

Jordano – Jordaniano, natural da Jordânia.

Judite – Polícia judiciária.

Juntar os trapinhos – Casar ou passar a viver maritalmente, *dar o doce*.

Justificação – Justificativa.

- K -

Kispo / quispo (vestuário) – Casaco quente e impermeável, com ou sem capuz. A designação deriva da marca “Kispo” criada em Portugal.

- L -

Laboral – Trabalhista, que diz respeito ao trabalho. Em Portugal, quando se fala em assuntos relativos ao trabalho, utiliza-se preferencialmente o termo “laboral” proveniente do latim “labore” = trabalho + “-al” = sufixo de origem latina que expressa a idéia de conjunto ou quantidade. No Brasil seguiu-se outra via, utilizando-se usualmente o termo “trabalhista”, derivado de “trabalho”, que também proveio do latim e tem como raiz o “tripalium” (tri = três e palium = pau, palito), instrumento utilizado para subjugar os animais e forçar os escravos a aumentar a produção, com o sufixo de origem grega “-istés” através do latim “-ista” que exprime a noção de proveniência ou relação. Nos primeiros dicionários de português aparecem já os dois termos “laborar” e “trabalhar”.

Labrego – Pessoa rude, pouco sofisticada, ignorante, sem maneiras, *pacóvio, simplório*. O termo “labrego” tem origem no latim “laborare” = trabalhar, acrescido do sufixo nominal de origem ibérica “-ego”, que exprime uma relação e tem sentido pejorativo, possivelmente através do castelhano “labriego” (lavrador rústico).

Lagosta (gastronomia) – Lagosta é o nome comum de grande diversidade de crustáceos decápodes marinhos da subordem *Palinura*, que podem atingir mais de 50 cm de comprimento e mais de 1 kg de peso, que em Portugal, devido ao elevado preço, é considerado um alimento de luxo. Por via de regra têm corpo cilíndrico e, por vezes, o primeiro par de patas muito maior do que os outros, dotados de fortes pinças. Pertencem a esta classe morfológica os lagostins, tanto os da espécie normalmente pescada em Portugal, o *Nephrops norvegicus*, como os importados, como o lagostim de Moçambique (*Metanephrops mozambicus*), o lagostim de riscas-vermelhas (*Metanephrops thomsoni*) e

o lagostim do Índico (*Metanephrops andamanicus*). Em Portugal pescam-se várias espécies, como a lagosta comum (*Palinurus vulgaris*), a lagosta espinhosa ou castanha (*Palinurus elephas*) e a lagosta rósea ou da Mauritànea (*Palinurus mauritanicus*), mas grande parte é importada (embora algumas dessas espécies também existam em Portugal), como a lagosta-verde (*Panulirus regius*), a lagosta das Caraíbas (*Panulirus argus*), a lagosta rosa (*Palinurus charlestoni*) a lagosta manchada (*Panulirus guttatus*) e a lagosta do Cabo (*Jasus lalandii*). Pertencem também à classe morfológica das lagostas os lavagantes (*Homarus gammarus*) e os cavacos (*Scyllarides latus*).

Lagostim (gastronomia) – Crustáceo decápode marinho da classe morfológica das lagostas, de dimensão relativamente modesta, que pode atingir 25 cm. O lagostim mais pescado em Portugal é da espécie *Nephrops norvegicus*, que ocorre na vertente continental das costas sudoeste e sul (Alentejo e Algarve), entre os 200 e os 800 m de profundidade, mas existem no mercado várias outras espécies, importadas, como o lagostim de Moçambique (*Metanephrops mozambicus*), o lagostim de riscas-vermelhas (*Metanephrops thomsoni*) e o lagostim do Índico (*Metanephrops andamanicus*).

Lagostim de água doce (gastronomia) – Crustáceo decápode da classe morfológica das lagostas, mas de água doce. Atualmente, o lagostim de água doce mais freqüente em Portugal é o “lagostim vermelho da Luisiana” (*Procambarus clarkii*), uma espécie exótica, nativa da região centro-sul dos Estados Unidos e Nordeste do México, que foi transportada para a Península Ibérica em 1973 por empresários da zona de Badajoz para serem criados para fins alimentares, mas alguns escaparam acidentalmente das aquaculturas e passaram a colonizar várias bacias hidrográficas da Península Ibérica, tendo sido detectados em Portugal, pela primeira vez, em 1979. Esta espécie infestante é um predador voraz, que se reproduz rapidamente e em grande número, fazendo diminuir a biodiversidade e a oxigenação da água, tendo provocado, em muitos cursos de água, o desaparecimento das espécies nativas de lagostins, como o *Austropotamobius pallipes lusitanicus*. Cresce rapidamente, podendo atingir mais de 12 cm de comprimento. No interior de Portugal, cozinhado de várias formas, transformou-se num petisco apreciado, com a vantagem de ser bastante mais barato do que o lagostim marinho.

Lambe-botas - Bajulador, *baba-ovo*, *lambe-botas*, *lambe-cú*, *puxa-saco*. O termo “lambe-botas” é utilizado, com esta conotação, na generalidade dos países lusófonos.

Lambujinha (gastronomia) – Pequeno molusco bivalve (*Scrobicularia plana*), também conhecido pelas designações de cadela e lamejinha, de concha arredondada e achatada, com 2 a 4 cm de comprimento, que ocorre em zonas costeiras arenosas ou lodosas, sendo freqüente em águas de baixa salinidade, nomeadamente em estuários e lagunas costeiras, onde vive enterrado entre os 5 e os 20 cm de profundidade, podendo chegar mesmo aos 30 ou 40 cm. Como não são muito caras, constituem um prato muito apreciado pelos portugueses, que geralmente as consomem ao natural (abertas ao calor numa frigideira), temperadas com alho, azeite e outros condimentos.

Lâmina de barbear – Gilete, barbeador, aparelho de barbear. O termo mais comum nos países lusófonos é “gilete”, termo que provém da marca registrada “Gillette”, o qual passou a designar genericamente este produto.

Lamparina – Pancada dada geralmente na face, *bofetada*.

Lapa (gastronomia) – Designam-se genericamente por “lapas” os gastrópodes marinhos do gênero *Patella* (família *Patellidae*), que têm conchas orbiculares, cônicas, de cor marrom a cinzento, com diâmetro maior entre 2 e 6 cm, podendo chegar a 8 cm; as lapas consumidas em Portugal são de espécies variadas, ressaltando a lapa-mansa ou lapa-preta

(*Patella candei*) e a lapa-brava ou lapa-branca (*Patella ulyssiponensis*). São comidas cruas ou, com mais frequência, grelhadas, tanto como petisco, como entrada. Embora sejam relativamente raras em restaurantes de Portugal continental, as lapas grelhadas constituem um especialidade muito apreciada nos arquipélagos da Madeira e dos Açores.

Lapa – Pessoa *chata, maçadora*, impertinente.

Larilas – Homossexual masculino, *viado, boiola, baitola, arrombado, abafa-palhinha, rabolho, picolho, roto, bicha, gay*.

Lava-louça – Pia. Em Portugal “lava-louça” é uma plataforma com uma cuba côncava, com uma ou duas torneira (uma para água quente e outra para água fria), instalada na cozinha.

Lavabo – Lavatório, instalações sanitárias (por extensão).

Lavagante (gastronomia) – Crustáceo decápode marinho integrado na classe morfológica das lagostas. O lavagante europeu (*Homarus gammarus*) ocorre em fundos marinhos até aos 50 m de profundidade, sendo vulgar nas águas territoriais portuguesas. Pode atingir até 50 cm de comprimento, tem carapaça dura e lisa com cor escura de tonalidade azulada e manchas brancas distribuídas ao longo do corpo, e o primeiro par de patas está armado com pinças preênsais largas e fortes. É muito apreciado na culinária portuguesa, embora, devido ao seu elevado preço, seja considerado um prato de luxo.

Lavatório – Pia.

Lazeira – *Lezeira*, preguiça.

Leis de trabalho – Leis trabalhistas.

Leite gordo – Leite integral.

Leite magro – Leite desnatado.

Leitor de cassetes – Toca-fitas.

Levantar dinheiro – Sacar dinheiro.

Levantar voo (e.g. um avião) – Decolar.

Lezíria– Terra plana e alagadiça nas margens de um rio, e são normalmente muito férteis do ponto de vista agrícola. Em Portugal, as principais zonas de lezíria localizam-se no Ribatejo, no vale inferior do Tejo, designadamente no concelho de Vila Franca de Xira. O termo “lezíria” provém do árabe “jazira” = ilha, provavelmente como alusão às ilhas que subsistiam durante as cheias. No “Vocabulário Portuguez e Latino” (vol. 5º, de 1716), Raphael Bluteau, incluiu o verbete “Lezira, ou Lisiria, ou Lesiria, ou Lysiria. (...)”. Em Portugal chamamos Lezírias huns campos ao longo do Tejo, em que as águas entram, quando tresbordão, & empoçadas na terra, com o nateiro q deixão sobre ella, a fertilizão”.

Liamba – Droga psicotrópica obtida a partir de folhas secas do arbusto *Cannabis sativa*, que é fumado (como o tabaco), maconha. O principal constituinte psicoativo é o tetrahydrocannabinol (THC). O cânhamo provém também de plantas do gênero *Cannabis*, mas da espécie *C. ruderalis*, que tem baixo teor de THC. O termo “liamba”, utilizado em Angola, em Portugal e noutros países lusófonos, provém do quimbundo de Angola “Riámbe” com o mesmo significado.

Libelinha – Libélula.

Licenciatura (universitária) – Formatura, graduação, conclusão do curso universitário.

Lima – Limão.

Limão – Limão siciliano.

Lingrinhas – Indivíduo magro, com aspeto débil.

Lingueirão (gastronomia) – Também chamados de longueirão, navalha, faca e canivete, é uma designação genérica de moluscos bivalves de águas marinhas e salobras, de concha comprida e estreita, em forma de cabo de navalha, com 20 a 25 cm de comprimento e cor esbranquiçada ou acastanhada. Pertencem, em geral, à família *Solenidae*, e vivem enterrados na areia a profundidades da ordem de 20 a 30 cm. São comuns, em Portugal, entre outras espécies, as seguintes: *Solen marginatus*, *Ensis magnum*, *Pharus legumen*, *Ensis siliqua* e *Pharus pellucidus*. Embora uma das principais utilizações seja como isco na pesca de alto mar, é também utilizado na gastronomia regional, sendo um dos pratos mais apreciados no Algarve o “arroz de lingueirão”.

Linguiça (culinária) – Enchido (embutido) com forma de ferradura, com aspecto de chouriço delgado, de cor avermelhada, feita normalmente com carnes e gordura de porco, temperada em geral com sal, alhos secos pisados, pimentão doce, e, por vezes, vinho.

Lixado – Na linguagem informal, em Portugal, aplica-se a alguém que revela irritação e descontentamento, ou que está numa situação difícil, ou que tem mau feitio, ou a alguma coisa que está danificada, ou a uma situação difícil e complicada.

Lixívia - Água sanitária, alvejante.

Locutor de continuidade (de televisão) – Âncora (de televisão).

Lomba (na estrada) – Lombada, *quebra-molas*.

Lorpa– Parvo, pateta.

Lotaria – Loteria.

Lume brando (culinária) – Fogo brando.

Lusófono – Que ou quem fala português, que tem o português como língua oficial ou dominante. Os países lusófonos são Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, e Timor Leste, abrangendo, no conjunto, uma população superior a 270 milhões de pessoas, o que torna o português a língua mais falada no hemisfério sul. Várias outras comunidades no mundo falam, também, o português. Vários grupos defendem que a Galiza também faz parte da lusofonia, e que o galego é uma versão do português.

Lupas (corrupção) – *Propina*. Em Portugal “propina” designa o valor que se paga para frequentar um estabelecimento de ensino.

- M -

Maçada – Aborrecimento, chatice. O termo deriva da fortaleza de Massada, situada perto do Mar Morto, numa montanha rochosa escarpada, de topo aplanado, considerada inexpugnável, onde os zelotas, fugidos de Jerusalém, se refugiaram das tropas romanas. Porém, os exércitos de Roma, através de uma grande obra de engenharia, construíram uma enorme rampa, conseguindo chegar ao topo, começando a destruir a muralha. Os rebeldes, para não serem capturados, cometeram então suicídio em massa. A história do acontecimento esteve na gênese da palavra “maçada”, com o sentido de chatice, cuja ortografia é diferente do nome da fortaleza: Massada.

Madraço – Preguiçoso, indolente, vadio.

Madrid – Madri, capital da Espanha.

Magala – Soldado raso.

Magarefe – Açougueiro.

Magnório – Regionalismo do Minho que designa nêspereira.

Maioral – Coronel, cacique.

Mala de senhora – Bolsa de senhora, mas também se usa mala de senhora.

Malagueta – Em Portugal é um termo genérico aplicado aos frutos tipo pimento, normalmente oblongos e picantes, das plantas solanáceas.

Malga – Tigela vidrada.

Malta (grupo de pessoas) – Galera, turma.

Mancarra – Amendoins. Em Cabo Verde e na Guiné-Bissau e, por vezes, em Portugal, utiliza-se “mancarra” para significar amendoins. O termo “mancarra” provém do crioulo “mankara”, nome que era atribuído a outra espécie, a *Vigna subterranea* ou *Voandzeia subterranea*, com o mesmo tipo de frutificação subterrânea, designada por “mankara bidjugu”, conhecida como mancarra dos Bijagós ou mancarra bambara. Após a introdução do amendoim (*Arachis hypogaea*) na região, a população passou a cultivar a nova espécie em detrimento da tradicional, designando-a, por analogia, por mancarra.

Manda-chuva – Coronel, cacique, chefe.

Mandar um telegrama – Defecar, largar o barro, cagar, fazer cocô.

Mandrião – Preguiçoso, indolente.

Manga de vento (indicador de direcção do vento) – Biruta.

Mangalho – Pénis, bilau, cacete, caralho, pau, pinto, piroca, rola.

Mangar – Zombar.

Manteigueiro – Bajulador, baba-ovo, lambe-botas, lambe-cú, puxa-saco.

Mãos-livres (kit para automóvel) – Viva-voz.

Maquilhagem – Maquiagem.

Máquina de barbear – Aparelho de barbear, barbeador.

Máquina de lavar pratos – Lavadora de louça, lava-louça.

Maralhal (grupo de pessoas) – Galera, turma.

Marcha atrás – Marcha à ré.

Maricas – Como substantivo, na gíria, designa homossexual masculino, viado, boiola, baitola, arrombado, abafa-palhinha, rabolho, picolho, roto, bicha, gay. O termo “maricas” (sempre no plural) é aplicado tradicionalmente a homens que fazem trabalhos considerados próprios de mulher ou que têm comportamentos ou traços associados ao gênero feminino (afeminados).

Maricas – Como adjetivo é aplicado a pessoas (homens ou mulheres) que têm medo de tudo (sinónimo de medricas), ou que são muito emotivas (sinónimo de piegas). Nestes casos é vulgar a expressão “mariquinhas pé de salsa”, predominantemente aplicada a crianças. Do ponto de vista etimológico parece haver unanimidade em que o vocábulo “maricas” provém do nome Maria.

Marinada (gastronomia) – Molho condimentado onde se submerge a carne ou o peixe para que ganhem sabor antes de serem cozinhados. Originalmente era uma forma de conservar os alimentos. O termo “marinada” provém do latim “mare” = mar e de “aqua marina” = água do mar, salmoura, com o sufixo nominal de origem latina “-ada”, que expressa a ideia de ação, possivelmente através do italiano “marinata” e/ou do francês “marinade”. Portanto, etimologicamente, seriam temperos feitos com água do mar.

Marisco (gastronomia) – Marisco. Designação comum que abrange os animais invertebrados marinhos, sobretudo crustáceos e moluscos comestíveis. O termo “marisco” provém de “mar”, com o sufixo “-isco”, que designa origem, significando, portanto, que tem origem no mar. Ao contrário do Brasil, em Portugal há grande variedade e consumo de mariscos marinhos, em que se incluem muitos bivalves (moluscos como os berbigões, as ameijoas, as lambujinhas, os mexilhões, as vieiras e as ostras), os búzios (moluscos gastrópodes marinhos com concha fusiforme, como os pequenos caramujos ou burriés, as buzinas e os grandes búzios propriamente ditos), os camarões (crustáceos decápodes, com abdômen longo, em que se inclui um leque alargado de espécies, desde os camarões de Espinho ou camarão-espinho, apenas com uns 3 cm de comprimento, às gambas e lagostins, que chegam a atingir 35 cm de comprimento e cerca de 1 kg de peso), as lagostas (também decápodes marinhos, mas maiores, designação que abrange os lavagantes, as lagostas e os cavacos), os caranguejos (nomeadamente as navalheiras, os caranguejos reais, as sapateiras e as santolas), as lapas (gastrópodes marinhos da família *Patellidae*), os lingueirões (moluscos bivalves com concha estreita e comprida, em que se integram, entre outros, os longueirões, os canivetes e as navalhas), os perceves (crustáceos cirrípedes característicos de litorais rochosos, em que se incluem, além dos perceves propriamente ditos, as cracas típicas dos Açores) e os ouriços-do-mar (equinodermes de corpo globuloso, coberto por espinhos).

Marisqueira – Bar e restaurante especializado em cerveja e mariscos.

Marrão – Aluno que estuda muito.

Matadouro – Abatedouro, açougue, instalação industrial destinada ao abate, processamento e armazenamento de produtos de origem animal.

Matarruano – Pessoa rude, pouco sofisticada, ignorante, sem maneiras, *pacóvio*, *simplório*.

Matraquilhos – Futebol de mesa, *pebolim*, *pimbolim* (nas regiões sul e centro-oeste do Brasil), *totó* (nas regiões sudeste, nordeste e norte do Brasil) e *pacal* (no sul de Santa Catarina). É provável que o nome “matraquilhos” derive do som que a bola faz ao ser embatida pelos bonecos e ao bater nas tabelas, que faz lembrar o da matraca, instrumento musical tradicional, de percussão, constituído por tabuinhas móveis que, agitadas, produzem uma série de estalidos secos.

Matrecos – Corruptela de matraquilhos, *pebolim*, *pimbolim*, *totó*. Ver “Matraquilhos”.

Matrícula (do carro) – Placa (do carro).

Mau – Ruim. Ambos os termos existem nos dois países, mas “ruim” é muito mais utilizado no Brasil do que em Portugal, onde já pouco se utiliza.

Máximos (faróis do automóvel) – Faróis altos.

Mealheiro – Cofrinho.

Media – Meios ou órgãos de comunicação social, mídia. O termo “mídia” corresponde à transcrição fonética inglesa do termo do latim “media”, que soa “mídia”. Os anglo-saxônicos, principalmente os norte-americanos, não tendo língua de raiz latina, lêem as

palavras latinas de forma americanizada, pronunciando portanto “mídia” ao dizerem a palavra latina “media”. O que é interessante e mesmo surpreendente é que nos países latinos, que normalmente expressam corretamente a fonética das palavras latinas (neste caso dizendo “médica” ao ler o termo “media” em latim), acabem por importar a dicção anglo-saxónica errada “mídia”, assim o expressando também na forma escrita. No Brasil, tal como na generalidade dos países sul-americanos, usa-se sistematicamente o termo “mídia”. Em Portugal, na maior parte das vezes diz-se (e escreve-se) “médica”, embora por vezes se utilize também mídia.

Médio Oriente – Oriente Médio.

Médios (faróis do automóvel) – Faróis baixos.

Meia (de jogador de futebol) – Meião.

Meia-de-leite (cafetaria) – Café expresso normal servido em xícara grande e completado com leite.

Melga – Pernilongo, mosquito.

Metro – Metrô, metropolitano.

Mexerico – *Fofoca, fuxico*.

Mexeriqueiro – *Fofoqueiro, fuxiqueiro, abelhudo, bituqueiro*.

Mezinha – Remédio caseiro.

Mico (no Minho) – Diabo.

Migalheiro – Mealheiro, caixa (cofre ou artefato oco, com frequência com formato de porquinho) com uma fenda estreita para meter moedas (as migalhas) que se poupam. Em Portugal, “mealheiro” ou “migalheiro”, com esta acepção, são sinónimos. No Brasil, não existe o termo “migalheiro” com este sentido.

Mija-mija – Nome vulgar que em Portugal se dá ao sistema de esguichar água para limpar os vidros do automóvel. No Brasil, “mija-mija” é o nome vulgar de bivalves, em especial os da espécie *Trachycardium Muricatum* (família *Cardiidae*), também conhecidos, entre outros, pelas designações de berbigão-amarelo, rala-coco, vongôle, papa-fumo e sururu.

Mil novecentos e carqueja – *Mil novecentos e troca passo*, expressão para indicar uma data antiga sem um ano definido.

Mil novecentos e troca passo – *Mil novecentos e carqueja*, expressão para indicar uma data antiga sem um ano definido.

Milhentas – Muito, baita, à beça, catatau.

Minete – *Cunilingus, trombada*.

Minhoca – Verme anelídeo oligoqueta que cava galerias no solo úmido. Na maioria dos idiomas ocidentais modernos, o termo que designa minhoca está relacionado com verme ou com a versão em latim “lumbricus”, como em francês “ver de terre” (verme da terra), em italiano “lombrico” (lombriga), em espanhol “lombriz de tierra”, em inglês “earthworm” e em alemão “regenwurm” (verme das chuvas), sendo o português a única língua que tem uma designação específica. No entanto, no português arcaico, até ao século XVI, o termo usado era “lombriz”, e só se começou utilizar a designação “minhoca” na sequência das navegações, o que parece ter resultado da interação, no final do século XV, entre navegadores portugueses e habitantes da África Ocidental. O termo “minhoca” aparece já dicionarizado no *Dictionarium Latino Lusitanicum*, de Jerônimo

Cardoso, publicado em 1570, em que se expressa: “Minhoca. Lumbricus”. A palavra “minhoca” deriva, possivelmente, do quimbundo “nhoka” = cobra, serpente, ou do suaíli do norte de Moçambique, “nyoka” com a mesma acepção].

Miocénico (época geológica) – Mioceno.

Miradouro – Mirante.

Mirandês – Segunda língua oficial de Portugal desde 1999 (reconhecida pela Lei nº. 7/99). O “mirandês” é uma variedade do asturo-leonês falada no extremo nordeste de Portugal, no concelho de Miranda do Douro e algumas freguesias vizinhas, por uma população de talvez 7 a 10 mil pessoas, que vivem em estreito convívio com o português, numa situação de bilinguismo social. O mirandês evoluiu, tal como o português, o galego e outras línguas românicas, a partir do latim, tendo resistido à absorção pelo português devido à situação geomorfológica do planalto mirandês, que domina a margem direita do rio Douro no seu trecho internacional, região essa de difícil acessibilidade, e ao seu percurso histórico.

Miúda – Mulher jovem, *garota, gata, guria* (sul do Brasil),

Miudezas – Carnes frescas não incluídas na carcaça (ou seja, no corpo do animal depois de sangrado e preparado, portanto na carne), incluindo as vísceras e o sangue.

Miúdos – Crianças, moleques.

Miúdos – Entranhas das aves e de outros animais, como, por exemplo, o porco.

Mixórdia – Balbúrdia, *baderna, babilônia, bagunça, baralhada*, confusão, *fuzarca, mixórdia*.

Moçoila – Moça.

Mola de roupa – Pregador de roupa.

Moleque – *Moleque*. O termo “moleque” é utilizado tanto no Brasil como em Portugal e provém do quimbundo angolano “mulêke” = rapaz, garoto, criado de servir. A palavra “moleque” está dicionarizada em Portugal pelo menos desde o início do século XVIII (Vocabulário ... de Raphael Bluteau), com a definição “Moleque, Veio-nos esta palavra do Brasil e vale tanto como pequeno escravo negro”.

Molete – Pão francês, cacetinho, pão de sal, pão careca. O termo “molete” é um regionalismo do norte de Portugal que designa um pão pequeno de farinha de trigo fina, um pouco alongado, equivalente a carcaça noutras regiões e a papo-seco na região de Lisboa.

Molhar a goela – Tomar uma pequena porção de bebida, geralmente alcoólica, *tirar a poeira da garganta, molhar o bico*.

Monhé – Forma depreciativa de designar pessoas provenientes da Índia e outros países asiáticos. O termo “monhé” surgiu em Portugal importado de Moçambique, onde é grande a comunidade de indianos e seus descendentes, muitos dos quais vindos do antigo Estado Português da Índia (Goa, Damão e Diu, que foi tomado por forças indianas em Dezembro de 1961). O étimo “monhé” proveio do suaíli “mwenye” = dono, senhor, não tendo, portanto, originalmente, caráter depreciativo, antes pelo contrário.

Monte – Propriedade rural (principalmente no Alentejo), chácara, fazenda, sítio.

Montra – Vitrine.

Morada – Endereço. Os dois termos são usados em ambos os países, mas é mais frequente a utilização de “endereço” no Brasil e de “morada” em Portugal.

Morcela (culinária) – Morcela, morcilha (no Sul do Brasil); enchido (embutido) em forma de ferradura de cor escura, cujo invólucro é a tripa de porco, em que os ingredientes principais são o sangue e alguns miúdos de porco temperados geralmente com cebola, caminhos, cravinho e outras especiarias, que normalmente é curado no fumeiro. Há diferentes variedades regionais, tal como designações, entre as quais chouriço de sangue, chouriço mouro e morcela de arroz. Uma das possibilidades para a origem do termo “morcela” é que a palavra derive de “murta”, arbusto aromático comum na bacia mediterrânea, cujas bagas azul-escuras, antes da vulgarização da pimenta e outras especiarias, eram usadas para condimentar os enchidos.

Mortadela (culinária) – Enchido (embutido) de forma cilíndrica grossa, de cor interna rosada, com consistência firme, elaborada com carne e gordura de porco picadas (ou, com menor frequência, de boi), temperadas geralmente com pimenta preta, murta, noz moscada e coentros. Uma variedade inclui azeitonas sem caroço, chamando-se “mortadela de azeitonas”.

Moscovo (cidade) – Moscou, capital da Rússia.

Mosquito – Mosquito, *carapanã*, *muriçoca*, *pernilongo*, *sovela*.

Moto de água - *Jet ski* [termo inglês também utilizado em Portugal].

Motoreta – Motoneta.

Mudanças do carro – Marchas do carro.

Mulher (elemento de um casal) – Esposa. Ambos os termos existem em Portugal e no Brasil como sinónimo da cónjuge, mas no Brasil é mais frequente utilizar o termo “esposa” a cónjuge e em Portugal é mais frequente utilizar-se “mulher” (pois que o casal é constituído por marido e mulher).

Mulher gira – Mulher atraente e bonita, *avião*, *gostosona*, *cavalona*, *camafeu*.

Mulher-a-dias – Faxineira.

Multibanco – Caixa automático, *caixa eletrónico*. No português de Angola designa-se por “multicaixa”.

Multimédia – Multimídia. Ver “Media”.

Música pimba – Termo depreciativo aplicado à música de melodia pouco elaborada e com letras superficiais ou do tipo brejeiro. A expressão “música pimba” advém da interjeição onomatopaica “pimba”, que reproduz o som de uma ação que envolve choque físico. A conversão em adjetivo com conotação negativa provém da canção “Pimba Pimba”, do cantor português Emanuel, cuja letra diz “E se elas querem um abraço, nós pimba! Nós pimba!”.

- N -

Nadador-salvador (na praia) – Salva-vidas (em Portugal também se utiliza “salva-vidas”).

Naifa – Faca. No interior sul do Brasil também se utiliza “naifa” com este sentido

Não entender patavina – Não entender nada.

Não estar muito católico – Não estar bem de saúde. No Brasil, a expressão “não estar muito católico” significa estar de mau humor.

Não ligar meia – Não prestar atenção, *não ligar bóia*.

Não perceber népia – Não entender nada.

Não ligar pevide – Não prestar atenção, *não ligar bóia*..

Não perceber um boi – Não entender nada.

Não ter chavo – Não ter dinheiro, *não ter graveto*.

Não ter cheta – Não ter dinheiro, *não ter graveto*.

Não ter tusto – Não ter dinheiro, *não ter graveto*. Em Portugal os tostões eram designados coloquialmente por “tustos”.

Natas – Creme de leite.

Navalha (gastronomia) – Também chamados de lingueirão, longueirão, faca e canivete, é uma designação genérica de moluscos bivalves de águas marinhas e salobras, de concha comprida e estreita, em forma de cabo de navalha. Ver “lingueirão”.

Navalheira (gastronomia) – Nome vulgar de várias espécies de caranguejos abundantes em águas costeiras portuguesas. A mais consumida é a navalheira-felpuda (*Necora puber*), assim designada para a distinguir de outras, como a navalheira-nodosa (*Macropipus tuberculatus*), a navalheira-pata-azul (*Liocarcinus depurator*), a navalheira-combatente (*Callinectes pallidus*), ou a navalheira-azul (*Callinectes sapidus*), também utilizadas em culinária. A navalheira-felpuda (*Necora puber*) tem carapaça achatada e coberta por pilosidade curta (pelo que é qualificada como felpuda), com tonalidade avermelhada escura. Tem largura máxima de cerca de 10 cm, e vive em fundos rochosos até cerca dos 70 m de profundidade. É dos caranguejos marinhos mais baratos consumidos em Portugal.

Nazi – Nazista.

Nenhures – Em nenhum lugar. Embora o termo exista em português do Brasil, é pouco usado.

Nevão – Nevada, nevasca.

Népia – Coisa nenhuma, nada. Por exemplo, “não perceber népia” = não entender nada.

NIF (número de identificação fiscal) – CPF (cadastro de pessoa física).

No estrangeiro – No exterior.

Notário – Escrivão público, tabelião.

Número de Contribuinte – CPF (cadastro de pessoa física)

- O -

Olá (expressão de saudação) – Oi. Ambas as formas (olá e oi) são utilizadas, tanto em Portugal, como no Brasil. No Brasil “olá” é usado em contextos mais formais, mas o que mais se emprega é “oi”. Em Portugal “olá” é francamente prevalecente, embora as camadas mais jovens já utilizem muito “oi”.

Óleo de dendém (culinária) – Óleo de dendê, óleo de palma [extraído dos frutos da palmeira *Elaeis guineensis*, originária da costa ocidental africana]. O étimo “dendém” provém do quimbundo “ndénde” que significa o fruto dessa palmeira.

Oligocénico (período geológico) – Oligoceno.

Omnipotente – Onipotente.

Omnisciente – Onisciente.

Operação Stop – Operação policial feita de improviso para fiscalizar viaturas, *blitz*.

Orçamental – Orçamentário.

Ordovício (período geológico) – Ordoviciano.

Orégãos – Orégano.

Os Três Patetas (cinema) – Os Três Estarolas [é a tradução do inglês “The Three Stooges”]. Designava-se assim o grupo cômico norte-americano, protagonista, desde 1922, de numerosos filmes cômicos, principalmente curtas metragens, cuja formação inicial era constituída por Moe Howard, Larry Fine e Shemp Howard.

Otário – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, *anta, babaca, babaquara, bocó, burro, mané, parvo, palerma*.

Ovo estrelado (gastronomia) – Ovo frito de modo que a clara fique sólida mas a gema permaneça líquida.

- P -

Pá – Vocativo ou interjeição muito utilizada como bordão de linguagem em Portugal, em conversas informais, que parece derivar de “rapaz”.

Pachacha – Órgão sexual feminino, *boceta, aranha, perereca, pitrica, prenecha, xoxota*.

Pacóvio – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, *anta, babaca, babaquara, bocó, burro, mané, parvo, palerma*.

Pada – Designação nalgumas zonas da Beira Litoral para pão pequeno de farinha de trigo fina, um pouco alongado (carcaça), pão francês, cacetinho, pão de sal, pão careca. O termo “pada” parece derivar de padeiro (seriam os pães feitos pelos padeiros).

Pagamento a prestações – Pagamento parcelado.

Pai Natal – Papai Noel.

Paio (culinária) – Enchido (embutido) de forma cilíndrica, cor vermelha, defumado, cujo ingrediente principal é carne do lombo, da perna e da espádua do porco, misturada com gordura, tendo cerca de três quartos de componentes magros e um quarto de componentes gordos, temperada com massa de pimentão, sal, alho e outros condimentos.

Palavra-passe – Senha.

Paleocénico (período geológico) - Paleoceno

Palerma – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, *anta, babaca, babaquara, bocó, burro, mané, parvo, palerma*.

Palestiniano – Palestino, natural da Palestina.

Paletes de – Muito de qualquer coisa, *baita, à beça, catatau*.

Palhinha (para beber) – Canudinho.

Palitos de la Reine – Biscoitos champanhe. Os palitos de La Reine eram já referidos em 1712, no “Vocabulario Portuguez e Latino” (vol. 2), de Raphael Bluteau, sob forma de “Biscoutos de La Reina”.

Panado (gastronomia) – Empanado.

Panar (culinária) – Empanar.

Panasca – Homossexual masculino, *viado, boiola, baitola, arrombado, abafa-palhinha, rabolho, picolho, roto, bicha, gay*. Embora o vocábulo “panasca” (e, com mais frequência, “panasco”) seja antigo, tendo o significado de erva de pasto para animais, sendo “panasqueira” um campo onde crescem estas ervas (estando na base de vários topônimos em Portugal), não se sabe porque e quando adquiriu o sentido, na gíria, de homossexual. Sabe-se, no entanto, que esta acepção é recente, possivelmente já do século XX.

Pândega – *Bambochata, comezaina, estroinice, farra, patuscada*.

Panelheiro – Homossexual masculino, *viado, boiola, baitola, arrombado, abafa-palhinha, rabolho, picolho, roto, bicha, gay*. Tradicionalmente, “panelheiro” era o fabricante de panelas, geralmente de barro, nada tendo a ver com a acepção contemporânea, relacionada com homossexual, que parece ter surgido já no século XX. Porém, no imaginário popular, houve sempre uma associação entre as nádegas e objetos redondos e ocos, como a bilha e a panela. Ainda hoje, “partir a bilha” ou “quebrar a bilha” é metáfora de sexo anal. Segundo alguns autores, na Baixa Idade Média havia o termo “panil” (panela), que, em linguagem popular, designava, também, tanto as nádegas como a vulva. Porém, estas associações terminológicas estão longe de estar bem estabelecidas.

Panilas – Homossexual masculino, *viado, boiola, baitola, arrombado, abafa-palhinha, rabolho, picolho, roto, bicha, gay*. Termo de calão que, com esta conotação, parece ter surgido já no século XX. No entanto, no imaginário popular, houve sempre uma associação entre as nádegas e objetos redondos e ocos, como a bilha e a panela. Segundo alguns autores, na Baixa Idade Média havia o termo “panil” (panela) que, em linguagem popular, designava, também, tanto as nádegas como a vulva. Ainda hoje, “partir a bilha” ou “quebrar a bilha” é metáfora de sexo anal. Porém, estas associações semânticas e terminológicas estão longe de estar bem estabelecidas.

Pão ralado (culinária) – Farinha de rosca.

Papa-açorda – Pessoa indolente, sem iniciativa, sem préstimo, palerma, *molangueira, panaca*.

Papagaio de papel – Brinquedo que se lança ao vento preso com um fio, pipa, cafifa, papagaio, piposa, pandorga (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), arraia ou pepeta (Acre e Amazonas).

Papo-seco – Designação na região de Lisboa de pão pequeno de farinha de trigo fina, um pouco alongado (carcaça), pão francês, cacetinho, pão de sal, pão careca. Em rigor, em Portugal, o “papo-seco” era um tipo de pão tipicamente lisboeta cujas extremidades eram finas e salientes, e que eram popularmente designadas por “maminhas”. Porém, como este formato requeria muita mão-de-obra, na 2ª metade do século XX a forma simplificou-se perdendo as populares “maminhas”, dando origem às carcaças.

Paragem (e.g. de autocarro) – Parada, ponto de ônibus.

Paragem cardíaca – Parada cardíaca.

Parolo – *Caipira, matuto, babaquara, tabaréu*.

Partida – *Trote*, brincadeira feita com o intuito de enganar alguém.

Passadeira (para atravessar a rua) – Faixa de pedestre.

Passarinha – Órgão sexual feminino, *boceta, aranha, perereca, pitrica (gíria), prenheca priquita, xoxota*.

Passas - Uvas-passas.

Passeio (de uma rua) – Calçada (no Brasil, embora com menos frequência, também se usa “passeio”)

Passeio largo – Calçada.

Passos de caracol – Lentamente, *passos de cágado, passos de tartaruga*

Pasta – Dinheiro, *arame, bafunfa ou bufunfa, bagarote, cacau, grana, tutu*.

Pastel – Na gíria, “pastel” designa, em Portugal, uma pessoa muito lenta, que não se mexe, que não tem iniciativa.

Pastel (gastronomia) – Bolinho.

Pastel de bacalhau (gastronomia) – Bolinho de bacalhau.

Pastel de Belém – Doce feito de leite, gemas e massa folhada, que é uma das especialidades mais conhecidas da doçaria portuguesa. É semelhante aos “pasteis de nata”, mas estes são apenas uma imitação dos “pastéis de Belém”. Estes, são uma marca registrada da Fábrica dos Pastéis de Belém, fundada em 1837, e são confeccionados segundo uma receita original (dos monges do Mosteiro dos Jerónimos) que é segredo exclusivo dessa Fábrica, localizada junto ao Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa. Tradicionalmente são comidos ainda quentes, polvilhados com canela e açúcar em pó. Como os pastéis de Belém só são vendidos na fábrica aludida, tornaram-se muito populares as imitações, chamadas “pasteis de nata”, que se encontram virtualmente em pastelarias de todo o país (e no estrangeiro). Embora os pastéis de nata sejam bastante saborosos, em especial se forem bem confeccionados, os pastéis de Belém são únicos e muito melhores. No Brasil é frequente encontrar “pasteis de nata”, com frequência impropriamente designados por “pastéis de Belém”.

Pastel de nata – Pequeno bolo feito de leite, gemas e massa folhada, que é uma das especialidades mais divulgadas da doçaria portuguesa. Com frequência, no Brasil, designam-se impropriamente os “pastéis de nata” por “pastéis de Belém”.

Pastelaria – Doçaria, pastelaria, padaria.

Pastilha elástica – Chicle, chiclete. Em Portugal o termo “chiclete”, derivado da marca “Chicklet”, também é usado, mas está em acentuado declínio. Nos Açores, principalmente em São Miguel, denominam-se “gamas”, nome derivado do inglês “chewing gum”, termo inglês que está também na origem de “chuinga”, usado em Angola.

Pataniscas de bacalhau (gastronomia) – Espécie de pastel feito com bacalhau desfiado, geralmente temperado com leite, cebola e salsa picada, envolto em ovo e farinha, e depois frita em azeite. Têm forma irregular achatada, com cerca de 10 cm de diâmetro. As pataniscas podem ser consumidas como petisco, acompanhando uma bebida, ou como refeição, tendo por acompanhamento, normalmente, arroz de feijão encarnado ou arroz de tomate.

Patuscada – *Bambochata, estroinice, farra, pândega*.

Pau – Pénis, *bilau, cacete, caralho, pau, pinto, piroca, rola*.

Peão – Pedestre.

Pelejar – Lutar, combater. Nalguns estados do Brasil, como em Minas Gerais, o termo “pelejar” usa-se nesta mesma acepção.

Película aderente – Fita transparente.

Pelouro – Em termos gerais, designa funções ou atribuições; no sentido específico, é cada um dos serviços na administração da câmara municipal. O termo “pelouro” tem raiz no latim “pila” = bola, através do português arcaico “peela” que derivou para “péla”, que é já um arcaísmo, com o mesmo significado, a que se juntou o sufixo “-douro” que expressa a idéia de lugar ou instrumento da ação. Os “pelouros” eram, os início do emprego das armas de fogo, as balas esféricas de espingarda ou de mosquete, mas chamava-se também “pelouros” às bolas de cera ocas em que se introduziam os votos para a eleição do juiz ordinário e vereadores da governança local, que eram depois guardados na chamada arca dos pelouros. Como os vereadores eram eleitos utilizando o “pelouro”, as suas funções acabaram por ser designadas pelo mesmo termo. A dupla acepção do termo “pelouro” (bala e urna eleitoral) está bem expressa no “Vocabulário Portuguez e Latino” (vol. 6, de 1720), de Raphael Bluteau, que inclui o verbete “Pelouro ou Pilouro. Pequeno corpo metálico, & espherico, com que se carregaõ mosquetes, & outras armas de fogo (...)”, a que se segue “Pelouro de Veração. O [pelouro] com que os Vereadores fazem suas aleyções (...)”.

Penca – Nariz.

Penso – Curativo.

Penso higiénico – Absorvente feminino.

Penso rápido – Band-aid, bandeide.

Pequeno almoço – Café da manhã.

Pêra (barbicha) – Cavanhaque [barba crescida no queixo e barbeada nas bochechas].

Percebe ou **perceve** (gastronomia) – Designação dos crustáceos cirrípedes marinhos comestíveis da ordem *Pedunculata*, nomeadamente das espécies *Pollicipes pollicipes* (família *Pollicipedidae*) e *Lepas anatifera* (família *Lepadidae*). Os percebes têm normalmente 6 a 8 cm de comprimento, e são em geral de cor marrom ou cinzenta. Ocorrem em litorais rochosos em condições físicas bastante energéticas, como a base das falésias, expostos à ação da rebentação. O corpo dos percebes adultos está dividido em unha ou capítulo (parte superior constituída por várias placas calcárias que servem de tampa e defesa) e pedúnculo (estrutura alongada e flexível, revestida por pequenas escamas, que une a unha ao substrato, e onde está alojado o corpo propriamente dito, comestível). No mercado já existem percebes importados, mas a sua qualidade é inferior à dos que são apanhados nas costas ibéricas atlânticas. Não obstante o seu elevado preço, que reflete o trabalho arriscado que é preciso ter para os apanhar, os percebes constituem uma iguaria muito apreciada em Portugal. Embora os percebes e as cracas sejam parecidos, na realidade pertencem a ordens distintas (respectivamente *Pedunculata* e *Sessilia*).

Perceber – Entender, compreender. Embora estes verbos sejam usados em ambos os países, o de utilização mais freqüente em Portugal é “perceber”, e no Brasil é “entender”.

Porcentagem – Porcentagem. O termo “porcentagem” deriva do latim “per” + “centum” com o sufixo “-agem” (resultado de uma ação); o termo “porcentagem” formou-se por justaposição da locução “por cento” com a respectiva sufixação.

Pérmico (período geológico) - Permeano

Perna de porco (gastronomia) – Pernil.

Pescada – Merluza.

Pêssego – Homem bonito e elegante, *pitaço*.

Pessoa colectiva – Pessoa jurídica.

Pessoa porreira – Pessoa foda.

Pessoa singular – Pessoa-física.

Pestanas – Cílios

Peta – *Aldravice, trapaça, patranha*, mentira.

Petinga (gastronomia) – Sardinha pequena, tipicamente com tamanho inferior a 10 cm, que normalmente é frita ou em escabeche, e se come com frequência inteira, acompanhada geralmente por arroz de tomate ou arroz de grelos. Em termos gerais, a designação “petinga” refere-se a peixe miúdo de que os pescadores se servem como isca para apanhar outros peixes, mas do ponto de vista culinário são as sardinhas pequenas. Aliás, é com o sentido de isca que a palavra aparece dicionarizada, em 1720, no volume 6º (p. 471) do “Vocabulário Portuguez e Latino”, de Raphael Bluteau: “Petinga. Peixe pequeno, a modo de Sardinha, com que os pescadores fazem isca (...)”, não havendo referência ao seu uso gastronómico, que provavelmente já existia na altura. Para proteção dos *stocks* de pesca e, principalmente, depois da entrada de Portugal para a União Europeia (em 1986), foi estabelecido o limite mínimo de 11 cm para a captura da sardinha, ou seja, deixou de ser possível pescar “petinga”, embora o termo ainda seja utilizado para designar, gastronomicamente, sardinha pequena. O étimo “petinga” provém do árabe “baṭīna” = gorda, ou de “biṭāna” = grupo [cardume], sardinha pequena, qualquer peixe miúdo usado como isco.

Petulante (indivíduo) – *Metido a besta*.

Peúgas – Meias curtas.

Pez – Piche, pez. O termo “pez” aplica-se à substância viscosa, negra, proveniente da destilação do alcatrão e à resina produzida pelo pinheiro e por outras árvores coníferas.

Piaçaba ou **piaçava** – Escova redonda com cabo comprido, que se usa para limpar o interior do vaso sanitário (sanita). É um objeto obrigatório nos banheiros (casas de banho) em Portugal, embora no Brasil quase não exista, utilizando-se para o efeito um cano articulado (como o do chuveiro) com uma torneira de pressão, que lança um esguicho de água, e que muito mais higiénico. Curiosamente, o termo “piaçaba” deriva do tupi-guarani “pĩa'sawa”, que era o nome de algumas palmeiras brasileiras, como a *Leopoldinia piassaba* e a *Attalea funifera*, de cujas folhas se extraíam fibras que eram utilizadas na manufatura de trançados e de vassouras. É interessante verificar que, no Brasil, o termo “piaçaba” passou para a linguagem popular, acabando por ser exportado para Portugal, onde passou a identificar a vassoura sanitária, adquirindo, assim, um significado quase desconhecido no Brasil.

Piça – Pénis, *bilau, cacete, caralho, pau, pinto, piroca, rola*.

Picante – Em geral, em Portugal, designam-se assim os condimentos picantes, em especial o *gindungo* ou *piripiri*.

Picha – Pénis, *bilau, cacete, caralho, pau, pinto, piroca, rola*.

Picheleiro – Regionalismo da região do Porto que designa canalizador, encanador, bombeiro hidráulico.

Pichota – Pénis, *bilau, cacete, caralho, pau, pinto, piroca, rola*.

Pick-up (inglês) – Veículo automóvel misto (de passageiros e de carga) com a traseira aberta para transporte da carga.

Pila – Pénis, *bilau, cacete, caralho, pau, pinto, piroca, rola*.

Pilim – Dinheiro, *arame, bafunfa ou bufunfa, bagarote, grana, tutu*.

Pilinha – Pénis, *bilau, cacete, caralho, pau, pinto, piroca, rola*.

Pílulas – Pessoa que não regula bem da cabeça, *azorinado, biruta, esmaniado, lelê-da-cuca, lirú, zureta*.

Pimba – Termo depreciativo aplicado inicialmente à música de melodia pouco elaborada e com letras superficiais ou do tipo brejeiro, mas que passou a ser usado para designar algo considerado de mau gosto ou vulgar. A interjeição “pimba” é onomatopaica, isto é, reproduz o som de uma ação que envolve choque físico; a conversão em adjetivo com conotação negativa provém da canção “Pimba Pimba”, do cantor português Emanuel, cuja letra diz “E se elas querem um abraço, nós pimba! Nós pimba!”.

Pimba – Pessoa que revela falta de bom gosto, *cafona, brega, jeca*.

Pimenta – Pimenta-do-reino. No Brasil, o termo “pimenta” é aplicado aos frutos de diversas plantas. Em Portugal aplica-se aos grãos provenientes da planta *Piper nigrum*, originária do sudeste asiático e introduzida no Brasil pelos portugueses no início da colonização; como tinha vindo do reino, designou-se por “pimenta-do-reino” para a distinguir das outras pimentas. O termo aplica-se tanto à pimenta-preta como à pimenta-branca; na realidade ambas provêm da mesma semente, sendo que a preta é seca com a película que a envolve, enquanto que a branca é processada após ter sido retirada essa película.

Pimentão doce (culinária) – Páprica.

Pindérico – Pessoa que revela falta de bom gosto ou mal vestido ou sujo e maltrapilho, *cafona, brega, jeca*.

Pingo / pingado (cafetaria) – Regionalismo da região do Porto que designa café expresso com um pouco de leite servido em xícara pequena; o mesmo que “garoto” no sul de Portugal.

Pinocar – Ter relações sexuais, *transar, afogar o ganso, carcar, molhar o biscoito, descabelar o palhacinho*.

Pionés – Pequeno prego de cabeça larga e chata, geralmente usado para fixar papéis, tachinha, percevejo. O termo “pionés” é um galicismo proveniente de “punaise”.

Pipa – Recipiente mais ou menos cilíndrico, de madeira, menor que o tonel e maior que o barril, usada para guardar e conservar líquidos, especialmente vinho.

Pipa de massa – Muito dinheiro, *caminhão de dinheiro*.

Pirado – Pessoa que não regula bem da cabeça, *azorinado, biruta, esmaniado, lelê-da-cuca, lirú, zureta*.

Pirilau – Pénis, *bilau, cacete, caralho, pau, pinto, piroca, rola*.

Piripiri – Nome dado em Portugal ao condimento picante, principalmente o que é processado a partir das bagas fusiformes, vermelhas e bastante picantes da planta *Capsicum frutescens*, originária das regiões tropicais da América, e que os portugueses levaram para o Brasil (onde adquiriu o nome de “pimenta-malagueta”), para África (onde se passou a designar “gingungo” e “piripiri”), e para a Ásia (onde se tornou um ingrediente do tradicional caril).

Pirisca – Ponta do cigarro que sobra depois de fumado, *bituca, bagana, guimba* (no Rio de Janeiro).

Piropo – Galanteio, *torpedo, cantada*, expressão dirigida a alguém expressando geralmente apreciação física. O étimo “piropo” provém do termo do grego “pyropós” = ardente, de cor vermelha, constituído pelos elementos “pyrós” = fogo + “óps” = face, rosto, através do latim “pyrōpus”. É o nome de um mineral do grupo das granadas, de cor vermelho-sangue devido a seu conteúdo em ferro e cromo. Muito provavelmente o termo “piropo” adquiriu a conotação de galanteio porque, com frequência, a pessoa visada fica com a cara corada, vermelha.

Piroso – Pessoa que revela falta de bom gosto, *cafona, brega, jeca*.

Pisca (do automóvel) – Seta (do automóvel).

Pito – Órgão sexual feminino, *boceta, aranha, perereca, pitrica (gíria), prenheca priquita, xoxota*.

Pívia – Masturbação masculina, *bater bolo, tirar o atraso, esgalhar o ganso, punheta*.

Pivot / Pivô (de televisão) – Âncora (de televisão).

Planear – Planejar.

Plasticina – Massinha.

Pleistocénico (período geológico) – Pleistoceno.

Pliocénico (período geológico) – Plioceno.

Pneu sobressalente – Estepe.

Polaca – Polonesa. Em várias regiões do Brasil “polaca” tem conotação de prostituta.

Polaco – Polonês, natural da Polónia e também a língua desse país.

Polícia (agente da autoridade) – Policial.

Polícia de giro – Ronda policial.

Pontapé de baliza (futebol) – Tiro de meta.

Pontapé de canto (futebol) – Escanteio.

Por a conversa em dia – Conversar, *bater papo, dar uma prosa*.

Por no lume / por ao lume (culinária) – Colocar no fogo.

Pôr-se na alheta – Fugir, *despencar*.

Porreiro – Excelente, bonito, confiável, *bacana, jóia, legal*.

Pela porta do cavalo – De modo irregular ou através de cunha, sorrateiramente, sem ser percebido. Nos palácios, havia várias portas com funções distintas: as visitas utilizavam a porta principal e, se fosse caso disso, os cocheiros iam guardar os cavalos na cavalariça, entrando por uma porta mais pequena, lateral ou nas traseiras. Se alguém, com exceção dos criados, utilizava esta porta, era porque não queria ser visto e, portanto, fazia-o de forma dissimulada. Assim, a expressão pode ser utilizada de vários modos, entre as quais “entrar pela porta do cavalo”, significando entrar sem pagar bilhete num espetáculo ou conseguir um emprego por cunha ou de forma pouco convencional, “sair pela porta do cavalo”, isto é, despercebidamente, sem dar nas vistas, e “pagar pela porta do cavalo”, ou seja, fazer um pagamento, em geral ilegal, sem ser pelos meios legítimos, correspondente a “pagar por baixo da mesa”, estando ligado, portanto, a atos de corrupção.

Portageiro – Funcionário que trabalha como cobrador na portagem (pedágio).

Portagem – Pedágio.

Portátil (computador) – Laptop.

Porteiro – Zelador.

Pote – Boião.

Praça de táxis – Ponto de táxi.

Prato para uma pessoa (no restaurante) – Prato executivo.

Praxe académica – Trote estudantil.

Pré-câmbrico (período geológico) – Pré-cambriano.

Prego (gastronomia) – Comida típica portuguesa que consiste num bife pequeno de vaca que se come normalmente entre duas fatias de pão, ou seja, numa sanduíche; a carne também pode ser de porco, designando-se, neste caso, por “prego de porco”; se for servido no prato, com acompanhamentos, chama-se “bitoque”.

Prenda – Presente, objeto com que se dá a alguém.

Preocupado – *Grilado*.

Presidente da câmara municipal – Prefeito.

Prestações – Parcelas.

Presunto – Presunto de Parma [pernil de porco inteiro salgado e curado].

Presuntos – Pês.

Prisca – Ponta do cigarro que sobra depois de fumado, *bituca*, *bagana*, *guimba* (no Rio de Janeiro).

Privado – Particular, não público. Por exemplo, falar em privado é falar particularmente.

Procura (contabilidade) – Demanda.

Produtos biológicos (alimentação) – Produtos orgânicos.

Pronto pagamento (contabilidade) – Preço à vista.

Propina – Mensalidade. No Brasil o termo propina é utilizado para corrupção = luvas; em Portugal “propina” designa o valor que se paga para frequentar um estabelecimento de ensino.

Provinciano – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, *anta*, *babaca*, *babaquara*, *bocó*, *burro*, *mané*, *parvo*, *palerma*.

Púcaro – Pequeno copo com asa para beber água ou para extrair líquidos de outros recipientes maiores.

Pulôver (vestuário) – Suéter, pulôver; peça de roupa de malha sem botões, com decote em bico, sem colarinho, que se veste pela cabeça sobre uma camisa ou outra peça de roupa. O termo “pulôver” é um anglicismo derivado de “Pullover”.

Punheta – Masturbação masculina, *bater bolo*, *tirar o atraso*, *esgalhar o ganso*

Punhetas de bacalhau (gastronomia) - Prato típico à base de bacalhau cru, seco e salgado, desfiado, temperado com cebola e azeitonas, regado com bastante azeite.

Tradicionalmente era servido nas tabernas, por vezes quase gratuitamente, pois que, como era salgado, induzia o consumo de vinho.

Putos – *Moleques*. Embora o termo “putos” seja muito utilizado em Portugal para designar crianças, nunca é aplicado, com este sentido, no feminino, pois que, neste gênero, tem o mesmo significado em todos os países lusófonos, ou seja, é sinônimo de prostitutas. O termo “puto” deriva do latim “putus” = menino, rapaz.

Puxar o autoclismo – Dar descarga (do vaso sanitário)

- Q -

Quadrado (indivíduo) – Pessoa retrógrada ou com pouca inteligência, *careta*, *bitolado*. No Brasil “quadrado” designa também papagaio de papel.

Qualificar – Classificar.

Quarteirão (de um bairro) – Quadra. O termo “quarteirão” é também utilizado no Brasil, mas o mais vulgar é “quadra”.

Quarto de banho – Banheiro.

Quarto de hora – Quinze minutos (no Brasil não se utiliza “quarto de hora”).

Queca – Copula, ato sexual, *transa*. A etimologia de “queca” não é clara, mas, para alguns autores, derivaria do árabe “kecha” = manta, coito, cópula.

Quezília – Quizila, quezília, contrariedade, desentendimento, discussão, briga, transtorno. Embora ambos os termos existam nos dois países, em Portugal usa-se preferencialmente “quezília” e no Brasil “quizila”. Os termos “quezília” e “quizila” derivam do quimbundo “kijila” que era proibição imposta pela religião, pela tradição ou pela lei, ou jura, renúncia ou privação de prática de certos atos.

Quinar – Morrer, falecer, *abotoar o paletó*, *dar o couro às vacas*, *espichar a canela*, *bater a bota*, *bater o cachimbo*, *vestir o pijama de madeira*.

Quinta (propriedade rural) – Chácara, fazenda, sítio.

Quiosque (de venda de jornais e revistas) – Banca. O termo “quiosque” deriva do turco “köşk” através do francês “kiosque”.

Quispo / kispo (vestuário) – Casaco quente e impermeável, com ou sem capuz. A designação deriva da marca “Kispo” criada em Portugal.

Quitanda – *Barzeco*, *café*, *chafarica*, taberna, *tasca*, *venda*. Originalmente, no Brasil, significava pequena loja de frutas e verduras, e, em Portugal, era uma venda volante de pequenos objetos. O termo “quitanda”, também usado em Portugal, tem origem no quimbundo de Angola, “ki’tana”, que significava o local onde se fazem negócios, mercado, praça.

- R -

Rabeta – Homossexual masculino, *viado*, *boiola*, *baitola*, *arrombado*, *abafa-palhinha*, *rabolho*, *picolho*, *roto*, *gay*.

Rabo – *Bumbum*, bunda.

Racha – Órgão sexual feminino, *boceta*, *aranha*, *perereca*, *pitrica*, *prencheca priquita*, *xoxota*.

Raia – Arraia.

Ralar – Afligir; apoquentar.

Ralo (do esgoto) – *Boca de lobo*.

Rapariga – Moça. No Brasil, principalmente no Norte, no Nordeste, em Minas Gerais e Goiás, o termo “rapariga” tem conotação de prostituta.

Rata – Órgão sexual feminino, *boceta, aranha, perereca, pitrica, prencheca priquita, xoxota*.

Rato (de computador) – Mouse.

Rebocar – Guinchar. Os dois termos existem em ambos os países, mas, no Brasil, usa-se quase sempre “guinchar” e, em Portugal, “rebocar”. Por exemplo, um carro mal estacionado que acaba por ser removido pela polícia, no Brasil foi “guinchado” e, em Portugal, foi “rebocado”.

Rebuçado – Bala.

Recebimentos (contabilidade) – Recebíveis.

Receitas (contabilidade) – Rendas, rendimentos.

Recibo – Nota fiscal.

Recife – Arrecife. Os recifes são formações rochosas, muitas vezes de natureza calcária, localizadas próximas da costa, cujo topo aflora um pouco acima do nível do mar ou que estão completamente submersos, em regiões de pouca profundidade, e que, em geral, constituem um perigo para a navegação. Com frequência, são formados por organismos coloniais sedentários, como os corais, devendo, nestes casos, ser designados por “recifes de corais” ou recifes “coralígenos”. O vocábulo “recife” tem raiz no árabe “ár-raçif” ou “al-rasil”, significando a calçada, o caminho pavimentado, o cais, o molhe. Assim, os dois termos “recife” e “arrecife” estão etimologicamente corretos. No Brasil, usam-se indistintamente os dois termos. Em Portugal, atualmente, utiliza-se quase exclusivamente a versão “recife”, sendo “arrecife” um arcaísmo. Com efeito, antigamente, os dois termos eram, tal como no Brasil, usados como sinônimos. Por exemplo, Pero Vaz de Caminha, em 1500, na “Carta do Achamento do Brasil”, diz (grafia atualizada) que “(...) acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto dentro (...)” e Bernardo de Brito, em 1609, na “Segunda Parte da Monarchia Lusytana”, ao falar na luta entre cristão e muçulmanos no vale do Douro, perto de Sendim (Miranda do Douro) refere que os primeiros “(...) buscarão para este fim hum lugar acomodado, que a ventura lhe offereceo, fortificado da própria natureza em hum arrecife pendente sobre o Rio Tavora”.

Recolha de lixo – Coleta de lixo.

Reforma (aposentação) – Aposentadoria.

Região Demarcada (vitivinícola) – Regiões bem delimitadas, abrangidas por legislação especial, onde se produz vinho com características específicas dessa região. Com a entrada de Portugal para a Comunidade Européia, em 1986, e a criação, em 1992, dos sistemas de proteção e de valorização dos produtos agro-alimentares (DOP, IGP e ETG), o conceito de “Região Demarcada” foi substituído pelo de “Denominação de Origem Protegida (DOP), embora se continue, ainda, a falar de regiões demarcadas. Este conceito de “Região Demarcada” remonta ao século XVIII, quando a produção e comercialização do vinho do Porto, largamente controlado pelos ingleses, era efetuada de forma totalmente desorganizada, não havendo garantia da qualidade do produto, o que fazia

perigar o prestígio internacional desse vinho. No sentido de por ordem na produção e comércio dessa bebida, cuja exportação era essencial para Portugal, por iniciativa do Marques de Pombal o rei D. José I promulgou um alvará régio, datado de 10 de Setembro de 1756, através do qual foi criada a “Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro”, que mais tarde viria a ser conhecida por “Real Companhia Velha”. O principal objetivo era, como se diz no alvará, «sustentar com reputação dos vinhos a cultura das vinhas e beneficiar ao mesmo tempo o Comércio, que se faz neste gênero, estabelecendo para ele um preço regular, de que resulte competente conveniência aos que o fabricam, e respectivo lucro aos que nele negociam». Esta Companhia, que tinha tantas competências e privilégios que chegou a substituir o Estado na cobrança de impostos, na construção de estradas e nas obras de navegabilidade do rio Douro, veio organizar a viticultura da região, para tal, entre outras ações, procedendo à demarcação onde se podia produzir vinho do Porto, criando, assim, a primeira região demarcada do mundo. Este conceito jurídico de “região demarcada”, foi aplicado a várias outras regiões portuguesas (entre outras, Alentejo, Bairrada, Bucelas, Colares, Dão, Douro e Setúbal), tendo-se mantido, embora com modificações, até à década final do século XX, altura em que foi substituído por outro semelhante, o de “Denominação de Origem Protegida”.

Registar – Registrar.

Relva – Grama.

Relvado (e.g. de um campo de futebol) – Gramado.

Remate (e.g. futebol) – Arremesso de bola, atirar a bola à baliza adversária.

Renda (contabilidade) – Rendimento.

Renda (de uma casa) – Aluguel.

República Checa (país) – República Tcheca.

Requeijão (culinária) – Coalhada.

Rés-do-chão – Térreo, piso térreo.

Residencial – Pensão que só disponibiliza pernoitas e café da manhã.

Respeitante a – Relativo a.

Respingão – Resmungão, retilão.

Ressonar – Roncar.

Retalho (venda a) – Venda no varejo, venda de mercadorias à unidade, em pequenas porções ou quantidades. O termo “retalho” provém do verbo “retalhar” (cortar em várias peças ou retalhos), derivado do verbo em latim “retaliare”.

Retrete – Privada.

Retrógrada (pessoa) – *Careta, bitolado, quadrado*.

Rissóis (gastronomia) – Rissoles.

Risota – Riso de escárnio, galhofa.

Rojões (gastronomia) – Prato típico do Minho, constituído por pedaços de carne de porco em vinha d'alhos fritos em banha.

Roterdão – Roterdã, cidade da Holanda.

Roto – Homossexual masculino, *viado, bicha, boiola, baitola, arrombado, abafa-palhinha, rabolho, picolho, roto, gay*.

Rotunda – Rotatória, rótula [em Angola usa-se o termo “bolacha”].

Rufia – Pessoa que gosta de causar problemas, que se envolve com frequência e facilmente em brigas.

Ruim – Mau. Ambos os termos existem nos dois países, mas “ruim” é muito mais utilizado no Brasil do que em Portugal, onde pouco se utiliza este termo.

Rulote ou **roulote** – Caravana (de campismo), trailer. O termo “rulote” ou “roulote” é aportuguesamento do francês “roulotte”, que designava um carro de madeira, normalmente puxada por cavalos, em que viviam os nômades, como os ciganos e os artistas de circos ambulantes, e que, no Canadá, assumiu o sentido de veículo para fazer camping. Acabou por ter também o sentido de veículo ou reboque equipado para o exercício de uma atividade, como venda de comes e bebes, que pode ser facilmente movimentado por simples tração. O termo “roulotte” vem do francês antigo “rouelle” = pequena roda, com raiz no latim tardio “rotella”, diminutivo de “rota” = roda, adicionado do sufixo “-otte” (feminino de “-ot”) formador de substantivos e adjetivos com efeito diminutivo. Ver “Caravana”, “Auto-caravana”.

Ruptura de stock – Término de estoque. O termo “stock” é um anglicismo que em Portugal ainda não foi aportuguesado.

- S -

Saco azul – Caixa dois [refere-se a recursos financeiros não contabilizados e não declarados ao fisco].

Saguim – *Mico, sagui, soim, tamari* (em desuso).

Saldos – *Queima* de estoques.

Saloio - *Caipira, matuto, babaquara, tabaréu*. Originalmente “saloio” designava os habitantes da região a norte de Lisboa (região saloia) que vinham à cidade vender os seus produtos agrícolas; com o tempo adquiriu conotação negativa, significando quem é grosseiro, rude e revela falta de bom gosto. No Minho (Portugal) significa também “avarento”, “sovina”. O termo “saloio” deriva provavelmente do árabe “çahrauii” através do árabe vulgar “çahrōi” com o significado de homem, habitante do deserto.

Salsicha (culinária) – Enchido (embutido) de pequeno diâmetro, geralmente preparado com carne de porco moída fresca ou defumada e gordura animal, temperada com sal, ervas e outros condimentos, que é contida em tripa animal ou sintética.

Samarra (vestuário) – *Japona*, casaco largo normalmente com gola em pele. Inicialmente a “samarra” era um agasalho de lã grossa usado por pastores, mas com o tempo tornou-se um símbolo de estatuto entre as classes mais abastadas.

Sandes – Sanduíche. O termo “sanduíche” existe tanto em Portugal como no Brasil, e é proveniente do inglês “sandwich” com o mesmo significado.

Sandocha – Sanduíche.

Sanita – Vaso (sanitário).

Santola (gastronomia) – Santola é a designação comum de diferentes espécies de crustáceos decápodes integrados na classe morfológica dos caranguejos. A espécie comercial mais

explorada em águas portuguesas é a santola europeia (*Maja squinado*), que tem carapaça convexa arredondada, de cor avermelhada ou marrom amarelado, e patas longas e finas, com muitos pequenos espinhos. Ocorre em fundos arenosos e rochosos a profundidades entre os 10 e os 150 m. Na fase adulta mede cerca de 18 cm de comprimento e 20 cm de largura. É muito apreciada na gastronomia portuguesa, embora o seu preço seja elevado.

Sapal – Marisma, terreno alagadiço à beira-mar. A água nos marismas é salobra, com maior ou menor teor de sal; se for doce adquire o nome de “pântano”. No Brasil não se usa o termo “sapal” mas sim “marisma”.

Sapateira (gastronomia) – Sapateira é a designação comum de diferentes espécies de crustáceos decápodes braquiúros da família *Canceridae* e do género *Cancer*, que têm carapaça lisa e oval, mais larga do que comprida, com coloração vermelho-marrom e duas pinças com as pontas pretas, e que, no estado adulto, têm de 11 a 25 cm de comprimento. A espécie mais explorada em Portugal é o *Cancer Pagurus* que ocorre em águas costeiras até 100 m de profundidade. É, talvez, o caranguejo mais apreciado na gastronomia portuguesa, sendo muito apreciada a sapateira recheada, que é apresentada desmanchada (com as patas e pinças separadas do corpo), e em que a carapaça é cheia com um recheio constituído pelo interior do caranguejo triturado e misturado com maionese, mostarda, cerveja preta, ovo cozido e pickles picados, em que o conjunto é servido com pão torrado.

Saquinho – Sacolinha.

Saraivada – Chuva de granizo.

Sarjeta – Bueiro, sumidouro, *boca de lobo*.

Saudar – Cumprimentar. Nalguns estados do Brasil, como em Minas Gerais, o termo “saudar” usa-se nesta mesma acepção.

Sebenta – Apostila.

Seca (é uma) – Chato, aborrecido, *é um saco*.

Segunda fila (estacionamento em) - Fila dupla.

Sem abrigo – Sem teto, que vive na rua e não tem domicílio fixo.

Semilha – batata [regionalismo da Madeira]. O étimo “semilha” parece derivar das etiquetas das sacas em que as primeiras batatas foram transportadas, no século XVIII, para a ilha da Madeira, provenientes das Canárias, em que estava escrito “semilla” (semente); o nome “semilha” foi nessa altura interpretado como sendo o nome da planta.

Senhorio – Proprietário (de uma casa alugada).

Ser mais papista do que o Papa – Interessar-se por alguma coisa mais do que o próprio interessado.

Ser um fiasco – Dar errado, dar asneira, *dar zebra*.

Ser uma seca – Ser chato, aborrecido, *ser um saco*.

Seropositivo – Soropositivo, pessoa cujo soro tem anticorpos específicos de um determinado agente patológico. Em linguagem popular, com frequência, o termo designa um indivíduo cuja análise sanguínea revelou a presença do vírus da AIDS (SIDA).

Sertã – Frigideira. Atualmente, em Portugal, usa-se mais o termo “frigideira” em detrimento de “sertã”.

SIDA (acrónimo de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) – **AIDS** (acrônimo do inglês Acquired Immune Deficiency Syndrome).

Silúrico (período geológico) – Siluriano.

Sinal luminoso (do trânsito) – Semáforo, sinal de trânsito. No Brasil usam-se várias designações populares como “sinaleira” (no sul), “farol” (em São Paulo), “sinaleiro”, ou simplesmente “sinal” (tal como em Portugal).

Sinistrado – Acidentado.

Snifar – Inalar cocaína em pó. É um termo da linguagem coloquial, híbrido, que tem como base o verbo inglês “to sniff”= fungar, inalar, cheirar ou farejar, através do substantivo “sniff” = fungada, fungadela, a que se juntou o sufixo verbal “-ar”, de origem latina, que entra na formação de verbos derivados de substantivos ou adjetivos, dando o sentido de uma ação correspondente ao sentido da palavra original.

Snooker – Sinuca

Somítico – Avarento, *cigalheiro, forreta, mão-de-vaca, mão-fechada, muquirana, somítico*.

Sopa da pedra (gastronomia) – Sopa típica portuguesa à base de feijão, carnes variadas e enchidos (embutidos). A cidade de Almeirim, no Ribatejo (parte central de Portugal) é considerada a capital da sopa da pedra. Segundo a lenda, um frade andava no peditório e estava com fome, de modo que chegou à casa de um lavrador onde não lhe quiseram dar comida; então, o frade pediu aos donos da casa que lhe emprestassem uma panela para ele fazer uma sopa de pedra, o que intrigou o lavrador e sua família, pelo que, rindo, lhe emprestaram a solicitada panela, e o deixaram cozinhar na lareira. O frade encheu o recipiente de água e retirou do seu bornal uma bonita pedra, lisa e bem lavada, que colocou lá dentro. Enquanto a água estava a aquecer, o frade comentou que a sopa ficaria muito melhor com um bocado de toucinho, e a dona da casa, intrigada, foi-lhe buscar um naco de unto. Enquanto a água fervia, o freire, olhando para o caldo, disse que o resultado seria ainda melhor se houvesse qualquer coisa para engrossar a sopa, no que a família do lavrador o satisfaz dando-lhe feijão que tinha sobrado da refeição anterior. Passado um pouco, o frade confessou que, com um bocado de chouriço, a sopa ficaria bastante mais saborosa, e prontamente os donos da casa anuíram em lhe fornecer isso. E o religioso prosseguiu com os seus comentários, que resultaram no fornecimento sucessivo de outros embutidos, carnes, couves e outros ingredientes. No final, o que estava dentro da panela era, evidentemente, uma sopa excelente e apetitosa, que acabou por ser compartilhada pelo frade e pelos elementos da família. Antes de se retirar, agradecendo o favor que lhe tinham feito, o frade retirou cuidadosamente a pedra que estava no fundo da panela, lavou-a bem e voltou a guardá-la no bornal, já preparada para a sopa seguinte.

Sortudo – *Pé quente*.

Sorvete – Produto pastoso gelado feito com base em lacticínios e frutas, que é fornecido num cone de baunilha (ou, mais recentemente, num copinho de plástico) e é comido com uma pequena colher (ou lambido). A etimologia do vocábulo “sorvete” não é consensual. Alguns autores defendem que vem do árabe “sharab” = bebida, através do turco “xerbet” significando bebida, licor, limonada ou outra bebida qualquer, refrescante e açucarada, através do francês “sorbet” ou do italiano “sorbetto”. Outros autores dizem que derivou do verbo latino “sorvere” = chupar, sugar, sorver. O termo “sorvete” aparece já na “Arte de Cozinha”, de Domingos Rodrigues (1637-1719), cozinheiro da Casa Real portuguesa, publicado em 1680, onde é apresentada a receita que, de forma abreviada, é reproduzida por Raphael Bluteau no 7.º volume do “Vocabulario Portuguez e Latino” (de 1720), no

verbete “Sorvete. Bebida que se faz com açúcar de pedra, çumo de limões, pòs de aljofar [pérolas pequenas], de coral, & de ouro, com hum pouco de ambar, & almíscar. Chamão-lhe *Sorvete*, porque se sorve de neve, em tempo de calma. Ou *Sorvete* se deriva de *Scerbet*, palavra Turquesca, & Persiana, ou de *Scerbeton*, palavra Arabica, que Val[e] o mesmo que *Bebida*, da raiz *Sciareba*, que quer dizer *Bebe*. Querem algũs, que o que os Turcos chamaõ *Scerbet*, seja propriamente a nossa *Limoada*, sem os mais ingredientes que entraõ na composição do *Sorvete*. (...)”

Sovina – Avarento, *cigalheiro*, *forreta*, *mão-de-vaca*, *mão-fechada*, *muquirana*, *somítico*.

Stock – Estoque. O termo “stock” é um anglicismo que em Portugal ainda não foi aportuguesado.

Sulfureto – Sulfeto.

Sultana – Uva passa branca.

Sumo (de fruta) – Suco.

- T -

T-shirt – Camiseta.

Tabela classificativa – Tabela de classificação.

Taberna – Loja de bebidas e comidas, baiúca, bitácula, boteco, botequim, locanda. Originalmente taberna era uma casa onde se vendia vinho e comida simples.

Tachinho de cabo (culinária) – Regionalismo do Algarve que designa frigideira.

Tacho – Panela. Existem nomes diferentes para os diversos recipientes culinários que vão ao lume, não sendo muito claras as diferenças entre utensílios designados por nomes distintos, existindo conceitos algo discordantes entre Portugal e Brasil, e, mesmo, em diferentes regiões de cada um dos países. Por vezes usam-se as diferentes designações como sinónimos. Em Portugal, em geral, há tendência para designar por “tachos” os recipientes cilíndricos, de barro ou metálicos, que têm diâmetro maior do que a altura, e por “panelas” os que têm uma altura superior ao diâmetro, tendo ambos, normalmente, “asas” e não “cabo”; se têm “cabo” há tendência para lhe chamar “caçarolas”.

Tacho (arranjar um) – Arranjar um emprego bem remunerado, em geral na estrutura governamental, com frequência conseguido através de apadrinhamento.

Talhante (homem do talho) – Açougueiro. Em Portugal “açougueiro” também existe, mas constitui um arcaísmo.

Talho – Açougue. Em Portugal “açougue” também existe, mas constitui um arcaísmo. No Brasil, na gíria, “açougue” pode significar também bordel. O termo “talho” provém do verbo em latim “taliāre” = cortar, talhar. Originalmente, “açougue” (do árabe “as-suq”) tinha o sentido de feira, mercado, e “talho” era o cepo sobre o qual se cortava (talhava) a carne em partes adequadas à venda a retalho (no varejo). Tais sentidos estão bem expressos no “Vocabulario Portuguez e Latino”, de Raphael Bluteau, (volume 8º, Publicado em 1721), onde está inserto o verbete: “Talho. No Açougue, he o cepo, ou o lugar, donde se corta, & se distribue a carne. (...). «carnarium», & «carnaria taberna», também podem significar o mesmo, mas pôdem fazer equivocções com Açougue em que ha muitos talhos (...)”. Os termos evoluíram de forma que se tornaram sinónimos. Atualmente, em Portugal, prevaleceu, no vocabulário comum, o termo “talho” e, no Brasil, “açougue”.

Taluda – A sorte grande na loteria.

Tanga – Na gíria significa história fictícia e enganosa, mentira.

Tanga – Tanga, peça de roupa usada à volta das ancas. Modernamente adquiriu também o significado de calcinha, especialmente de biquíni, de dimensões mínimas. Em Portugal significa, também, história fictícia e enganosa. Embora não haja acordo sobre a etimologia de “tanga”, provavelmente tem raiz no quimbundo “tángá” = tecido grosso, pano, capa. É possível que o termo tivesse sido introduzido no Brasil pelos escravos provenientes de Angola, que tinham como roupa uma faixa de pano que os cobria do ventre até às coxas, que chamavam de tanga. O termo “tanga” parece ter sido disperso pela Ásia pelos navegadores portugueses, com o sentido de saio ou saio.

Tapete para rato (de computador) – *Mouse pad* [termo inglês].

Tapete rolante – Esteira rolante

Tareia – *Sova, coça, surra, tunda*.

Tasca – Taberna, *baiúca, bitácula, boteco, botequim, locanda*.

Tecto de abrir (do automóvel) – Teto solar.

Teerão (do automóvel) – Teerã, capital do Irão.

Telecomando – Controle remoto.

Telemóvel – Celular.

Telenovela – Novela (de televisão)

Televisão – Televisor.

Temporal no mar - Ressaca (do mar). Em Portugal aplica-se o termo “ressaca” ao refluxo das ondas de temporal.

Ter a pulga atrás da orelha – Estar desconfiado.

Ter muita lata – Ser cara-de-pau, pessoa descarada, sem vergonha.

Ter uma fezada – Em linguagem coloquial “ter uma fezada de que algo vai acontecer” quer dizer que se acredita ou que se tem a convicção que isso vai acontecer.

Termos – Também chamada “garrafa termo” e “garrafa termo”, é uma ampola de vidro de parede dupla espelhada, revestida com material metálico ou plástico, que serve para manter a temperatura (quente ou fria) dos líquidos colocados no seu interior. Para atingir o objetivo, existem duas ampolas de vidro, uma dentro da outra, ambas com paredes espelhadas, e entre elas, retirando a maior parte do ar, fica um vácuo parcial. Desta forma, o ar rarefeito entre as ampolas minimiza as perdas (ou ganhos) de calor por convecção e por condução, e o espelhado das paredes evitam em muito as perdas por irradiação. Esta forma de manter a temperatura foi inventada, em 1892, por James Dewar (1842-1923), cientista que trabalhava em criogenia, que, para manter estável a temperatura de uma substância química colocada num frasco de vidro, a colocou noutra garrafa de vidro maior e evacuou o ar entre as paredes das duas garrafas. No sentido de tornar o sistema menos rudimentar, mais eficaz e mais resistente, contratou um soprador de vidro alemão, Reinhold Burger (1866-1954), que ficou responsável pela fabricação das ampolas, iniciando-se, deste modo, em 1898, a fabricação comercial dos chamados “frascos de vácuo” ou “Frascos de Dewar”. Porém, Reinhold Burger, embora continuando a trabalhar para Dewar, juntamente com outros fabricantes de instrumentos científicos de vidro alemães, criou um frasco de vácuo doméstico com um invólucro de

metal protetor, que patentearam (pois que Dewar não tinha requerido a patente da sua invenção). Para escolherem um nome comercial para este produto, lançaram um concurso, e a vencedora foi a palavra “termos” derivado do grego “thermós” = calor. Como acontece com alguma frequência, o nome da marca acabou, em português, por designar o produto.

Teso – Estar sem dinheiro.

Testa-de-ferro (pessoa que empresta o nome como responsável por actos ou empreendimentos de outrem, que não quer ou não pode aparecer) – *Laranja, testa-de-ferro*.

TGV (train à grande vitesse) – Trem-bala.

Tipo – Pessoa, indivíduo, *cara*.

Tira cápsulas – Abridor.

Tirar nabos da púcara - Obter informações discretamente.

Tocar uma – Masturbação masculina, *bater bolo, tirar o atraso, esgalhar o ganso, punheta*.

Tolo – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, *anta, babaca, babaquara, bocó, burro, mané, parvo, palerma*.

Torre do Tombo – Arquivo central do Estado Português desde a Idade Média, sediado em Lisboa. O nome advém do fato do arquivo ter estado instalado desde a sua criação numa torre do Castelo de São Jorge, denominada “Torre do Tombo”. O vocábulo “tombo” tem raiz no grego “tómos” = secção, parte, fração, através do latim “tomus” = tomo, livro. A instalação dos documentos do reino na torre referida ocorreu, em data indeterminada, no reinado de D. Fernando (1367-1383), e aí permaneceu durante cerca de quatro séculos. No dia 1 de Novembro de 1755, quando se verificou o grande terremoto que atingiu Portugal, a torre ruiu. A documentação foi recolhida dos escombros e guardada, temporariamente numa barraca de madeira, construída na Praça de Armas. Passados dois anos, em 1757, esse arquivo do reino foi transferido para uma parte do edifício do Mosteiro de São Bento da Saúde, na Estrela, ocupando as instalações designadas por Casa dos Bispos e compartimentos contíguos, mas continuou a ter a designação tradicional de Torre do Tombo. Era aí que estava o Arquivo Real, a documentação referente à administração do reino e das possessões ultramarinas, tal como os documentos referentes às relações com os outros reinos. Em 1990 este património foi transferido para um novo edifício, localizado na Alameda da Universidade, construído propositadamente para albergar o Arquivo Nacional, continuando a ser conhecido como Torre do Tombo. Com mais amplas instalações, foi possível proceder a novas incorporações, quer de diferentes organismos do Estado (como os arquivos da PIDE/DGS, a policia política do tempo da ditadura), quer de espólios particulares. Desde 2012, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo é uma unidade orgânica da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas.

Torta (gastronomia) – Rocambole, bolo enrolado.

Tosta mista – Misto quente.

Totó – Pessoa que se deixa enganar com facilidade, *anta, babaca, babaquara, bocó, burro, mané, parvo, palerma*.

Totobola– Loteria esportiva.

Trabalhar como um galego – Trabalhar muito.

Transbordo – Baldeação, transferência de mercadorias ou passageiros de um navio ou trem (comboio) para outro. Os dois termos existem em ambos os países. O termo “transbordo”, com este sentido, parece não ser muito antigo na língua portuguesa. Por exemplo, no “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” de Candido de Figueiredo, de 1913, ainda não inclui esta acepção: diz que “Trasbordo. O mesmo que transbordamento.”; “Transbordamento. Acto ou effeito de trasbordar.”; e que “trasbordar. v. t. Sair fôra das bordas de. Ext. Derramar, entornar, verter. v. i. Sair fôra das bordas. Extravasar-se. Fig. Sobejar. Manifestar-se impetuosamente. Espalhar-se. Estar possuido (de um sentimento violento)”, não fazendo qualquer menção a transferência de mercadorias ou passageiros. No entanto, esse sentido é coerente, pois que “bordo” (ou borda), sendo afetado pelo prefixo “trans-” (por vezes contraído para “tras-”) que expressa a idéia de “além de, para além de, em troca de, ao través, através”, fica com o sentido de passar por cima do bordo (da embarcação), o que acontecia realmente quando se transferia mercadoria ou pessoas de um para outro navio. Ver “Baldeação”.

Trapalhada – Situação confusa ou de difícil resolução, *abacaxi, embrulhada, garalhuba, imbróglia, pepino*.

Travão (e.g. do carro) – Freio.

Travar (e.g. do carro) – Frear, brecar, travar

Trigo – Designação na região de Braga para pão pequeno de farinha de trigo fina, um pouco alongado (carcaça), pão francês, cacetinho, pão de sal, pão careca.

Trilhão – Trilhão. No Brasil, tal como nos U.S.A., segue-se a escala curta em que um trilhão = um milhão de milhões [10^{12}]; em Portugal, tal como na generalidade da Europa, segue-se a escala longa em que um bilião = um milhão de milhões [10^{18}]. A escala curta (e.g. Brasil) tem por base as potências de mil, enquanto que a escala longa (e.g. Portugal) tem por base as potências de um milhão.

Trinta e um de boca – Afirmação ou declaração não confirmada por escrito.

Tripas à moda do Porto (culinária) – Prato tradicional da cidade do Porto, sendo confeccionado com diferentes tipos de carne, entre as quais mão de vaca e chispe (pé) de porco, dobrada, enchidos diversos (chouriço e outros) e feijão branco. Originalmente, as tripas eram simplesmente acompanhadas com fatias de pão escuro, pois que o feijão branco, proveniente da América, só foi introduzido em Portugal no século XVI, na sequência das navegações portuguesas. Segundo a tradição, com laivos de veracidade, este prato teria sido criado na altura da expedição a Ceuta (em 1415, a qual deu início ao processo da expansão marítima portuguesa), tendo grande parte dos navios sido construído e aparelhados no rio Douro, junto à cidade do Porto. Para abastecer os navios, toda a carne era salgada e acondicionada em barricas de madeira, pelo que a população apenas ficava, para o seu consumo, com as chamadas miudezas, ou seja, as vísceras dos animais, incluindo as tripas. Foi, portanto, do aproveitamento destas partes menos nobres dos animais que surgiu o prato “tripas à moda do Porto”, o qual viria a estar na base do epíteto “tripeiro” dado às gentes do Porto.

Tripeiro – Gentílico relativo aos naturais ou habitantes do Porto. A cidade do Porto esteve, em 1414/1415, profundamente envolvida na preparação, rodeada de grande segredo, da expedição que viria a conquistar a cidade norte-africana de Ceuta, iniciando, assim, o processo da expansão marítima portuguesa. Nas margens do rio Douro foi construída boa parte dos navios dessa armada, tendo aí sido aparelhada e abastecida. Segundo a tradição, toda a carne disponível ia para abastecer os navios, de forma que os habitantes ficavam quase só com as tripas das rezes para se alimentarem. Como resultado deste

aproveitamento teria surgido o famoso prato “tripas à moda do Porto”. Como os habitantes da cidade ficavam apenas com pouco mais do que as tripas para comer, começaram a chamar-lhes “tripeiros”.

Tritões (gastronomia) – Designação genérica por vezes atribuída aos búzios. Este nome, que não deve ser confundido com o dos anfíbios da família *Salamandridæ*, é uma alusão ao semideus marinho Tritão da mitologia grega, geralmente representado com cabeça e tronco humano e cauda de peixe, correspondendo à representação masculina de uma sereia. Tritão era o arauto de seu pai Poseidon, o deus do mar, a quem anunciava tocando um búzio. Ver “búzio”.

Troço (de caminho, de rio, de costa) – Trecho. No Brasil, coloquialmente, “troço” tem vários significados, nomeadamente traste, tralha, qualquer coisa indefinida, objeto, e mesmo bosta; em Portugal significa fragmento, parte, pelo que é usual falar-se, por exemplo, em troço de estrada e troço costeiro.

Troço costeiro – Trecho costeiro.

Trólei – Veículo de transporte coletivo munido de pneus e impulsionado eletricamente por cabos aéreos, também chamados tróleibus ou tróleicarros. Havia redes de transportes públicos deste tipo em Coimbra, no Porto e em Braga. Atualmente tendem a utilizar-se ônibus elétricos (sem trólei). O termo “trólei” é um anglicismo proveniente de “trolley”.

Trolha – Colher de pedreiro; principalmente na região do Porto o termo passou a designar também o servente de pedreiro ou mesmo o próprio pedreiro.

- U -

Utente – Usuário.

Utilizador – Usuário.

- V -

Varal (para secar roupa) - Secador de roupa, varal.

Vaga de frio- Onda de frio.

Varinha mágica (culinária) – *Mixer*.

Varredores de rua – *Garis*.

Venda por grosso – Venda por atacado, venda em grandes quantidades.

Vendedor ambulante – Camelô.

Vendedora – Vendedeira.

Ventoinha (para arrefecer) – Ventilador.

Vermelho – Encarnado, vermelho. Tanto em Portugal como no Brasil ambos os termos são geralmente usados como sinônimos, embora “encarnado” se refira à cor vermelha escarlate da carne fresca ou do sangue, e “vermelho” ao carmim ou escarlate, tinta extraída da cochonilha (piolho-dos-vegetais). A partir da Comuna de Paris, em 1871, o vermelho passou a ser conhecido como a cor da esquerda revolucionária. Em Portugal, e também no Brasil, no período da ditadura, evitava-se a utilização do termo “vermelho” devido à sua conotação com os comunistas, embora a “Cruz Vermelha” tivesse mantido sempre o mesmo nome. Em Portugal associa-se o termo “encarnado” ao clube de futebol Sport, Lisboa e Benfica.

Verniz (das unhas) – Esmalte.

Videojogos – Videogames.

Vietname (país) – Vietnã.

Vila – Além de antiga divisão territorial, o termo “vila”, em Portugal, designa, também, um alinhamento de residências que forma uma rua particular, com frequência sem saída, cuja entrada se abre para uma via pública, significado este que também existe no Brasil. Estas “vilas” começaram a surgir no século XIX, quando, com a intensificação da industrialização, as carências habitacionais das classes operárias se tornam mais prementes. Por vezes, eram as próprias fábricas ou empresas que procediam à sua construção, no sentido de alojar os seus trabalhadores. O regulamento camarário de 1930, que veio proibir a construção de novas vilas, define estas como «grupos de edificações destinadas a uma ou mais moradias construídas em recintos que tenham comunicação, quer directa, quer indirecta, com a via pública por meio de serventia». No final da década de 70 do século passado contabilizavam-se, só na cidade de Lisboa, mais de 350 destas vilas. Com a proibição, em 1930, da construção de novas vilas, começam a surgir, principalmente a partir dos anos 50, não já na cidade de Lisboa, mas na sua periferia, os chamados «bairros clandestinos» e «bairros de lata» (equivalentes às favelas), à margem de qualquer licenciamento. São exemplos de vilas operárias, o Bairro ou Vila Estrela de Ouro, na freguesia da Graça, construído em 1908 pelo industrial de confeitaria Agapito Serra Fernandes e que integra vários arruamentos, e a Vila Cândida, nas freguesias de São Vicente e Penha de França, com traçado geométrico e amplo largo de entrada, onde se situavam os edifícios sociais, que foi construída pelo banqueiro Cândido Sotto Mayor numa atitude filantrópica e paternalista. Após o 25 de Abril de 1974, a maior parte das casas destas vilas vieram a ficar na posse dos moradores, tendo vindo a desintegrar-se a unidade arquitetónica destes conjuntos. É também deste tipo, embora bastante mais bem preservado, a Vila ou Bairro Grandella, classificado em 1984 como Imóvel de Interesse Público, que foi edificado, na primeira década do século XX, por Francisco de Almeida Grandella, um empresário progressista dono dos Armazéns Grandella, junto de uma fábrica têxtil da empresa. Constituído por arruamentos paralelos, com vários tipos de habitação destinados a diferentes categorias do pessoal, tem frente para a estrada de Benfica, onde é rematado por dois pavilhões, inspirados nos templos gregos, com colunas e frontões de coroamento, destinados a uso comum. Na cidade do Porto os equivalente às vilas eram / são as “ilhas”, inicialmente bairros operários mas onde vivem, atualmente, as classes mais desfavorecidas. Ver “Ilha”.

Vila – No ordenamento territorial português é uma povoação de categoria superior à aldeia e inferior à cidade. O termo “vila” é muito antigo, tendo permanecido desde tempos romanos, de forma que está já incluso nos primeiros dicionários, como o “*Dictionarium Latino Lusitanicum & vice versa Lusitanico latinũ*”, de Jerônimo Cardoso (Hieronymũ Cardosum), publicado em 1570, em que, no fôlio 83 consta “Vila. Municipium, ij”, e no volume 8 do “*Vocabulario Portuguez e Latino*”, de Raphael Bluteau, p. 489, em que existe o verbete “Villa. Povoação aberta, ou cercada, que nem chega a Cidade, nem he tão pequena como Aldea”. Atualmente, a matéria é regulada pela Lei n.º 11/82, de 2 de Junho, que estabelece o Regime de Criação e Extinção das Autarquias Locais e de Designação e Determinação da Categoria das Povoações, em que, no Artigo 12.º, estipula que “Uma povoação só pode ser elevada à categoria de vila quando conte com um número de eleitores, em aglomerado populacional contínuo, superior a 3000 e possua, pelo menos, metade dos (...) equipamentos colectivos”, entre os quais Posto de assistência médica, Casa do Povo, dos Pescadores, de espetáculos, centro cultural ou outras coletividades, Transportes públicos coletivos, Estação dos correios e

Estabelecimentos comerciais e de hotelaria. O étimo “vila” provém do latim “villa” (plural “villae”), que era uma moradia rural cujas edificações formavam o centro de uma propriedade agrícola, ou seja, análogo ao que, no Alentejo, se designa por “monte”, e no Minho por “solar”. A palavra “villa” continua a persistir com o significado de mansão vivenda, casa de campo em italiano, em espanhol, em alemão e noutras línguas.

Vinha d’alhos (gastronomia) – Marinada (molho) feito com vinagre ou vinho, alhos, cebola, louro e outros temperos (como os cominhos, o colorau e a pimenta) em que é mergulhada a carne de porco (raramente outras carnes ou peixe) durante algum tempo, por forma a se impregnada e ganhar sabor antes de ser cozinhada. Este molho condimentado era usado, no tempo das grandes navegações, para preservar a carne em barris durante as viagens. Não surpreende, portanto, que esta forma de preparar os alimentos tenha sido levada pelos portugueses para outras regiões do mundo, nomeadamente para a Índia, principalmente para Goa, Gamão e Diu (que constituíam a base da presença portuguesa), onde foi adaptada aos gostos locais e complementada com malaguetas picantes e especiarias, adquirindo o nome de “vindalho” (contração de “vinha d’alhos”) e, por corruptela, “vindaloo”. De Goa (onde é confeccionada com carne de porco cortada aos cubos, que depois de marinada é frita, sendo normalmente acompanhado por arroz) expandiu-se para outras regiões da Índia, onde, consoante as características regionais, passou a ser preparado com outras carnes, como galinha ou cordeiro. O *vindaloo* tornou-se bastante popular na Grã-Bretanha, em especial a partir dos anos 70 do século XX, divulgado principalmente pelos restaurantes de comida do Bangladesh, mas numa versão de novo adaptada, correspondendo, na essência, a um caril (curry) mais condimentado, com vinagre, batatas e piripiri (pimenta-malagueta).

Vira o disco e toca o mesmo – Repetir uma idéia, tema ou conversa.

Volta (1ª ou 2ª volta das eleições) – Turno (1º ou 2º turno das eleições).

Volume de negócios (contabilidade) – Receita total.

- X -

X-acto – Estilete. O termo “X-acto” é um neologismo utilizado em Portugal com origem na marca “X-acto”.

Xávega – Técnica de pesca artesanal tradicional de cerco em que se deixa a ponta de um cabo presa em terra, sendo a rede de forma cônica, o xalavar, lançada ao mar a algumas centenas de metros da costa, por meio de uma embarcação, o barco xávega, que tem características distintas de outras embarcações, nomeadamente o seu perfil longitudinal, em crescente de lua, e o fundo chato. O barco, tradicionalmente construído em madeira de pinho, com cerca de 10 m a 12 m de comprimento, está adaptado à elevada energia da onda na costa oeste portuguesa, e a proa, muito levantada, facilita a passagem da zona da rebentação, sempre perigosa. A tripulação é constituída por cerca de uma dezena de homens. Após lançar a rede, o barco regressa à praia, um ponto próximo do local de partida, transportando a outra ponta do cabo. Os dois cabos e a rede com o peixe são então puxadas até à praia, tradicionalmente com recurso à força de bois, e mais recentemente com a ajuda de tratores. O conjunto de pescadores associados a cada barco designa-se por “companha”. O escritor Raúl Brandão (1867-1930) descreveu assim este tipo de pesca: “O barco está pronto. Uma esteira de varas, duas juntas de bois para o puxar, homens nus metidos na água e agarrados às cordas, e a onda que salpica e os alaga. Entra para dentro a companha. (...). O arrais segura a corda, que é o único leme deste barco. Tudo consiste em saber «ferrar a volta na ré» para o livrar do vagalhão –

tudo consiste em destreza e pulso, senão o barco sacudido enche-se de água e vira. Dois homens, os caladores, ajudam-no a soltar o extenso cabo enrolado à popa, que nunca mais larga da mão. Num instante se livra da onda que quebra, mas a manobra é complicada. (...). A cada um destes pesadíssimos remos se agarram quatro homens de pé nas estorveiras, que ficam nos intervalos dos bancos, seis sentados e ainda outros, os camboeiros, puxando os cambões – todos ao mesmo tempo, todos com o mesmo ritmo. (...). Outras vezes é a fervença ou gorgolhido que lhe indica onde está o peixe – pequenas bolhas de ar que ascendem à superfície – ou mesmo a ardentia com que os grandes bancos de sardinha iluminam o mar. Então o arrais de pé dá o sinal dizendo: – Em nome do Santíssimo Sacramento, saco ao mar! – Toda a companhia se descobre. Larga-se a cuada de malha mais miúda, a manga, peça mais grossa, e por fim o cabo, que se desenrola até à terra. (...). Voltam e o momento dramático repete-se. O barco vem no alto da ressaca. – Larga! larga! – Os homens remam cantando. Inunda-os um jorro mais impetuoso. Agora, é o arrais que na pancada do mar traz a corda na mão guiando o barco. Um vagalhão de espuma vai despedaçá-lo e arrasta-o num último impulso pelo areal acima”. A pesca com arte xávega só é realizada entre a Primavera e o Outono, quando a energia da onda é menor. De Novembro até Março os homens ficavam em terra a preparar as redes, ou iam pescar para zonas mais calmas (estuários e lagunas), ou dedicavam-se à agricultura. Este tipo de pesca com tradição milenar, utilizada em toda a costa arenosa portuguesa (e também existente no Brasil), parece ter surgido, na Antiguidade, nas costas do Mediterrâneo. O vocábulo “xávega” tem raiz no étimo árabe “xábaka” = rede.

Xerém ou **xarém** (gastronomia) – Papa de farinha de milho a que é misturado outro ingrediente, como marisco ou carne. É um prato tradicional português provavelmente com origem medieval, que foi exportado para outras regiões, como o Brasil e Cabo Verde (onde ressalta o “xerém de atum fresco”, preparado com leite de coco), onde também é considerado um prato tradicional. Em Portugal são famosos e muito apreciados o “xerém de ameijoas” e o “xerém de conquilhas”, tradicionais do Algarve.

Xi-coração – Abraço carinhoso, apertado, dado normalmente a uma criança.

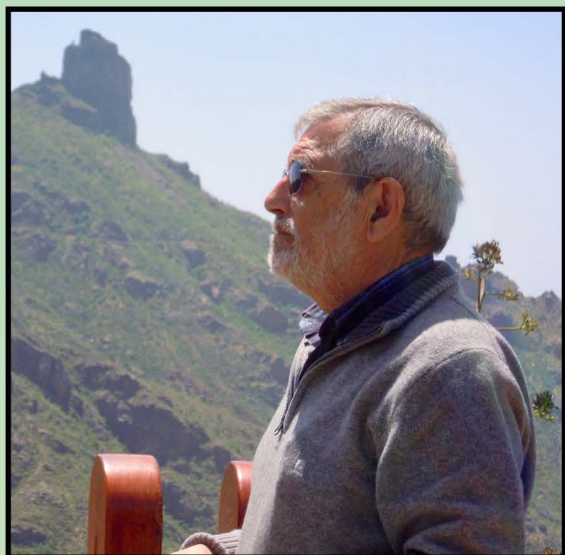
Xoné – Pessoa que não regula bem da cabeça, *azoratado, biruta, esmaniado, lelê-da-cuca, lirú, zureta*.

Xui – Agente da polícia.

- Z -

Zaragata – Desordem, tumulto.

Zebra (passadeira para atravessar a rua) – Faixa de pedestre.



Nascido em Malpica do Tejo, concelho de Castelo Branco, J. Alveirinho Dias é licenciado em Geologia e doutorado em Geodinâmica Externa. A sua carreira profissional universitária iniciou-se em Angola, na Universidade de Luanda, e terminou na Universidade do Algarve.

Trabalhou na Direcção-Geral de Geologia e Minas e, depois, no Instituto Hidrográfico. Foi, ainda, professor convidado em várias universidades portuguesas (Aveiro, Évora, Lisboa) e estrangeiras (Cádiz, Bordeaux, Durham, Fortaleza, Florianópolis, Nápoles, Rio de Janeiro, Southampton).

No decurso da sua carreira científica publicou cerca de centena e meia de artigos em revistas científicas credenciadas e mais de uma centena em revistas nacionais.

Orientou mais de duas vintenatas de teses de doutoramento, e quase trinta teses de mestrado.

Desempenhou várias missões em representação do país, nomeadamente na União Europeia, em particular no Programa MAST - Marine Advanced Science and Technology.

Os seus principais interesses actuais relacionam-se com a História do Clima, com as Interacções Homem-Ambiente, com a Gestão das Zonas Costeiras, e com a História Ambiental

navigare necesse est, vivere non est necesse
(navegar é preciso, viver não é preciso)